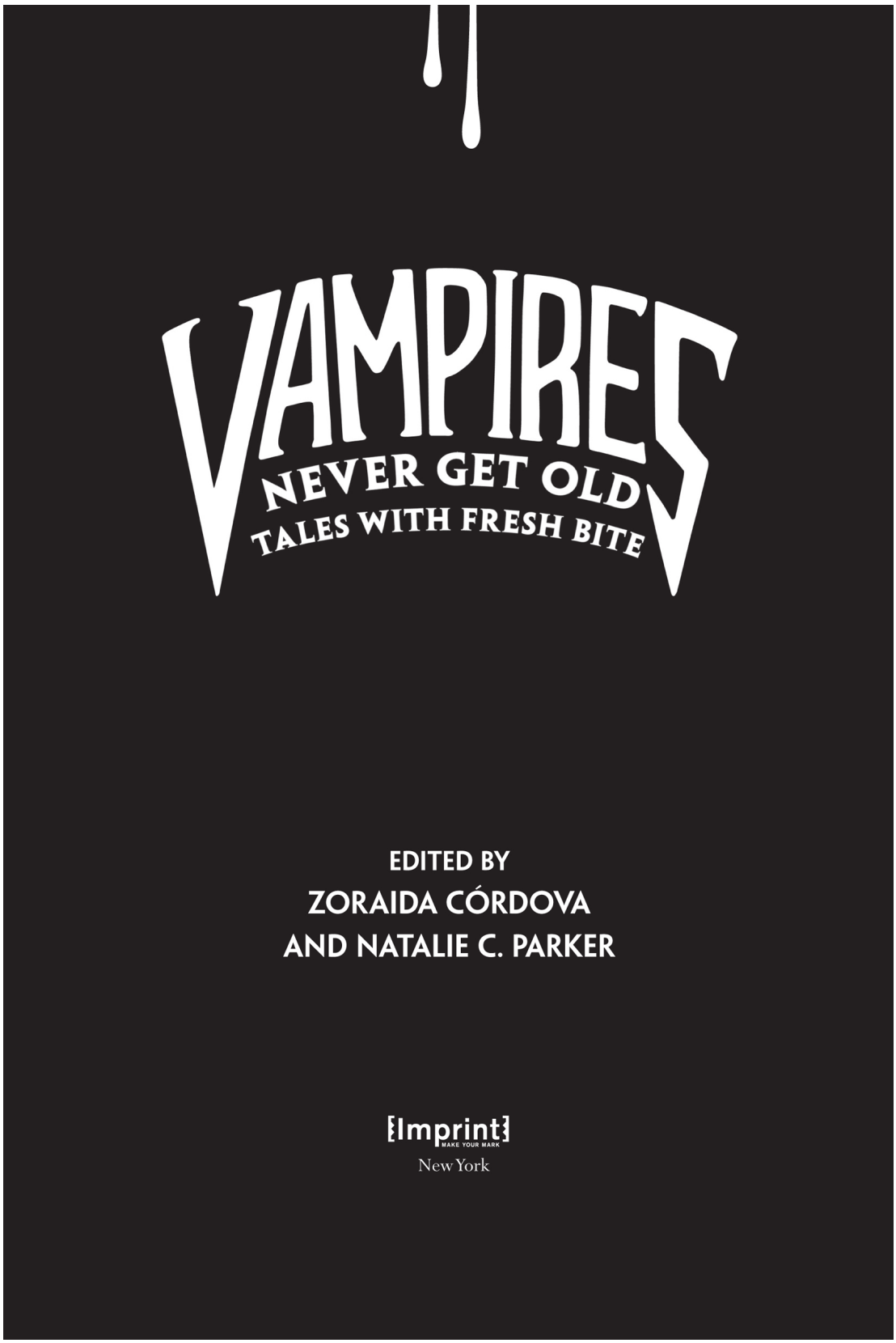
VAMPIRES NEVER GET OLD

TALES WITH FRESH BITE



SAMIRA AHMED • DHONIELLE CLAYTON
TESSA GRATTON • HEIDI HEILIG • JULIE MURPHY
MARK OSHIRO • REBECCA ROANHORSE
LAURA RUBY • V. E. SCHWAB • KAYLA WHALEY
ZORAIDA CÓRDOVA & NATALIE C. PARKER



EDITED BY

ZORAIDA CÓRDOVA

AND NATALIE C. PARKER

[Imprint]
MAKE YOUR MARK
New York

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates e booksunflowers no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original..

Para aqueles que são famintos por histórias estranhamente sombrias.
E também para Julie Murphy e Tessa Gratton por nos incentivar quando dizemos, "Sabe do que precisamos? Vampiros.*"*

INTRODUÇÃO

A Note from your Editrixes:

Os vampiros são criaturas da imaginação. Do mito e do luar. De terror e adoração. Quando nos sentamos para começar a trabalhar nesta antologia, nenhuma de nós a se lembrar de quando fomos apresentadas à ideia do vampiro pela primeira vez. Sua presença em nossa cultura está tão arraigada que revelar suas origens em nossa imaginação se mostrou impossível. Podiamos lembrar das histórias que lemos na escola – *Dracula* De Bram Stoker e *O Vampiro* de John William Polidori — e aquelas que descobrimos mais tarde *A entrevista com o Vampiro* de Anne Rice ou *Crepúsculo* de Sthepenie Meyer, mas qual era o primeiro? Nenhuma de nós podia dizer.

Dos vampiros em nossa imaginação coletiva, que é reconhecidamente focada no Ocidente, quase todos residiam em histórias sobre poder. Apesar do subtexto queer desenfreado e de exemplos não-brancos notáveis, como *The Gilda Stories* de Jewelle Gomez, os vampiros eram predominantemente homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais e saudáveis, e estávamos prontas para histórias que reinventariam esse padrão.

Com as histórias desta coleção, queremos provar que não existe uma maneira única de escrever sobre vampiros. Afinal, um ser com o poder de mudar de forma deve ter muitos rostos e contar muitas histórias. Aqui você encontrará histórias de vampiros que se expandem e reinventam contos tradicionais. Seguindo cada história, nós, suas editrixes, oferecemos breves notas sobre o mito do vampiro e como nossos autores estão reimaginando os tropos que todos nós conhecemos e amamos.

Nossa esperança é que esta coleção inspire você a investigar as histórias que já foram contadas, a bela coleção de mitos que existem ao redor do mundo, e esperamos que inspire você a sonhar seus próprios monstros, para interpretá-los através das lentes de suas próprias experiências. Os vampiros podem não ser reais, mas as histórias os tornam algo que compartilhamos. Eles são eternos, renascidos e vivem em nossos pesadelos por toda a eternidade. Porque os ‘vampiros nunca envelhecem’.

Estamos muito felizes por você ter decidido se juntar a nós nesta jornada para fora do caixão e noite adentro.

Um brinde,

Zoraida & Natalie.

OS GAROTOS DE BLOOD RIVER

Rebecca Roanhorse

— É apenas uma música, Lukas — Diz Neveah com a voz carregada em desdém. — Ninguém acredita que os Garotos de Blood River realmente aparecem se você a cantar. — Ela inclina o quadril gordo contra a jukebox vintage que está parada no canto da Lanchonete da Landry e passa uma unha azul brilhante pela lista de reprodução, procurando a música certa para começar a limpeza após o expediente.

Eu me apoio no esfregão em minhas mãos e a observo. Ela é tão confiante. Tão confortável em seu corpo. E eu… não. Eu sou muito magro, muito desengonçado, muito alto. Quase uma mistura entre um filhote de passarinho e o Slender Man, se o Slender Man fosse um garoto de dezesseis anos com a cara cheia de espinhas e cujo cabelo não fica para baixo, não importando a quantidade de gel aplicada nele. Se o Slender Man não fosse nem pouquinho interessante.

— Seu irmão acredita — eu falo.

Ela balança a cabeça. — Honestamente, Brandon é a última pessoa no mundo que sabe alguma coisa sobre a história de Blood River e menos ainda sobre os Garotos.

Seus olhos se voltam para mim e rapidamente se afastam. Eu sei que ela está evitando olhar diretamente para mim, como se não

fazer contato visual significasse que ela não teria que reconhecer o hematoma roxo que circula meu olho esquerdo. Como se não ver meu olho roxo significasse realmente que eu não tenho um.

Mas não reconhecer algo não faz com que desapareça. Na maioria das vezes, faz com que fique pior.

— Você não acredita nos Garotos, não é? — Neveah me pergunta.

Neveah trabalha aqui na lanchonete comigo, ela é a coisa mais próxima que eu tenho de uma amiga, mas até ela não é minha amiga. Não realmente. Ela é mais velha do que eu, quase se formando na faculdade comunitária, enquanto eu tenho mais um ano inteiro no ensino médio. Se eu fosse para as aulas, claro. Estou muito perto de desistir. Neveah é inteligente, muito mais inteligente do que eu. Mas ela está errada sobre os Garotos.

— Brandon com certeza sabia todos os detalhes — eu desafio nervosamente. Eu não quero deixá-la com raiva de mim. Ela é praticamente a única pessoa nesta cidade que fala comigo. Mas ela está errada. Eu sei disso. — A fuga deles, o esconderijo perto da velha mina, as coisas que fizeram quando o povo da cidade foi atrás deles.

— E a música? — ela pergunta, os olhos voltados para a jukebox. — Você acredita nessa parte?

— Não. — Essa era a parte menos plausível. Mas, mesmo quando digo “não”, gostaria de estar dizendo “sim”. — Mas...

— Shhh… Essa é a minha música favorita. — Ela aperta o pequeno botão branco e, após alguns segundos, uma música começa. Mas não é a que eu esperava.

O lento gemido de uma rabeca toca na jukebox, acompanhado pelo baque pesado de uma esfregadeira e depois um banjo, as cordas tocadas tão suavemente quanto uma mulher chorando. E um homem canta: — *Enquanto eu caminhava pelo rio, a lua como minha companheira, avistei um sujeito, um rapaz amável...*

Neveah franziu a testa. — Esta não é a música que escolhi. — Ela bate uma mão na lateral da jukebox, mas a música continua.

— *Ele tinha o rosto de um anjo, mas o coração de um demônio e, naquela noite, ele tomou a vida solitária que eu tinha.*

— É a música dos Garotos de Blood River — digo, com a voz alta de entusiasmo. — Aquela que estávamos falando! — Eu nunca tinha ouvido-a antes, mas tinha que ser ela. Desde quando Landry tinha colocado essa música na jukebox?

Uma emoção rola pela minha espinha quando a rabeca se junta à melodia com uma nota menor, e eu não tenho certeza se é a música ou outra coisa que está deixando o ambiente mais frio e a noite lá fora, além das finas vidraças, mais escura.

— Eu não escolhi essa! — Neveah reclama. Ela bate a mão contra a jukebox novamente. — Simplesmente começou por conta própria. — Ela me lança um olhar suspeito. — Se isso é algum tipo de piada de mau gosto, Lukas...

— *Ele disse, "Ira é meu direito de nascença e a aflição é quem me embalava, sangue para meu banquete enquanto eu pego o que é meu... A colheita está chegando e nós colheremos o que foi plantado."*

— Eu não coloquei isso! — Eu protesto, rindo. — Você colocou. Se alguém está brincando, é você.

— Bem, *faça* isso parar! — Sua voz aumenta, em pânico, e eu percebo que ela está falando sério. Eu solto o esfregão, deixando-o cair no chão, e dou três passos rápidos para alcançar a parte de trás da jukebox e aperto o botão de DESLIGAMENTO de emergência.

Por um minuto, eu acho que não vai desligar, como se estivéssemos em algum filme de terror e a coisa tivesse vida própria, mas em seguida a máquina desliga, exatamente como deveria.

O silêncio corre entre nós. As luzes atrás do balcão oscilam com a onda elétrica, as placas de néon nas janelas desligam e ligam novamente com um gemido agudo. E alguma coisa lá fora uiva.

Minha pele se arrepia quando uma onda sólida de medo sobe pelas minhas costas. Neveah e eu trocamos um olhar.

— Nunca mais vamos deixar Brandon nos contar histórias assustadoras — ela diz, esfregando nervosamente as mãos nos braços.

— Claro — eu digo, distraído, e com os olhos fixos na noite afora, procurando. Mas pelo quê e por quê exatamente, não tenho certeza.

Apenas tenho uma sensação…

Neveah estremece como se estivesse frio. — Eu acabei de dizer que se você cantar a música aquelas aberrações supostamente aparecem e então, de repente, você põe ela para tocar? Você não acha que é um pouco demais?

— Eu disse que não fui eu.

— Bem, foi alguém!

Uma sombra passa pela janela. Tem algo lá fora movendo-se pelo estacionamento. Provavelmente um guaxinim ou um gambá. Porém, maior.

— Provavelmente é Brandon — Neveah murmura.

— No estacionamento?

— O que? Não. Provavelmente foi Brandon quem colocou a música. — Ela espia pelas grandes janelas da frente. — O que você quer dizer com "no estacionamento"?

— Nada. Só pensei ter visto animais no lixo. — Talvez fosse Brandon. Nos fazer cagar de medo era sua ideia de diversão. Contudo. Como ele teria configurado para colocar aquela música antes? Além disso, Landry nunca aceitaria isso. Ela é muito preocupada com a jukebox.

— Eu quero ir para casa — diz Neveah, enfiando as mãos nos bolsos do moletom. — Isso tudo é demais.

Eu suspiro. Eu também quero ir para casa. A noite agora parecia estranha, como se a piada fosse nós mesmos mas ainda não tínhamos entendido isso.

Ela puxa seu telefone do bolso, desbloqueia e digita furiosamente nele. — Onde está Brandon? Eu sabia que ele deveria ter esperado meu turno terminar.

— Posso te dar uma carona. — Mesmo quando digo isso, estremeço. Talvez isso seja demais, talvez seja muito presunçoso. Como eu disse, nós não somos realmente amigos.

Ela olha para cima e posso ver as probabilidades correndo por seu rosto: surpresa, suspeita, hesitação e, então, tudo isso perde para o desejo de sair daqui o mais rápido possível.

— OK, claro. Por que não.

Eu sorrio, estranhamente aliviado. Talvez ser rejeitado por uma carona para casa doesse mais do que eu gostaria admitir. Não é que eu goste de Neveah desse jeito. Eu não gosto de nenhuma garota desse jeito. Ela sabe disso. Mas eu sou o fracassado da cidade. Ninguém quer passar muito tempo com um fracassado. Pode ser contagioso.

Ela se curva, pega o esfregão de onde eu o deixei cair e o devolve para mim. Eu aponto para o pano e o borrifador no balcão. — Será mais rápido se você me ajudar.

Ela exala em desaprovação, mas vai sem vontade até o balcão, pega o material de limpeza e começa a trabalhar. Começo a esfregar e limpamos em silêncio, nenhum de nós querendo usar a jukebox novamente. Entretanto, eu não consigo tirar a música da cabeça e, antes que eu perceba, nós dois estamos cantarolando.

Nós percebemos isso ao mesmo tempo e paramos. Nenhum de nós olha para cima, um acordo tácito para fingir que simplesmente não aconteceu, mas o horror ainda permanece na minha pele, na pulsação mais rápida do que o normal de meu coração.

Por volta da meia-noite, falamos que estava bom o suficiente. Neveah me ajuda a guardar os suprimentos e eu a deixo sair primeiro, trancando a porta atrás dela. Eu paro no estacionamento e passo os olhos em tudo em busca da sombra que havia visto antes, mas não há nada lá. Digo a mim mesmo que provavelmente era apenas um guaxinim, como tinha pensado.

★ ★ ★

Meu carro velho vaga pelas ruas vazias de Blood River. Eu nem teria um carro se tivesse escolha, mas preciso de um carro para levar minha mãe às consultas semanais com o médico no hospital da cidade vizinha. É também por isso que consegui o emprego na Lanchonete. Meu salário, o pouco que sobra dele, vai para pagar esse pedaço de lixo e o que sobrar vai para as contas médicas de mamãe.

Blood River não é muito grande. Cerca de dez quilômetros quadrados de ruas ortogonais. Estamos a uns quarenta quilômetros

da rodovia principal. É uma daquelas cidades que já foram importantes quando a ferrovia percorria por aqui e passavam silos de grãos cheios, porém, agora com as grandes rodovias e aviões e ninguém plantando mais grãos, as pessoas não vêm mais aqui. Blood River é o que algumas pessoas chamam de uma cidade sem vida. Quer dizer, tem a lanchonete, e os jogos de futebol americano do colégio são muito populares nas noites de sexta-feira, e tem alguns lugares que tentam atrair turistas para fazer canoagem ou pescar com mosca no rio próximo, mas a única coisa pelo que nós somos realmente famosos, o que deu nome ao lugar, foi um massacre.

Não tão popular entre os turistas.

Passamos pelo antigo cemitério e entre ruas desertas, passando por quintais cobertos de mato e casas de um andar com a pintura descascando nas laterais das tábuas. Entro na esquina que Neveah manda e chegamos a um trailer em cima de blocos de cimento e a um punhado de carros velhos estacionados aleatoriamente no cascalho a frente.

— É aqui — ela diz.

Eu encosto com o carro. Não falamos muito durante toda a viagem.

Ela abre a porta do passageiro. A pequena luz do teto se acende, e posso ver seu rosto. Sua pele é de um branco pêssego, quase o oposto da minha pele marrom, e seu cabelo é amarelo vivo com a raiz mais escura. Suas unhas são longas e de um azul brilhante com pequenos strass incrustados nas pontas. Ela para, uma perna vestida de jeans para fora, o resto do corpo ainda no carro. Ela olha para mim, o lábio inferior preso entre os dentes, os olhos castanhos muito grandes.

— O que foi? — Pergunto, cauteloso.

— Obrigado pela carona — ela diz. — Eu sei que as pessoas da cidade são uma merda com você por você ser...

— Nativo?

— Gay.

Nós dois ficamos corados e envergonhados. O silêncio se estende como outro bloco solitário deste monte de lixo de cidade.

— Sinto muito pelo seu olho — diz ela apressada.

Meu coração acelera um pouco, mas franzo a testa como se não tivesse entendido. — O que você quer dizer?

— Que Jason Winters bateu em você, que ele e os gêmeos Toad sempre batem em você. Que essa é a razão pela qual você nunca vai à escola. Bem, isso e sua mãe estar doente.

Eu olho para ela fixamente, desejando que ela cale a boca.

— Acho que é por isso que você gosta tanto da história dos Garotos de Blood River. É como uma fantasia, certo? A ideia daqueles meninos vindo para resgatá-lo da sua vida de merda nesta cidade de merda.

Meu rosto esquenta, o rubor subindo pelo meu pescoço. — Meu interesse pelos Garotos de Blood River não tem nada a ver com nada disso — minto categoricamente. — Eu simplesmente gosto de uma boa história.

— Você tem certeza?

— Positivo.

— Porque se fosse comigo...

E eu sei que ela não entenderia. — Boa noite, Neveah — eu digo, estendendo a mão e empurrando a porta para abrir um pouco mais.

Ela franze a testa.

— Boa noite! — Eu repito.

Ela entra de novo no carro e pega meu braço. Eu me encolho. É uma resposta automática, nada pessoal, mas que deixa sua mão pairando no ar. A luz do teto reflete nos strass em suas unhas. Ela puxa o braço para trás e diz: — Estou tentando ser legal com você. Tentando ser simpática.

— Mantenha isso para você — eu digo asperamente e, mesmo enquanto as palavras saem da minha boca, eu me arrependo delas. Mas eu não sei o que seu tipo de simpatia significa. Isso cheira a dó de menina branca para mim, e eu não quero a pena de Neveah. Eu lanço um olhar sério para seu trailer, os veículos batidos em seu quintal. V*ocê não é melhor do que eu*, digo, sem dizer nada. *Basta olhar em volta.*

Seu rosto se contorce e meu estômago cai até meus pés como um peso morto. Estou sendo um idiota e sei disso, mas não vou

voltar atrás.

Ela acena com a cabeça uma vez e desliza para fora do carro. Fecha a porta e a luz do teto se apaga, me lançando na escuridão.

A vergonha me cobre e eu gemo, esfregando a mão no rosto. Por que eu fiz isso? Não é à toa que não tenha amigos. Não é de admirar que Jason Winters goste de chutar minha cara. Eu meio que sou um cuzão.

Eu espero ela ir até a porta e, uma vez que ela entra, eu saio com o carro, o cascalho rolando sob minhas rodas. Estou no meio do caminho para casa, tentando desesperadamente não pensar no que Neveah disse, quando percebo que estou cantarolando aquela música novamente. A canção dos Garotos de Blood River.

Mais tarde, depois que tudo isso acabar, me perguntarei se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse dito algo. Pedido desculpas por ser um idiota, admitido o que eu queria e por quê os Garotos me fascinavam, como me sentia em relação à minha mãe e tudo mais. Talvez Neveah pudesse ter dito algo, conjurado algumas palavras ou um toque caloroso que teria mudado as coisas. Mas eu não falei e ela não fez nada e as coisas ocorreram da mesma maneira que sempre ocorrem nesta cidade sem vida.

★ ★ ★

Na manhã seguinte, me pego cantando a música dos Garotos de Blood River no chuveiro. E depois enquanto estou cozinhando ovos para o café da manhã. E novamente, quando estou separando os medicamentos de mamãe para o dia e colocando-os em seus respectivos recipientes individuais para que ela não tenha que adivinhar a dosagem.

E eu sei que tenho que enfrentar um fato difícil. Neveah pode não acreditar nos Garotos de Blood River, mas eu acredito. Eu acredito neles com todo o meu coração. Um coração que parece que está lentamente se desintegrando em pó no meu peito, um coração tão danificado que às vezes sinto que é maravilhoso que ainda bombeie.

No ano passado, achei que meu coração era normal o suficiente para alguém da minha idade. Mas então meu primo Wallace morreu de overdose de drogas e meu amigo Rocky se mudou de volta para a casa de seu pai na cidade e, então, assim que o ano letivo começou, minha mãe adoeceu. No início, ninguém acreditou que a doença da mamãe fosse grave, muito menos eu, mas em outubro ela estava entrando e saindo do hospital e os médicos estavam dando-lhe cada vez menos tempo e então mamãe sentou comigo uma noite após ela estar especialmente bem mal, a respiração ofegante e tossindo durante o jantar, e me disse a verdade. Ela não estava melhorando. Na verdade, ela estava piorando. — Este será nosso último Natal juntos — disse ela, à queima-roupa, sem mais nem menos. — Você fará dezoito anos em breve. Melhor se acostumar a estar sozinho.

Mas a questão é que não quero ficar sozinho. Alguns jovens gostariam disso, eu sei. Eles veriam isso como independência. Liberdade. E não é como se eu não quisesse isso um dia, certo? Só que não este ano. Quer dizer, eu já perdi Wallace e Rocky e agora será a mamãe. E acho que se eu não tomar cuidado vou me perder logo em seguida.

★ ★ ★

— Ei, Landry — eu falo, enquanto coloco bacon na chapa. — Quando você colocou aquela música dos Garotos de Blood River na juke?

Landry está fazendo a contabilidade da lanchonete em seu escritório, mas tem a porta aberta para poder ficar de olho nas coisas, que significa eu. O cozinheiro disse que estava doente, então estou preso cobrindo o turno do jantar na cozinha. A lanchonete é tão pequena que eu faço de tudo um pouco. Zelador, cozinheiro, garçom. Eu não me importo. Isso significa mais dinheiro no meu bolso no dia do pagamento e mais remédios para minha mãe, e o pedido da maioria das pessoas aqui é bem simples. Contanto que eu possa quebrar ovos e preparar um hambúrguer, estou bem.

— Que música? — Landry diz, décadas de fumaça de cigarro transformando sua voz em um resmungo. — Eu não mudo música naquela jukebox desde antes de Ronald Reagan ser presidente.

— Não? — Dou de ombros e pego o próximo pedido em espera. — Talvez eu só nunca tenha visto ela fazer isso. O que significa que algo está errado com a jukebox. Neveah estava tentando tocar música na noite passada e as linhas se cruzaram. Tocou a música errada.

Landry deu um grunhido indiferente. Eu me ocupo com o pedido e, uma vez feito, deslizo o prato pela janela para a garçonete pegar. Toco a campainha e Fiona aparece, toda sorrisos. Ela pega o prato e desaparece.

Eu me viro para pegar o próximo pedido e Landry está bem ali, a centímetros do meu rosto. Eu grito de surpresa, pulando meio quilômetro para trás. — Jesus, Landry, não chegue de mansinho assim!

Ela me olha de perto. Posso ver as rugas em seu rosto, a remela em seu olho esquerdo. — Essa música só apareceu uma vez na jukebox, e isso foi antes de o garoto Finley desaparecer. Dizem que os chamou e então aconteceu. — Ela estreita os olhos. — Você tem vontade de ouvir essa música? — ela pergunta, a voz dura. — Coisas ruins acontecem com garotos que cantam essa música.

— Não — eu digo automaticamente. — Eu estava apenas contando o que aconteceu. E-eu não quero... — Eu esfrego minhas mãos, nervoso. — Eu não cantei essa música.

Ela me olha mais um pouco. — Ok. — E então se arrasta de volta para seu escritório.

— Por que você tem a música na juke se não quer ninguém cantando — murmuro, e se me ouviu, ela ignora.

★ ★ ★

Estou fechando a lanchonete novamente, e desta vez Brandon aparece na hora para Neveah.

— Ela está no banheiro — eu digo, enquanto destranco a porta para deixá-lo entrar para esperar.

Ele responde com um grunhido que pode significar qualquer coisa. Ele estava de boa na outra noite quando estava falando sobre os Garotos, mas agora ele mal me nota. Como eu disse, ninguém quer ficar muito tempo com um fracassado. Mas o que Landry disse ficou na minha cabeça, então pergunto.

— Você já ouviu falar de alguém chamado Finley? — Eu pergunto, tentando manter minha voz neutra.

Ele está com um pedaço de tabaco na boca e me encara, a mandíbula trabalhando como uma vaca ruminando. — Dru Finley?

Eu encolho os ombros. — Talvez.

— Todo mundo sabe sobre Dru Finley. Ele morou aqui, nos anos oitenta. Grande estrela do beisebol. Todos pensaram que ele chegaria às ligas principais. Então, supostamente, ele surta uma noite e mata sua mãe, seu pai, duas irmãs e um irmão mais novo, mas nunca encontram ele ou seu corpo. Apenas sua família, exsanguinação. Você sabe o que isso significa?

Eu balanço minha cabeça.

— Sem sangue — ele sussurra. — Alguém drenou todo o sangue deles.

— Como isso aconteceu? — Eu digo, minha voz ofegante.

— Quem sabe? Mas a grande questão é: o que aconteceu com Dru? Talvez ele tenha fugido quando os assassinos chegaram e nunca olhou para trás. Talvez ele tenha sido sequestrado. Ninguém sabe. — Ele arregala os olhos teatralmente. — Por que você quer saber?

— Sem razão. Alguém o mencionou hoje.

— Sim, bom, o que quer que tenha acontecido, pelo menos ele saiu desta cidade de merda, certo? — Ele ri de sua própria piada de mau gosto.

Neveah saí apressada do banheiro. — Pronto? — ela pergunta a Brandon sem nem olhar na minha direção. Acho que ela não me perdoou por ter sido rude na noite anterior. Brandon meio que me dá um aceno de cabeça e depois segue sua irmã porta afora.

Assim que o carro deles sai, eu fecho a porta novamente.

A jukebox brilha no canto.

Eu me aproximo e fico olhando para as seleções de músicas. Meu coração batendo forte nos meus ouvidos como um sino de alerta, mas estive pensando nisso o dia todo. Eu tenho que saber.

Meu palpite é que não importa qual botão eu aperto, todos eles farão a mesma coisa. Então fecho meus olhos e estendo a mão. Pressiono um botão aleatório e espero.

Rabeca, esfregadeira e banjo. E então aquela voz. — *Enquanto eu caminhava pelo rio, a lua como minha companheira, avistei um sujeito, um rapaz amável...*

E desta vez, eu escuto. Até o fim. E quando termina, coloco de novo e, desta vez, eu acompanho as palavras mexendo com a boca, lembro as frases, a rima e o ritmo delas. E na terceira vez, eu canto.

Eu deixo as palavras saírem borbulhando da minha garganta, escorrendo pela minha língua e pelos meus lábios e uma vez que começo, elas parecem uma inundação, como o próprio Blood River, uma força imparável e poderosa e antiga. E eu coloco tudo de mim nisso. Todas as coisas que tenho sentido por estar sozinho, a injustiça de Jason e seus amigos implicarem comigo, minha mãe morrendo, cada parte assustada de mim. Meu desintegrado e empoeirado coração. E eu deixo tudo ir.

Quando acaba, eu me sinto drenado. Eu manco e desabo na mesa mais próxima, ofegante. Desejo um copo de água fria, mas estou cansado demais para ir até lá e pegar um.

E eu espero.

E... nada.

Espero trinta minutos, e depois mais trinta minutos, e não há movimento no estacionamento, nem luzes apagando, nem arrepios. Só eu e algumas histórias assustadoras e minha miséria. Eu pressiono minha bochecha contra o tampo frio e deixo as lágrimas caírem dos meus olhos. Depois de um tempo, me sento e uso meu pano de limpeza para enxugar as lágrimas.

Eu me levanto, meus ossos parecendo ter mil anos de idade. Vou para o carro. Dirijo pelas ruas vazias para casa. E verifico minha mãe.

Eu desabo na cama, nada de diferente desde que comecei este dia terrível.

★ ★ ★

Ele vem no dia seguinte. Estou de volta na Lanchonete da Landry. Já é tarde, meia hora para fechar, quando o noto. Ele está na mesa mais distante da porta, a de quatro lugares perto da jukebox onde eu chorei como uma criança na noite anterior. Ele está usando um chapéu de cowboy preto, que é o que vejo primeiro, e uma jaqueta jeans escura. Ele está usando botas, o que não é incomum por essas bandas, e elas estão apoiadas no assento oposto. Elas também são pretas, e o couro reflete a luz, fazendo-as brilhar.

A aba de seu chapéu é puxada para baixo para cobrir seu rosto, então tudo que vejo é um pedaço de pele pálida e um sorriso fácil quando me aproximo dele.

— A cozinha fecha em trinta — eu digo quando paro na frente dele. Estou trabalhando como garçom porque é noite de folga de Neveah. Eu levanto meu bloco de pedidos, a caneta preparada para anotar.

— Nada que eu queira está no menu — ele diz, sua voz um sotaque suave. Ele levanta o chapéu, mostra o rosto e eu puxo o ar assustado. Se você me pedisse para descrevê-lo, eu não conseguiria. Mas a curva de seus lábios, a estreita descida de seu nariz, o corte acentuado de suas bochechas. Era algum tipo de perfeição - disso eu sei.

— Você está na TV? — Eu deixo escapar. Porque ninguém que se parece com esse garoto jamais esteve em Blood River antes.

Ele ri, e mesmo isso é lindo, como a rajada de um vento frio no primeiro dia de outono ou o ribombar de um trovão em uma noite quente de verão.

— Nah — ele diz. — Não estou na TV.

Eu olho por cima do ombro, desconfiado. Procurando uma testemunha, uma câmera escondida. Jason e os gêmeos pregando uma peça em mim.

— Você me chamou, Lukas — ele fala com o sotaque arrastado — Não se lembra? Você me chamou com a minha música e aquele seu coração empoeirado. — Ele abre os braços de forma expansiva. — Você chamou todos nós.

Eu olho para trás, de novo, e, sem dúvida, andando pelo corredor estão mais três garotos, todos um pouco mais velhos do que eu. Todos vestindo roupas de caubói, chapéus, botas e jeans desgastados, exceto por um garoto que usa um boné de beisebol virado para trás e jeans largos.

— Permita-me apresentar meus irmãos — diz ele. — Este é Jasper e ao lado dele é Willis. E ali está Dru. E eu — diz ele, com a ponta do chapéu — Sou Silas.

— Vocês são os…? — Mas não consigo perguntar. Tenho medo que se disser em voz alta, eles vão rir de mim. Ou desaparecer.

— O que há de bom neste lugar? — Jasper pergunta, sacudindo um menu. Ele tem uma voz profunda e algum tipo de sotaque que não consigo identificar. Sua pele tem o mesmo tom da minha e ele tem cabelos escuros sob o chapéu.

— O menu é quase o mesmo em todos os lugares que vamos — diz Willis, rindo. Sua pele é um tom mais escura que a de Jasper, e cachos pretos fechados surgem debaixo de seu chapéu. Sua voz está alta, nervosa, e seus olhos negros piscam ao redor do ambiente.

— É isso, irmão — Silas diz com um sorriso. Ele bate com a mão na mesa. — Vamos a algum outro lugar. — Ele inclina a cabeça. — Você não vem com a gente, Lukas? Venha compartilhar uma refeição.

— Eu? — Pergunto.

Os garotos riem - bem, Jasper e Willis riem. O terceiro garoto, um ruivo, não diz nada. Ele parece agitado, os joelhos tremendo sob a mesa da cabine.

— E-eu tenho que trancar — gaguejo.

— Então faça isso — diz ele. — Vamos esperar para comer com você.

Isso faz Willis rir e o ruivo balança a cabeça, mas eu não entendo a piada.

Então, todos estão se movendo em direção à entrada, lânguidos e graciosos como gatos. Eu os vejo ir, convencido de que estou tendo alucinações e nunca os verei novamente quando eles saírem pela porta. O minúsculo sino em cima da entrada toca conforme eles

deslizam para fora, um por um. Silas é o último e inclina o chapéu para mim ao cruzar a soleira.

Meu coração está martelando no meu peito e não tenho certeza do que fazer, mas sei que tenho que ir com eles. Eu sei que é arriscado. Eu não os conheço, e eles podem ter más intenções, mas algo me diz... não, algo dentro de mim *sabe* que eles não têm. Que eles são exatamente quem eu penso que são e que eles vieram porque eu os chamei e devo ir com eles se eu quiser estar realmente seguro novamente.

— Cook — eu grito, correndo em torno da ponta do balcão e tirando meu avental. — Minha carona está aqui — grito, esperando que ele não se lembre de que eu volto sozinho. — Eu tenho que ir.

— E a limpeza? — ele pergunta, parecendo indignado.

— Não esta noite — eu digo, sorrindo. — Eu te devo uma.

— Você me deve cerca de cinco — ele murmura, mas eu sei que ele vai fazer isso. Apesar de seus protestos, nunca peço favores a ele.

— Obrigado!

Levo um minuto para correr para o banheiro, olho meu rosto no espelho, desejo desesperadamente por outro rosto, menos marrom, menos magro, com menos acne, mas aí me lembro do que Silas disse, que ele veio porque meu coração o chamou. Eu abro a torneira, limpo meu rosto e corro a mão molhada pelo meu cabelo, tentando fazê-lo se comportar, e então eu saio pela porta...

… onde eu esbarro com Jason Winters.

— Uou — ele diz com sua risada falsa, me agarrando pelos ombros. — Qual é a pressa, Lukas?

Eu congelo. Posso sentir suas mãos, muito quentes, a pressão de seus dedos. Eu olho ao redor do estacionamento, frenético. Onde está Silas e os outros? Para onde eles foram?

— Você viu... — começo a perguntar e então me lembro com quem estou falando e fecho minha boca.

Jason olha por cima do ombro e agora vejo que ele não está sozinho. Os gêmeos Toad estão saindo do banco de trás de sua caminhonete Chevy azul, rindo e vindo em nossa direção. Algo fica preso na minha garganta. Não, não, não. Não agora.

— Olha — eu digo, a memória de Silas esperando por mim em algum lugar lá fora, me deixando ousado. — Você pode bater no meu rosto outra hora. Agora, eu tenho que ir.

Jason aponta por cima do meu ombro, de volta ao restaurante. — Diz que a lanchonete está aberta por mais vinte minutos. Eu e meus meninos só queremos fazer um lanche. Certamente você pode nos ajudar com isso. Quer dizer, não é esse o seu trabalho?

Os gêmeos se juntaram a nós, Tyler e Trey, e eles riem, aquela mesma gargalhada automática que sempre riem com Jason. Como se ter um emprego fosse uma piada.

— Cook ainda está lá. Ele pode ajudar vocês.

Suas mãos apertam meus ombros. — Eu quero que *você* me ajude.

A maneira como ele diz isso me faz parar ainda mais do que o forte aperto de seus dedos em minha carne. Seus olhos encontram os meus, azuis claros como o céu de verão, e ele sorri.

— Eu...

— Oh, meu Deus — diz um dos gêmeos, Tyler ou Trey — ele vai tentar beijar você.

Eu não vou. Óbvio que não, mas meu rosto ainda queima como se estivesse pegando fogo. Abro a boca para protestar, mas não tenho chance.

O soco no meu estômago é tão rápido que não percebo que ele me bateu até que estou dobrado e engasgando em busca de ar. O segundo vem um momento depois, um punho ao lado do meu rosto logo abaixo de onde meu olho ainda está se curando, deixando meus ouvidos zumbindo. Eu bato no cascalho com um baque, os pequenos seixos cinza cravando em minha bochecha.

Mais risadas, e me preparo para o chute que está vindo.

— Algum problema aqui?

Estou tão envolvido em minha humilhação que levo um momento para reconhecer aquela voz. Eu rolo minha cabeça para o lado e olho para cima. E lá está Silas com suas botas pretas e jaqueta e chapéu e aquele sorriso fácil.

Jason zomba. — Cuide de seus próprios problemas, caubói — diz.

— Este aqui é um problema meu. Lukas é meu amigo.

Os três meninos do colégio riem. — Lukas Fracassado? Bom, eu sei que você está mentindo porque ele não tem nenhum amigo.

Agora o chute veio, direto no meu estômago. Não tão ruim quanto poderia ter sido, como já foi, mas o suficiente para me fazer respirar fundo.

— Eu pensei ter pedido para você parar — Silas diz, sua voz baixa e calma.

— Ou então o quê? — Jason se endireita, ombros largos de jogador de futebol quase duas vezes mais largos que a constituição esguia de Silas.

— Ou então eu vou te matar.

Eu pisco, pensando que devo ter ouvido errado. Mas lá está Silas, frio como o ar da noite e parecendo despreocupado, como se ele não estivesse ameaçando mas sim apenas relatando fatos.

Jason e os gêmeos Toad ficam boquiabertos, primeiro em choque, eu acho, mas depois como se fossem rir. Os outros Garotos de Blood River vêm como se estivessem saindo da noite. Jasper, quieto e sorridente, as mãos enfiadas nos bolsos. Willis, com os olhos brilhantes, e que fala como um cântico: — Vai morrer, vai morrer — em uma risadinha ofegante e alta. Dru se arrasta de longe, seu boné virado para frente, escondendo a maior parte de seu rosto nas sombras.

Jason não é um tolo. Bem, não esse tipo de tolo, pelo menos. Ele faz as contas, calcula que são quatro - cinco se você contar comigo, mas tenho certeza que não conta - contra ele e os gêmeos. Ele levanta as mãos.

— Certo. Bom. Nós não queremos nenhum problema. Só vim buscar algo para comer.

— Coma em outro lugar de agora em diante — Jasper diz em sua voz baixa e rouca.

— Este restaurante está fechado... para você — Silas ecoa. — Permanentemente.

Jason olha para mim, e devo estar sorrindo porque seu rosto fica sombrio e furioso. — Até mais tarde, fracassado — ele murmura —

quando seus amigos palhaços de rodeio não estiverem por perto. — E então ele e os gêmeos saem rapidamente.

Eu rio e eu nem me importo que isso deixe seus ombros retraídos tensos ou que eu definitivamente estou piorando mais ainda a surra que levarei quando Silas não estiver por perto para me salvar. Vale a pena ver Jason experimentar nem que seja um pouquinho da humilhação que ele me dá regularmente.

Uma mão se abaixa para me ajudar a levantar e eu a pego. A palma da mão de Silas está fria, seca e gelada o suficiente para queimar. Sua pele tem uma sensação lisa de vidro, de pele morta. Ele me levanta como se eu pesasse bem menos do que eu realmente peso.

— Você está bem? — ele diz, tirando a poeira de mim. Suas mãos no meu corpo me deixam nervoso, mas ele age como se não percebesse. Ele parece preocupado, como se realmente se importasse com o que acontece comigo.

— Obrigado — eu digo. — Você me salvou. — E ele salvou, em mais de uma forma.

Ele pressiona a palma da mão fria em minha bochecha e, pela primeira vez, nossos olhos se encontram. Os seus são um redemoinho de cores, olhos impossíveis, olhos como piscinas profundas, um caleidoscópio infantil. Minha respiração fica presa na garganta e minhas pernas estão instáveis. Algo se passa entre nós, elétrico e intenso. Eu balanço e ele me estabiliza. — Qualquer coisa por um irmão — ele fala lentamente, a mão ainda segurando meu rosto.

— Deveríamos ter matado eles — Willis diz.

— Agora não — Silas murmura por cima do ombro.

— Ele está certo — Jasper murmura. — Agora nós teremos que caçar. Eu *preciso* caçar. Agora.

Eu franzo a testa. — O que ele quer dizer?

— Nada. — Silas sorri para mim e eu sinto uma vibração no meu peito, como se meu coração quisesse responder a ele com um sorriso igual. — Temos que ir. — Ele abaixa a mão e se afasta. — Vejo você de novo, em breve, Lukas. Vá para casa. Cuide da sua mãe. Ela precisa de você.

— Como você sabe sobre minha mãe?

— Você me disse.

— Eu não...

— Vejo você de novo em breve.

E então eles estão voltando para a noite, desaparecendo na escuridão como se nunca houvessem estado aqui antes. Meu rosto lateja onde recebi o soco e estou com uma dor latente no estômago, mas nunca estive mais feliz na minha vida. Certeza que poderia flutuar para casa. Mas, em vez disso, entro no carro e dirijo para casa, cantando aquela música o tempo todo.

★ ★ ★

Quando eu paro na garagem, há alguém na varanda. Minha pulsação acelera, pensando que pode ser Silas, embora eu o tenha deixado no restaurante, mas é uma mulher. De meia-idade e parecendo cansada, seu cardigã apertado sobre os ombros para se proteger do frio do outono. Ela parece familiar mas não entendo por quê.

— Você é o Lukas? — ela pergunta assim que estou ao alcance da sua voz.

— Sim. Quem é você? E o que você está fazendo na minha casa à meia-noite?

— Delia Day, e sinto muito pela hora — diz ela. — Eu sou a defensora da paciente e assistente social do hospital da Cidade de Bennet.

É por isso que eu a reconheço. E há apenas uma razão para ela estar aqui a esta hora da noite. — Minha mãe? — Eu pergunto, minha garganta apertando. — Minha mãe está bem?

— Receio que não, Lukas. É melhor você entrar. — Sua voz é gentil. Muito gentil. É a voz que os profissionais usam quando estão prestes a dar más notícias.

Eu congelo, não querendo chegar mais perto.

— Ela está no hospital? — Eu pergunto. Eu estou tremendo. Quando comecei a tremer? — Posso ir vê-la?

Delia esfrega seus braços. — Por que você não entra? Podemos conversar sobre isso lá dentro.

E eu sei. Neste momento sei exatamente o que ela vai dizer. E eu não quero ouvir, porque ouvir torna isso verdade.

Eu tropeço de volta para o meu carro. Delia Day está chamando meu nome. Eu desço pela rua. Não sei para onde estou indo, do que eu estou fugindo, para onde estou fugindo. Tudo que sei é que estou fugindo.

★ ★ ★

O funeral é pequeno. Mamãe era adotada e não tinha irmãos ou irmãs. E depois que cresceu ela perdeu contato com sua família adotiva, já meu pai nunca foi presente em nossas vidas, então éramos apenas eu e ela.

E agora sou apenas eu.

Ninguém vem ao funeral, exceto Delia do hospital e o assessor do condado para me entregar um envelope que eu não quero abrir e algumas pessoas da igreja que eu nem conheço mas que parecem ser legais. Landry envia suas condolências, mas ela está na lanchonete, trabalhando.

Depois que todos foram embora e resta apenas eu, a cova recém-cavada e a penumbra do anoitecer, ele aparece. Usando as mesmas botas, o mesmo jeans e o mesmo chapéu, que segura agora em suas mãos esguias. A brisa bagunça seu cabelo preto quase como se estivesse brincando ele. Já o meu apenas se tansforma em uma bagunça soprada pelo vento.

— Onde está o resto de vocês? — Eu pergunto antes mesmo que ele chegue perto.

Ele para ao meu lado com os olhos no túmulo da minha mãe. — Achei que seria melhor se fôssemos só você e eu.

Eu olho para cima, encaro a curva de seu nariz, os seus lábios cheios. Minha respiração trava e ele sorri.

— Os Garotos podem ser um pouco demais — ele admite. — Desculpe se eles te assustaram.

— Eles me salvaram — eu digo com pressa. — Você me salvou.

— Jason Winters não vai mais incomodar você. — Ele diz isso com tanta convicção que quase acredito nele. Mas Jason mexe comigo desde a quarta série. Ele não vai parar só porque alguns caubóis mandaram.

— Ele vai apenas esperar até vocês irem embora — digo baixinho, sentindo como se eu o estivesse desapontando ao dizer isso.

Ele olha para mim, os olhos se enrugando. — Você realmente é algo, Lukas. — Sua voz é melancólica, talvez divertida, mas não acho que ele queira dizer isso como um insulto.

Ficamos ali em silêncio até eu dizer: — Estou sozinho agora.

— Você não precisa estar.

É o que eu queria que ele dissesse, mas não ousei ter esperanças. Quero gritar para ele me levar embora, me tirar desta cidade, longe da lanchonete, dos valentões e da minha casa vazia. Mas, em vez disso, pergunto: — O que devo fazer?

— Compartilhe uma refeição.

— O que isso significa?

Ele olha para baixo e bate seu chapéu na coxa. — O que você acha que significa, Lukas?

Eu fecho meus olhos. — Como? Como é que eu…?

Ele toca meu ombro brevemente. — Nós cuidaremos disso. Basta estar no restaurante esta noite na hora de fechar. Venha se quiser se juntar a nós. Se você não for, não tem problema, apenas voltaremos ao nosso caminho.

— Você vai embora? — Eu pergunto, assustado, minha boca seca de repente. — Simples assim?

— Apenas se você quiser. Você nos chamou, lembra? E nós apenas ficamos onde somos desejados.

O alívio me inunda, traidor e não solicitado. Não consigo imaginar Silas desaparecendo agora. O que eu faria. Para onde eu iria. Algo nele me faz sentir seguro, querido. Não me sinto tão sozinho.

O vento se move através das lápides, jogando as folhas ao redor. Ele desliza o chapéu de volta para a cabeça.

— O restaurante — ele repete. — Na hora de fechar.

E então ele se foi.

★ ★ ★

Eu paro no estacionamento da Lanchonete às quinze para a meia-noite. As luzes estão fracas e o lugar parece trancado, mas há pessoas se movendo lá dentro, então sei que tem alguém lá. Vejo uma figura espreitando perto da porta e acho é Silas, mas quando me aproximo, vejo que é Dru. Ele tem um taco de beisebol e o balança à toa enquanto espera. Lembro-me de Brandon dizendo algo sobre o Finley ser um grande jogador de beisebol, e as coisas fazem sentido.

Dru olha para mim, de maneira dura e por um bom tempo, a pele pálida em um tom frio à luz da lamparina e o cabelo ruivo escuro penteado para trás. A última vez que o vi ele estava usando um boné de beisebol, mas esta noite ele está com a cabeça descoberta. Eu me mexo desconfortavelmente sob seu escrutínio.

— Por quê? — ele pergunta de repente, e é a primeira vez que o ouço falar.

Eu encolho os ombros, sem ter certeza do que ele está perguntando. — O mesmo que todo mundo, eu acho.

— Todos nós temos motivos diferentes. Jasper fez isso por vingança, eu, porque nós não fomos para as estaduais e achava que queria morrer. — Ele ri baixinho, como se não pudesse acreditar que foi tão tolo. — Willis enlouqueceu depois que mataram sua esposa e Silas...

— Mas por que você teve que matar sua família? — Eu pergunto rapidamente, interrompendo-o. Não tenho certeza se quero saber por que Silas fez isso. E se for por motivos terríveis? Razões piores do que querer uma família, do que não querer ficar sozinho.

Ele pisca. — Você acha que eu matei minha família? Para isto? — ele pergunta, incrédulo. Ele ri de maneira superficial e ofegante. — *Cinco bolsas de sangue, uma para cada um de vocês e duas para mim, Silas disse para mim.*

Um arrepio percorre meu pescoço. — Silas não diria isso.

— O que você sabe sobre Silas? — ele zomba. — Ele está pegando leve com você, não sei por quê, o que te torna tão

especial. — Ele engole ruidosamente, os olhos perdidos na memória. — Ele não pegou tão leve comigo.

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer?

Antes que ele possa responder, Silas chega à porta.

— Você veio — disse ele, com um grande sorriso, como se eu tivesse chegado na hora para sua festa. — Entre. — Ele me conduz pela entrada, deixando para que Dru nos siga. Eu o ouço trancar a porta atrás de mim. Eu olho para trás, alarmado.

— Para não sermos perturbados — Silas diz, deslizando o braço em volta dos meus ombros enquanto me leva para dentro. — Acho que você conhece todo mundo — diz ele, gesticulando ao redor da lanchonete. Dru com seu bastão e Willis e Jasper sentados em banquetas e inclinados contra o balcão.

— Escute — digo a ele, a voz firme com as palavras que pratiquei no carro durante o caminho até aqui. — Eu sei do que se trata. O que você é. — Pensando no que Dru disse momentos atrás, acrescento: — Você não precisa pegar leve comigo.

Silas faz uma pausa, inclina a cabeça para o lado como se estivesse ouvindo.

Eu continuo apressado. — Eu descobri. O que você disse para o Jason naquela hora, mandando ele não me incomodar mais, e antes disso, quando disse que o mataria se ele colocasse um dedo em mim novamente. E eu conheço as histórias sobre o massacre. E sobre a família de Dru. — Meus olhos vão brevemente para os dele. Seu rosto está firme como pedra, não revelando nada e, por um minuto, acho que talvez eu tenha entendido errado, que o que estou dizendo provavelmente precisa ser comprovado, mas prossigo mesmo assim. — E eu quero que você saiba que estou bem com isso. Eu estou bem em relação a... compartilhar uma refeição.

Silas espera até ter certeza de que terminei de falar e então sorri. — Eu sabia que você mudaria de ideia, Lukas. Não têm nada de errado em ir devagar com um homem que já teve seu quinhão de problemas. Algumas pessoas só precisam se sentir à vontade em se alimentar.

Alimentar. Eu me arrepio apesar de tudo. A maneira como ele diz isso torna, de alguma forma, tudo mais real. Mas digo a mim mesmo

que Jason merece. Ele tem sido cruel comigo durante toda a minha vida, provavelmente me mataria se tivesse uma chance, então talvez eu só esteja sendo mais rápido que ele. E se isso significar que vou ficar com Silas, com os Garotos…

Willis e Jasper se levantam para revelar um corpo deitado no balcão.

Espero ver ombros largos de jogador de futebol americano. Irritantes cabelos castanhos. Olhos azuis aterrorizados.

Mas, em vez disso, vejo raízes escuras, o brilho de strass, olhos castanhos muito arregalados.

— Neveah?

Eu engasgo, dou um passo para trás enquanto ela choraminga, os olhos implorando por minha ajuda. Willis passa a mão pelo cabelo dela como se estivesse acariciando um cachorro.

— Shhhh — Silas diz, me segurando no lugar, seu aperto firme como uma prensa. — Eu pensei que você tinha dito que estava pronto.

— Não a machuque — eu digo, virando-me para ele. Eu agarro sua camisa, implorando. — E-eu pensei que você quisesse dizer Jason. Ou os gêmeos Toad. Não…

Minha respiração fica presa na garganta.

Não a única pessoa na cidade que realmente tenta ser legal comigo, não Neveah com sua faculdade comunitária e seu trailer e suas unhas azuis. Que me deixou levá-la para casa. Que tentou ajudar.

— Nós não vamos machucá-la, Lukas. — Sua voz baixa. Firme. E por um momento, tenho esperança.

— Você vai.

Meu estômago despenca. Eu balanço minha cabeça em negação, horrorizado.

— Se você quiser se juntar a nós, você tem que compartilhar uma refeição.

— Eu sei! Eu estou aqui, não estou? Na lanchonete.

— Esse não é o tipo de refeição que comemos, irmão — diz Jasper. Eu o encaro e ele está palitando os dentes, as presas, com uma unha comprida.

— Você não entendeu? — Dru fala cruelmente — Ou você bebe o sangue dela e se torna um de nós, ou também se torna um doador de sangue. Ela é um caso perdido, com certeza, e você está a uma má escolha de distância de se tornar um. Não há como escapar disso.

— Dru fala a verdade — Jasper diz, a voz profunda como o tambor daquela música. A música que começou tudo isso, quando tudo que eu queria era que alguém me resgatasse para que eu não tivesse que ficar sozinho.

Eu balanço minha cabeça. — Não, não posso. Ela é minha amiga. Outra pessoa.

— Você prefere que um estranho morra por você? — Silas pergunta. — Melhor que seja um amigo. Corte seus últimos laços. Então você é realmente um de nós.

— Eu não... eu não quero isso. — Mas é mentira. Quero isso. Eu quero tanto que estou tremendo. Mas os olhos de Neveah estão em mim e ela está chorando, as lágrimas escorrendo pelo nariz, acumulando no balcão.

— Você nos pediu para vir — Silas me lembra, a mão quente nas minhas costas, a respiração suave no meu ouvido. Eu sinto seus lábios contra o meu pescoço, apenas o mais leve toque, mas envia um calor pelo meu corpo que quase me deixa de joelhos.

— Ele gosta de você, Silas — Willis diz com uma risada cúmplice.

— O que você acha, Lukas? — Silas pergunta. — Nos banquetearíamos, e então você e eu poderíamos ir a algum lugar privado. — Sua mão aperta minha cintura. — Você nunca mais terá que ficar sozinho novamente.

É tudo que eu quero. Porque eu não posso voltar para aquela casa, para as bem intencionadas caçarolas da igreja e para os quartos vazios e os recipientes organizados de comprimidos e tudo o que o avaliador do condado passará na próxima semana para reivindicar.

— Eu não quero ficar sozinho — eu sussurro.

— Você não vai — diz Silas.

E então a jukebox começa a tocar e a rabeca está tocando e aquele homem está cantando: — *Ele tinha o rosto de um anjo, mas*

o coração de um demônio...

— Pegue o que é seu, Lukas — ele diz — e torne-se um de nós.

Eu dou um passo à frente.

— Não! — De repente, Dru está lá, entre nós. Ele balança seu taco de beisebol direto para Silas, tão rápido que meus olhos quase não acompanham. O taco se conecta com a lateral da cabeça de Silas e se quebra em pedaços. Silas cai.

— Corra! — Dru grita, e dou dois passos hesitantes para trás até a porta, meu cérebro tentando entender o que está acontecendo.

Jasper se lança contra Dru, mas o ruivo está pronto, e ele empurra um pedaço restante do taco de beisebol para frente, direto no peito de Jasper. Jasper se desfaz em cinzas sem fazer nenhum som.

— Corra, seu idiota! — Dru grita novamente, enquanto Willis pula em suas costas e afunda presas ferozes no seu pescoço. Ele grita enquanto o sangue escorre, um rio que inunda sua garganta tão vermelho quanto seu cabelo.

Neveah está de pé. O que quer que a estivesse mantendo presa ao balcão, medo ou algum tipo de feitiço, parece ter se quebrado quando Jasper se desintegrou. Ela agarra minha mão e me puxa para a porta. Eu tropeço atrás dela, os olhos ainda em Willis enquanto ele rasga a garganta de Dru. Dru desmaia, olhos nublados e cabeça caindo como uma boneca quebrada.

Eu grito. Willis se vira para mim, seu rosto não é mais o de um lindo garoto zangado, mas o de um monstro. Ele dá um passo em nossa direção enquanto Neveah destranca a porta e nós cambaleamos pela porta e entramos no estacionamento. Antes que ele possa seguir-nos, uma mão o impede.

É Silas.

Ele perdeu o chapéu e seu cabelo está em coágulos com seu próprio sangue, mas seu rosto está inteiro. Qualquer dano que o taco tenha feito já foi curado. Ele olha para mim, olhos daquele redemoinho arco-íris de mancha de óleo que eu tinha vislumbrado antes.

Ele diz algo para Willis, que joga a cabeça para trás e ruge, um som que balança a lanchonete e sacode as janelas do meu carro

bem atrás de mim. Mas ele não nos segue. Nem Silas. Ele apenas observa.

Meu quadril bate no parachoque do meu carro. Eu pisco. Não me lembro de ter atravessado o estacionamento. Neveah está soluçando e suplicando para eu dar as chaves a ela. Posso ouvir a música na jukebox, apenas o gemido de uma rabeca vazando pela porta da lanchonete.

E eu percebo que não quero ir. Partir significa deixar Silas. Se eu for embora agora, sei que nunca mais o verei.

— Neveah — eu sussurro, mas ela não me ouve sobre seu próprio apelo. Mais alto, então. — Neveah!

— O que?! — ela grita de volta, sem fôlego e apavorada.

— Vou ficar. — Eu me viro para ela, deixo-a me ver. Minha convicção. Meu desejo.

— Eu vou ficar — eu repito. — Mas você pode ir.

Eu jogo minhas chaves para ela. Ela tenta alcançá-las, mas erra e elas caem no chão. Com um soluço, ela se esforça para encontrá-los e, quando o faz, abre a porta do carro e sobe no banco do motorista. Eu ouço os trincos se travarem, e depois o motor, e ela sai correndo do estacionamento, mal me dando tempo para sair de seu caminho.

Assim que ela se foi, eu tenho dúvidas.

Mas eu estou aqui e Silas está lá, do outro lado do vidro.

E eu sei o que tenho que fazer.

Ele espera que eu vá até ele.

Abro a porta com as mãos tremendo. O corpo de Dru quieto aos meus pés e Willis está ofegante como um animal, os olhos em mim. Mas fico firme em Silas, lembrando-me do que ele me disse.

— Eu quero que você vá embora — digo, minha voz quase um sussurro. Parecendo patética para meus próprios ouvidos, e limpo minha garganta e tento novamente. — Eu quero que você e seus Garotos vão embora.

Silas inclina a cabeça. A jukebox segue para a próxima estrofe. E meu coração se parte um pouco.

— Você está dizendo que não somos mais bem-vindos aqui?

Eu aceno, mesmo que doa.

— Isso.

Ele se abaixa para pegar o chapéu. Colocando-o firmemente em sua cabeça.

— Tudo que você precisava fazer era me dizer isso, Lukas. — Ele gesticula para Willis, que se abaixa e, com uma força desumana, joga o corpo de Dru em seus ombros. Silas abre a porta e Willis passa. Silas começa a seguir, mas para olhar para trás.

— Mas você me deve por Jasper — diz ele, a voz dura diferente de antes — e terei que cobrar um dia.

Eu os vejo ir. Observo até que eles desapareçam na escuridão, até ter certeza de que não há nada no estacionamento, nem mesmo guaxinins. E então eu desabo.

★ ★ ★

Landry me encontra no chão na manhã seguinte e me dá um sermão sobre álcool e excesso de bebida. Mas nós dois sabemos que eu não bebo, e ela me faz uma pilha de panquecas e uma grande xícara de café. Trabalhadores vêm buscar a velha jukebox ao meio-dia e não falamos sobre isso novamente. Neveah nunca mais volta para a lanchonete e, algumas semanas depois, Landry me diz que Neveah se mudou e entrou em uma faculdade de quatro anos em algum lugar. Jason e os Gêmeos Toad são encontrados no mês seguinte, exsanguinados. Rumores circulam por um tempo sobre algumas drogas estranhas que devem estar no mercado, e a história deles até é contada em um programa de mistério em horário nobre, a conexão com as mortes dos Finleys estranha demais para ser ignorada. Os podcasts de conspiração vão à loucura. Chamaram de "Assassinato em Blood River" e é a sensação por um tempo, mas as pessoas não têm ideia. Não de verdade.

Às vezes eu cantarolo a música, especialmente quando estou estudando para o meu supletivo ou preparando a casa para venda, mas nunca coloco meu coração nisso. Eu decidi deixar esta cidade de merda afinal. Ir para Dallas ou Denver ou algum lugar assim. Tentar seguir meu próprio caminho, ver o que acontece.

Eu me pergunto se Silas algum dia virá cobrar a morte de Jasper, como ele disse que faria. Eu sei que tudo que tenho que fazer para descobrir é cantar para ele e com intenção. Mas eu não vou. Por enquanto. Não até que eu esteja pronto. E, enquanto espero, vou sonhar com um lindo garoto de cabelo preto que usa chapéu de caubói com manchas de óleo no lugar dos olhos.

SANGUE & MORDIDAS Ou Porque Os Vampiros Sugam?

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Vamos analisar assim: Vampiros são os mosquitos do mundo sobrenatural. Eles se escondem em lugares escuros e se movem de forma anormalmente ágil, e então, quando você menos espera, eles mordem. Criaturas místicas sugadoras de sangue aparecem em histórias de todo o mundo, desde a antiga deusa babilônica Lamashtu, que consumia o sangue e a carne de crianças, até contos indianos de metamorfos rakshasas meio morcegos meio homem-ventala. Então, por que os vampiros bebem sangue? Simplificando, sangue é vida. É essencial para os vivos... e para os mortos. Há um motivo pelo qual é chamamos “pacto de sangue”. No mundo mundano e mágico, o sangue é tudo. Na história de Rebecca, Lukas tem que participar de um ritual de sangue extremo para se tornar um dos Garotos de Blood River. O processo envolve escolha, mas também um sacrifício brutal. Para se tornar um vampiro, Lukas precisa pegar algo que não pertence a ele.

O que você sacrificaria para viver para sempre?

O ÚLTIMO ANO É UM SACO

Julie Murphy

Sweetwater, no Texas, é conhecida pelos seus moinhos de vento que economizam energia ao longo do corredor I-20 entre Fort Worth e Odessa e pelo Rodeio de Serpentes de Sweetwater, que é um evento inteiro dedicado à medição, pesagem, ordenha, decapitação e esfolamento de cobras. Temos até um concurso de Miss Encantadora de Cobras, no qual cada participante faz todas as coisas normais de um concurso e também decapita uma cobra. Tia Gemma diz que o rodeio é desnecessariamente brutal, mas mamãe diz que a brutalidade é a única forma de sobreviver em um lugar como Sweetwater. Nossa cidadezinha é mais do que aparenta.

Além das serpentes, a coisa pela qual nós deveríamos ser conhecidos é aquela que você nunca saberá, e por um motivo simples: as mulheres da minha família são bastante fantásticas em seus trabalhos. Somos basicamente as pessoas que salvam o mundo quando o mundo nem sabe que precisa ser salvo. Guerra nuclear. Assassinatos. Alienígenas hostis do espaço. Alguém por aí está trabalhando em um porão fortificado para salvar o mundo enquanto o resto de nós vive na feliz ignorância, digitando em nossos aparelhos celulares.

O que minha família é tão boa em extinguir que o grande povo de Sweetwater sequer sabe que existe? Imortais. Sanguessugas. Crianças da noite. Vampiros.

Todos os anos, no rodeio, há um punhado de manifestantes gritando sobre maus tratos aos animais e extinção das cascavéis. Uma chatice, se você pensar bem. Cascavéis são pequenos monstrinhos, é verdade, mas não é como se rastejassem por nossas ruas à noite, caçando presas humanas, como alguns vampiros que conheci. Extinção de vampiros, entretanto? Bem, assim como o título da música favorita de mamãe diz: *"Sweet Dreams (Are Made of This)".* Um vampiro de cada vez.

Meu nome é Jolene Crandall e sou a mais nova caçadora de vampiros de Sweetwater, Texas. Aos treze anos, jurei proteger essa cidadezinha mal-humorada com a minha vida. A menos que os vampiros sejam extintos milagrosamente. Eu podia ter dado o resto da minha vida para a causa, mas nada em minha promessa dizia que eu não podia me juntar à equipe de líderes de torcida. Cuidado, Buffy.

— Prontos? Bom! — Berro no meu megafone. — Ei! Ei! Mustangs! Espírito! Espírito! Espírito! Façam barulho!

Talvez isso me torne um clichê, mas há poucas coisas que amo mais do que festejar em uma noite gelada de novembro sob o céu estrelado do Texas em uma cidade aleatória, onde essa noite, esse momento é a coisa mais importante a acontecer a semana inteira. As saias curtas e esvoaçantes, as folhas amassadas sob nossos pés e o movimento ininterrupto para afastar o frio. É uma energia frenética que eu queria poder engarrafar como um lembrete para todos os dias em que a única coisa que quero é ir embora desse lugar e dessa vida. Mamãe sempre diz que para amar algo de verdade, você também deve odiá-lo um pouco.

Atrás de mim, minha equipe entra em formação e deixo meu megafone com meus pompons, recuando para tomar meu lugar no base da pirâmide. — Ei! Ei! — Grito de novo, a multidão se juntando e a banda soando muito esquisita.

Mantenho os dois joelhos dobrados, um adiante e outro atrás, e Karily, uma garota pequena e branca, pisa nas minhas coxas grossas e com covinhas, uma líder de torcida depois da outra levando-a cada vez mais para o alto.

Sou o que algumas pessoas chamam de grande ou gorda. Meu corpo não é esbelto e esguio como a maioria das pessoas esperaria de uma caçadora. Sou uma garota branca e corpulenta, com quadris e coxas arredondadas e pouco ou quase nenhum peito. Herdei a bunda de papai e ele herdou da mãe dele. Sou o tipo de flexível que faz uma ótima base de pirâmide, e meu chute giratório é bem legal. Acontece que caçadores de vampiros não precisam ser gordos ou magros ou qualquer coisa em particular, desde que arrasem.

Minha equipe repete o grito da torcida de novo e de novo até Karily dar um salto toque de pés e aterrissar nos braços das outras líderes de torcidas. — Vaaaaaaaai, Mustangs! — Nós gritamos.

— E parece que o jogo será esse, pessoal — diz o locutor pelos alto-falantes. — Outra vitória para os Bulldogs em casa.

A multidão aglomerada nas arquibancadas de visitantes à nossa frente começa a gemer.

Ao meu lado, Peach solta um suspiro gutural. — Como é *tão* difícil? — Ela grita para o time de futebol. — Como? Estamos aqui literalmente fazendo acrobacias que desafiam a morte no ar e a única função de vocês é atravessar a bola pelo campo. Só isso!

Peach é minha melhor amiga – uma garota baixinha e coreana com cabelo loiro descolorido e uma atitude afiada como uma lâmina. No ano passado, ela foi ao rodeio vestida de cobra ensanguentada e gritou sobre a crueldade contra os animais para qualquer um que quisesse ouvi-la, até o xerife expulsá-la do terreno. Ela é a única que sabe que minha família é diferente. Só não sabe como. Coloco o braço sobre seu ombro. — Pelo menos ainda somos a espécie superior no campus.

Ela ri. — Ah, sim. Não contesto!

Landry cruza os braços sobre a marca dos Mustang estampada em seu uniforme vermelho e branco de líder de torcida. — Ah, sim. Gosto de pensar no time de futebol Sweetwater como *nosso* show secundário. Todo mundo sabe que esses pompons são o verdadeiro prazer de todo mundo. — Ele dá um tapinha em cada uma de suas nádegas caso haja dúvida sobre a quais pompons está se referindo.

Wade Thomas, um cara branco de peito largo, se vira do banco do time de futebol. — Vocês sabem que podemos ouvi-las, certo? —

Ele diz.

— Ótimo — Peach responde. — O que vocês precisam é de um pouco mais de conversa séria e um pouco menos de gente puxando o saco de vocês.

Wade flexiona os bíceps e dá uma piscadela. — Você beija sua mãe com essa boca, Peach?

— Qualquer um menos você — Ela retruca.

A pontuação no quadro é VISITANTE: 11 CASA: 48. A única coisa mais deprimente do que ver tia Gemma tentar fazer o jantar com as sobras aleatórias que acumulamos da comida para viagem que pedimos ao longo da semana.

— Foi por pouco, meninos! — Alguém grita da multidão.

Reviro os olhos. Por pouco? Por que todo mundo está tão preocupado em dar a garotos como Wade estrelinhas douradas por fazerem o mínimo possível? Você quer saber o que foi por pouco? Aquela vampira nômade que quase fez de Wade seu jantar na semana passada, quando ele estava trabalhando um turno único no posto de gasolina do pai dele. O grande e forte Wade, que está no banco há duas semanas, mas ainda tem o ego do tamanho de um trator? Bem, ele não tinha ideia do quão perto esteve de ser só mais um saco de sangue.

No entanto, não importa que eu tenha salvado Wade, porque não matei a andarilha e três dias depois tia Gemma encontrou três caminhoneiros em uma vala nos arredores da cidade com as gargantas destruídas.

— Vamos pegar nossas coisas, pessoal! — Falo para o resto da equipe.

— Entendido, capitã — Landry diz enquanto algumas garotas do time adversário assobiam para ele. Landry é gostoso. Não gostoso só conforme os padrões do Meio do Nada, no Texas, mas gostoso de verdade. Ele é um sonho, bissexual, mais de um metro e oitenta de altura, pele marrom escura e tranças apertadas e suaves. O mundo inteiro tem olhos para ele, mas ultimamente ele só tem olhos para Peach. Se ela notasse.

Pegamos nossos letreiros, pompons e bolsas de ginástica. No ônibus, coloco minha calça de moletom por baixo da saia e visto o

casaco sobre a cabeça.

— Ei, Karily — grito para o ônibus escuro. — Ótimo trabalho naquele toque de pés!

— É mesmo! — Algumas outras pessoas intervêm.

— Obrigada, pessoal — diz a vozinha de caloura na parte de trás do ônibus.

A Sra. Garza, nossa orientadora, embarca no ônibus por último com um livro de romance debaixo do braço. — Tudo bem, Sra. Rhodes — fala para a motorista do ônibus. — Vamos indo.

A Sra. Garza se acomoda na primeira fila com sua luz de leitura e livro enquanto seguimos pela estrada.

Sento-me em um banco sozinha e Peach e Landry se acomodam do outro lado do corredor, os dois inclinados sobre o celular de Peach, assistindo sua vlogger predileta e guru de beleza revelar os detalhes do término muito confuso e público.

Nunca saberei qual é a sensação de não saber que vampiros existem e devem ser temidos, mas momentos como esse são o mais perto que chego do doce alívio da ignorância. Nesse ônibus, não sou responsável pela vida de ninguém em um raio de dezesseis quilômetros. Nesse ônibus, estamos acelerando pela estrada mais rápido do que qualquer vampiro pode se mover. Adoro a segurança desse ônibus quando estamos voltando para casa tarde da noite depois de outro jogo fora de casa, e posso simplesmente baixar a guarda.

Mesmo que eu quisesse fugir das minhas obrigações em Sweetwater, minha anatomia nunca permitiria. Vampiros geram um tipo de reação dentro de mim. Meu apito canino pessoal. É como quando você sabe que esqueceu algo, mas não sabe o que é, ou aquela sensação de acordar no meio da noite e perceber que não escreveu o artigo que deve ser entregue no dia seguinte. Toda essa energia se acumula dentro de mim e não fico satisfeita até que seja liberada. De repente, cada hora frustrante de treinamento com mamãe e tia Gemma entra em ação, e todos os outros desejos e preocupações desaparecem até que tudo o que resta é meu único propósito: proteger Sweetwater.

Mas aqui nesse ônibus escolar amarelo, acelerando pelas estradas de fazendas, a sensação desaparece. Nenhum sugador de sangue à vista.

Ninguém realmente sabe quem chegou aqui primeiro: Lar de Ressurreição para Almas Rebeldes ou a cidade de Sweetwater. Ou talvez a cidade de Sweetwater tenha começado com um bando de almas rebeldes. De qualquer forma, as regras são simples: eles não deixam a área do Lar da Ressurreição, e minha família permite que continuem usando seu glamour para se disfarçarem como um centro de acolhimento para jovens pentecostais nos arredores da cidade. Não é um acordo perfeito, mas dá certo há mais de cem anos.

Gosto de pensar no lugar como uma casa de recuperação ou reabilitação de vampiros, onde sugadores de sangue vão para aprender a se controlar e beber sangue ensacado de doadores particulares. O único problema com a reabilitação é que só três tipos de vampiros entram e saem. Primeiro, existem os vampiros bem comportados, que passam por Sweetwater depois de uma estadia bem-sucedida na casa. Depois, há os vampiros a caminho da casa, em busca de uma última dose de vida e respiração. E, por último, há aqueles que vão para o Lar da Ressurreição e falham, saindo pior do que chegaram.

O ônibus faz barulho sobre o cascalho ao lado da estrada, me acordando, e só então percebo que tenho cochilado e acordado.O ônibus para.

— Parece o ônibus espiritual de Sweetwater — diz Rhodes, espiando pela janela do motorista, apontando para o ônibus estacionado adiante, o pisca-alerta ligado.

A sensação me atinge como uma parede de tijolos. Adrenalina. O que quer que esteja naquele ônibus, não é bom. E tenho a sensação de que tudo dentro dele ou está morto ou é imortal.

Sra. Garza se levanta. — Deve ter quebrado. Talvez possamos poupar-lhes o trabalho de mandar outro ônibus.

A Sra. Rhodes puxa a alavanca e a porta pneumática se abre para o campo escuro ao lado da estrada.

Fico de pé. — Espere.

Toda a equipe olha para mim. Essa não é a primeira vez que apareço no meio de uma multidão ou grito “Pare!” ou tento causar algum tipo de distração. Se você perguntar pela cidade, as pessoas vão até te dizer que as mulheres Crandall *são peculiares de um jeito especial, mas não machucariam uma mosca.* (Supostamente). Nada de peculiar sobre nós, exceto que sabemos mais sobre o que acontece sob o nariz dos mortais do que qualquer humano deveria.

— Eu, hã, vou com você. — Quero dizer, sério, o que a Sra. Garza vai fazer diante de um vampiro? Atirar o livro de romance de rasgar corpetes nas presas dele? Pois é, acho que não.

A Sra. Garza me dispensa com um gesto. — Jo, você fica no ônibus. Acha que deixarei uma aluna descer desse ônibus na beira da estrada no meio de Jesus sabe onde? Não, senhora!

Ela desce correndo as escadas antes que eu possa dizer outra palavra.

Ando até a frente do ônibus, parando perto das escadas. A cada jogo fora de casa, a cidade envia um ônibus escolar com fãs, apelidado de “ônibus espiritual”. Você não precisa ser um estudante para andar no ônibus. Merda, acho que você nem precisa mostrar uma identidade. Afinal, Sweetwater é o tipo de lugar onde todo rosto é familiar. Então, basicamente, qualquer pessoa ou qualquer coisa poderia estar naquele ônibus.

— Volte aqui. Você ouviu a professora — diz a Sra. Rhodes.

— Sim, sim, sim — murmuro. Vamos torcer para que eu seja mais rápida do que o que esteja me esperando naquele ônibus.

Observo-a seguir pela lateral da estrada, minha respiração presa. Se estivéssemos um pouco mais perto, nossos faróis poderiam se estender o suficiente para eu ver o que diabos está naquele ônibus.

Está muito quieto. Essa é a questão sobre pessoas: onde há pessoas, há barulho. Vampiros, entretanto, suas vidas se estendem por períodos de tempo tão longos que eles desejam as coisas que fazem o tempo passar. Silêncio. Escuridão. Para as pessoas, há segurança nos números. *Dica, dica, Sra. Garza*.

Enquanto a Sra. Garza bate na porta do outro ônibus, desligo todos os ruídos ao meu redor e me concentro nela. *Não entre no ônibus, não entre no ônibus, não entre no ônibus.*

Ela entra no ônibus. Claro que sim.

Por favor, mulher.

Decido contar até dez. É isso que as pessoas razoáveis fazem. Elas contam até dez. *Um, dois, três, quatro… foda-se.* Corro escada abaixo e até o outro ônibus, esperando encontrar a doce e ingênua Sra. Garza em uma poça do próprio sangue, um vampiro agachado sobre seu corpo sem fôlego.

Subo os degraus e a Sra. Garza grita quando a pego desprevenida. Imediatamente, jogo meu corpo na frente do dela.

Olho ao redor, mas... nenhuma gota de sangue à vista.

— Jo, eu te disse para ficar no ônibus — ela diz docemente por entre os dentes cerrados, me dando uma cotovelada para me tirar do caminho.

— Eu estava… — *Vindo salvar sua vida*, quase digo, mas então meu olhar se fixa no ônibus meio cheio de fãs dos Mustang, a maioria deles rostos familiares.

— Ah, graças a Deus! — Exclama o Sr. Bufford, o orientador do ônibus espiritual. — Sra. Garza nos convidou a entrar no ônibus da equipe de torcida. Isso inclui você, Deidra! — Ele diz para o motorista do ônibus.

Alguns gritos vêm da parte de trás do ônibus.

— A cidade enviará um guincho pela manhã — ele prossegue. — Agora, alunos, por favor, verifiquem três vezes seus itens pessoais. Não voltaremos por celulares ou mochilas.

Bem, me sinto colossalmente ridícula. Mas não consigo afastar a sensação. Observo cada pessoa no ônibus, mas está muito escuro para eu perceber se alguém parece deslocado.

Enquanto entramos no ônibus, deslizo de volta no meu assento e, com mais pessoas, somos todos forçados a dividir as poltronas. Quase todos os passageiros do outro ônibus encontram assentos sem que eu tenha que desistir do meu cobiçado meio banco até que a Sra. Garza diz: — Ah, aqui estamos nós! Alma, você pode sentar-se com Jolene.

Uma garota alta e magra com pele levemente bronzeada e cabelo preto sedoso preso em uma trança estilo escama de peixe no meio das costas se senta ao meu lado. A pele dela roça a minha e eu

respiro fundo, parecendo mais um chiado. O mesmo glamour que protege o Lar de olhos mortais esconde as delicadas presas pontiagudas no sorriso perfeito dela. Outra vantagem do trabalho: sou imune ao glamour.

Quando eu era criança, havia uma igrejinha fora da cidade que se dedicava ao manejo de serpentes. Sabe, o tipo de idiota que acha uma boa ideia balançar cobras para mostrar que Deus as protegerá de serem mordidas. Claro, talvez exista um Deus e talvez ele proteja as pessoas, mas não acho que haja nada na Bíblia sobre proteger gente estúpida. Uma noite, mamãe e tia Gemma foram até lá para averiguar as coisas e lembro-me de ouvi-las do corredor enquanto conversavam na cozinha. — Parecia um pesadelo — disse mamãe. — Como se estivéssemos assistindo um monte de pessoas distraídas dançando na beira de um precipício.

E é exatamente essa a sensação quando a Sra. Garza para ao nosso lado corredor e a Sra. Rhodes liga o ônibus. — Jo, essa é Alma. Ela é nova em Sweetwater. Dei aula a ela ontem mesmo no quarto período pela primeira vez. Não é mesmo, Alma?

— Sim, senhora — responde a menina docemente.

— Bem-vinda a Sweetwater — digo, cuspindo cada sílaba.

— Que... boas-vindas calorosas — responde Alma, a Sra. Garza se acomodando ao lado do Sr. Bufford.

No momento em que partimos e o barulho da estrada é alto o suficiente para abafar nossas vozes, me viro para ela. — Eu deveria matar você.

Ela ri. — Como é? — Ela pergunta. — Que modos são esses?

— Você me ouviu. — Ela está se fingindo de tímida, mas sabe exatamente quem eu sou. Esses instintos que tenho não são uma via de mão única.

— Discrição — ela retruca. — Não é um dos seus pilares de caçadora? Tenho certeza que a pessoa que você chama de chefe ficaria encantada em saber que você massacrou alguém da minha espécie em um ônibus escolar amarelo cheio de mortais.

— Você é do Lar — deduzo. — Saindo ou chegando?

— E como sabe que não sou uma transeunte? Talvez eu esteja somente drenando pessoas lentamente no meu caminho para Los

Angeles?

Eu zombo. — É, a bordo de um ônibus espiritual de ensino médio em Sweetwater?

Ela bufa, jogando-se contra a parte de trás do nosso assento de uma forma tão completamente humana e familiar que é perturbadora. Essa coisa costumava ser uma pessoa, e meu estômago se contrai de culpa quando imagino a pessoa que ela poderia ter sido.

— Ou talvez eu somente sinta falta de estar entre os vivos? Talvez eu só queira ser uma adolescente normal por uma noite? — Ela continua, a voz juvenil.

O silêncio paira entre nós por um momento, antes de eu deixar escapar uma risada nervosa. Ela não me deixa nervosa. Por que eu estaria nervosa? Nunca fiquei nervosa por causa de um vampiro.

Mas, novamente, não acho que tenha trocado mais do que cinco palavras com um vampiro. E definitivamente nenhum tão... encantador. Balanço a cabeça. Uma vampira encantadora. *Até parece*.

Ela me olha com uma clareza penetrante. — Uau. — A voz dela está ofegante e sua expressão vacila um pouco. — Acha mesmo que somos todos monstros sedentos por sangue? Nem todos nós detonam cidades como um bando de garotos na puberdade sem controle parental na internet.

— Você precisa de sangue humano para viver, não é? Sim. Fim. Além disso, está claramente violando o acordo do Lar.

— Você precisa de comida para viver, certo? Mas não está vasculhando todos os supermercados à vista. Você faz refeições. Você *prepara comida*. Se alimentar não precisa ser um frenesi. — A voz dela é inebriante. Deliciosa, até. Mas ainda tenho que sentar em minhas mãos para me impedir de socá-la.

— Você não é a única que quer ser uma adolescente normal — ofereço, minha guarda lentamente baixando. Além disso, não é como se eu pudesse matá-la na frente de todas essas pessoas.

— Foi assim que a grande e assustadora caçadora acabou em uma saia minúscula como capitã do time de líderes de torcida? Ela só queria ser uma garota normal?

— Como sabe que sou capitã?

— Posso sentir o cheiro de dominância — ela responde.

— Sério? — Eu reconheço que há muitas coisas que não sei sobre vampiros.

Ela solta uma risada melodiosa, inclinando a cabeça para trás e expondo o longo pescoço, coberto com uma gargantilha de plástico, daquelas que você encontra no shopping. Lembro-me de ter roubado um pacote delas do Claire's quando Peach e eu saímos em uma viagem de campo para Dallas no ensino fundamental.

— Não no sentido literal — diz ela. — Mas você parece o tipo de garota que ou está no comando ou não participa de nada.

— Ai — eu digo com uma risada genuína. — Um pouco real demais.

— Além disso, seu moletom diz CAPITÃ.

Olho para o bordado cursivo acima do meu coração. — Touché.

As mãos dela pousam em seu colo quando ela fecha os olhos, deixando-se completamente exposta.

Sinto-me uma cientista comportamental e essa é minha única chance de *conhecer* de verdade meu assunto. Um momento breve. — Posso te fazer uma pergunta?

— E se eu disser não?

— Vou perguntar de qualquer maneira.

— É claro que vai — ela fala.

— Quantos anos você tem de verdade?

Ela sorri, os olhos ainda fechados. — E se eu dissesse que tenho centenas... não, milhares de anos? Daria uma boa história, não é?

— Você não respondeu à pergunta.

O sorriso dela derrete. — Meu corpo tem dezessete anos para sempre. No entanto, tenho 18.184 dias de idade. Bastante anticlimático, hein?

— Meh. Um vampiro que é um vampiro é um vampiro.

— Um assassino que é um assassino é um assassino. — O desgosto na voz dela é palpável.

— Ei, ainda estou viva — eu a lembro.

— Não é como se eu tivesse acordado um dia e decidido me tornar vampira. Minha humanidade foi roubada de mim

violentamente. Estou continuando da única maneira que sei. — A voz dela é doce. Inocente.

Isso é o suficiente para me silenciar por um momento. — Também não tive muita escolha no meu próprio destino, sabe. — E é verdade. Por mais que odeie admitir, Alma e eu temos uma coisa em comum.

— Você não parece muito desapontada com isso. — Ela se estica sobre mim e todo o meu corpo fica tenso em defesa quando agarro seu antebraço, preparada para quebrá-lo ao meio. — Calma, gatinha. Só abrindo a janela.

Meu aperto afrouxa, e ela empurra a alavanca na janela, uma rajada de vento forte de novembro entrando e o odor de ônibus rançoso imediatamente se dissolvendo. Alma respira fundo pelo nariz.

Uma mecha de cabelo fora do meu rabo de cavalo dança na frente do meu rosto, e Alma pega um grampo de cabelo enfiado em sua trança. Em um movimento contínuo, ela alisa meu cabelo para trás, girando-o brevemente com o dedo e desliza o grampo nele. — Então, me diga, doce caçadora, se está tão comprometida com seu destino, por que perder tempo na equipe de líderes de torcida?

Toco meu cabelo onde a mão dela estava, e levo um longo momento para reunir as palavras que estou procurando. — Sempre serei uma caçadora. Até o dia em que eu morrer. Mas só terei esses quatro anos de ensino médio. Eu respondi sua pergunta. Minha vez agora. Você não me respondeu. Lar de Ressurreição para Almas Perdidas. Você está indo embora ou chegando?

Ela suspira. — Ser um criador é como ser pai. Qualquer um pode fazer isso, mas nem todos devem. Pode-se dizer que o último ano foi... uma experiência de aprendizado. Ouvi falar da casa e imaginei que talvez encontrasse o que procurava lá. E então... — Ela fecha os olhos e balança a cabeça, como se soubesse que tudo o que está prestes a dizer é tão, tão ridículo. — E então, vi sua escola e não conseguia me lembrar como era ser... uma adolescente. Eu me distraí. Mas não preocupe sua linda cabecinha, assassina. Próxima parada: Lar da Ressurreição. Sem outras paradas. Palavra de escoteira. — Ela levanta três dedos, prometendo.

O ônibus começa a desacelerar à medida que entramos na cidade. Porque paramos para pegar os passageiros do ônibus espiritual, o time de futebol já se foi e somos o último grupo a ser deixado na escola, onde estão alguns carros perdidos, espalhados pelo estacionamento.

— Sem paradas — digo à Alma antes de repensar a decisão de deixá-la ir. — É melhor eu não te ver de novo.

Ela dá uma piscadela antes de sair correndo do ônibus. — Sem paradas.

Alma desaparece antes que eu possa verificar para qual lado ela foi, para ter certeza de que ninguém cruzará o caminho dela por acidente. Sento-me empoleirada no capô do meu carro, esperando que todos saiam lentamente, até que a Sra. Rhodes vai embora para devolver o ônibus ao terminal. A Sra. Garza me diz para ir para casa, mas são Peach e Landry que ficam por aqui por mais tempo. Finalmente, depois de refazermos os destaques da noite, Landry pega as chaves do carro dele e oferece uma carona à Peach. Peach me analisa por um momento antes de me fazer jurar que mandarei uma mensagem quando chegar em casa. Um dia, darei a ela as respostas que ela merece, mas por agora agradeço por ela me tratar como uma garota normal que deve ser cautelosa com homens à noite e outras coisas que surgem no escuro.

Depois que eles vão embora, espero mais alguns minutos por algum sinal de Alma antes de puxar as chaves da minha mochila e destrancar meu carro.

Eu não deveria ter deixado ela ir embora. Só consigo pensar nos três corpos que mamãe e tia Gemma encontraram. Se eu tivesse sido mais rápida ou mais forte do que o vampiro que quase matou Wade, mais três pessoas estariam vivas.

De costas para o estacionamento escuro, o vento faz cócegas no meu pescoço e me viro para encontrar Alma a menos de um centímetro de mim. Fios soltos de cabelo sopram em seu rosto, roçando minhas bochechas. Em um movimento rápido, agarro o pescoço dela com uma mão e a giro, prendendo-a contra o meu Dodge Neon vermelho-cereja.

— Eu disse para você voltar para a academia. Sem paradas. — Empurro-a para frente e bato seu corpo contra o carro mais uma vez para dar ênfase, depois enfio a mão pela janela aberta do motorista para pegar a estaca que sempre mantenho na lateral da porta.

— Não respondo bem à autoridade — ela sibila, e calmamente agarra meu pulso. Eu vejo a vampira nela agora. Está em sua postura e na maneira como seu corpo está pronto para uma luta. Ela passa a língua sobre as presas. — Além disso, tenho uma proposta para você.

Pressiono a extremidade pontiaguda da estaca no local acima de sua caixa torácica, o local que conheço tão bem. — Eu não negocio com vampiros.

Ela engole em seco e sua garganta se movimenta contra a palma da minha mão. — Dê-me o último ano. Tudo que eu quero é o último ano que nunca tive. No minuto em que eu aceitar meu diploma e atravessar o palco, vou embora; se não, você pode me caçar.

Eu a analiso de perto, procurando por uma brecha. — Por que o último ano? O último ano é um saco. Você tem uma eternidade para reviver o último ano. Por que Sweetwater?

— Tente viver uma eternidade como aluna do segundo ano do ensino médio. Sempre desejando ser uma veterana. — Ela me encara, divertida, como se eu não estivesse prestes a enfiar um pedaço de madeira em seu coração não tão pulsante.

Bem, parece horrível. Eu acho.

— Além disso, eu gosto daqui. Eu gosto... das pessoas.

Meu aperto em sua garganta fica mais forte e, pela primeira vez, os olhos dela se arregalam em desconforto.

— Quando eu passar pelos portões do Lar Ressurreição, eu sei... vou mudar. Tudo irá mudar. Ainda me sinto humana. Mas assim que chegar lá... entre minha espécie... não serei a mesma. Eu quero fazer isso enquanto ainda posso apreciar. E se eu ficar sabendo de algum vampiro saindo da linha, você será a primeira pessoa para quem ligarei.

— Se você tocar em um único ser humano vivo antes da formatura, minha palavra será anulada e inválida.

Ela revira os olhos. — Ótimo.

— Como vai conseguir sangue?

— Da mesma forma que consegui no último ano e meio. Bancos de sangue.

Temos somente um banco de sangue em Sweetwater. Ela terá que ser discreta.

— Último ano — ela diz novamente. — É só o que eu quero.

Há muito a considerar. Mamãe. Tia Gemma. O suprimento de sangue. Outros vampiros passando pela cidade. Mas as palavras de Alma ressoam em meus ouvidos. *Minha humanidade foi roubada de mim violentamente. Estou continuando da única maneira que sei*. Se um caçador estivesse por perto para salvar Alma, ela seria uma estudante normal do último ano do ensino médio agora e não saberia de nada. Como Peach. Ou Landry.

Solto sua garganta e afasto a estaca. O corpo dela afunda contra o carro. Meu punho aperta ao redor da estaca e estendo a outra mão para fecharmos nosso acordo. Isso vai ser um show de merda.

Alma pega minha mão, mas em vez de apertá-la para selar o acordo, ela me puxa para perto, nossos lábios tão próximos que sinto o gosto do seu brilho labial de cereja. — Prefiro fechar o acordo com um beijo.

Meus lábios roçam os dela e, em segundos, estou usando os quadris para prendê-la contra o carro por razões completamente diferentes daquelas de alguns momentos atrás. As mãos dela agarram minha cintura, usando minha saia de líder de torcida para me puxar ainda mais perto.

Dentro de mim, endorfinas soam como mentos em uma garrafa de Coca-Cola, como uma torcida perfeitamente sincronizada em uma noite fria. Acontece que beijar um vampiro pode ser tão bom quanto matar um.

O SLAYER Ou Quando Dissermos *Vampiro*, Vocês Dizem *Caçador!*

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Assim como os vampiros, os caçadores de vampiros tiveram muitas versões ao longo do tempo, de Van Helsing a Buffy Summers a Blade. Embora existam muitas maneiras de matar um vampiro, o caçador é o equivalente humano do vampiro, o equilíbrio para sua força, velocidade e sentidos sobrenaturais. O caçador, escolhido de maneira sobrenatural ou não, aprendeu os segredos do vampiro e sabe como ser um obstáculo ou matá-lo com estacas, qualquer que seja o caso. Nem sempre são líderes de torcida, mas tendem a ser magros (ou vibrantemente musculosos!), cisgênero e pessoas saudáveis. Na história de Julie, viajamos para o colégio, onde uma garota gorda caçadora conhece seu par em vários sentidos. E é essa bela tensão entre vampira e caçadora que torna o relacionamento delas incrível de morrer!

Qual escolhido você é? Vampiro ou caçador?

O GAROTO E O SINO

Heidi Heilig

É uma noite tempestuosa, escura e fria, o vento sussurrando tão alto nas folhas que Will quase não escuta o toque delicado do sino.

Um som incongruente no cemitério, pelo menos tarde da noite. Sob a luz forte do dia, os sinos da igreja badalam ao meio-dia, para chamar os fiéis para o culto... ou para anunciar a chegada de um novo ocupante ao jardim de ossos. Mas esse som não é o tom grave do bronze do carrilhão. Esse é mais baixo, quase petulante. O som da convocação de um servo: um som que teria feito Will dar um sobressalto em uma vida passada.

Mas isso acabou.

Ao invés disso, ele pausa, deliberadamente imóvel nas sombras profundas entre as árvores que cercam um lado do jardim. Não é fácil. Embora seu corpo esteja parado, ele não consegue desacelerar o coração. Quanto mais espera, maior o risco de ser pego. Pego e capturado, com a pá, o carrinho de mão e os calos nas mãos. É particularmente perigoso esta noite, porque o enterro é recente demais. Parentes podem ter colocado guardas para perseguir ladrões de cadáveres como ele. Mas ele prefere enfrentar a recriminação de um cidadão furioso, ou até mesmo uma surra de um parente em luto, do que responder ao sino.

Ting a ling ding, ting a ling, ting a ling. O cheiro de terra revirada é tão forte que é como um torrão de lama alojado na garganta dele, e o frio do vento do cemitério desliza os dedos gelados pelos

remendos gastos de sua jaqueta. Mas quando ele escuta o sino, uma parte dele retorna à grande casa da Cherry Street. O sussurro das folhas parece muito com o farfalhar de suas velhas saias quando ele corre e, no vento, quase pode ouvir o som agudo e fino da Sra. Esther chamando seu nome... seu antigo nome. Um nome ao qual ele nunca mais responderá.

O coração acelerado de Will não se deve somente ao medo da descoberta.

O lábio dele se torce; ele range os dentes. Muda a pá de ombro. Por fim, o sino para de tocar. Conforme o som desaparece, a voz da Sra. Esther também desaparece e Will consegue respirar novamente.

O vento cortou o véu esfarrapado da lua minguante, dando um tom prateado ao cemitério, manchando as sombras. À luz, a fonte do som é imediatamente aparente. Um pequeno carrilhão de bronze brilha como um minúsculo farol no topo de um andaime de madeira erguido acima do monte fresco de terra. Há uma corda presa ao sino que passa por uma polia e desaparece por um tubo que leva ao caixão abaixo.

Uma engenhoca estranha, mas Will a reconhece. Um desses novos dispositivos – um “caixão melhorado” – com o objetivo de alertar aos vivos caso o infeliz ocupante do caixão tenha sido enterrado vivo por engano. Will só os vira por fotos antes, desenhados em quadros-negros na universidade, onde ele negocia seu carregamento noturno por um lugar na parte de trás do anfiteatro em que ocorrem as dissecações. Nos últimos meses, a faculdade de medicina tem pegado fogo com conversas sobre pessoas enterradas vivas depois de uma série de tragédias na Pensilvânia.

O primeiro caso relatado foi o de uma menina que sofreu um novo tipo de tuberculose – definhando em um desfalecimento letárgico, ficando cada vez mais pálida até o rubor de febre nas bochechas parecer sangue na neve. Quando até mesmo isso desbotou e seu corpo esfriou, os pais dela a sepultaram no mausoléu da família. O luto ainda era recente quando seu irmão mais novo caiu no mesmo torpor. Semanas depois, quando abriram

o mausoléu para enterrá-lo ao lado da irmã, ela saiu voando em uma fúria selvagem, os olhos vermelhos e se encolhendo por causa do sol.

Alguns chamaram sua sobrevivência de milagre, mas rapidamente se tornou claro que ser sepultada viva a deixara louca. Pelo menos a família conseguiu pagar uma colocação no Asilo Kirkbride, na Filadélfia, para onde todos os ricos mandam seus loucos. E é claro que o irmão foi poupado do mesmo destino. Mas há rumores de que ele continua afetado, pela doença ou pelo sepultamento da irmã. Ele acordou do desfalecimento, mas nas semanas seguintes sofreu perda de apetite e uma insônia habitual – pelo menos, é o que afirma o médico que o trata e dá aulas duas vezes por mês na faculdade.

Outros rumores de sepultamento de vivos surgiram nesse período, alguns tão loucos que eram claramente ficção. Um corpo se dissolvendo em fumaça, um lobo envolto em uma mortalha fugindo de uma tumba aberta. Dezenas de caixões relatados vazios quando foram desenterrados para verificação… mas Will sabe o motivo disso.

Ainda assim, alunos e professores discutiam sobre as histórias de pessoas enterradas vivas tomando cerveja ou café da manhã. Os mais engenhosos entre eles sonhavam com soluções e elaboravam patentes, desde tampas de vidro até pás armazenadas ao pé do caixão, passando por torres sineiras pessoais, como essa. Existia até um projeto com uma despensa contendo maçapão, frutas em lata, linguiça e conhaque, além de um conjunto completo de utensílios para servir. Mas só os ricos podem pagar essas precauções caras. Muito mais barato pedir a um amigo para cortar sua cabeça fora antes de fechar e pregar o caixão.

Claro, com o resto do país louco por aquele romance de Stoker, esse pedido também pode chamar atenção. As discussões sobre o livro fantasioso – e a ideia do vampiro – se espalharam pela universidade também, embora os alunos levassem isso muito menos a sério do que o problema dos sepultados vivos.

Will entende o porquê. O século está terminando e, com ele, velhas formas de pensar. De ser. No brilho claro e constante de

luzes elétricas, a superstição se transforma em tolice; no cadinho do motor à combustão, falsas crenças são queimadas. E sob o bisturi e o microscópio, a forma humana se revela muito mais próxima dos animais do que dos anjos. Nos espaços secretos, o homem descobriu células, não almas. A morte tornou-se final; não existe vida eterna. Como uma metáfora, os enterrados vivos são muito mais identificáveis do que a história do vampiro.

Ting a ling, ting a ling. A convocação vem mais uma vez, trazendo Will de volta ao presente. Ele estreita os olhos. O som é muito insistente para ser o vento: há alguém se movendo naquele caixão. Alguém desesperado para sair. Mas apesar de Will estar ficando cada vez mais fascinado, tudo nele se rebela contra responder. Sua antiga vida estava morta e enterrada e ele se esforçou demais, gastou demais, chegou longe demais para ter que se sobressaltar ao som de um sino.

Por outro lado, pode haver uma recompensa em salvar uma vida. Especialmente uma cuja família podia pagar por um caixão tão caro. E com um pouco de dinheiro, talvez Will possa comprar um casaco novo, uma camisa adequada, um par de calças sem tantas manchas. O pensamento faz o coração de Will pular. Afinal, frequentemente as roupas fazem o homem.

E com um terno novo, quem sabe? Ele pode conseguir reivindicar um assento na sala de aula, algo na primeira fileira. Onde Will realmente enxergaria as dissecações em vez da parte de trás das cabeças dos outros meninos. Onde poderia assistir a anatomista desvendar os mistérios que ele tanto queria resolver: como funcionam os corpos? E por quê?

Além disso, não é essa a primeira parte de ser médico? Salvar vidas?

Ainda assim, Will não consegue se mover até o sino parar. As nuvens se fecham como cortinas ao redor da lua, ocultando a trilha dele desde os túmulos do indigente até a vala verde ao lado da igreja. A proximidade de Deus, como as precauções de sepultamento, é somente outra comodidade reservada aos ricos. O túmulo recente deixa uma cicatriz na grama, decorado por aquela

pequena torre sineira acima da lápide: MAXWELL THADDEUS HAWTHORNE, 1880–1899, FILHO AMADO.

Atrás de seus olhos, Will consegue ver o menino. Eles só se encontraram uma vez, se é que se pode chamar de encontro. A Sra. Hawthorne havia trazido o filho quando veio visitar a Sra. Esther; Maxwell atormentou o gato enquanto Will servia as duas mulheres. A chamada estridente da Sra. Esther foi ainda pior do que o elogio da Sra. Hawthorne, "*Que boa menina a sua!*", mas por pouco.

Ting a ling, ting a ling. Deliberadamente, Will desvia os olhos do sino, analisando a pedra. É surpreendentemente modesto para o descendente da família Hawthorne. Mas é claro que é somente temporário. Essa parte do cemitério é pontilhada por estátuas elaboradas – as colunas quebradas de vidas ceifadas, os anjos que choram de dor sem fim, as urnas cobertas representando a imortalidade. Qualquer que fosse o futuro de Maxwell, levaria tempo para esculpir. O pedreiro devolveria o pagamento se o ocupante da sepultura pedi-lo para si mesmo?

Will sufoca uma risada. Como se Maxwell Thaddeus Hawthorne fosse rebaixar-se a falar diretamente com um comerciante!

Por fim, o toque para. Com um grunhido, Will afasta a pá do ombro, cortando a terra com a lâmina de aço afiada. O túmulo está fresco; o solo é macio. É uma noite perfeita para roubo de túmulos, escura e amarga, o frio mantendo as pessoas honestas dentro de casa com as cortinas fechadas. Também evita o cheiro de podridão. Normalmente, Will tem um estômago forte, mas a cada poucos meses ele é atormentado por um mau humor: uma cólica em seu estômago, uma perda de energia.

Essa noite, os efeitos da menorreia estão particularmente fortes, e não demorará muito para que Will comece a suar. Ainda assim, por cima da corrente vagarosa em seu ventre, o sangue em suas veias canta enquanto ele ergue e gira, ergue e gira. Ele percebe que o ritmo acompanha as batidas do seu coração. Will está perfeitamente ciente da força absoluta do músculo do tamanho de um punho, contraindo para bombear o sangue por uma vasculatura tão complexa e ramificada quanto as raízes na terra. Em qualquer dissecação, é o coração que mais o fascina. O primeiro órgão a se

desenvolver, a sede da alma, ou assim dizem os que acreditam em almas. Aquele que nos diz o que queremos, quem somos.

O coração de Maxwell está batendo forte assim? Não com esforço, mas com medo? A claustrofobia se esgueira junto ao terror da mortalidade? Há quanto tempo ele está esperando? Ele ora enquanto puxa a corda? Rico ou não, Will começa a ter pena do garoto na caixa; mesmo assim, ele para de cavar cada vez que o sino toca.

Will sabe o momento exato em que Maxwell Thaddeus Hawthorne o escuta: o sino começa a tocar como se estivesse possuído. Mais uma vez, Will aproveita a oportunidade para recuperar o fôlego, inclinando a pá contra a lápide e empurrando os nós dos dedos na parte inferior das costas. Eventualmente, as cólicas diminuem e o sino para, e Will pega a pá novamente. Mas quase a deixa cair quando escuta a voz em seu ouvido.

— *Se apresse!*

Will se apoia na beira da sepultura; a voz havia vindo pelo tubo de ar.

— *Você está aí, cara? Por que parou?*

O tom é ainda mais autoritário do que as palavras. Para alguém que foi enterrado vivo, o jovem Sr. Hawthorne soa mais irritado do que apavorado. O sino toca mais uma vez e a pena morre no peito de Will. Por um momento, ele considera abandonar Maxwell Thaddeus Hawthorne para que ele passe o resto da noite tentando cavar a própria saída. Mas a maior parte do trabalho já está feita. Por que jogá-lo fora por rancor? Engolindo o orgulho, e lembrando-se da primeira fila da sala de aula, ele pressiona a boca no tubo e fala: — Esse tubo parece um tanto estreito. Melhor conservar o ar.

— *Como disse?* — Maxwell Thaddeus Hawthorne retruca, no tom de um homem que nunca precisou conservar na vida. — *Este caixão é o melhor do mercado.*

Os lábios de Will se curvam. Só os ricos estariam mais preocupados com a opinião pública sobre seu enterro do que com o próprio enterro. Pelo menos ele parou de tocar o maldito sino.— Não importa — Will grunhe, voltando para a pá. — É construído para garantir sobrevivência, não conversa.

— *Como sabe disso?*

— Eu sou médico — Will responde. A afirmação escapa, mais esperança do que verdade. — Ou melhor — ele acrescenta — Pretendo ser.

— *É mesmo?* — A voz ecoando no tubo parece satisfeita. — *Foi assim que me encontrou? Você ia roubar meu cadáver para a aula de anatomia?*

Will vacila com a acusação. O roubo de corpos não é tecnicamente ilegal – os políticos sabem que é um efeito colateral necessário do avanço da ciência, e há muitos médicos ricos que podem pagar para que eles olhem para o outro lado. Mas a prática é extremamente mal vista, especialmente entre os pobres, que correm o maior risco de serem anatomizados. O próprio Will já carregou muitos mendigos dos campos de barro para o anfiteatro. Viu as carnes mutiladas, os corpos exibidos em um espetáculo, cada um roubado do único descanso que lhes era garantido.

É claro, poucos ressurreicionistas são ousados o suficiente para levar o corpo de um homem rico. É por isso que aquele homem rico em particular parecia achar a ameaça da anatomização tão divertida? É um contato deslumbrante com a realidade dos plebeus? Será que ele tem disposição para continuar cooperando? — O relato de uma vítima de sepultamento em vida será muito mais interessante para os alunos — diz Will, retomando a escavação.

— *Um relato?* — A diversão na voz de Maxwell desaparece. — *Não desfilarei diante de uma sala de aula ou serei estampado em jornais.*

— Os jornais vão ficar sabendo de qualquer maneira — Will retruca. Depois do estardalhaço de um funeral da alta sociedade, uma ressurreição milagrosa será difícil de esconder. Mas a voz que sai do cano é monótona.

— *Não por você.*

A pá de Will atinge a tampa do caixão com um estalo oco. Por fim, o prêmio. Mas ele hesita, o estômago se revirando. A resposta de Maxwell soou quase como uma ameaça. O vento passa rapidamente; uma coruja grita no escuro.

— *Certamente você entende a importância da discrição* — Maxwell acrescenta então, o tom mudando mais uma vez. Desesperado agora... e promissor. — *Consegue se imaginar sendo exibido em um espetáculo? Pessoas apontando e olhando fixamente quando você passa? Tendo conversas em que as gentilezas mal conseguem esconder a curiosidade lasciva nos olhos?*

O estômago de Will sente aquela cólica de novo – não por conta de seus humores, mas por um medo compreensivo. — Consigo.

— *Farei o seu silêncio valer a pena* — a voz responde ansiosamente. Mas os dedos pálidos de Maxwell já estão remexendo na madeira rachada da tampa do caixão. — *Só me tire daqui!*

Will joga a pá na grama e se ajoelha no buraco para ajudar a abrir a tampa do caixão. Ele é mais cuidadoso do que o normal; ainda assim, Maxwell se encolhe para longe das bordas lascadas das tábuas, da terra aglomerada caindo pela abertura irregular.

Com outros pacotes noturnos, o hábito de Will é amarrar uma corda sob os ombros do cadáver e puxar o corpo flácido pelo buraco. Mas Maxwell pode subir sozinho quando o buraco for grande o bastante. Cautelosamente, ele desdobra os braços, tirando uma partícula de sujeira da lapela. — Por que demorou tanto? — o menino exige, com menos gratidão do que Will tinha esperanças, embora quase tanto quanto ele esperava. No espaço apertado do buraco estreito, a proximidade é perturbadora, ou talvez sejam as diferenças gritantes entre eles. Maxwell é mais alto, naturalmente. E seu terno é caro o suficiente para pagar por um ano na faculdade, ao passo que as flanelas surradas de Will haviam custado um dólar na loja de segunda mão, e isso foi antes de serem cobertas de lama da cabeça aos pés.

Will coloca as mãos espalmadas na borda da sepultura e se empurra para cima até que possa se empoleirar lá. Ele se sente melhor sendo capaz de olhar para o outro garoto. — Tirei você o mais rápido que pude — diz ele, com dor no estômago novamente. — É um trabalho exaustivo.

Maxwell torce os lábios com a palavra trabalho. Quando ele faz isso, a lua volta a espreitar, fazendo os dentes do menino brilharem, molhados e brancos. O escárnio é repulsivo, assim como o rosto pálido, bonito demais. Como se tivesse sido esculpido em mármore, como uma das estátuas espalhadas pelo cemitério. — Você deveria ter trazido ajuda — Maxwell repreende.

— Achei que você preferia discrição — Will o lembra. Melhor do que falar que ajuda custa dinheiro. — É importante na minha linha de negócios.

— É para ter certeza. — Com um olhar de desprezo, Maxwell estende uma palma lisa e sem calos. — Tire-me desse buraco.

Will ergue uma sobrancelha. Mas se ele se recusar a agir como o lacaio do menino, Maxwell provavelmente se lembrará mais da insolência do que da intervenção. Rangendo os dentes, Will pega a mão do menino. Então, recua com um estremecimento. — Você está gelado como a morte!

Maxwell enrijece por um momento. — Não é nenhuma surpresa. Estou deitado nesta caixa há horas.

O menino estende a mão novamente, impaciente, mas Will hesita. Ele já lidou com mais cadáveres do que deveria, e há algo muito familiar no toque úmido da pele do menino. Então, dessa vez, quando pega a mão de Maxwell, ele não o puxa para fora da cova. Em vez disso, pressiona dois dedos contra o pulso branco-azulado.

— O que é isso? — Maxwell pergunta, tentando se afastar, mas Will tem mãos fortes de cavar. Ele investiga e pressiona, procurando, mas não encontrando. — O que está fazendo?

— Checando seu pulso.

Com isso, Maxwell se afasta, mas é tarde demais. A verificação de Will pode ter sido superficial, mas o diagnóstico está se encaixando: a pele pálida, os dentes brilhantes, a notável falta de pulso. A recente onda de pessoas enterradas vivas, só que não. Afinal, aqueles corpos estavam mortos.

A mente de Will está acelerada. Não com o preço de caixas funerárias aprimoradas e a ideia de um assento na frente da sala de aula, mas com as memórias das gargalhadas estridentes dos alunos na dissecação da semana passada. O cadáver viera em dois sacos

ao invés do saco único habitual e, ao erguerem sua cabeça para mostrar os músculos da garganta, uma cabeça inteira de alho caiu sobre a mesa. Will também riu na hora. Era tudo superstição. Medo e folclore eram adequados para romancistas, não para médicos. Ou assim ele pensava, antes de envolver as mãos em volta do pulso sem vida de Maxwell.

E se o mito do vampiro é verdadeiro, o que mais? Existe uma alma dentro da célula? Há um Deus que escuta os sinos da igreja tocando?

O coração de Will está batendo tão forte que parece que ele está ouvindo-o com um estetoscópio. Ele encara o menino no túmulo, tentando resistir ao impulso de esfregar as mãos no casaco imundo. — O que você é?

— Posso te perguntar a mesma coisa. — Maxwell ergue uma sobrancelha e o escárnio está de volta. Os dentes dele parecem muito longos. Não o rictus gengival de um cadáver, mas os caninos longos e pontiagudos de um predador. — Tenho quase certeza que a faculdade não permite que *mulheres* pratiquem medicina.

Com a palavra, os olhos de Will se arregalam; seu estômago se revira com o erro. Ele se repele de novo. — Eu não sou uma mulher — ele diz entredentes, mas Maxwell apenas sorri.

— Eu consigo sentir o cheiro, sabe. O sangue. — Maxwell encolhe os ombros quando o estômago de Will se revira novamente. — Parece que a discrição pode beneficiar você mais do que a mim.

Ting a ling ting. O vento toca o sino, e as folhas tremendo soam como o farfalhar de saias. Ou isso é só um eco na cabeça de Will? E agora, em vez do assento na frente do corredor, Will se vê na mesa, seu corpo um objeto de curiosidade, os outros meninos apontando e olhando. — Você não pode contar a ninguém — ele diz e, embora o vento esteja soprando, Will se sente como se fosse ele a estar no caixão, o ar se acabando.

— Não *posso*? — Maxwell inclina a cabeça, como se nunca tivesse ouvido essas palavras na vida. — Talvez eu não conte. Pode ser útil conhecer um médico.

O tom da voz dele é irritante, a maneira como ele balança a palavra sobre a cabeça de Will. *Talvez*. A Sra. Esther costumava

fazer o mesmo. *Talvez você vá dormir depois da festa; talvez lhe compremos um vestido novo no Natal; talvez você coma depois que os convidados forem embora.* Há uma barganha envolvida – mas o que Maxwell quer? Will não tinha lido o livro de Stoker, mas ouvira o suficiente sobre ele para saber que o menino não tinha nada a temer em relação à enfermidade. — Para quê?

— Minhas refeições — Maxwell responde simplesmente. — Eu preciso comer, garota.

— Meu nome é Will. — A voz dele é um rosnado. Ele cospe o próprio nome por entre os dentes. — E se acha que vai beber meu sangue, está redondamente enganado.

— Seu sangue? — Maxwell estremece. — Eu prefiro algo mais limpo. Mais fino. O asilo em Kirkbride, talvez. O lugar é limpo e o sangue é azul. E ninguém irá acreditar em qualquer... reclamação.

— Não pretendo trabalhar com loucos — Will afirma, mas Maxwell apenas sorri.

— Mude seus planos — Maxwell retruca, tão casualmente. — Ou arrisque ser preso junto com eles pela sua *confusão*. E quem sabe? Disseram-me que minha espécie pode mudar de forma. Morcegos. Lobos. Névoa. Certamente a forma de um homem não está fora de alcance. Talvez se você me servir bem, terá o corpo que realmente deseja.

Talvez. A palavra ecoa na cabeça de Will ao mesmo tempo que Maxwell estende a mão mais uma vez, e Will não sabe dizer se é para pedir ajuda para sair da sepultura ou para fechar a barganha do diabo com um aperto de mãos. O jovem médico havia lidado com gorduras liquidificantes, órgãos em putrefação, cabelos longos que se soltam em tufos de crânios apodrecidos, mas todo o seu ser recua ao tocar a mão de Maxwell. Dane-se o dinheiro, dane-se o terno, dane-se a primeira fileira da sala de aula. — Eu tenho um corpo de homem — diz ele. — E você pode sair desse maldito buraco sozinho.

Will recua as pernas, mas a mão de Maxwell dispara mais rápido que um piscar de olhos. Unhas bem cuidadas afundam na carne do tornozelo de Will; o quadril dele estala quando o garoto rico o puxa de volta para baixo, meio dentro do buraco. Will se solta,

cambaleando para trás sobre a borda do túmulo enquanto uma chuva de terra bate na tampa do caixão oco.

— O corpo de um homem? Talvez na sua cabeça. — Maxwell afunda os dedos pálidos no solo, rastejando para fora do buraco como uma aranha. Will cambaleia para trás, tropeçando na pá. Dor sobe por suas costas quando seu cóccix atinge a grama. Maxwell rasteja em direção a ele, os olhos vermelhos brilhando ao luar. — Você corta o cabelo e veste calças esfarrapadas, mas não me engana. Sob a sujeira e o suor, seu sangue cheira a...

A frase termina em um borbulhar úmido quando Will golpeia a lâmina da pá na garganta pálida do menino. As mãos de Maxwell voam para o ferimento enquanto ele cai de costas na própria sepultura. Aquelas mãos suaves e imaculadas, agora manchadas por coágulos grossos de sangue enegrecido.

Nada vivo sangra assim.

Rugindo, Will golpeia o pescoço com a pá – uma, duas, três vezes – até a cabeça finalmente ser decepada. Assim como no livro de Stoker. Quando o cadáver por fim cai, o peito de Will se agita. Alguém ouviu a gritaria? Ou viu Will cortar a cabeça de um homem rico com uma pá? Ele pensa em correr, mas o vento aumenta. *Ting a ling, ting a ling*.

Will não vai correr ao som de um sino.

E esse corpo certamente será de interesse da universidade.

Então, apesar do medo alfinetando sua espinha e as cólicas revirando o estômago, Will retorna ao túmulo para enrolar a corda sob o ombros do cadáver. Ele puxa o corpo para fora do buraco e o enfia no saco, arrastando-o de volta para o carrinho de mão que havia deixado nas árvores. Ele tem que fazer uma segunda viagem para buscar a cabeça. Enquanto o levanta pelo cabelo, Will olha para o bochechas de alabastro – agora ainda mais esculturais em sua imobilidade – e os dentes brancos, como os caninos de um cachorro. O que o romance de Stoker dizia? Uma única mordida pode espalhar a infecção, transformando um homem vivo em um vampiro.

Will olha para os dentes, considerando tal transformação.

Mas parado lá, ele sente seu coração batendo – aquele órgão poderoso, a sede da alma em seu centro. A única coisa que diz a ele o que e quem ele é.

Um homem. E um médico. E ele quer salvar vidas, não sugá-las.

Então, ele ensaca a cabeça e a joga no carrinho. Respirando com dificuldade, ele leva seu prêmio para a universidade, parando de vez em quando para ouvir, para ter certeza de que o som do sino está somente em sua cabeça.

Ting a ling ding, ting a ling, ting a ling.

TRADIÇÕES FÚNEBRES Ou por que as pessoas não verificaram novamente os cadáveres antes de fechar o caixão?

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Existem tantas superstições antigas sobre como garantir que alguém não se torne um vampiro no túmulo! Por exemplo, você pode enterrar alguém de barriga para baixo, enfiar um dente de alho em sua boca, fincá-lo com uma estaca ou até mesmo decapitá-lo. Pense em funerais *extremos*. Mas os vitorianos levaram essas tradições a um nível totalmente novo. Em alguns casos, eles enterravam seus entes queridos com uma campainha na mão e um tubo que se estendia para dentro do caixão para que, se a pessoa acordasse, pudesse tocar a campainha para pedir ajuda. Para ser justo, eles tiveram um pequeno (muito pequeno) problema de enterrar pessoas que *pensavam* estar mortas, mas que na verdade ainda estavam um pouco vivas. Eles também tinham problemas com ladrões de corpos, ou “Homens da Ressurreição”, que entravam em cemitérios sob o manto da noite para roubar cadáveres recentemente enterrados para vender a escolas de medicina. Mas apenas os ricos podiam pagar qualquer tipo de salvaguarda. A história de Heidi pega todas essas ideias e as torna ainda mais assustadoras ao fazer a pergunta: e se a pessoa que toca a campainha não for um humano enterrado por engano, mas na verdade um vampiro *verdadeiro* e com fome?

De que outras maneiras os vampiros são um símbolo de privilégio?

SETE NOITES PARA MORRER

Tessa Gratton

Esmael me disse que garotas adolescentes são as melhores vampiras.

Parecia uma falácia, mas a gente tinha transado, então eu estava inclinada a acreditar nele.

Ele me encontrou por causa da arte pregada na parede do El Café, onde eu trabalhava. Eu levara alguns esboços e tentei colá-los nos tijolos expostos com massa, depois xinguei até que Thomas disse que se eu não descobrisse um jeito de pregá-los sem danificar a parede, talvez não merecesse ser uma artista. Pendurei um barbante do cabideiro até a estante de livros e prendi minha arte nele. Dez dólares cada. Eu fazia ela na maioria das noites que não conseguia dormir, enquanto assistia TV com as luzes apagadas ou depois da meia-noite, quando eu só conseguia ver pelos postes de fora da janela. É difícil perceber os erros dessa forma, e posso apenas esfregar meus sentimentos no papel e vendê-los como retratos de mau humor. Entendeu?

Eu sei o que estou fazendo.

Esmael chegou no final da quinta-feira, quando ficamos abertos até às sete, e era janeiro, então o sol estava muito baixo. Eu não estava lá - prefiro abrir o café, mesmo que tenha que estar lá às cinco da manhã, porque fico sozinha e só coloco tudo em ordem, sem precisar limpar. Só ligue a máquina de café expresso industrial, coloque os banquinhos e as cadeiras no chão, escolha uma estação

de streaming, faça o inventário do leite e dessas merdas e espere dona Tina trazer os muffins do dia. O sol nasce atrás do nosso bloco de lojas, então a luz meio que brilha gradualmente até por volta do meio da manhã, quando atinge o topo dos prédios e as janelas voltadas para o leste do outro lado da rua e reflete arduamente nos meus olhos, mesmo atrás do balcão.

Pelo que me contaram, Esmael pegou seu cappuccino com canela, esta espalhada contra a espuma como sangue seco, e então o segurou enquanto olhava para a minha arte. Comprou uma peça chamada *uivando* e pediu minhas informações para realmente encomendar algo. Thomas apenas disse a ele para me encontrar no início do fim de semana ou na terça-feira, quando eu começava tarde na escola e trabalhava até as nove.

Ele estava esperando no sábado quando destranquei a porta às 6h30 em ponto. Não era incomum para um cliente regular. Eu também não me importei, porque aquele vampiro era extremamente bonito. Pequeno para um cara, mas se movia como um atleta, sabe, que pode entrar em ação antes que você perceba. Ele usava jeans justos, camisa de botão e colete floral, e funcionava. Muito agradável, com a pele bonita e suave, embora pálida; cabelo loiro escuro penteado cuidadosamente para trás das orelhas; olhos verdes. Tipo, realmente verdes. Verde-oceano. Verdes como uma cauda verde de sereia. E suas mãos eram tão deliberadas. Ele tinha um estranho anel preto brilhante no dedo indicador que parecia flutuar quando ele gesticulava, ou me entregava dinheiro, e quando enfiou uma nota de dez no pote de gorjetas.

(Essa foi a primeira coisa que chamou a minha atenção como uma bandeira de aviso.)

Ele também era velho. Trinta, eu teria chutado, ou talvez vinte e cinco, até eu ver seus olhos, que o envelheceram porque ele não piscava ou olhava muito ao seu redor. . Esse olhar apenas se fixou em mim, ou na minha arte, ou no caixa. Tudo o que ele olhou, ele *olhou*.

Ele disse que gostou do meu estilo e perguntou como eu o fazia - com cinzas no escuro, eu disse - e riu baixinho, sem realmente expressar. Então ele perguntou se eu estava interessada em fazer

uma exposição em sua galeria. Nesse caso, devia passar por lá, ver o espaço e conversarmos.

Peguei meu telefone e disse: — Preciso de uma foto sua para enviar à polícia se eu desaparecer.

Quando apontei a câmera, ele sorriu, e Ave Maia, era um *sorriso*. Peguei a foto e mandei uma mensagem para Sidney: *Se eu desaparecer, esse cara chamado Esmael Abrams quer mostrar minha arte em uma galeria.* E ela me respondeu de volta: *Espero que ele queira transar* e uma linha de emojis de berinjela.

* * *

A primeira vez que ele me mordeu foi bem na virilha, e eu não dei a mínima porque ele apenas me arruinou para todos os outros caras. Não para todas as outras garotas - garotas eram melhores nisso, especialmente Sid.

De qualquer forma, acho que tinha uma veia ali embaixo.

* * *

Esta outra vampira, Seti, concordou que garotas adolescentes eram, definitivamente, as melhores vampiras, mas não pelas razões que Esmael pensava. Ela disse que é porque as adolescentes eram altamente irritadas e altamente adaptáveis, e isso é o que é preciso para sobreviver aos séculos.

Perguntei quais eram os motivos de Esmael e ele disse, "Sua arte", como se fosse óbvio. Ele se recostou contra a janela escura de seu apartamento, que era o andar todo acima a galeria (sim, ele tinha uma galeria). Sua túnica era de seda, e envolvia-o num estilo propriamente vampiresco. Ele pegou a mangueira de seu narguilé, deu uma tragada lenta e deixou a fumaça escorrer ao redor de suas pequenas presas como a porra de um dragão. (a essência era de tabaco rosa e suco de maçã, muito picante para o meu gosto.)

Seti revirou os olhos assim como a sua cabeça, fazendo, então, seus cachos cheios cor de henna vermelha caíram para a parte de trás da espreguiçadeira. Ela tinha um pé sobre a almofada e outro pressionado com força no chão de ladrilhos; ambos calçados com

coturnos. Fora isso, ela estava quase nua, exceto por shorts de veludo vermelho e uma camisola que parecia ser feita de teias de aranha. Até mesmo a luz do fogo tocava sua pele marrom-clara com cuidado, como se talvez fosse se queimar com contato. Eu realmente queria transar com ela também. Ela disse: — Esmael, você é claramente um orfã vitoriano. — Para mim, disse: — É o seu lobo frontal, não totalmente desenvolvido. Assim, você geralmente sabe quem você é, mas enfrenta grandes riscos para quase nenhuma recompensa. E as pessoas criadas como meninas neste país de merda são criadas para serem adaptáveis. Então você se torna ambiciosa - ou inútil.

Eu tinha certeza de que Seti era de algum lugar do Oriente Médio, mas há muito, muito tempo. Seu nariz era como eu imagino que o nariz da Esfinge deveria ser, e havia algo em suas sobrancelhas. Além do nome que ela estava usando. Eu pesquisei e era o nome de algum faraó. Ela era mais jovem do que Esmael, não só por, literalmente, cerca de um século, mas também por sua aparência — parecendo ter dezenove ou vinte anos. Eu perguntei a ela de onde ela era e ela disse que seu povo não existia mais, então não importava. — Eu não desperdiço essa história. Eu vou te contar se você viver até os cem anos.

★ ★ ★

Eles me deram uma escolha. Viver para sempre como uma filha da noite (sim, Esmael usou exatamente essas palavras), ou esquecê-los e viver meus dias, sejam eles quantos forem, sob o sol.

Na manhã seguinte, deitei-me ao lado de minha mãe e contei tudo a ela, apenas para desabafar. Mamãe sempre disse que falar algo pode mostrar a direção certa. Enquanto explicava tudo, eu fiquei pensando que, já que fiz tanto furdunço sobre não ter uma escolha sobre com quem eu queria dormir - nasci assim, etc., etc. - seria melhor levar essa escolha, sobre quem e o que eu queria ser, muito a sério.

★ ★ ★

— Se você pudesse viver para sempre, você viveria? — Perguntei a Sid enquanto nos espremíamos pelo corredor até nosso bloco. Quando estava muito frio, nós duas passávamos a hora no auditório com a Sra. Monroe e eu geralmente terminava minha leitura de biologia da semana. Então eu não tinha que arrastar aquele bloco de concreto em forma de livro para casa.

Sid inclinou a cabeça e puxou o cós enrolado de sua saia plissada. Eu usava a opção de calça do uniforme durante todo o inverno, mas Sid dizia que a única coisa que a fazia se sentir realmente católica era puxar a saia para cima até que todos os professores considerassem pegar uma régua para conferir se seguia as regras do uniforme. — Como um Highlander, ou um vampiro, ou em algum tipo de loop da relatividade ou algo assim? — Sid conhecia esse jogo.

— Um vampiro. — Eu não me incomodei em ser casual sobre isso, e eu a encarei como se quisesse afundar meus dentes em seu pescoço pálido.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, porque ela gostava quando eu ficava estranhamente intensa, dizia que era minha característica de artista, e empurrou a porta do auditório com o quadril. — Acho que sim. Tipo, um vampiro não tem que viver para sempre, então você pode simplesmente viver o quanto quiser. Você tem que matar pessoas?

(Eu fiz a Esmael a mesma pergunta. Ele arrastou os nós dos dedos pela minha perna nua e disse: — Não, mas você *pode*.)

Eu balancei minha cabeça para Sid.

— A única desvantagem é o sol?

Escolhemos uma fileira curva de assentos sujos de teatro antigo e nos sentamos bem longe da maioria dos alunos do terceiro ano que compartilhavam nosso bloco. — E água benta e alguns tipos de magia.

— Magia, uh, então não é algum tipo de vampiro viral, mas um tipo de demônio.

Seti e Esmael não pareciam particularmente demoníacos para mim, mas eu supus que tecnicamente era correto. — Sim.

— Eu acho que provavelmente sim, mas talvez eu queira esperar alguns anos até que eu seja maior de idade. E talvez tentar perder alguns quilinhos.

Meus olhos se arregalaram. Eu nem tinha pensado nisso. Se a transformação mantivesse meu corpo exatamente do jeito que estava, eu teria essa barriga e gordura em volta do meu sutiã para sempre.

Eu deslizei na cadeira do teatro para apoiar minha cabeça contra a parte das costas e olhar para o teto.

— Você vai viver para sempre comigo? — Sid sussurrou em meu ouvido.

Isso não fazia parte da escolha; os vampiros foram claros. Só eu, e se tentasse transformar alguém nos primeiros cinquenta anos, eles matariam a nós dois. Eu a beijei rapidamente. — Claro — eu disse. — Nós vamos mandar na noite juntas e vamos tumultuar o mundo todo.

★ ★ ★

Naquela noite, Esmael me levou para uma longa caminhada pelo Power and Light District, onde os bares compartilhavam luz neon e batidas entre si como uma linguagem de amor. Casais apáticos e grupos de caras corriam do clube para o hotel e para o estacionamento com a respiração pesada e embaçada ao redor de suas cabeças, batendo as mãos na boca, vestindo os casacos um do outro e rindo e xingando pelo ar gelado. Eu vestia uma jaqueta comprida e um cachecol, mas Esmael havia me dado seu sangue pela primeira vez e eu mal sentia o frio. Essa magia me aquecia por dentro. Sete noites seguidas, esse era o fundamento do ritual. Ele bebia de mim; Eu bebia dele. Se quebrássemos o ritual mesmo depois de seis vezes, eu ficaria doente por alguns dias, então tudo ficaria bem. Porém, humana.

Caminhamos para o norte do Sprint Center, por meio de prédios escuros no centro da cidade até que os bares ficassem mais distantes uns dos outros e o número daqueles que festejavam fosse menor do que de moradores locais que voltavam para casa ou

levavam seus cachorrinhos para fazer xixi em meio metro quadrado de grama congelada. Enfiei minha mão no cotovelo de Esmael, o que ele achou encantador, e não me importei com minhas botas batendo na calçada enquanto as dele não faziam nenhum som. Ele era uma sombra sexy e poderia me proteger de qualquer coisa.

Eu me perguntei como seria andar nesta rua sozinha e, mesmo assim, não sentir medo. Nenhuma chave pressionada entre meus dedos como soco inglês, nenhum pulso acelerado, e, se alguém me chamasse de sapatão, eu poderia mandar se fuder sem preocupações - ou melhor, rasgar suas malditas gargantas.

— Você está animada — Esmael disse suavemente.

— Há poder nisso.

— Sim. E perigo. Você deve, caso se junte a nós, aprender a pensar não apenas em sobreviver ao amanhã, mas a próxima década e século. Faça planos, uma base para a eternidade, e então você poderá viver o momento. Você pode parecer humana, mas apenas se pensar como um monstro.

— O que isso significa?

— Há câmeras por toda parte e telefones nos ouvindo. Nós sobrevivemos ao nunca sermos procurados. Se alguém quiser encontrar você - quiser encontrar um vampiro - eles o farão. Não há como se esconder neste mundo, não mais, então você deve agir como uma pessoa.

— É por isso que você tem uma galeria.

— Para que eu possa pagar impostos. E, então, estar no sistema.

— Parece chato.

Ele me deu seu sorriso verdadeiro, lindo demais para se pôr em palavras. — Nada é chato se você entender.

— Que bordão — consegui dizer. Eu estava sem fôlego com aquele sorriso.

— Imagine o que você pode fazer com uma década para aprender. Imagine sua arte daqui a cem anos, quando você já tiver morado na Tailândia, na Alemanha e em Nova Orleans. Imagine quem você pode conhecer. O que você pode experimentar.

Aproximamo-nos do Rivermarket, onde os restaurantes eram mais chiques, ou pelo menos tinham nomes com palavras como

"*gastropub*", e pensei em desenhar tudo: a angulação da luz nas vitrines à frente e o brilho da luz das estrelas - uma mais quente do que a outra. Eu poderia desenhar algo como calor? — Vale a pena o sol? — Eu perguntei suavemente.

— Você aprende a fazer seu próprio sol.

Pensei na Tailândia e em Nova Orleans, em dançar e testar minha língua em torno de novos idiomas e novos conceitos. Pensei em todo o sexo que poderia fazer. Todas as músicas que eu podia ouvir. Isso apertou meu peito.

De repente, eu estava chorando.

As lágrimas ficaram um pouco presas em meus cílios e a mancha delas já estava fria e seca quando as enxuguei.

Esmael não fez nada além de segurar minha mão.

— Leve-me até minha mãe — eu disse.

Seu suspiro foi extremamente melancólico, mas ele me levou embora conforme solicitado.

* * *

Contei à Mamãe o argumento ridículo de que pagar impostos mantinha os monstros vivos. Ela adorava isso: encontrar humor na desolação. Em vez de fazer piadas para ela, entretanto, reclamei sobre a injustiça da vida. Mamãe não amaria escutar todas as músicas do mundo e aprender todas as línguas? Era uma bosta que ela não pudesse vir a ser uma vampira comigo.

Ou em vez de mim.

* * *

Na noite seguinte do ritual, depois de tocar com um dedo o sangue no pulso de Esmael e pingar na minha língua como uma droga cara, Seti saiu comigo.

Ela disse: — Esmael é inteligente, mas eu sei como viver.

Fomos a um clube que era, literalmente, subterrâneo. Ele aparecia, às vezes, nas cavernas sob as falésias do rio, Seti explicou, e eu era, definitivamente, nova demais para ir, mas ela me levou.

Eu dancei e ofeguei, beijei e gritei e deixei aquela música chocar contra mim. Ela me deu uma dose de uma tequila cara que tinha gosto de doce de amêndoa e me deixou pressionar-me contra si como uma promessa. Quando Seti cravou as unhas na palma da minha mão, eu a acompanhei e a observei beber sangue da parte interna do cotovelo de uma mulher enquanto esta esfregava as costas em Seti. Então Seti me beijou, os lábios cheios de sangue, e foi um pouco horripilante, para ser honesta.

— Quando você for uma de nós, esse será o único sabor glorioso do mundo — ela sussurrou mais tarde, esparramada na cama de Esmael. — Eu sei que isso te enojou. Você quer ser o que anseia? Não poderá sobreviver para sempre se você se odiar.

Da cadeira perto do fogo, Esmael bufou em um leve desacordo. Naturalmente.

Eu me esparramei na cama também, minha cabeça pendurada e minhas pernas esticadas sobre as dela, mas eu ainda podia vê-lo de cabeça para baixo. Minha pulsação latejava agradavelmente no meu crânio e em alguns outros lugares.

— Por que eu? — Perguntei.

— Sua arte — Esmael disse distraidamente, olhando dramaticamente para o fogo. A mesma resposta que ele deu quando perguntei por que ele achava que garotas adolescentes eram as melhores vampiras.

— Ugh — eu disse.

Seti riu.

Esmael olhou para mim. — Acho que a arte deve ser desenvolvida. Você é boa agora, mas, como eu disse, imagine o que você pode fazer em cem anos.

De repente, Seti estava de joelhos, agachada sobre mim. Ela estendeu a mão, agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça. Seus vívidos olhos castanhos acesos de paixão. — Imagine o que você pode *mudar* em cem anos!

Sentei-me o melhor que pude, ainda em suas garras. Sua intensidade transferida para mim por meio de suas mãos, e eu senti como se estivesse tremendo à beira de algo importante.

Ela disse: — Do que você tem raiva? Podemos tornar isso melhor. Podemos moldar a história, porque podemos fazer de pouco em pouco, criança. Um coração aqui, uma mente ali, depois outra e outra - ao redor do mundo. Ter um objetivo - é assim que você sobrevive aos anos.

— Seti gosta de seduzir líderes comunitários e escrever posts de blog raivosos — disse Esmael.

Ele estava atrás de mim, mais rápido do que era humanamente possível.

— Funciona, seu fantoche pagador de impostos — Seti rosnou.

Sua mão passou pela garganta dela, fazendo-a engasgar, e ela me soltou. Eu me afastei, mas Esmael estava sorrindo. — Puta socialista — ele sibilou.

Peguei uma colcha do pé da cama e subi para o telhado enquanto a luta deles se transformava em sexo. Estava frio lá fora, mas tão claro, e o rosa no leste, a frente de toda a cidade, não era nem um pouco da cor do sangue.

★ ★ ★

Fiz uma lista para minha mãe de tudo no mundo que eu mudaria. Essa só tinha uma linha.

★ ★ ★

Na quinta noite do ritual, Esmael veio até a casa, uma casa de apenas um andar da década de 1920 a duas ruas da milionária rede de impostos que cercava meu colégio. Eu estava no meu quarto usando pastels à luz de velas que cheiravam a abetos, wassail e suco de laranja. Ele torceu o nariz em desgosto.

— Vovó deixou você entrar? — Eu perguntei, entregando-lhe o papel grosso. A maioria das pessoas pegava meu trabalho pelos cantos, com cuidado para não sujar os dedos com carvão, mas Esmael o pegou como se fosse um presente.

— Não, ela não sabe que estou aqui — disse ele pensativamente, estudando os traços de laranja escuro e preto. Era uma romã texturizada, aberta com um corte irregular. Ela sangrava

seu suco ralo, e cinco pequenas sementes estavam alinhadas na parte inferior da página, pequenas manchas de vermelho pressionadas lá pelo meu dedo mindinho. Se a luz estivesse melhor, talvez pudesse ver o fantasma das minhas impressões digitais nela. Eu esperava que sim.

Os lábios de Esmael se separaram e ele respirou, sorrindo ternamente para mim. — Muito bem, minha Perséfone, venha buscar a sua próxima semente.

Eu estendi minha mão e ele a ergueu, lambeu minha palma e respirou fundo, fazendo cócegas nos pelos finos do meu braço. Ele me puxou para mais perto e beijou meu pulso, lambendo e chupando suavemente até meus joelhos ficarem fracos e eu cravar meus dedos em seu quadril. Minha arte vibrou em sua outra mão quando ele a colocou sobre a cama e me mordeu.

Depois, ele me segurou em seu colo enquanto seu sangue varria meu sistema.

— Você não tem que dizer adeus ainda — ele murmurou. — Para qualquer um deles. Não até que você queira. Ou não até que queiram.

Isso era legal, pensei, mesmo sabendo que eu diria adeus rapidamente de qualquer forma. Uma longa morte sugada. Uma morte que você sabia que estava chegando - ou um adeus que você sabia que estava chegando - temperou tudo ao ponto de doer. Esperar para dizer adeus seria exatamente assim. Eu cerrei meus dentes para parar de pensar nisso.

— Você faz isso com frequência? — Eu perguntei de olhos fechados. Estávamos ambos na cadeira da minha escrivaninha, e a vela mais próxima de nós, que ficava nessa mesa, cheirava intensamente a árvore de Natal fresca e sem adornos.

— Sim. — Seus braços me envolveram suavemente, solidários e frios. — A maioria não vive além do primeiro ano, mas os que vivem são quase sempre mulheres jovens. Você precisa viver, eu acho, por causa do que foi negado a você. Você já está com fome, todas as garotas que conheci passaram fome - isso torna a transição mais fácil. Você sabe como viver com a fome. E raiva - Seti está certa sobre isso. Não apenas qualquer raiva, não a velha raiva masculina,

aguçada com toxicidade, mas a verdadeira raiva, o tipo que te preenche como uma luz.

Eu disse: — Não estou com raiva.

— Você está.

★ ★ ★

Abri o El Café na manhã seguinte e Sid entrou para se apoiar no balcão e flertar por cima de cafés Americanos e cálculos de última hora.

Quando meu turno acabou, ela me levou para a escola. Naquela hora da manhã, o estacionamento estava lotado, então estacionamos em uma rua lateral e avançamos pela lama até o prédio principal. — O que há de errado? — ela perguntou.

Dei de ombros. Havia tantas respostas possíveis.

Sid usava um boné de tricô puxado para baixo sobre as orelhas até que não se pudesse ver nada de seus cabelos curtos. Seu casaco era longo e suas botas altas, mas seus joelhos nus estavam rosados e rachados pela caminhada de dois minutos.

— Você está brava? — Perguntei a ela quando chegamos à ampla escadaria de arenito, parando-a com uma mão enluvada em seu ombro.

— Contigo? Eu deveria estar? — Sua sobrancelha baixou.

— Não, não, apenas - apenas no geral. Zangada com o estado do mundo. Tipo pela opressão sistêmica e patriarcado e... Pela merda que este país é.

— Claro

— Claro? — Franzi os lábios, *clara* de que, se sua resposta fosse *qualquer coisa*, a verdadeira resposta seria *não*. Eu subi os degraus e bati na porta, puxei seu peso para fora e a abri.

Sid me alcançou. — Isso é sobre sua mãe?

Eu rosnei, realmente, como a porra de um vampiro. Dentes à mostra.

— Merda — ela retrucou e passou por mim.

Enquanto ela se afastava, o balanço de sua saia curta do uniforme dizia muito claramente: *Bem, estou com raiva agora, vadia*.

Pensei em Perséfone e suas seis sementes de romã. Ela ficava com o deus da morte metade do ano e na outra metade voltava para a casa da mãe. O melhor de dois mundos. Talvez *fosse* isso que eu estava com raiva.

★ ★ ★

Naquela noite, a sexta noite, perguntei a Seti: — E se eu quiser matar alguém?

— Faça com uma ferramenta que um ser humano possa usar, para não chamar atenção. Beba, mas use uma faca na garganta.

Estremeci, imaginando se algum dia seria um monstro tão velho que poderia dizer uma coisa dessas com tanta facilidade.

— É difícil beber sangue suficiente para matar um homem adulto — ela continuou, me puxando escada abaixo para um bar clandestino. — A menos que você faça isso devagar. Raramente entramos nas grandes artérias porque são mais difíceis de controlar. Força demais e você acaba engasgando, e respingos de sangue nas roupas são suspeitos. — Ela tocou meu lábio inferior com o dedo. Com uma voz sensual, ela acrescentou: — É melhor para nós quando temos que sugar aos poucos.

Eu bufei. — Ok, então você não se deixa levar pelo prazer disso e acidentalmente drena alguém até secar. E sobre alho e cruzes e essas outras merdas?

— O alho entra na pele e no sangue e pode ser esmagador, mas não é perigoso. Cruzes, sal, água benta, essas coisas podem estar impregnadas de uma magia que atrapalhe a nossa, nos machucando, mas isso é bem raro nos dias atuais. Quase ninguém pratica mais esse tipo de magia. Apenas feitiços de proteção geral, mau-olhado e bênçãos.

— Existem, tipo, caçadores?

— Claro, mas é mais provável que você seja atingida por um raio.

— Isso nos mataria?

— Aposto que sim.

Seti encantou o segurança e roubou uma mesa, e nós nos empoleiramos em banquinhos altos, bebendo coquetéis com fumaça

em pequenos copos de cristal.

— E o sol? — Eu perguntei.

— Mortal.

— Por quê?

— Ele quebra a magia, ou mata o demônio em nosso sangue, eu acho. Você não vai explodir em chamas, mas todas as suas manchas e feridas desde que você morreu voltam com força, e você envelhece. O sol quebra o feitiço, e você estará tão morta quanto deveria.

— Luz do sol direta? Ou qualquer?

— Direta, ou estaríamos fritos sob a lua cheia também.

— Você já assistiu ao amanhecer?

— No cinema.

— Eu deveria pintar-lo enquanto posso.

Seti sorriu lentamente. — Então você decidiu?

Naquele momento, tive vontade de correr.

★ ★ ★

Quando voltamos para o apartamento da galeria, um garotinho estava lá com Esmael. Onze ou doze anos, branco com cabelo ruivo enferrujado, *angelical* é como suas bochechas são chamadas, e vestido como um adulto em jeans justos, mocassins polidos, camisa azul de botão com as mangas enroladas até os cotovelos e uma gravata azul-petróleo viva com pequenas flores amarelas.

— Este é Henry — disse Esmael, com duas manchas rosas nas bochechas, então ele estava exultante, furioso ou *muito* cheio de sangue.

O garoto curvou-se para mim como em um filme de fantasia e ergueu seus enormes olhos castanhos claros. Então ele sorriu, e as presas, que pareciam ser minúsculas na boca de Esmael, dominaram completamente os lábios delicados daquele garotinho. — Saudações, senhorita.

— Um pequeno vampirinho! — Eu não consegui evitar soar rude.

Seti bufou. Esmael tocou minha bochecha com uma mão e colocou os nós dos dedos nos cabelos levemente cacheados de

Henry. — É um sinal, querida: Henry é minha prole viva mais velha. Ele veio me ver, bem a tempo de falar com você.

— E você fala tanto que garotas adolescentes são seus maiores sucessos — eu disse, rindo um pouco. Eu estava atordoada, além de nervosa. Aqui estava uma criança, que poderia rasgar minha garganta em um estalar de dedos.

— Pessoas *criadas* como meninas foi o que eu disse exatamente — Seti me corrigiu, sorrindo. — Não é mesmo, Hen?

O menino suspirou como um velho e foi até o aparador servir um copo de uísque.

Esmael disse: — Eu vivia como padre na França no século XV - dentro da Igreja era o lugar mais seguro para monstros naquela época - e servia à família de um senhor menor. Henry, o quinto filho de meu senhor, confessou que estava zangado com Deus e morrendo de medo de crescer seios e quadris e barriga, como suas irmãs. Ele sabia que era para ser um homem, era isso que ele sonhava, várias e várias vezes, embora fosse um pecado. Eu disse: — Não posso fazer do seu corpo o de um homem, mas posso torná-lo forte como um e impedir que cresça e se torne uma mulher.

— Achei que era um milagre e o padre Samuel, um anjo — disse Henry, cheio de ironia.

Sentei-me na espreguiçadeira. Henry me trouxe seu copo de uísque e me permitiu tomar um gole. Eu encarei, e então fiz um milhão de perguntas sobre viver quase quinhentos anos como uma criança. Ele respondeu a algumas delas.

Várias horas depois, deixei Esmael me dar a sexta semente.

★ ★ ★

Eu encarei Sid na aula de Biologia, me sentindo extremamente velha. Eu me desculpei com ela, e ela deu de ombros. — Me recompense — ela disse, e eu prometi. Mas eu a encarei, imaginando o que ela diria e se sentiria minha falta por muito tempo. Seria como se eu tivesse morrido? O que qualquer um deles diria?

Minha mãe me disse que como as pessoas falam sobre você quando você está morto é o seu único legado real. Eu não queria

ouvir isso quando morresse. Eu queria, mais do que tudo, ouvir agora.

★ ★ ★

Na sétima noite - a última noite - fui ao cemitério. Foi fácil, como sempre, entrar sorrateiramente depois de escurecer.

Esmael sabia, de alguma forma, que eu iria para lá, o bastardo, e estava esperando por mim. Ele se encostou em um pequeno obelisco de granito a vários túmulos de distância do túmulo de Mamãe. O vento agitava as pontas de seu casaco e os cachos de cabelo em sua têmpora.

Eu parei, me abraçando.

— O que está te segurando? — ele murmurou. O céu noturno parecia pegar sua voz e carregá-la suavemente em minha direção.

— Ela merecia viver para sempre — sussurrei, tentando não chorar.

Por um longo tempo, Esmael não disse nada. Então ele só me deu uma palavra: — Merecia?

— Ela não estava sempre com raiva, ela não era uma vadia, ela sempre tentava ajudar as pessoas. E eu não sou nada disso, então, por que eu, por que não ela? A raiva não deveria ser a chave para a imortalidade, seu idiota. Não deveria ser compaixão ou bondade ou algo bom?

— Seti diria para usar sua raiva para tornar isso verdade. "Mude o mundo", ela diz.

— O que você diz, Esmael?

Ele se aproximou de mim, silencioso e cinza contra o céu noturno. — Eu digo que a raiva é tão valiosa quanto a compaixão, se ela faz arte como a sua.

Eu gemi, fechando minhas mãos em punhos. Eu as empurrei contra meus olhos até que vi estrelas vermelhas cintilantes.

— Esta noite — ele disse, muito perto agora, suas palavras pouco mais que um suspiro. — Esta noite é a última noite. Se você vier até mim, tudo o que tenho será seu. Do contrário, nunca mais me verá.

Embora eu não possa prometer que não vou procurar sua arte no mundo.

Eu abri meus olhos, mas ele tinha sumido.

★ ★ ★

Em setembro, envolta em um cobertor que roubamos do hospital, Mamãe disse: — Você me mantém viva, amor. — Ela estremeceu, as pálpebras finas como papel quando ela as fechou e se inclinou na poltrona. — As coisas que você diz sobre mim. Como você se lembra de mim.

— Isso é muita pressão! — Eu gritei - na verdade, gritei com ela. — Muita responsabilidade. Tenho apenas dezessete anos, Mamãe.

— Você carrega o mundo em seus ombros — ela murmurou, adormecendo. — Todos vocês fazem.

★ ★ ★

Tudo bem, eu estava com raiva.

Não, eu estava furiosa, enrolada contra a lápide de Mamãe, pernas para cima e braços abraçando-as contra meu peito. Bati minha testa contra os joelhos, com o rosto franzido.

Doía o quanto eu sentia falta dela. De verdade, dor física. E se tornar-se uma vampira mantivesse isso também? Essa dor estava *lá*, o tempo todo. Uma parte de mim, em meus ossos.

— Vai acabar com as espinhas da testa, mas não com a gordura na barriga — Seti disse quando perguntei. Ela estava rindo de mim. — A magia nos preserva como somos, no nosso ideal. Desculpe, você acha que aquele pãozinho gordinho não é ideal, mas você aprenderá melhor. Confie no sangue, na magia. O que quer que fique, te pertence.

Mas e se eu me transformasse e essa dor fosse embora? Como se *não* me pertencesse? E se a magia do sangue a arrancasse? Isso seria pior, perdê-la.

★ ★ ★

Abri a porta do apartamento da galeria lentamente e a empurrei com a ponta da minha bota de neve. Esmael esperava junto à lareira, encostado ali como um modelo de alta costura. Seti estava deitada de bruços na cama, as pernas para cima, os pés chutando lentamente para a frente e para trás. Ela sorriu para mim, triunfante.

Eu disse: — A dor é como a raiva? Vou levá-la comigo?

Esmael disse: — Venha aqui e eu vou te mostrar, em vez disso, como tudo é apenas amor.

Essa era *definitivamente* uma falácia, mas eu acreditava nela também.

MITOS DE CRIAÇÃO Ou de onde vêm os bebês vampiros?

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Como tantas criaturas sobrenaturais da noite, existem regras em torno da criação de um vampiro. Essas regras raramente são as mesmas de uma história para outra. Em algumas tradições, basta uma mordida de um vampiro e, pronto, você se torna um demônio sugador de sangue! Em outras, você tem que trocar sangue com um vampiro, em outras, uma maldição fará isso, e, em outras, ainda, se um lobo saltasse sobre sua sepultura, você se tornaria um vampiro. As histórias com as quais tendemos a estar mais familiarizados envolvem algum tipo de transformação: de humano a vampiro, de bom em mau, de vivo em morto-vivo. Às vezes, a escolha não depende de quem está passando pela transformação. O que amamos na história de Tessa é como a escolha depende totalmente de nossa heroína e como ela não precisa fazer isso em um instante, mas em um período de sete noites.

Se você pudesse escolher, gostaria de viver para sempre?

UM GUIA PARA O VAMPIRO DESI* RECÉM-TRANSFORMADO

Samira Ahmed



Salaam, namaste e olá, meu caro amigo.

Pare.

Independente do que for fazer, NÃO SAIA.

Sente.

Feche seus olhos. Descanse sua mente.[Veja: Meditação 101: Dicas, Truques e Ferramentas para Iniciantes.]

Agora, respire. (Não literalmente, mas veremos isso mais tarde.)

Você está confuso. Sua memória está nebulosa. Você sente que é um dia, como aqueles que você deveria estar se arrumando para a escola, mas você não está em casa. Você está numa cabana ou num depósito escuro e sem janelas. Nós sabemos. Colocamos você aqui. Salvamos sua vida. (De nada.)

Durante toda sua vida, lhe disseram para não dar ouvidos a estranhos. E vamos ser sinceros, não pode ficar mais esquisito que isso. Mas confie na gente. A única coisa que você tem a perder é você mesmo.

Vamos começar de novo, do jeito certo.

Parabéns! Mubarak! Badhaaee ho!

Você é um vampiro agora. Bem-vindo à vida pós-morte!

Gostaríamos de poder trazer barfi, gulab jamun e outros doces e colocar guirlandas de jasmim e rosa em seu pescoço, mas não há tempo para isso.

Além disso, seu pescoço provavelmente dói ou coça um pouco. A noite passada está como um borrão. Você não se lembra onde dormiu. Sua última memória nítida é daquele turista britânico de pele clara – você sabe, o Angrez que lhe pediu direções ou dicas sobre o melhor lugar para conseguir "chá chai" (isso o fez estremecer, mas você não o corrigiu porque quem tem tempo para isso) ou para pronunciar a bebida que segurava em “indiano”, e você murmurou, bem devagar: *CO-CA CO-LA*. Está voltando? Bom. Segure-se nisso – você se lembrará de mais em breve.

Você provavelmente também está em pânico porque ficou fora de casa depois do horário e sua ummi vai matá-lo. Boas notícias: tecnicamente, você já está morto! Isso pode muito bem diminuir a ferocidade das ameaças de sua mãe. (Hahaha, isso é uma piada – não é como se algo tão banal quanto a morte pudesse poupar você da ira dela por chegar depois do horário. Por favor.)

Más notícias: já que você tem que evitar o sol (sim, essa parte é verdade), você provavelmente vai passar muito mais tempo em casa com seus pais, que estarão resmungando baixinho sobre carma, destino ou como você provavelmente nunca será um cirurgião cardíaco importante agora, porque nenhum hospital agenda revascularização miocárdica quádrupla no meio da noite. Ser

advogado também está fora de cogitação, pelo menos por enquanto. (Ninguém quer um defensor que só possa trabalhar após o pôr do sol. Os tribunais ainda não estão nem abertos.) Aviso justo, provavelmente haverá um coro persistente de seus pais de *ay ay ay* ou *tobah tobah tobah* para expressar sua vergonha e definitivamente um monte de *mas como vamos aparecer em público novamente*?

Você provavelmente está desejando que sua última refeição como humano fosse uma boca cheia de um biryani delicioso, em vez de, digamos, aquele pani puri (ou qualquer que seja o nome que você dá aos bolinhos de massa fritos recheados e crocantes que definem nossa rua de comida) muito aguado e ligeiramente suspeito que você pegou naquela barraca de comida meio duvidosa na praia de Juhu ou no Sultan Bazaar. Você é um local; deveria saber melhor – não tinha ninguém na fila! Mas você imaginou que poderia arriscar porque o vindaloo de frango intensamente apimentado de sua khala jaan não é nada se não uma maneira infalível de desenvolver um estômago de ferro. Frustrado de novo.

Entendemos. Você está confuso. Nós também. Uma vez. Há muito, muito tempo atrás. Em uma galáxia muito, muito distante. Brincando! Não somos alienígenas. Você tem que relaxar. Você aprenderá que o senso de humor o ajudará muito em sua jornada na vida pós-morte de seu vampiro desi. Exatamente como quando você era um velho humano desi normal.

Uma galáxia muito, muito distante.

Suspiro. Preciso de um momento para relembrar sobre o jovem Luke Skywalker, nosso primeiro crush por menino branco, que persiste mesmo que ele seja velho e grisalho e ainda tenhamos uma beleza sem rugas. Um amor como esse nunca morre.

Desculpe. Sou facilmente distraída por visões de Luke nos pegando em seus braços e nos balançando através daquele abismo gigante para escaparmos dos Stormtroopers que avançam.

Onde nós estávamos? Certo. Éramos exatamente como você! Nós também desejamos que nossa última noite humana tivesse sido passada no Taj Lake Palace sendo banhado com pétalas de rosa como um turista muito fresco (que pensa que está experimentando a

“Índia de verdade”) em vez de comprar uma nova lota para o banheiro de nossa nanni. Não estou dizendo que era exatamente o que estávamos fazendo. É apenas um exemplo. Mas escolher o recipiente de água de latão perfeito para higiene pessoal é extremamente importante. E alguém tem que comprá-los. Você pode se sentir invencível, mas para sua informação, você ainda precisa de uma lota.

Não importa. Você é imortal agora! O mundo é o seu Koh-i-Noor (mesmo que os britânicos o tenham roubado). E é claro que você tem perguntas, especialmente desde que seu senhor o abandonou. Ele não esperou para, ah, você sabe, assumir qualquer responsabilidade pessoal ou se explicar ou talvez até mesmo se desculpar por violar todas as regras de etiqueta vampírica. O desgraçado.

Normalmente gostamos de ser organizados com esse tipo de coisa, mas em nossa experiência, há perguntas urgentes que todo vampiro bebê tem, então vamos tirar algumas do seu caminho para aliviar sua mente:

Eu sou o Drácula agora? Não, dã, aquele cara era pálido pra caramba. Sua melanina não desaparece magicamente por causa do vampirismo.

Eu tenho que parar de comer dosas e chaat porque beber sangue é meu único sustento? Provavelmente, mas ainda há esperança. [Clique aqui para ir para O que você deve comer?]

Ainda posso morar em casa? obviamente. Você tem o quê, dezessete? Dezoito? E você não é casado, certo? Então, onde mais você moraria? Você está tentando causar um ataque cardíaco em sua mãe? Bem, outro? Mas não se preocupe, a casa da sua família não é para sempre. [VER: Hamara Ghar: Novos lares para novos vampiros] Assim que você colocar suas pernas de vampiro pra baixo, você pode voar.

Posso voar? Somente em voos comerciais, mas não sugiro. Ah, espera, você quis dizer voar como o

Superman? Não, obviamente não – você se tornou um vampiro, não um kryptoniano.

Eu brilho na luz? Seriamente. Não. O sol vai te matar. Morto. Puff. Desaparecido. Fica fora disso.

[Também estamos aqui para suas perguntas específicas. Toque para bater papo.]

Você pode estar amaldiçoando bastante a sua vida agora, mas não há razão para se desesperar; não é uma tragédia. Esta não é a Mãe Índia. O que quer dizer que você não viu esse filme? É um clássico. Não importa, você tem todo o tempo do mundo para se atualizar com os filmes que perdeu. Literalmente. Hello, re-assista todos os mais de oitenta filmes de Shah Rukh Khan. Mime-se.

De qualquer forma, estamos divagando. (Se você se atrever a chamar o rei Khan de uma mera digressão.)

Este folheto prático é seu guia de campo, seu roteiro, seu livro de receitas. Estamos aqui para separar o mito da realidade.

Vampiros, zindabad!

QUEM SOMOS NÓS?

Não estamos tentando ser existenciais aqui. Porém, uma transformação durante a noite em um mortos-vivo “demoníaco” é nada se não motivo para ter uma longa discussão sobre a natureza da existência, mas temos tempo para isso mais tarde. Além disso, observe que nos ressentimos com o uso da palavra *demoníaco* ou *demônio*. É marginalizado, depreciativo e totalmente errado. O Ocidente pode manter sua terminologia estratificadora; caímos 100% no lado do sistema de castas anti-espécies. Por enquanto, vamos viver no reino do literal. Falando figurativamente.

Nos chame de Gumnaam.

Isso mesmo. Anônimos. Mas não *aquele* Anonymous. Não vamos fazer um exposed de você. A menos que você realmente mereça. Somos uma cooperativa. Pense em nós como suas tias legais que estão sempre prontas para te emprestar uma nota de duas mil rupias. Exceto neste caso, as rúpias são conselhos. Na verdade, não vamos lhe dar nenhum dinheiro. E não somos tecnicamente

suas tias. Na verdade, somos adolescentes, como você. Mas somos adolescentes há décadas, alguns de nós ainda mais, então nossas referências à cultura pop às vezes estão erradas. Não critique. Um dia você será a gente.

E, não, nem todos os vampiros desi são adolescentes. Nós procuramos você. Cada vez que um adolescente desi é transformado, nossa tecnologia ***Vampersand™ (Conectando os vampiros bebês à comunidade desde 2014!)*** manda um sinal da sua localização e alguém é enviado para movê-lo para uma situação segura, ou mais segura. Porque não podemos exatamente ter você acordando no Portal da Índia ou no Taj Mahal ou no Charminar como um novo vampiro bebê. Você destruiria o lugar. Agora, nós sabemos o que você está pensando, eu *nunca baixei* ***Vampersand™***. Claro que não. É um spyware anexado a todos os aplicativos de redes sociais do seu telefone. Inteligente, né? Somos gênios da tecnologia. Quero dizer, nós somos indianos. Mark Zuckerberg continua tentando roubar nosso pessoal de TI. Podemos ser sugadores de sangue, mas não somos fascistas. Desculpe. Dessa vez não, Zuck.

Portanto, aqui está uma regra importante. Desde os Acordos de Paris de 1975, a Lei Internacional do Vampiro proíbe a transformação de indivíduos com menos de dezesseis anos. Mas os regulamentos da Índia, na verdade em todo o sul da Ásia, vão além. Os vampiros Desi não transformam ninguém com menos de dezoito anos. A dura verdade é que você é um vampiro menor de idade, e um turista britânico Angrez provavelmente o transformou. Ilegalmente. Desde o Brexit, tem havido um aumento de transformações ilegais. O Conselho Britânico dos Vampiros não consegue manter seus irmãos em ordem. Há reclamações por toda Ásia sobre turistas vampiros Angrez desrespeitando a lei e tomando muita liberdade. Sem surpresa, certo? Eles sempre tiveram problemas em respeitar a soberania de outras nações. Colonialismo: sugando seu país e deixando você sangrar desde 1600! E eles nos chamam de vampiros.

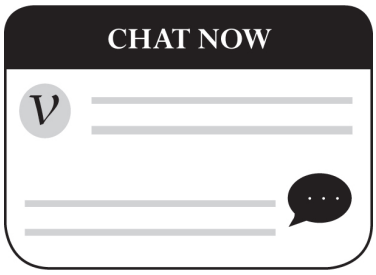
As coisas ficaram tão fora de controle que recentemente os vampiros britânicos Negros, Asiáticos e de Minorias Étnicas (você

sabe, NAME!) se separaram – formaram sua própria coligação para aderir aos acordos internacionais, mesmo que sua nação falhe nisso. E a gente vai falar? Eles se separaram do Conselho Britânico de Vampiros por causa de sua insistência em políticas enraizadas no imperialismo, orientalismo e uma infeliz intolerância à comida picante. Você pode até cruzar o caminho com um vampiro NAME justiceiro tentando impedir as sirenes ilegais. Eles são basicamente fodões com sotaques adoráveis.

Muito texto, deu sede: Gumnaam está aqui para você.

Nós nos reunimos quando percebemos que não é só um eventual vampiro bêbado violando a lei; é uma tendência preocupante. Não houve novos vampiros adolescentes por décadas, e os mais antigos geralmente são reservados e, bem, mais ou menos como aquele tio-avô que sempre pede ajuda com seu telefone porque o sistema operacional atualizou, e também apagou acidentalmente seus dados e agora não consegue encontrar as mil fotos borradas que ele tirou no casamento de fulano.

Entramos nesse vácuo! Estamos aqui para responder às suas perguntas, porém o mais importante, para ser sua comunidade. Para que você saiba que não está sozinho. Vampiros desi Saath Saath.



QUEM É VOCÊ?

Bem, além de um vampiro recém-transformado. Todos vocês são de religiões diferentes, ou talvez nem tenha uma. Vocês falam idiomas diferentes. Vocês são de regiões diferentes. Alguns de vocês podem pensar que suas almas foram condenadas. Alguns de vocês podem acreditar que, de alguma forma, não são desnaturados. Que você é uma das antigas criaturas sobrenaturais dos mitos e religiões desi.

Vamos esclarecer as coisas.

Você não é um gênio – eles são metamorfos feitos de fogo sem fumaça.

Você não é um Rakshasa – muitos deles também mudam de forma, nascidos da respiração de Brahma, guerreiros.

Você não é um ghul – ok, eles são considerados mortos-vivos também, mas são mais comedores de carne do que sugadores de sangue. Além disso, eles têm essa excelente habilidade de serem capazes de assumir a forma da pessoa que comeram mais recentemente. E eles também são metamorfos! Aparentemente, toda essa região é forte em metamorfos. Infelizmente, você não pode fazer isso. Queria que pudéssemos.

Você não é um demônio. Lembre-se de que repudiamos essa calúnia e teoria. Sua alma não foi devorada por uma entidade maligna – tipo, você não foi subitamente transformado num CEO americano bilionário que pensa que pode comandar um país ou um capitalista sugador de vida que voa em seu jato particular para Davos para reclamar do aquecimento global e não entende a ironia. Você é um vampiro.

Você é o que sempre foi. Se você fosse um nerd estudioso em sua vida humana, adivinhe? Você ainda é! E muito bem por ter estudado tanto para as provas finais do Ensino Médio. Se parece que tudo foi em vão, não se preocupe! Estamos trabalhando com o ministro da educação para permitir que você faça as provas, mesmo que não haja uma faculdade que possa ir. Ainda. Se você era uma pessoa matinal que amava acordar cedo mais que tudo e correr ao amanhecer, sentimos muito. Vai ser uma merda por um tempo, e não de um jeito bom.

Os vampiros são criaturas da noite – a luz do sol não é nossa amiga. Muitos de nós dormimos, lemos durante o dia ou tentamos organizar o inferno do armário de temperos da cozinha antes que nossas mães nos digam que o garam masala vencido há sete anos em algum pacote de plástico turvo ainda está bom, muito obrigado. Ou abane nossos daddis ou nannis no calor escaldante com aquele pankha vintage bordado à mão que eles têm desde antes dos carros serem inventados. E não podemos enfatizar o quão crucial as suas

habilidades de se esquivar serão agora, já que você ficará em casa o dia todo e, sem dúvida, estará morrendo de vontade de fugir das diversas tarefas "especiais" que seus pais reservaram para você. “Beta, já que você está preso aqui dentro de qualquer maneira...” é um refrão com o qual você se tornará dolorosamente familiar.

Estamos brincando, mas, honestamente, conselho de um sábio: se você era um dacoit vagabundo, inútil, sem vergonha e sem respeito pelos mais velhos em sua antiga vida, ponha ele pra fora. Você provavelmente vai ser muito pior agora, e esta comunidade não precisa de mais drama ou banditismo.

Você é um imortal. E isso pode ser maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. Seu mundo virou de cabeça para baixo. Dia é noite. Muitos daqueles que você amava irão evitá-lo. Vão chamá-lo de intocável. Mas há um mundo para você descobrir – onde o tempo não é mais seu inimigo. Exceto quando se trata de todos os mortais que você ama, que morrerão de velhice.

Correção: o tempo não é mais o inimigo de sua vaidade pessoal. Ainda é um ladrão. Mas pelo menos não roubará sua beleza. E, querido, você é um arraso.

O QUE VOCÊ DEVE COMER?

Seu colonizador.

MAS VOCÊ ESTÁ COM FOME AGORA

Claro que você está. Está vendo aquela garrafa térmica perto de você? A prateada com a palavra *Gumnaam* sobreposta a um contorno verde do Sul da Ásia? Beba. Agora. É sangue. Você provavelmente está enojado e intensamente atraído por essa ideia. A vida de vampiro não é nada se não cheia de contradições. Então, basicamente, não é diferente da vida humana. Confie em nós, beba. E não matamos por isso; foi doado. Voluntariamente, por aliados.

Assim como este panfleto útil, a garrafa térmica veio até você por meio do ***Vampersand™*** e de nossa incrível rede de wallahs de sangue modelada a partir dos wallahs de tiffin.

[Ver: Valores nutricionais relativos por tipo sanguíneo]

Ei, é um sistema seis sigma. Não mexa em tiffin que está ganhando. (Não revire os olhos. A alegria dos trocadilhos é para sempre.)

MAS, REALMENTE, VAMOS FALAR DE COMIDA

Muitos de vocês são vegetarianos. Muitos de vocês continuam halal. Alguns de vocês vivem de acordo com os princípios da ahimsa: sem ferir, sem causar danos. Cada coisa viva tem a centelha do divino. Independentemente de sua religião ou crenças pessoais, é simplesmente um fato que, sendo uma família desi, você provavelmente chegava para as refeições com as virtudes da moderação – coma o que é simples e natural. A menos que seja um casamento, que, obviamente, a moderação NÃO se aplica.

Realmente odiamos ser portadores de más notícias, especialmente quando não estamos lá para suavizar o golpe com um pouco de manga lassis recém-batida ou para acalmá-lo com uma performance de nossa canção de ninar favorita, "Chanda Hai Tu", mas é de dia, por isso lamentamos não poder estar com você. Mas os vampiros se desenvolvem matando pessoas. Mordendo-os no pescoço e sugando seu sangue. Você notou os dentes afiados, né?

Você vai querer fazer isso. E provavelmente você também está lutando contra isso. Você está em guerra consigo mesmo. Nós entendemos. Não é justo. Você não deveria ter que negar a essência de quem você é. Você pode subsistir com sangue animal, mas cada parte de você será atraída pelo sangue humano, e um dia você estará se sentindo extremamente faminto e não será mais capaz de lutar contra isso. E vai se sentir culpado. Realmente culpado. Nós sabemos. Estivemos lá.

Uma breve pausa para esta nota dos escritores

Conheça esta regra inquebrável: Nenhum bebê. Nenhum menor de idade. Nenhum pobre
Ninguém que foi jogado nas ruas e marginalizado.
Não faça o que foi feito para você.

Lembra-se da forma desi de nutrição? Coma o que estiver disponível, causando o mínimo de dano possível ao meio ambiente. A sua memória da noite passada está ficando mais clara agora? O que aconteceu? Quem fez isso com você, sem o seu consentimento? Lembra do turista britânico? Aquele que parecia muito pálido e provavelmente estava vestido com algum tipo de kurta com jeans e chappals de borracha pensando que estavam se misturando? Até parece.

Agora você entende? Sua principal diretriz alimentar: Coma os colonizadores primeiro.

Aqui está um fato simples e inegável: turistas britânicos brancos estão prontamente disponíveis. Para ser claro, queremos dizer britânicos *Britash*: o Angrez. (Não é como se *eles* pensassem em mais ninguém como britânico, de qualquer maneira. 🙄) Você já esteve em Baga Beach nas férias de inverno? Eles estão praticamente tropeçando um no outro no sábado à noite do Mackie's Bazaar, tentando pechinchar com um pobre vendedor de bugigangas quase à beira da morte. Ou no Taj Mahal, durante, ah, literalmente qualquer estação, empurrando uns aos outros para conseguir o encaixe perfeito de “Toque no Taj” e de alguma forma esquecendo que é na verdade uma tumba – o local do descanso final de uma rainha e seu amado. Imagine como eles reagiriam se milhares de desis aparecessem no túmulo de Churchill, de ressaca e reclamando do estômago de Delhi. Obviamente, isso é hipotético; sabemos que nenhum de vocês iria lá, a menos que fosse para cuspir no túmulo do homem que deixou alguns milhões de bengalis mortos de fome.

Mas estamos divagando.

O Des está repleto de turistas Angrez, e sugerimos que, após alguns momentos de observação cautelosa, você escolha aquele que seja mais desagradável. O vândalo. Aquele que está mais bêbado e mais rude do que todos os outros. Aquele que é ouvido reclamando em voz alta sobre como as condições anti-higiênicas são ou como é incivilizado para as pessoas comerem com as mãos

ou como os britânicos fizeram um favor (!) à Índia ao colonizá-la. Você sabe quais queremos dizer. Confiamos no seu julgamento.

Você pode estar se perguntando como irá atrás de suas vítimas. Essa é realmente a parte fácil. Ligue o seu charme. Prometa-lhes um acordo. Mostre a eles um caminho para a melhor loja de bhang lassi. Diga a eles que você conhece o melhor cigarro de beedi da vizinhança. Atraia-os e deixe seu instinto assumir o controle. Você já passou a língua nos dentes? Notou que seus caninos parecem extremamente pontudos? Voilà! Deixe sua bandeira de vampiro voar!

MAS.

A última coisa de que precisamos é que os vampiros turistas invadam a Índia. E, sim, se você morder um humano e beber um pouco de seu sangue, seu vampirismo se espalha (enzimas transferidas do contato direto da saliva com o sangue) e você os transforma. E, claramente, não é sustentável se continuarmos gerando mais e mais vampiros que, por sua vez, diminuem a população humana, eventualmente levando a apenas vampiros, que morrerão de fome. Nós não queremos isso. Especialmente com os Angrez, porque então acabaríamos recolonizando o Sul da Ásia com os mortos-vivos britânicos.

Não. Uma regra simples a seguir é esta: se você for atrás de um, deve chupar todo o seu sangue. Todos os cinco litros. Não será fácil, nem deveria ser. Você viveu sua vida pacificamente, provavelmente de forma não violenta, até este momento. Até a ideia de tirar uma vida pode ser repugnante para você. Afinal, não foi isso que o colocou nessa situação? Sua vida violada; sua escolha tirada. Você pode não querer perpetuar o ciclo. Mas você pode não ter escolha.

Precisamos salientar bem o seguinte: não completar a tarefa, simplesmente beber, digamos, um litro para se saciar, só garantirá um novo vampiro bebê. Então você precisa matá-los. Mortos. Acha que cinco litros é demais? Sugerimos trabalhar em pares, caso você esteja preocupado em não conseguir beber os cinco litros inteiros. Além disso, se você encontrar algum vampiro neocolonial britânico de férias, talvez não queira confrontá-lo sozinho. Eles frequentemente vagam em bandos de saqueadores, como se seu

time de futebol tivesse acabado de perder e eles estão em busca de vingança. Portanto, formar pares é prático. Segurança no grupo e tudo mais. O aplicativo ***Vampersand™*** tem um conveniente recurso "Encontre seus amigos", que já ativamos para você, então ao anoitecer, vá em frente e localize seu novo melhor amigo mais próximo. (Quer experimentar? Vai, só não saia, sabe, se ainda for dia.)

Queremos prepará-lo para uma coisa: alguns turistas Angrez são sem sabor pra caramba. São aqueles criados numa culinária nacional que inclui grandes sucessos como feijão na torrada e onde o sal é o principal tempero. (Alguém realmente precisa dizer a eles que é um mineral e não tempero.) Ao lado de sua garrafa térmica, você notará um pequeno pacote de tempero. Antes de beber, sugerimos balançar um pouco disso na língua; fará com que o sangue desça muito mais facilmente. Sinta-se à vontade para mudar as especiarias! Viva o melhor da vida!

Ainda está ouvindo a voz em sua cabeça dizendo que matar é errado? Mas também se sentindo incapaz de negar sua sede por sangue? Não se preocupe, estamos trabalhando numa solução – uma resposta menos humana aos seus desejos. Vários de seus colegas vampiros, que são ex-alunos dos ilustres Institutos Indianos de Tecnologia, estão trabalhando em parceria com a Universidade Nacional de Ciências e Tecnologia do Paquistão para criar um sangue sintético. Os primeiros protótipos se mostraram muito ácidos ou amargos. Portanto, nossos cientistas estão trabalhando noite e dia (literalmente!) para aperfeiçoar a fórmula. O nome desta maravilha moderna – espere por isso: Rooh Afza. É grosso. É melado. Parece sangue de qualquer maneira. Só não misture o original com o nosso falsificado. E será muito menos suspeito nos Vampmarts que surgirá em breve. 😜 Não precisa se desesperar. Você terá opções logo, logo. Mas até então, beber o sangue é seu salva-vidas. Você está fazendo isso por sua equipe e salvando seus companheiros desis do destino verdadeiramente terrível de ouvir um turista Angrez tentar pronunciar *namaste* ou *as-salaam alaikum* enquanto ferra totalmente os gestos de mão que os acompanham.

TIA CASAMENTEIRA

Se você acha que ser transformado em um vampiro vai lhe fornecer uma desculpa conveniente para evitar a pergunta eternamente temida – Beta, quando *você vai se casar?* – você está prestes a ficar desapontado. Talvez você não tenha um perfil no shaadi.com, mas a rede de tias imortais está viva e forte, porque ser morto-vivo nunca impediu uma tia decidida a casar todos.

Está certo. Você pode ser um vampiro adolescente, erroneamente transformado, mas existem muitos vampiros de meia-idade que estão por aí há anos – imagine ter décadas para aprimorar o apertar as bochechas e a arte do tom desi entregue como um ladoo com xarope doce. Imagine ser capaz de dar o olhar de desprezo da tia de meia-idade *para sempre*. Novos vampiros são festejados e bajulados porque representam sangue novo. Novos projetos. E qual o maior projeto do que casar os mortos-vivos.

Agora, é verdade. Você não tem idade para se casar. Ainda. Mas, daqui a alguns anos, quando seria a sua época de faculdade, você começará a ser perguntado. Formulários de biodata com fotos de estranhos elegíveis aparecerão misteriosamente em sua mesa de cabeceira ou desktop. A vantagem? Você nunca mais terá que se preocupar com alguém editando as fotos para parecer mais jovem. *Porque nunca envelhecemos.* Você é o sonho de uma tia casamenteira! Nem importa se você não é médico. Até quando você for velho, você ainda será jovem e bonito. E acredite em nós, se você não encontrar uma parceira adequada logo, isso não desencoraja a rede de tias porque você é elegível... Para sempre! Se esse pensamento faz você correr para as montanhas, não se preocupe. Há um ashram no sopé do Himalaia, para todas as denominações, para jovens vampiros que precisam apenas fugir. Existem até passagens noturnas especiais do trenzinho para levá-lo até lá. Entendemos você.

Se acontecer de você encontrar o seu par perfeito, então o casamento desi dos seus sonhos pode ser seu. A menos que seu sonho seja o casamento de Priyanka e Nick, nesse caso, desculpe, não há como replicar aquele nível de épico. Mas existe um mundo inteiro de designers de casamento, joalheiros e floristas que estão

prontos para atendê-lo. Perto de Chandni Chowk em Delhi e a Rua Juhu Tara em Bombaim estão prósperos mercados noturnos, escondidos dos olhos mortais por antigos encantamentos mantidos no lugar por tântricas Mayong parceiras dos vampiros. (Aviso: você é um vampiro bebê, então fique longe das magias. Por enquanto. Elas são poderosas e não devem ser tratadas com leviandade. Você já é eterno; não é mágica suficiente?)

Imagine o casamento desi mais magnífico que você já foi – algum palácio no Rajastão, talvez? Uma casa-barco em Kerala? Uma tenda colorida ao ar livre em Shimla? Milhares de pétalas de flores vibrantes dispostas em redemoinhos ombré alinhando a estrada da cerimônia. Mehendi tão intrincado que parece renda. Zaiwar repleto de jóias. Tudo isso ainda pode ser seu. Se você quiser. E só *se*. Sim, as tias vão te bajular, mas isso é coisa delas. Você ainda tem uma escolha e é só sua.

AGORA O QUÊ?

Você tem o básico. Comida. Comunidade. Casamento. Fique longe do sol. O colonialismo é o verdadeiro sugador de sangue, etc. Agora o que você faz? Tipo, literalmente agora.

Encontre sua galera. Espalhe a sua verdade. Viva sua vida.

Não pretendemos pirar com isso. Bem, nós piramos, um pouco. Tentamos suavizar o golpe com sarcasmo e trocadilhos. A questão é que é difícil viver a sua vida. Foi difícil antes disso. É difícil agora. Você não pediu por isso. Foi imposto a você. Talvez, se pudesse escolher, *essa* teria sido a sua escolha. A imortalidade é uma droga e tanto. Mas o fato é que você não teve escolha. E agora tudo que lhe resta é continuar vivendo. Seguindo em frente. Ou encontrar o seu senhor e exigir vingança, deixando-o queimar ao sol. Colocar uma estaca em seu coração e decapitação serve também. Então, realmente, tire o melhor proveito disso, como quiser. Apoiamos suas escolhas.

Nota de rodapé

Se você não quiser seguir a rota tradicional de troca de dados pelas tias, a ***Vampersand***™ contratou a TrulyMadly para criar uma comunidade protegida por senha apenas para vampiros em seu site. Sua vida pode pensar que sua vida acabou, mas você ainda pode deslizar para a esquerda ou direita de acordo com o seu coração que já não bate mais.

E você *ainda* tem escolhas. Seu futuro não está escrito. Você tem o poder de fazer isso. Na verdade, talvez mais do que nunca.

Falando sério? Você ainda tem os mesmos sentimentos de antes. Eles não desapareceram. Lembra do que dissemos? Você não é um demônio. Você ainda é você. Apenas com mais desejo por sangue e imortal. Mas, no fundo, você é o que sempre foi. E este momento, agora, pode ser assustador. E comovente. E enfurecedor. Mesmo que o potencial para o amanhã seja infinito. Mesmo que amanhã você se sinta livre e possa viver uma vida sem restrições. Hoje, algo foi tirado de você que ainda não estava pronto para abrir mão. Família e amigos. Amores, novos e antigos. Sonhos. Tudo isso vai mudar. Todos eles morrerão. O tempo continua mesmo quando você tenha parado. Onde uma vez você pode ter se sentido cercado, às vezes sufocado, por sua família barulhenta, irritante, intrometida, linda e amorosa, agora você está sozinho. Não é mais humano. Insultado e incompreendido por muitos. Mas você não está abandonado. Você está aqui. Então estamos também. Nós entendemos você. Acreditamos em você. Você é suficiente.

Quando sair deste lugar, saia para a quietude do fim da noite pela primeira vez, renasça. Aprecie as ruas brilhantes e em ruínas ao seu redor. Olhe para a noite negra como tinta. Está escuro. E cheio de diamantes.

E você, querido, é feito de poeira estelar.

VAMPIRISMO Ou é possível que os vampiros sejam reais?

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Durante a boa e velha idade das trevas e além, era surpreendentemente fácil confundir uma doença com uma aflição sobrenatural. As histórias de vampiros e doenças têm uma relação estreita. Um monte de gente adoeceu e morreu? Existe um vampiro entre nós! O corpo da jovem Vânia não se decompôs durante um inverno particularmente frio? Ela deve ser uma vampira! Pegue a estaca antes que ela espalhe seu vampirismo! Uma doença rara que agora conhecemos como porfiria já foi conhecida como “síndrome do vampiro” porque qualquer pessoa que a tivesse poderia desenvolver sensibilidade à luz e ficar pálido. Eles podem até desejar sangue. Do mesmo jeito, as vítimas da tuberculose e da peste bubônica poderiam estar tão perto da morte que foram enterradas (ou jogadas em valas comuns). Mais tarde, não estando realmente mortas, quando lentamente se levantavam de seus túmulos, as testemunhas poderiam alegar ter visto um vampiro! Samira levou essa ideia do vampirismo como uma doença um passo adiante e a juntou ao colonialismo. Se uma doença é a presença de algo que ataca o corpo, então os colonizadores certamente deveriam ser levados em conta! (Estamos olhando para você, Império Britânico!) (Ok, ok, ok, estamos olhando para os antepassados dos EUA também.) Desse modo, os vampiros são, definitivamente, 100 por cento de verdade.

De que outra forma você poderia interpretar a metáfora do vampiro?

EM ESPÉCIE

Kayla Whaley

A GAZETA DE CARVALHO SOMBRIO

Pai Local Desempenhou Papel Na Morte Trágica De Filha Deficiente

Durante a tempestade de neve que bateu recorde nesta terça-feira, Grant Williams, de 53 anos, relatou a morte de sua filha adolescente à polícia e admitiu seu papel na morte dela. A menina gravemente incapacitada, Grace Williams, de 17 anos, estava em uma cadeira de rodas desde o nascimento e não conseguia comer, respirar ou urinar sem assistência médica.

Sr. Williams, um pai solteiro e professor de ciências na Robertson County High, confessou à polícia que administrou quantidades letais de morfina na noite de terça-feira. Ele disse à polícia que o sofrimento de sua filha se tornou insuportável e que ela merecia finalmente ter um pouco de paz.

Williams levou a polícia à sua casa, onde inicialmente pretendia enterrar sua filha antes que o tempo mudasse. Quando eles chegaram, o corpo havia sumido de seu quintal. A polícia acredita que os lobos, que viviam na propriedade densamente coberta de árvores, levaram seu corpo antes de Williams e a polícia chegarem por volta da meia-noite. Naquela época, todos os rastros haviam sido soterrados pela nevasca histórica junto com o resto da Geórgia do Norte.

— A curta vida e a morte súbita de Grace são uma tragédia para sua família e nossa comunidade, mas podemos encontrar consolo no fato de que ela foi salva de uma vida de sofrimento — disse o xerife Darryl White em uma entrevista coletiva na tarde de quinta-feira. — Vamos nos lembrar de Grace por sua coragem e sua presença inspiradora.

Citando as circunstâncias atenuantes que cercaram a morte de Grace, a polícia decidiu não apresentar queixa neste momento.

★ ★ ★

Minha — morte — foi um caso suave. Quieto. Neve rara havia caído durante todo o dia e na noite anterior, acumulando-se em pinheiros, salgueiros, magnólias, galhos do sul, desacostumados a suportar mais peso do que pólen de brilho ofuscante ou de todo o verão. Conforme o dia escurecia, os galhos começaram a se quebrar em uma cascata escalonada, como fogos de artifício ou vasos sanguíneos estourando. Acima de mim, meu pai chorou. Suas lágrimas caíram no meu rosto e rolaram pelo meu rosto seco. Eu mantive meus olhos fechados. Escutei atentamente as quebras agudas à distância. Senti meu coração bater forte nos ouvidos. Meu peito se recusou a subir. Ele chorou e chorou. Ele não enxugou meu rosto. Eu não conseguia limpar meu rosto. O gerador de energia zumbiu. Outro galho quebrou, mais alto desta vez. Um segundo. Dois segundos. *Crack*. Um segundo. Dois segun... *crack*. um...

O sol nasceu rápido e milagrosamente quente. A dez graus, o solo da floresta havia se transformado em lama pegajosa. A vinte e seis graus, o solo era de palha e barro vermelho mais uma vez, os únicos sinais de uma nevasca sem precedentes sendo algumas zonas ainda sem energia e sem gritos, *você acredita*? saudações de uma garagem para a outra. Ele deve ter planejado me enterrar, mas a neve o impediu. Seanan disse que havia uma pá encostada no tronco quando ela me encontrou, algumas tentativas infrutíferas de fazer buracos agrupados na frente da ampla base da magnólia. Ele examinou nossa propriedade com antecedência, procurando o local perfeito? Ou ele sabia instintivamente que acomodaria meu corpo confortavelmente sob a árvore centenária mais distante da casa?

É assim que sei que meu pai estava agitado: ele deixou meu corpo fora do centro, inclinado descuidadamente e torto. Talvez ele tenha considerado esperar até que o derretimento e o degelo terminassem. Mas se ele esperasse, teria que me carregar de volta para casa, e onde ele me deixaria? Na minha cama? No porão inacabado que certamente inundaria com o escoamento? Na

garagem que, apesar do mau isolamento, ainda estaria quente demais para me impedir de apodrecer? Não. Eu precisava de um túmulo e ele precisava de ajuda para providenciar um.

Ele improvisou.

É assim que sei que meu pai estava desesperado: ele acreditava que estava congelando, apertando as mãos quando não conseguia encontrar o pulso. Provavelmente nem pensou duas vezes antes de me deixar lá e ir para a estação.

Seanan não precisou checar meu pulso, é claro. Ela podia sentir o cheiro em mim.

Meu coma passou como uma febre assim que ela agarrou a parte interna da minha coxa. A artéria femoral, rodeada como é por carne e gordura, fornece a melhor âncora. Você realmente pode especificar, o que significa que você pode sugar mais rápido, o que significa que há uma menor chance de o corpo perceber que deveria estar morto antes que o veneno possa terminar de recobrir o sistema circulatório. Se você quiser apenas uma amostra, morda o pulso. Morda a garganta para drenar todo o sangue, e coxa para transformar uma pessoa em vampiro.

Eu a senti *puxar* o sangue do meu corpo, a súbita guinada e balanço como eu imagino que uma onda de adrenalina deve ser sentida quando estou de pé muito rápido, apenas amplificado por presas, intenção e finalidade. Seanan não poderia saber que meu coração, como todos os meus músculos, estava muito mais fraco do que na maioria dos humanos. Não conseguia bombear rápido o suficiente para seu veneno me inundar de volta à vida. Não sem algum incentivo.

Tudo era sombrio e puro. Nenhum pensamento, apenas uma dor intensa e uma sensação de queda.

Então, calor. A boca cheia - muito mais do que um bocado - de algo espesso como melaço. O sabor do luar e do latão. Minha língua, sem sucesso, tentando encontrar apoio nos dentes ou no céu da boca. Eu não tinha corpo, só essa boca e essa massa líquida se enchendo, correndo. Engasguei. Minha garganta se abriu e a inundação foi drenada. Eu tinha engolido tão pouco nos últimos anos, usando um tubo de alimentação, mas a memória muscular

assumiu o controle. Minha boca se esvaziou, meu estômago inchou com sangue e bile e perdi a consciência novamente.

★ ★ ★

— Você não deveria estar aqui — diz Seanan atrás de mim. Eu não me assusto com sua aparição repentina como deveria ter feito antes, quando ela era a garota estranha e solitária da igreja e eu era a estudante secundária desajeitada sentada no final de um banco. Nunca tínhamos nos falado antes, nem uma vez nos três anos desde que ela apareceu sozinha e reservada em uma manhã de domingo. As notícias sobre ela se espalharam rapidamente naquelas primeiras semanas, mais rumores do que qualquer coisa, como acontece em uma pequena congregação do sul, onde qualquer coisa nova ou diferente merece fofoca. Ela era órfã ou fugitiva. Ela bebeu ou traficou drogas. Ela teve um bebê ou um aborto. Todo mundo tinha uma teoria, e todas pintavam um retrato horrível do pecado e da depravação. Todos estavam tão focados em suas histórias de fundo imaginárias que perderam (ou ignoraram) o óbvio: sua piedade.

Eu a observei durante os serviços. Sua devoção não era nem um pouco ostensiva - diabos, ela nem mesmo cantava durante a adoração, pelo que eu poderia ver - mas algo na maneira como ela mantinha as mãos no colo, a cabeça ligeiramente inclinada, todo o corpo relaxado e totalmente em paz, totalmente em *casa*, convenceu-me de que ela sabia mais sobre divindade do que qualquer um de nós jamais poderia alegar. Eu estava com muito medo de cumprimentá-la. E *foi* medo o que senti, não intimidação ou constrangimento, mas uma espécie de anseio. Suponho que seja uma contradição de termos. Como você pode ser atraído e repelido ao mesmo tempo?

— Nós conversamos sobre isso, Grace — diz ela agora, seu desapontamento palpável enquanto ela caminha ao meu lado. — Você não deveria ter vindo de novo.

Meu túmulo de fato parecia desapaixonadamente sombrio com as notícias da outra noite. Dezenas de pessoas da cidade haviam se

reunido sob a magnólia onde, uma semana antes, eu havia caído em meio metro de neve em minha camisola de flanela azul, morta para o mundo. Eles trouxeram lírios, cravos, violetas e ursos de pelúcia - tantos ursos de pelúcia, alguns ainda com etiquetas de preço furadas nas orelhas. Presentes para a garota morta. Alguns dos participantes carregavam cartazes com mensagens escritas à mão emoldurando fotos granuladas do meu rosto: DESCANSE EM PAZ ou DANCE COM OS ANJOS ou SEU PAI A CHAMOU DE CASA. Nossa vizinha, uma mulher incrivelmente doce que insistia em me chamar de Gracie, carregava aquele último. Era o meu favorito dos sinais, como se o próprio Deus tivesse tocado a sineta do jantar e eu tivesse zanzado obedientemente para o céu. Como se meu pai terreno não tivesse injetado uma tonelada de morfina no meu tubo de alimentação em vez do meu jantar.

No final do memorial, todos receberam uma vela branca barata, do tipo descartável com um protetor de papel para evitar que a cera pingasse em sua mão. A vigília havia se transformado em uma cena linda: pontos quentes de luz iluminando silhuetas escuras contra um céu azul-escuro. Eu assisti a cobertura na pequena sala de estar de Seanan no mudo, formas se movendo sem som, uma coreografia de luto. Uma última parte da multidão mostrou uma fila de pessoas esperando para abraçar meu pai, seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

Não há luz agora. Seanan diz que serei capaz de resistir ao sol em cinquenta anos ou mais, assim que me acostumar. *Não muito tempo*, ela disse. Sombreados pela lua nova, os ursos de pelúcia parecem coisas vivas e vigilantes. E as flores, meio murchas e já apodrecidas, tinham cheiro de cinzas de alguma forma. Eu imagino, não pela primeira vez, o quão rápido eles pegariam fogo com a ajuda de uma faísca perdida. A floresta inteira pode queimar antes que alguém perceba.

Seanan se afasta da tela e me encara. — Devemos ir, Grace. — Faz apenas algumas semanas, mas já estou aprendendo a ler suas expressões. Seus braços estão cruzados, cabeça inclinada, como se ela estivesse firme, mas seus olhos a denunciam: ela está preocupada.

— Você o viu? — Eu pergunto.

— O que?

— Você o viu? — Repito devagar, como se ela fosse uma criança. É grosseiro, mas não faço nada para modular meu tom. — Na Igreja? No trabalho? Qualquer lugar.

Ela suspira, um som artificial que só chama atenção para a quietude anterior de seu peito. — Por quê? — ela pergunta.

— Esta não é uma pergunta capciosa, Seanan. Você o viu ou não?

Ela está vestida para o turno da noite enquanto nos falamos: calças pretas pregueadas com perfeição, uma camisa social branca, um blazer de veludo preto e seus suspensórios de rubi exclusivos. Os ocasionais flashes de vermelho contrastam lindamente com o feltro verde que reveste sua mesa de jogo. Ela tem organizado jogos desde os pubs irlandeses de sua juventude, com fundos decadentes cheios de homens barulhentos, cerveja quente e fumaça azulada flutuando como névoa. Não é muito diferente, pelo que ela disse, do cassino onde agora passa as noites negociando vinte-e-um e Texas Hold'em.

— Não há nada para você aqui — diz Seanan suavemente, pegando minha mão. Seu sotaque irlandês fica mais pesado conforme sua voz fica mais baixa. Ela soa como uma canção de ninar ao vento. — Se você quisesse uma despedida ou tempo para sofrer, isso seria uma coisa. Mas vir aqui todas as noites, perguntando sobre ele o tempo todo... Não é saudável.

Retiro minha mão, viro minha cabeça para o cheiro de flores morrendo. Depois de um momento, eu digo: — Quantas pessoas você transformou?

— Perdão?

— Quantas? Certamente não sou a primeira.

Provavelmente é uma pergunta rude. Ainda não sou muito versada em etiqueta vampira. O silêncio fica mais espesso, e bem quando eu decido que não vai responder, ela diz: — Um punhado ao longo dos anos. Apenas em situações como a sua.

— Tempestades de nevasca e overdoses de morfina?

— Assassinato. — Ela fala claramente, uma mera descrição, mas a palavra me perfura com tanta certeza quanto suas presas fizeram na neve. — Mesmo assim, transformá-los é o último recurso. Eu não faço a escolha, a menos que a única outra opção seja... bem. Acho que uma vida não natural é melhor do que uma morte não natural. — Ela encolhe os ombros. — Às vezes estou errada.

— O quê, eles não *querem* ser salvos?

A encaro novamente. Ela está olhando para a base da magnólia também. Além dela, talvez. Eu me pergunto quem a transformou tantos séculos atrás. Eu me pergunto se ela queria ser salva.

— É isso — diz ela. — A salvação de um homem é a condenação de outro. — Suas palavras permanecem entre nós, quase tangíveis no ar frio da noite. Ela se ajoelha para que fiquemos no mesmo nível de olhos, o que não parece condescendente de alguma forma, embora eu saiba que ela pretende ser reconfortante. — Eles ainda podem prestar queixa.

Enrijeci. — Eles não vão.

— Eles poderiam.

— Se eles quisessem prendê-lo, teriam feito isso assim que ele entrou naquela delegacia dizendo que matou sua filha. Mas eles não o fizeram. Eles o deixaram ir para casa. — Minha voz se eleva, não exatamente para gritar, mas o escuro tem um jeito de amplificar tudo. — Não havia fita policial em torno da casa. Nem algemas. Nem vizinhos sendo questionados. Eles deram tapinhas em suas costas e ofereceram suas condolências. Eles o deixaram ficar neste memorial improvisado e *chorar*.

Minhas mãos doem. Por que elas doem? Eu olho para baixo para encontrar meus punhos cerrados. Cavei crescentes sangrentos com minhas unhas em minhas palmas. Ainda não estou acostumada com essa nova força. O vampirismo é quase o espelho exato da doença que tive em vida, fortalecendo em vez de enfraquecer meus músculos. Tentei levantar a cabeça quando acordei depois de me virar e quase quebrei meu pescoço com a total falta de resistência. Ainda não consigo andar, é claro. Nenhum aumento de força jamais recuperará tendões tensos como uma corda bamba por anos de desuso, e graças a Deus por isso.

Não acho que teria conseguido perder tanto de mim mesma.

Eu passo minhas mãos no meu jeans. O sangue penetra na densa camada do tecido, espalhando-se de um fio a outro.

— Você tem o infinito à sua frente — diz Seanan. — Vida após vida. Ajudaria a focar nisso? O futuro?

Ela parece tão esperançosa. Trezentos anos e seu rosto ainda é gentil e adorável como o amanhecer. Como ela ficou tão quente por tanto tempo quando todo o meu ser está congelado?

— Seu plano original era desligar meu oxigênio, sabe. Disse que era a opção mais fácil, basta apertar um botão e deixar a natureza seguir seu curso.

— Por que ele não o fez? — Seanan pergunta.

Eu viro minhas mãos para a luz fraca da noite: curada, a mancha em meu jeans é a única prova de que ainda posso sangrar.

— Meu pai pensou que seria muito difícil para ele. — Minha voz sai firme, embora distante, como se eu estivesse me ouvindo de outra sala. — Ele planejou me deixar sufocar lentamente até a morte, mas não achou que eu iria sobreviver. A morfina era mais gentil, disse ele, como ir dormir. “Só estou colocando minha garotinha para dormir mais uma vez.”

— Depois que a droga tomou conta, eu não conseguia me mexer. Não conseguia levantar minha mão ou virar minha cabeça. Cada centímetro de mim parecia impossivelmente pesado, como se minhas veias estivessem cheias de chumbo. Eu também não conseguia falar. Não conseguia gritar, embora talvez fosse mais pânico do que qualquer coisa. O único pensamento que conseguiu atravessar a névoa e o terror foi... — Respiro fundo e irregularmente e engasgo com a queimadura em meus pulmões inúteis. Continuo esquecendo que respirar é opcional agora. — *Eu pensei, eu tenho que dizer a ele que algo está errado. Ele precisa de ajuda.*

Seanan tenta pegar minha mão novamente. Eu não me afasto. Ela esfrega o polegar sobre a linha da vida na minha palma, onde alguns minutos antes havia quatro meias-luas sangrentas.

— Foi quando ele me contou o que tinha feito — eu digo. — Quando eu não conseguia fazer nada com o pânico, a confusão, a

raiva e o medo, exceto fechar os olhos e tentar estar em outro lugar. Foi quando ele me contou.

Ficamos assim por alguns minutos: as mãos cruzadas, ela ajoelhada no barro vermelho, eu nesta cadeira manual que Seanan roubou do cassino que faz com que todas as articulações e músculos do meu corpo doam. Por cima do meu ombro, os ursos de pelúcia assistem.

— Domingo de manhã, primeira fila — ela diz baixinho, e eu percebo que ela está respondendo à minha pergunta anterior. — Seu nome era o primeiro nos pedidos de oração. O diácono Bell pediu a Deus que lhe concedesse força e conforto em face de uma perda tão terrível.

Fico olhando para a pilha de cartazes deixadas para a garota morta. Ela se sente tão distante. Talvez os lobos realmente a tenham levado. Talvez ela tenha alimentado um covil inteiro com eles, mantendo-os aquecidos durante a tempestade de neve. Talvez ela esteja correndo com os lobos agora mesmo.

— O que você vai fazer? — Seanan pergunta.

— O que qualquer boa filha faria — eu digo. — Retribuir sua bondade.

A ATLANTA JOURNAL-CONSTITUTION

- Morte por Misericórdia - desencadeia uma conversa nacional sobre os apoios do cuidador

Após a recente morte de Grace Williams, de 17 anos, nas mãos de seu pai, Grant Williams, de 53 anos, uma conversa sobre a falta de apoio disponível para cuidadores de crianças gravemente deficientes ocorreu. Grace Williams, que nasceu com uma doença neuromuscular degenerativa, estava em uma cadeira de rodas e precisava de cuidados intensivos 24 horas por dia. Seu pai, criando e cuidando da adolescente sozinho desde que sua ex-mulher pediu o divórcio há uma década, citou o enorme fardo como um dos motivos pelos quais decidiu realizar o que muitos estão chamando de — um ato de misericórdia.

— Mais do que tudo, eu queria que Grace tivesse um pouco de paz. Isso foi o principal. Sua vida era uma miséria constante, e ninguém pode suportar ver sua filha passar por isso — disse Williams recentemente em uma entrevista ao jornal

11Alive News de Atlanta. — Mas as pessoas não percebem como é difícil ser a única fonte de cuidados. Tentando manter um emprego, colocar comida na mesa *e* cuidar de Grace? Foi exaustivo. Insustentável.

Ele falou publicamente nas últimas semanas sobre a impressionante falta de apoio disponível para cuidadores de crianças como Grace. Embora algumas organizações ofereçam ajuda financeira para equipamentos médicos e visitas médicas, há pouco apoio emocional ou serviços temporários.

Alguns grupos de defesa com foco na deficiência condenaram as ações de Williams e sua resposta pública. — Nossas compaixões estão com Grace Williams, cuja vida foi tirada sem sentido e cruelmente — disse o porta-voz da All Access, uma organização sem fins lucrativos com sede em Atlanta, ao *AJC* por e-mail.

— É um crime o que colocamos em cima dos pais — Williams continuou na entrevista 11Alive. — É um crime esperar que esses pais sacrifiquem tudo por essas pobres crianças e não recebam ajuda alguma. Não está certo.

Williams está planejando criar uma fundação em nome de sua filha para resolver esses problemas, embora ele ainda não tenha feito um anúncio oficial.

★ ★ ★

Meu quarto parece velho. O ar está pesado na minha língua, como se já estivesse se transformando em poeira esquecida. Tudo está exatamente como eu deixei. A escrivaninha uma pilha bagunçada de livros, diários e folhas soltas na mesa. Uma vela maçã-canela no parapeito da janela. Um umidificador cheio até a metade com água. Ele nem se preocupou em fazer minha cama. O edredom está amontoado aos pés, os lençóis amarrotados. Você pode ver a forma do meu corpo no colchão, uma depressão permanente de anos dormindo no mesmo lugar e na mesma posição noite após noite. A visão me faz sentir mais exposta do que se estivesse nua.

— Vou precisar de ajuda, se você não se importa. — Aceno em direção a minha cadeira repousada no canto. Ele também não se preocupou em desplugar o carregador, o que funciona a meu favor. Provavelmente, a bateria estaria cheia, já que ninguém a estava usando todo esse tempo, mas ver a luz verde constante que significa *totalmente carregada* é um alívio, no entanto.

— É claro — diz Seanan. — Me diga o que você precisa.

A transferência da terrível cadeira de reposição para o meu amigo de confiança é suave. Levantar-me não é nada para Seanan, meu

peso é insignificante, mesmo com a densidade muscular recém-adicionada. Ela me coloca no chão com cuidado e espera as instruções. Ela não presume o que eu preciso, me deixa liderar e isso é aparentemente instintivo para ela... — Obrigada — eu digo.

Embalamos algumas mudas de roupa, alguns livros, meus travesseiros. O resto eu deixo. É tudo substituível, as coisas dessa garota morta. Feito isso, vamos para a sala de jantar. Tudo o que há a fazer agora é esperar. Eu estava preocupada que ele pudesse nos superar aqui, já que ele geralmente chega em casa direto do trabalho. Bem, *geralmente* voltava direto do trabalho, mas era quando ele tinha que estar aqui para mim. Quem sabe como está a agenda dele agora? Talvez ele vá para o bar ou para a casa de um amigo ou onde quer que vão as pessoas que não têm um lugar para estar. Podemos ter tempo de sobra pra preencher.

Faróis brilham pela janela. Os pneus trituram o cascalho no caminho.

Então, novamente, talvez não tenhamos mais.

— Você tem certeza? — Seanan pergunta quando a porta do carro bate.

Passos lentos e constantes do lado de fora. Passos pacientes percorrem um ritmo despreocupado escada acima.

Meu coração não bate mais, mas posso sentir sua presença, um grande pedaço de carne cartilaginoso atrás de uma gaiola de osso. Como saberei quando estou com medo ou animada se meu coração não erra as batidas? A maçaneta gira e *algo* afiado e brilhante estremece dentro de mim. Estou com frio. Não há mais bombeamento de sangue para manter os membros aquecidos. Não há mais luz do sol para afastar o frio, não por enquanto. Talvez o calor seja superestimado. O frio pode ser estimulante, revigorante. O frio pode despertar ou entorpecer. Frio é a temperatura de preservação.

A certo ponto, o frio pode queimar.

A porta se abre.

— Olá, Papai.

Quando ele desmaia, o estalo do crânio na madeira dura não é diferente de galhos de árvores congelados quebrando do lado de

fora de uma janela escura como a neve.

★ ★ ★

Ele acorda assim que Seanan se aproxima, seu cérebro de homem das cavernas reconhecendo o perigo que ela representa mesmo nas profundezas da inconsciência. Seus braços se agitam na tentativa de se afastar dela, mas ela calmamente se afasta de mim. Ele lança um olhar frenético para a porta aberta.

— Nem pensar — eu digo. — Não que você vá longe de qualquer maneira.

— Você está morta — ele diz. Ele consegue se sentar contra a parede, as pernas dobradas em direção ao peito, como se isso fosse protegê-lo.

— Mais ou menos, sim. — Minha voz está nivelada, propositalmente casual. Asseguro-me de colocar minhas mãos espalmadas no meu colo, as unhas seguramente longe da pele.

— Você está morta — diz novamente. — Você está morta. Eu sei que você está morta, eu ma... — Ele fecha a boca com tanta força que morde a bochecha. Eu sei, porque posso sentir o cheiro do sangue. Estranho, mas o cheiro forte é familiar e exclusivo para ele. Talvez minha memória tenha armazenado o cheiro de cortes superficiais e sangramentos nasais ao longo dos anos sem que eu percebesse.

— Você o quê, pai? Termine essa frase. O que você fez?

Seanan paira entre nós, protegendo-me dele, ou ele de mim, não tenho certeza. Onde sua expressão era toda gentil sob a tênue luz das estrelas filtrada por galhos nus, agora ela parece uma predadora. A atenção de papai se volta para ela também. Um enigma mais fácil de enfrentar, eu acho.

— Você é aquela garota solitária da igreja — diz ele, apontando como se ela fosse um animal de circo entrando em sua casa sem avisar. — Aquela sem pais. Quem é você?

— Oh, eu tenho pais — ela diz, colocando seu sotaque irlandês na espessura de um molho de biscoitos. — É que eles morreram em 1768, sabe.

Eu posso praticamente ver sua mente tentando entender o que está acontecendo. Ele não está assustado, mas terrivelmente confuso. Tipo, talvez ele esteja dormindo. Ou talvez teve uma concussão por bater a cabeça ao desmaiar. Eu o quero presente, alicerçado na terrível realidade deste momento, não vagando onde sua mente pode salvá-lo com sonhos de alucinações e saídas fáceis.

— Seanan — digo, os olhos ainda em meu pai. Sua barba está crescendo. Ele geralmente faz a barba diariamente para evitar até mesmo a sugestão de uma sombra de cinco horas. O cabelo está irregular. Eu me pergunto por que ele parou de se barbear. Alguma estranha demonstração de luto? Culpa? Ou talvez ele apenas queira um lembrete concreto de que está vivo, ainda avançando no tempo.

Seanan levanta uma sobrancelha. O ângulo desse arco diz: *O que você precisar*. Espero que ela possa me ler tão bem quanto eu acho que posso lê-la.

— Você está com fome, Seanan?

Lentamente, ela dá de ombros. — Eu poderia comer.

Eu abro meus braços. O gesto é muito mais expansivo do que eu poderia ter feito em vida, meus braços se levantando do apoio de braço e balançando longe do ombro. Parece errado. — Que tipo de anfitrião Grant seria aqui se não lhe oferecesse um refresco?

Ela me encara intensamente por um momento, e posso ouvir sua voz de antes: *Você tem certeza?*

Eu olho para o meu pulso estendido uma vez. *Pulso para obter uma amostra*. Ela balança a cabeça, depois se move tão rápido que mal consigo rastreá-la.

Papai grita assim que os dentes de Seanan rompem a pele. O som sobe e desce pela minha espinha. Eu nunca o ouvi gritar assim. Lembro-me vagamente de alguns jogos de gritos antes de minha mãe ir embora, mas eu era tão pequena na época. Eles podem nem ser memórias reais, apenas argumentos que imaginei para preencher as lacunas. Isso é diferente. Primitivo. Tenho uma necessidade repentina e desesperada de fazer sua dor parar.

Eu cerro meus punhos e deixo Seanan beber.

Depois do que não pode ter sido mais do que alguns segundos, ela puxa o braço dele de sua boca. Ela é uma bebedora organizada, apenas com um brilho vermelho nos lábios, como gloss levemente colorido.

Meu estômago se revira e eu engasgo.

Ela está ao meu lado em um instante. — Ei, você está bem. Eu estou bem aqui. — Ela esfrega círculos lentos nas minhas costas enquanto eu vomito. Ela puxa meu cabelo para trás, coloca a mão na minha testa para me impedir de dar uma chicotada. Não estou acostumada com esse corpo, essa força. Eu não estou acostumada com nada disso.

— Eu não posso — reclamo com a boca cheia de ácido.

— *Que porra é você*? — Papai grita de longe. Outra sala, talvez, ou outra vida.

Seanan continua me segurando enquanto eu balanço e soluço. Vagamente, noto que há vermelho escuro em minhas mãos depois de limpar meu rosto. Sangue. Choramos sangue, eu acho. Como não chorei antes?

— Maldito monstro! — Papai grita.

— Afaste-se — Seanan diz acima de mim.

Ele está mais perto agora. Eu posso... posso sentir o cheiro da ferida. Seu sangue. Tem um cheiro quente.

Ele está ajoelhado agora. Sua respiração no meu rosto. Calor rançoso. — O que diabos você fez com a minha filha, seu demônio maldito!

Ele alcança meu rosto com a mão boa. A que não foi mordida. Antes que ele possa piscar, eu puxo seu braço para baixo e o puxo para trás no cotovelo. O osso estica sob sua pele tensa. Perolado, quase. Ele não grita desta vez.

— Não — eu digo. Minha voz está baixa, mas não mais nivelada. Mesmo nessa única sílaba, aquela minúscula palavra perfeita, eu ouço cada vento cortante de inverno que já deixou minha pele em carne viva. — Você não pode me tocar. Você não pode fingir que se importa comigo.

— Grace, eu...

Eu aperto com mais força. Ele engasga.

— O que ela fez comigo? Ela me salvou. Ela me encontrou e me salvou. O que você fez, pai? Vamos conversar sobre isso, certo? Vamos conversar sobre o que você fez.

Ele está chorando de novo. As lágrimas se acumulam e caem por seu rosto. Lembro-me de como essas lágrimas caíram em meu próprio rosto. Como elas rolaram com rastros salgados pela minha pele. Eu torço com mais força.

Seanan toca meu ombro. — Grace — ela diz, — você não precisa fazer isso, ok? Não faça nada de que você se arrepende. Por favor.

Fico olhando fixamente para ele. — E se eu me arrepender de deixá-lo viver?

Ela se ajoelha ao meu lado. Desta vez, o movimento parece apoio, como amor.

— Então você o mata.

Papai se lamuria. Nunca ouvi tal som. Medo puro e intenso. É o som que eu teria feito quando meu coração desacelerou até parar se eu tivesse sido capaz.

— Tudo o que fiz foi cuidar de você — diz ele. — Tudo que eu sempre quis foi ajudar você. Para te salvar. Você merecia misericórdia.

De repente, sei exatamente o que ele merece. Mais importante, eu sei o que mereço.

— Acredito em você, pai. Eu verdadeiramente acredito. — Afrouxo meu aperto em seu braço, observo o desespero em seu rosto deslizar em direção à esperança. Me inclino e sussurro: — Mas assassinato não é misericordia.

Eu avanço.

USA TODAY

Suposta vítima viva de — Morte por Misericórdia — divulga declaração em vídeo

Grace Williams, a adolescente que se acredita ter sido vítima de uma — morte por misericórdia — revelou em um vídeo lançado recentemente que está viva após a

tentativa de assassinato de seu pai.

O vídeo, que vários meios de comunicação autenticaram de forma independente, mostra Grace Williams descrevendo os eventos em torno de sua suposta morte. — Meu pai tentou me matar — ela diz para a câmera. — Mas, felizmente, uma amiga me encontrou onde havia deixado meu corpo na neve, acreditando erroneamente que eu já tinha morrido

A Srta. Williams diz que está atualmente se recuperando com a referida amiga em um local não revelado e que ela não planeja voltar para sua cidade natal, pois teme por sua segurança.

— Meu pai não achava que valia a pena viver minha vida, então ele tentou acabar com essa vida. Ele acreditava que havia conseguido. Sem a sorte da minha amiga em me encontrar, ele teria feito — ela continua. — Mas ele estava errado em dois aspectos. Um, ele não me matou. E dois, minha vida *sempre* valeu a pena

Na cobertura da mídia após a suposta morte da Srta. Williams, Grant Williams foi retratado como um cuidador dedicado e sofredor. A tentativa de assassinato foi amplamente chamada de — morte por misericórdia — e nenhuma acusação foi apresentada.

— Não houve nada de misericordioso nas ações do meu pai — disse Srta. Williams no final do vídeo de cinco minutos. — Espero que todos que os chamaram assim possam pensar por que puderam acreditar que o assassinato é uma bondade em vez de uma monstruosidade. Por que você se convenceu tão facilmente de que minha vida nada significava? Por que ninguém perguntou o que minha vida significava *para mim?*

A Srta. Williams afirma que esta será sua última comunicação e pede às autoridades para não procurá-la. Como ela ainda é menor, porém, uma busca está em andamento.

Grant Williams não emitiu uma resposta às revelações de sua filha, embora ele tenha sido levado às pressas para um hospital local na noite passada com o que as autoridades estão chamando de - ferimentos misteriosos.

Uma fonte próxima ao Gabinete do Xerife do Condado de Robertson disse que as acusações de tentativa de homicídio contra Williams são - possíveis, mas improváveis sem a cooperação de Grace Williams. Enquanto isso, uma petição online exigindo a remoção do Sr. Williams de seu cargo de professor atingiu 50.000 assinaturas. Atualizaremos esta história conforme ela evolui.

A CURA MÁGICA ou encarnando o mito do vampiro

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Um bom vampiro é difícil de matar. Existem métodos, é claro: estacas, decapitação, luz solar, água benta, uma mordida de lobisomem. Às vezes, a prata resolve. Mas para a maior parte, os vampiros são impermeáveis a danos e rápidos de curar. Eles possuem supervelocidade, força e sentidos aguçados e, em algumas histórias, podem até voar. Em muitos casos, a transição de humano para vampiro pode salvar sua vida à la pequena Claudia em *Entrevista com o Vampiro*. Desta forma, o vampirismo é imaginado como uma cura para uma doença mortal (como a peste!) Ou um ferimento fatal. Mas esta é uma ladeira escorregadia, e também podemos ver o vampirismo imaginado como uma cura para todas as doenças e deficiências de uma forma que afasta as pessoas para quem doenças crônicas e deficiências fazem parte de sua identidade. Curas mágicas sugerem que a única maneira de viver com doenças ou deficiências é sempre desejar outra coisa. A história de Kayla está em uma conversa com essa mesma ideia - Grace é transformada em uma vampira, e enquanto ela recebe alguns desses sentidos mágicos aprimorados, seu corpo continua sendo seu corpo. Ser você mesmo, mesmo quando morto-vivo, é muito poderoso.

Se você fosse transformado em um vampiro, o que é que você não mudaria em você?

VAMPIROS NUNCA DIZEM *MORRER*

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

BRITTANY

Sinceramente, não sei porque fiz isso.

Não há mais muitas coisas sobre as quais eu possa dizer. Não sou impulsiva. Talvez costumasse ser, mas a temeridade é um luxo da juventude. Da mortalidade.

E não tenho nada disso.

Talvez seja por isso que entrei no Instagram. Para sentir uma conexão com as coisas que perdi. Ou talvez eu só quisesse um hobby e o Instagram parecesse uma opção tão boa quanto qualquer outra. Melhor, porque tudo o que eu tinha que fazer era escolher um nome e poderia ser quem, o que quisesse.

Talvez eu quisesse encontrar um lugar onde não estivesse no comando. Onde eu não era Brittany Nicolette Fontaine, Vampire Premier da cidade de Nova York, onde cada momento de cada dia não era uma consolidação de poder. Acho que é ingênuo pensar que não há poder a ser encontrado no Instagram, mas certamente não era o meu, e gostei disso por um tempo.

Apesar de não poder participar plenamente da geração da selfie, encontro um tipo de alegria indireta em consumir as vidas remediadas das outras pessoas. Há algo reconfortante em saber que nenhum de nós é exatamente o que diz. A Brittany que compartilho online não é real, e o que é realmente maravilhoso

sobre essa era das mídias sociais é que ninguém espera que ela seja nada além de um mito. Uma fabricação baseada em algo real. Uma camada de renda e Chantilly sobre porcelana, a pele faminta pelo sol. Como meu reflexo aquoso nas janelas altas do meu apartamento.

Me aproximo, até que estou a apenas um fôlego de distância do vidro. Mesmo assim, a garota que me encara de volta está distorcida, uma série de impressões difundidas pela luz que penetra da cidade abaixo de mim como chamas frias e pálidas. Além de um trecho teimoso de árvores que obscurece as estradas abaixo, o rio passa piscando. É uma faixa de escuridão presa entre filas penetrantes de semáforos amarelos que crescem como colheitas. Um espaço entre espaços.

Antes desse momento, eu estava feliz em existir naquele espaço liminar entre o que é real e o que não é, entre o que é humano e o que não é. Aproveitei a liberdade que encontrei ao construir um reflexo de mim mesma em imagens do que vi no mundo ao meu redor, mas, olhando para trás agora, posso ver que cometi um erro fatal de julgamento.

O nome dela é Theolinda, ou @YoSoyTheolinda, para a maioria.

Desbloqueio meu telefone e passo o polegar sobre a tela, até que estou olhando para minhas mensagens diretas do Instagram. Apenas três pessoas entram em contato comigo dessa forma. A primeira é Imogen. Ainda não sei como ela encontrou a minha conta, mas ela é a mais jovem das minhas petits crocs e geralmente a primeira a se adaptar às mudanças de tecnologias e padrões sociais. A segunda, um homem que atende por Brad, que lança mensagens genéricas como iscas de pesca que nunca respondo porque não me importo que ele seja solteiro e pense que somos almas gêmeas. Nós não somos.

A terceira é Theo. Seu ícone de usuário é a imagem de uma lua crescente se transformando em uma flor escarlate brilhante. Eu seleciono o seu nome e nossa conversa se espalha pela telinha. Nós conversamos assim desde que ela tinha apenas quinze anos e percebeu a única selfie que eu já postei. Nem sempre conversávamos por muito tempo, mas após um período inicial de

brincadeiras e os tipos de trocas sociais que se poderia esperar de uma criança e de um ancião imortal, nossas conversas tomaram um rumo surpreendente.

Elas importavam.

Discutimos vida, perda e mudança. Discutimos o que significava ter influência e ser influenciado. Discutimos poder, corpos e morte.

E então, de repente, do azul galáctico, isso.

A última mensagem de Theo para mim fica no topo da tela. É a imagem de uma garota em um vestido branco parada em um túnel escuro. Está borrada, como se a câmera ofegasse com um feixe de luz, mas posso ver sua pele castanha clara, seus longos cachos negros caídos sobre um ombro, seus lábios pintados de vermelho profundo.

Na parte inferior da imagem, uma mensagem está escrita em letras prateadas:

Quem é essa garota? Descubra amanhã.
The Root & Ruin (lounge no porão) às 22h

Eu não tinha respondido na hora. Por um momento indulgente, me convenci de que conhecer Theo na vida real seria muito bonito. Apesar da vasta e considerável diferença em nossas idades, para não falar em nossas circunstâncias, pensei que conhecê-la seria como ver o sol. E queria muito ver o sol mais uma vez.

Mas enquanto me visto em camadas de prata, preto e rosa e desenho linhas pretas pesadas ao redor dos meus olhos verdes, enquanto pinto meus lábios no tom perfeito de amoras silvestres de inverno, volto aos meus sentidos. Theolinda é uma menina e uma criança. Ela só me conhece por meio de uma série de paisagens urbanas desoladas que ironicamente marquei como #selfie e pelas poucas palavras que compartilhamos. Ela não tem ideia de quem realmente sou, e descobrir só vai assustá-la.

A amizade que construímos é uma teia de vento, um sonho adorável que já tive por muito tempo. Mais e isso se tornará um perigo para nós duas.

Com um aperto distante de arrependimento, abro uma nova mensagem e digito:

Estou presa no trânsito. Não vou conseguir chegar. Desculpe.

★ ★ ★

THEO: ai, amo esse filtro! onde você achou?
BRITTANY: é o meu filtro de vampiro kkkk
THEO: Eu sei que você está brincando, mas você já pensou em como seria viver para sempre?
BRITTANY: parece solitário

★ ★ ★

THEOLINDA

— Eu honestamente não sei como vou me superar — digo para a sala vazia.

O lounge do porão do Root & Ruin é minha obra-prima. De verdade. Cortinas de veludo preto estão penduradas na parede. O bar de mogno, que antes era coberto por teias de aranha que rivalizavam com as do meu sótão, brilha com o Mistolin polido e com perfume de lavanda. Embora, talvez, teias de aranha tivessem combinado com o tema.

Bem, sempre há o próximo ano.

Um cara com um chapéu de cowboy de couro preto, um colete de veludo e jeans tão rasgados que nem contam como calças, entra. — Ei, sou o DJ Hex Marks the Spot.

Mordo o meu lábio inferior para parar de rir. Devo estar lacrimejando e não posso me dar ao luxo de bagunçar o delineador que levei três tentativas para aplicar uniformemente. Os velhos são tão nojentos. — Mm-hmm. Então esse não é apenas o seu nome artístico. Ok, ok, ok. Eu sou Theo. Você pode ficar perto do bar. Lembre-se. Sem pop. Nada de anos 70 ou 80. A menos que seja exclusivamente Led Zeppelin. — Mordo a ponta das minhas unhas pontudas. Minhas unhas de gel são brancas, mas parece que cada ponta foi mergulhada em sangue. Ei, eu achei inteligente, mesmo que óbvio. — Embora eu não tenha certeza do que Brittany curte.

Ela gosta das minhas atualizações musicais, mas geralmente a variedade de lady-rock — quer saber? Você é o profissional.

Quando o DJ Que Eu Nunca Vou Repetir O Nome abre um sorriso, seus dentes parecem muito brancos e afiados por um segundo. — Eu sou o profissional. Imogen me recomendou, certo?

— Sim?

— Então eu te peguei, passarinho.

Rio nervosamente. — Faça isso e irei verificar se temos gelo.

Desbloqueio meu telefone e mando uma série de mensagens. Tive que convidar minha amiga Miriam da escola porque o pai dela é dono do clube. Mas ela está tratando de uma infecção na garganta que pegou de Andy Jackson III. Foi extremamente difícil explicar a Miriam para quem era essa festa de aniversário surpresa. Ela estava toda "Vampiros são *tão* 2005". Eu tenho um álbum de recortes muito detalhado da época em que fomos ver a *Saga Crepúsculo: Amanhecer - Parte 2* da estréia da meia-noite na quinta série que diz que ela já pensou o contrário. Eu digo a ela para se sentir melhor, então pego a última mensagem de seu pai. Garanto ao Sr. Greenspan que tudo está sob controle e o porteiro adulto e o barman chegaram (não chegaram). Mas ainda é cedo. Greenspan é dono de quatro casas noturnas e bares no Lower East Side. O Root & Ruin é o menos popular, provavelmente por isso que ele me deu o bar do porão, que está praticamente inacabado e tem aquele cheiro de cimento de Nova York, mofo e uma pitada de xixi. Mas o tecido de veludo preto grampeado nas paredes faz com que pareça o covil de vampiros que eu sonhei que Brittany teria.

Eu rasgo um saco de dentes de vampiro de plástico e os espalho ao redor do bar. Quando o DJ diminui as luzes, alguns deles brilham no escuro. O barman chega - um cara mal-humorado que se parece com Oscar Isaac, se Oscar Isaac tivesse sido mergulhado no mesmo tanque de substâncias radioativas e tudo o que deixou o cabelo do Coringa verde.

— Você é a chefe, niña?

— Só meu pai me chama de *niña* — digo, e ele ri. — Eu sou Theo.

Ele aperta minha mão. Meu pai sempre me ensinou a olhar alguém nos olhos e nunca ser a primeira pessoa a desistir. Eu gostaria de poder implementar isso na minha escola, onde os professores parecem olhar através de mim. Por outro lado, meu pai vem da geração de imigrantes que pensam que tudo é justo se você trabalhar duro o suficiente para morrer por isso, mesmo se você for desvalorizado e mal pago. Eu? Eu tenho sonhos. Grandes. Um aperto de mão sólido não pode machucar, acho.

— Escute, o porteiro descamou — diz o Coringa, coçando a tatuagem no bíceps esquerdo. — Quer que eu ligue para o Sr. Greenspan?

— Na verdade… — Eu levanto meu telefone. Meu pai também me ensinou a nunca mentir. Nunca roubar. Nunca pecar. Eu falhei em meu catecismo por uma razão. Mas há algumas coisas que meu pai equatoriano não pode me ensinar. Não nesta cidade, não na minha escola e definitivamente não neste bar. — Estava apenas conversando com o Sr. Greenspan e ele disse que está tudo bem.

Com isso resolvido, volto minha atenção para os retoques finais. Um candelabro enferrujado pende precariamente do teto baixo. Parece um perigo à segurança, algo saído de uma mansão mal-assombrada. Usando uma escada, coloco pequenas velas a pilhas em cada castiçal. Quando termino, dou um passo para trás. O teto faz um estranho som de gemido e prendo minha respiração por um segundo, esperando que ele desabe. Mas está tudo bem. O DJ dá o pontapé inicial na música - algo com um baixo pesado e guitarra profunda.

— *Agora* eu me superei — digo.

— Com certeza — diz uma jovem que reconheço imediatamente. O tipo de cabelo louro-gelo que me lembra um cotonete. Ela tem maçãs do rosto e lábios perigosos que deixariam a maioria dos relatos de tutoriais de maquiagem com ciúmes. O vestido dela é todo de renda, como na capa deste disco muito antigo que minha mãe tem de uma mulher chamada Stevie Nicks. Há uma gargantilha de renda branca em torno de seu pescoço esguio, e ela anda como quem está acostumada a ter a atenção do cômodo inteiro.

Essa é a pose que tanto tentei capturar em minhas fotos. Claro, eu consigo quatro mil curtidas apenas em pé com a Ponte do Brooklyn ao fundo, mas definitivamente não *sou* nada como Imogen. Serei, algum dia

— Você deve ser Imogen! — Digo. Limpo minha garganta e baixo minha voz — Eu sou Theo. Que bom que você recebeu meu convite. Estamos apenas começando.

— Você é... adorável. — Ela tem cerca de um metro e setenta, apenas tímida de ser mais alta do que eu. A cor dos seus olhos parece um pouco irreal, com tons de azul marmorizado e avelã. Meu corpo inteiro fica tenso quando ela fica a cinco centímetros de mim. Tenho o instinto imediato de dar vários passos para trás. Mas, sabe o que? Frequentei uma escola católica e uma escola particular minha vida inteira. Já vi meninas mais malvadas, ricas e mal-intencionadas, e fico parada.

Giro em meu vestido preto de boneca. É um pouco exagerado e mais apertado do que a imagem barata online prometida. Mas eu estava indo para um visual mais de quarta-feira Addams. — Obrigada. Gosto do visual retrô.

Pela primeira vez, noto outro grupo de mulheres ao nosso redor. Como elas entraram tão silenciosamente? Três morenas e três ruivas com a pele tão branca que parecia que poderia brilhar no escuro, como os dentes falsos no bar. Uma das garotas pega um par e o enfia na boca. Ela quase se dobra de tanto rir.

— Estou curiosa — Imogen diz, batendo o dedo no queixo. — Como você e Brit se conheceram?

É difícil explicar para algumas pessoas que conheci uma das minhas melhores amigas na internet. Minha mãe não entende por que passo tanto tempo no telefone. Por que não posso simplesmente ter amigos na vizinhança ou na escola, além de Miriam. Sempre houve algo que faltava em mim. É como se olhar fotos minhas pudesse me ajudar a descobrir quem eu realmente sou. Eu sei algumas coisas: sou filha de imigrantes equatorianos. Sou uma estudante A. Vou dominar o mundo algum dia, de alguma forma. E quando amo as pessoas, irei até o fim ou morrerei. É por isso que tenho tão poucos amigos.

Brittany foi um feliz acidente. Às vezes, ela coloca em palavras o que estou sentindo sem que eu tenha que me explicar. Às vezes, ela me deixa desabafar sobre os xingamentos que Genie Gustavson escreve no meu armário (e depois ameaça *cuidar* dele). É disso que se trata toda esta festa. Agradecer a Brittany, porque ela nem mesmo dá tempo para se mimar. Ela está na faculdade e tudo que ela faz é tirar fotos nos dias em que está escuro e chuvoso. #Vampstagram é nossa piada interna, e essa Imogen e suas amigas podem rir disso, mas acho que essa festa é a melhor ideia que já tive.

Então, quando ela pergunta como Brittany e eu nos conhecemos, dou de ombros. — Por aí. Ela é bem reservada, no entanto. Você é literalmente a única pessoa que já a marcou em uma foto.

— Sim, ela é tímida diante das câmeras. — Ela vai até o bar e pisca para mim. — Venha tomar uma bebida.

Minha mãe é a melhor anfitriã que conheço. Ela passa o dia todo fazendo comida — arroz, pernil, hayacas, salada de batata, apenas o trabalho —, depois toma banho e veste um vestido bonito. O álcool *nunca* passa por seus lábios, mas ela é toda sorrisos. Não sou minha mãe, e nós bebemos as malditas mimosas que criei.

Enquanto a música ressoa, fazendo as paredes e o teto vibrarem, mais pessoas entram. Mais mulheres que pintaram suas peles até a sombra da morte. Uma mulher está com um vestido verde neon e sapatos plataforma. Ela conduz uma mulher mais velha por uma coleira e se acomoda em um assento almofadado.

Ok, isso é novo. Talvez ela tenha pensado que era uma daquelas barras de torção, ou como são chamadas.

Ela puxa o cabelo da mulher para trás e expõe seu pescoço. Eles me lembram a época em que Ricky Ramirez e eu tínhamos que fingir que nos beijávamos quando éramos Maria e Tony na versão de *West Side Story* em nossa escola .

Uma garota branca que deve ser mais jovem que eu enfia um cigarro na boca. Ela parece um extra de um videoclipe do blink-182. — Ugh, lembro-me de quando esta cidade era viva.

Oooooookay?

Vou para o fundo do clube, onde as pessoas parecem ter se multiplicado. Duas mulheres estão se beijando em uma das poltronas. Vinho tinto foi derramado em alguns guardanapos. Eu deveria ter comprado guardanapos pretos?

Mudo minha trajetória e vou para a frente do bar, onde três jovens que parecem ter vindo errado de Williamsburg estão agrupados.

— Isso é “Traga a sua própria bebida”? — pergunta um deles, tirando um frasco do bolso da camisa de flanela.

O que ele quer dizer com “traga a sua própria bebida”? Há literalmente um open bar completo!

Eles me avistam em pé perto deles e um sorri. Ele é o mais novo dos três, com olhos escuros e cabelo curto, como se tivesse acabado de sair do bootcamp.

— Você é nova? — ele pergunta, um pouco confuso.

— Não mais do que você — eu digo. Não quero deixar na cara que estou tecnicamente a dois meses de terminar o ensino médio.

— Onde está a convidada de honra, afinal? — um cara com um bigode de guiador pergunta. — Eu tenho um osso para pegar com ela. Ela tem que afrouxar as rédeas desse toque de recolher de vampiros.

— Foi você quem disse — murmura o jovem. Seus músculos flexionam quando ele pega o frasco de seu amigo. Ele não bebe, no entanto. — Eu sei que Imogen ainda está chateada, mas isso é outra história.

— Imogen quer transformar cada modelo que chama sua atenção. É por isso que não assinamos a petição.

— Uau, vocês gostam mesmo dessas coisas de RPG — eu digo.

Estou prestes a enviar uma mensagem para Brittany quando o nome dela acende na minha tela. Reli a frase em que ela diz que não vai conseguir. Ah não. *Inaceitável*. Eu respondo sem olhar e coloco meu telefone no bolso.

O cara de cabelo curto me olha com uma curiosidade desconfiada. Ele sorri e isso lhe dá a aparência de um lobo. — Quer?

Eu quero uma bebida de um frasco de um garoto estranho, mas objetivamente gostoso, na festa onde sou a anfitriã e a convidada de

honra não apareceu ou me mandou uma mensagem de volta? Pego e bebo.

O líquido é quente e ligeiramente espesso. Metálico. Sinto meu reflexo de vômito em ação. Sangue. Definitivamente, 100 por cento de sangue. O menor gole entra na minha língua e escorre pelo canto da minha boca. Antes que eu possa limpá-lo, o menino arrasta o polegar pelo meu queixo e o leva aos lábios.

Bruto.

Quando ele sorri de novo, pegando o frasco de volta, vejo dentes. Não os caninos de néon que decoram o bar. Verdadeiros, afiados, tão afiados que sei que rasgariam pele com o menor toque.

Talvez, apenas talvez, Brittany não estivesse mentindo.

Talvez, apenas talvez, eu esteja no centro de um porão cheio de vampiros.

★ ★ ★

THEO: por que você só tem uma selfie?
BRITTANY: Acho que prefiro tirar fotos do que estar nelas.
THEO: Eu costumava pensar que, se tirasse fotos suficientes, aprenderia a me amar mais.
BRITTANY: e aprendeu?
THEO: Não sei. talvez eu esteja chegando perto.

★ ★ ★

BRITTANY

Não escolhi me tornar o que sou.

Fui feita durante uma época sem lei de vampiros, quando as consequências eram algo apenas para os mortais. Eu era pouco mais velha do que Theo quando conheci meu... bem, nunca decidi como chamá-lo. *Senhor* dificilmente é a palavra certa, embora contenha um pouco da verdade. Em duzentos anos, não consegui encontrar uma palavra que englobasse tanto a violência imaculada de suas ações quanto o poder transformador que encontrei em suas consequências. Ofensor. Invasor. Malfeitor. Todos eles carecem de alguma parte do horror que experimentei durante o ataque e depois.

Ele pode ter sido o catalisador da minha transformação, mas eu fui a arquiteta. Cada escolha que fiz depois disso foi uma resposta ao seu argumento inicial. Se o argumento dele era algo como ser

mais poderoso do que eu em virtude de seu sexo e circunstância, estive elaborando minha resposta desde então. Nem todo mundo que mordo se torna como eu. Tenho que escolher. *Posso* escolher. E ao longo dos anos, escolhi mulheres como eu. Mulheres que disseram que eram menos do que indignas, fracas. Mulheres que tinham fome do mundo. Mulheres com presas. Minhas petits crocs.

Meu telefone toca baixinho, me lembrando que são 22h e estou faltando em um compromisso. Descarto o lembrete sem olhar para as palavras.

Há uma sensação estranha se espalhando sob minhas costelas. Não fome, mas algo próximo o suficiente. Enquanto abotoo minha sobrecasaca até o queixo e saio para as ruas de Nova York, empurro Theo e a decepção que ela certamente está sentindo agora o mais longe de minha mente que consigo.

Posso não ter escolhido o caminho da lua e das sombras, mas escolhi a cidade de Nova York. Cem anos atrás, deixei os vales varridos pelos ventos e as montanhas ondulantes da Virgínia pela energia frenética de uma cidade. É fácil se tornar uma gota no oceano quando o oceano é tão inimaginavelmente vasto.

Afasto-me do rio e vou para o parque. Nós não caçamos aqui. Costumávamos, logo depois que foi estabelecido no final de 1800, mas bani a caça há décadas. Agora, caçar aqui nos colocaria em grande risco. Há muitos olhos neste parque, muitas histórias nascidas de suas colinas e cantos escuros. Quem caça aqui agora será expulso da cidade.

Não tenho muitas regras. Apenas algumas. Cada uma visa proteger meu rebanho de um mundo que parece cada vez mais capaz de compreender criaturas como nós e aceitar que somos reais. Mas o mais importante é o seguinte: sem procriação.

A cidade pode parecer grande, mas isso pode mudar em um instante. Devemos aumentar nossas gerações com cuidado e intenção primorosa. Qualquer um que desobedecer a esse edital não será simplesmente expulso, mas muito morto.

Eu deslizo ao redor do reservatório e meus pés esmagam o cascalho enquanto corro para o sul, passando como um fantasma pelo obelisco arenoso, iluminado por todos os quatro cantos. Logo

deixo o parque para trás, cruzando a rápida corrente da Quinta Avenida e mergulhando nas garras da cidade.

Uma garota com cachos escuros e frenéticos emerge com uma risada de um prédio bem à minha frente. Sua boca é vermelha e seus olhos são de um marrom-folha de outono que me lembra Theo. Demoro um segundo para perceber que não é ela, mas olhei por muito tempo. O sorriso da garota vacila de repente e ela se encolhe como se algo sussurra em seu ouvido: *Perigo*. Sua expressão fecha quando ela encontra meus olhos, e ela se vira, se afastando rapidamente.

Essa sensação inquietante em minhas costelas se expande novamente, aquela fome de não fome. Se eu ainda fosse humana, poderia ter um nome para esse sentimento. Inquietação? Frustração? Culpa? Algo que me coloca em conflito comigo mesma.

— Ei! Solte! — A voz de uma jovem se eleva acima do refrão constante de buzinas, motores e vapor.

Eu a encontro imediatamente. Ela está saindo de uma bodega na esquina, com os braços cheios de mantimentos. Logo atrás dela, um jovem está muito perto, seus olhos tão grandes e selvagens quanto seu sorriso. É um olhar que reconheço. Eu vi isso no rosto de muitos homens ao longo dos anos. É uma expressão de puro deleite, de alegria quase extática por saber que suas ações são erradas e impossíveis de parar.

A jovem dá um passo rápido para frente, puxando a ponta do casaco de sua mão com uma carranca e uma maldição. Ela sai apressada e olha para trás apenas uma vez para garantir que ele não a segue. Rindo, o jovem volta para o canto escuro da bodega, onde espera pela próxima vítima.

Ele não precisa esperar muito.

A fome que não é fome se expande novamente e me coloco na frente do jovem. Ele pisca, certo de que eu não estava lá um momento atrás. Para ele, escorreguei das sombras, um sonho e um desejo.

— Siga-me — digo, deixando minha voz afundar em meu peito como o ronronar de um leão.

— Sim — diz ele, os olhos arregalados e desamparados agora, seguindo a corda da minha voz no beco estreito onde as sombras estão ansiosas para nos receber.

Encontro a depressão rasa de uma porta, talvez a entrada dos fundos da bodega, e paro.

— Isso vai doer — afirmo, e ele apenas balança a cabeça maravilhado. — Desabotoe sua jaqueta e não faça barulho.

Ele cheira a limão e suor e, quando o mordo, saboreio seu arrepio de dor. O sangue cobre minha língua como a primeira mordida suculenta de um morango. É ácido e forte ao mesmo tempo, e bebo até que aquela estranha não-fome comece a diminuir.

O jovem não faz barulho, e não bebo de forma imprudente, apenas o suficiente para saciar meu apetite.

— Pronto — digo, tirando um lenço do bolso e enxugando os cantos da boca. — Agora vá para casa e pare de ser um completo bruto.

Ele acena com a cabeça, os olhos ainda arregalados, mesmo enquanto foge do beco.

Só então, meu telefone vibra no meu bolso. Passo a tela de bloqueio para ver a mensagem que está esperando por mim. É de Theo.

Então… eu mencionei que esta é uma festa surpresa e todos os seus amigos estão aqui? Parece importante dizer isso kkkkk

Por um momento, acho que interpretei mal a mensagem. Minha mente considera todas as maneiras de isso não significar o que penso que significa. Theo não poderia ter convocado os vampiros de Nova York para uma festa surpresa para mim.

Ela poderia?

E então, de repente, percebo a verdade.

E corro.

★ ★ ★

BRITTANY: vou te fazer uma pergunta. e você não tem que responder.
THEO: eu amo sua voz terrível, b. OK. me pergunte.
BRITTANY: alguém conhece a verdadeira theolinda?
THEO: Eu responderei se você quiser.

★ ★ ★

THEOLINDA

O banheiro do Root & Ruin tem uma única lâmpada exposta pendurada no teto. Sento-me na privada encardida depois de esfregar a língua. É uma boa coisa eu carregar um kit de emergência na minha bolsa - ataduras, balas, uma mini escova de dentes, Midol, ibuprofeno, TUMS, um comprimido de hidratação que se desfaz em pó Pixy Stix, brilho labial, três cores de batom, uma nota de cem dólares para uma emergência, identidade, spray de pimenta e um canivete.

Molhei um guardanapo que comprei do Coringa e passei nas bochechas e no pescoço. Meu Deus. Brittany é uma vampira. Seus amigos são vampiros. É por isso que ela não tira fotos. É por isso que ela brincou sobre ser um "filtro de vampiro". Eu sabia que era muito legal para copiar. Mas essas pessoas não são legais. São perigosas. Eu deveria ter confiado em meus instintos quando se tratava de Imogen.

Eles podem cheirar meu medo como tubarões? Aquele garoto bonito estava me testando ao me dar sangue? Coloco outra hortelã na boca para me livrar do gosto metálico, mas o fantasma dele ainda está lá. Respiro longa e profundamente.

Ok ok ok. Eu posso lidar com isso.

Posso mesmo?

Mal consegui aguentar quando entrei na The New School em vez de na Columbia. Mal consegui suportar quando meu irmão usou meu livro da biblioteca para enrolar papel. Não é assim que eu esperava que a noite fosse.

Brittany me deve uma explicação.

Então eu percebo - passei os últimos dois anos enviando mensagens de texto com uma vampira. Ela poderia ter me encontrado facilmente. Beber meu sangue e todas aquelas coisas de vampiro. Por que não o fez? Houve tantas vezes em que ela poderia ter me encontrado em um dos lugares onde eu tiro fotos. Deus, eu sou o sonho de um perseguidor e essa é a primeira coisa que vou mudar a partir de amanhã.

Brittany poderia ter me matado a qualquer momento. Em vez disso, ela falou comigo. Em vez disso, foi minha amiga.

Então por que ela não está aqui?

Respiro novamente. Jogo o guardanapo no chão e me olho no espelho, que está rodeado por décadas de grafite.

— Eu sou Theolinda Cecilia Romero de Reyes e tenho muito a perder — puxo os cantos do meu delineador para suavizar as manchas, reaplico meu batom e volto para a festa.

A música é mais profunda, como um coração metálico que bate em um ritmo constante, e todos aqui parecem estar esperando que eu aparecesse.

— Estávamos ficando preocupados — diz Imogen, levantando-se da poltrona.

A garota com o vestido tomara-que-caia neon tem sangue nas roupas. A mulher mais velha na coleira está curvada em um ângulo estranho, sem se mover, e mesmo que Imogen esteja falando comigo, tudo que posso pensar é *que não quero morrer. Eu não quero morrer.*

— Onde está a Brittany? — pergunta o cara de bigode.

— Como eu poderia saber? — digo, tentando soar muito mais corajosa do que realmente sou.

Posso sentir a tensão crescendo enquanto cada vampiro neste lugar se vira para mim e recuo contra o bar. Há um gemido suave e me viro para encontrar o barman caído entre dois vampiros, os olhos revirados enquanto bebem de cada pulso. Fechei meus olhos e soltei um grito.

— Onde? — o menino com o sorriso de lobo pergunta. — É melhor você nos contar.

— É por isso que você veio? — Eu grito. — Para gritar com ela?

Há um consenso de encolher de ombros e acenos.

— Vocês são todos horríveis! — digo. — É aniversário dela.

— Você não entende? — Imogen pergunta. — Brittany não tem aniversário. Brittany não envelhece há duzentos anos. E estou começando a pensar que você também não vai.

Imogen está atrás de mim antes que eu possa piscar. Sua mão está fria em volta do meu pescoço. Pego o spray de cabelo no

bolso. Ela não consegue me morder. Eu miro, fecho os olhos e pressiono com força. Imogen grita e me empurra fortemente contra o bar.

Os vampiros mais próximos de mim começam a tossir. Outros se preparam para atacar. Usando a distração, me levanto e subo do bar. Se eu não cruzar com um cadáver e dois vampiros bêbados, e se ninguém conseguir me agarrar, posso chegar até a saída.

Atire seu tiro.

Eu me preparo para correr. Mãos pálidas me agarram, o grave constante da música pulsa contra meus tímpanos, e sei que neste momento não há como fugir. Sem liberdade. Não há mais fotos ou gritos com meu irmão, ou conselhos de meu pai, ou minha mãe reclamando de como ninguém a ajuda com a roupa, e se eu viver, eu prometo, prometo que vou ajudá-la e fazer minhas tarefas e transformar meu A- em A +.

Uma mão agarra meu tornozelo e eu caio. Estou de costas, chutando e me debatendo contra um mar de mãos e dentes.

Em seguida, para.

Eu me sento. A porta está aberta. A música acabou. Entre a multidão de vampiros e eu está uma garota com longos cabelos negros. Seu batom cor de vinho é cuidadosamente desenhado e suas presas estão à mostra. Eu levo um momento para notar a sobrecasaca justa de Brittany, as leggings cinza escuro por baixo que deslizam em botas pretas de cano alto, e o toque surpreendente de rosa florescendo em torno de seus pulsos.

— Surpresa ponto de interrogação? — digo, e por um momento eu juro que ela quer rir.

Então seus olhos mudam e se estreitam, cortando a sala como uma lâmina. Um grunhido áspero deixa seus lábios — *Minha*.

— Você não tem direito — Imogen começa.

— Me desafie — diz Brittany. Alguns vampiros se movem atrás de Brittany, encolhendo a cabeça. Mas o resto fica para trás de Imogen.

— Vou fazer melhor — Imogen diz, sua pele pálida como a lua cintilando quando pega a luz fraca. Ela levanta a saia e puxa uma adaga de aparência perversa.

— Truque barato — Brittany diz, e então ataca.

As duas mulheres se encontram em uma fúria de punhos e bloqueios, mas, de mãos vazias, Brittany está em desvantagem. Balanço sobre o bar e procuro por algo que ela possa usar como arma. Encontro uma pequena faca para cortar limões e um martelo.

— Brittany! — Eu jogo o martelo, e ela o pega sem perder o ritmo, bloqueando um golpe brutal da faca de Imogen bem a tempo. Elas lutam como se estivessem dançando, cada movimento tão suave e praticado como se a coisa toda fosse coreografada. É tão lindo que não consigo desviar o olhar.

— Pegue a garota! — alguém grita.

— Oh, eu — digo, conectando os pontos tarde demais. — Eu sou a garota.

Subo de volta no topo do bar, procurando freneticamente por um lugar seguro para me esconder, mas antes que eu possa fazer qualquer coisa, Brittany pula. Com uma das mãos, ela agarra o candelabro e balança. O teto geme em protesto e eu ouço algo estalar quando ela ataca com um pé para chutar o vampiro que vem direto para mim.

— Saia daqui, Theo! — Brittany grita ao pousar.

— Eu não posso deixar você!

Não posso explicar por que faço isso, mas corro pela Brittany em vez de pela minha vida.

Eu vejo o horror em seu rosto antes de saber o que está acontecendo. O teto grita acima de mim enquanto o candelabro desaba e uma dor aguda perfura meu pescoço.

★ ★ ★

THEO: qual foi o melhor presente de aniversário que você já ganhou?
BRITTANY: Eu não comemoro.
THEO: você faz aniversário mesmo assim, hipoteticamente. quando você nasceu?
BRITTANY: hipoteticamente? Eu nasci em 27 de abril

★ ★ ★

BRITTANY

O candelabro pressiona o pescoço de Theo, e antes de arrancá-lo, eu sei que perfurou sua pele. O jogo de lado como se não pesasse

tanto quanto pesa. Ele ressoa alto ao pousar, e Theo choraminga. Ajoelho-me ao lado dela, levantando suavemente sua cabeça no meu colo. Há uma mancha vermelha em seu queixo e ela me olha com lágrimas nos olhos.

— É um prazer conhecê-la — diz ela com um sorriso sem humor.

— Desculpe o atraso. — Minha voz está distorcida, como se espremida por uma peneira. Eu pressiono a mão no ferimento em seu pescoço, tentando estancar o fluxo de sangue, mas este é um ferimento mortal. Não há tempo para nada além de um rápido adeus.

Imogen está perto, seu foco agrupando-se em torno de mim como o sangue sob o pescoço e ombros de Theo. Mas a sala está quieta. Theo não é minha presa, mas minha conquista. E os vampiros da minha cidade sempre respeitam a conquista.

O sangue aquece meu colo. Ela se derrama no chão em um fluxo constante, acumulando-se sob a cabeça de Theo de uma forma que me lembra uma flor escarlate. Eu me concentro nisso e não na garota agonizante e ofegante em meus braços.

— Você é uma vampira — Theo diz, e em seus olhos vejo perguntas e teorias e muito mais do que ela é capaz de dizer agora. Ela só tem mais algumas palavras. Ela escolhe duas: — Faça-me.

A sensação de não fome agachada sob minhas costelas retorna. Ela se expande e se expande, inflando dolorosamente dentro de mim. E, de repente, tenho um nome para isso: tristeza.

— Não posso — respondo, sabendo que os olhos dos meus colegas estão sobre mim e este é um momento precário. — Theo, sinto muito. Existem regras.

— Lembra daquela pergunta que você me fez? Há muito tempo — Theo diz, a voz ficando fraca. — A resposta é: você.

Como é possível que uma garota que nunca conheci antes se sinta tão próxima de mim quanto minha própria irmã? Não posso deixá-la morrer. Não posso deixar isso ser o seu fim.

Eu levanto meus olhos para o círculo de vampiros que nos rodeia e rosno, furiosa e feroz e mais certa do que nunca sobre qualquer coisa em minha longa vida.

Então abaixo minha boca no pescoço de Theo e mordo.

★ ★ ★

THEO: se você pudesse ir a qualquer lugar do mundo, para onde iria? não pense apenas responda.
BRITTANY: o futuro.
THEO: essa não é uma resposta real.
BRITTANY: não é?

★ ★ ★

THEOLINDA

Eu pego o elevador do meu andar para a cobertura de Brittany. Depois do acidente, depois que pedi para ela me transformar, descobri muitas coisas. Em primeiro lugar, Imogen é uma idiota, mas isso é óbvio para qualquer pessoa com ou sem pulso. Já se passaram quatro meses e ainda estou morrendo. Acontece que é um processo lento e muito doloroso. Meu corpo está desligando e está uma bagunça. Mas - eu tenho uma tutora morta-viva. Mesmo que ela tenha que enfrentar um julgamento por me transformar, apesar da proibição dos bebês vampiros de 1987 e toda a guerra civil dos mortos-vivos que aparentemente também é minha culpa.

Ainda há coisas que preciso descobrir. Como convencer meus pais de que eu faço aulas noturnas na faculdade. Como estar perto deles sem querer matá-los. Estou brincando. Na verdade não. É difícil.

Não achei que seria fácil. Algumas coisas levarão anos para serem descobertas. Por exemplo, como vou conseguir não lançar um reflexo? Acho que eu queria aquele filtro de vampiro, mas é uma bênção mista. Pratico tirar minha foto no reflexo espelhado deste elevador. Talvez em duzentos anos eu tenha que lidar com alienígenas e eles terão uma cura para o vampirismo ou um telefone que tire a Apple do mercado.

Não vou prender minha respiração. Embora eu pudesse, se quisesse.

O elevador me deixa entrar na cobertura de Brittany. Ela tem um cinema em *seu* apartamento. Ela tem tudo que precisa para nunca sair de casa.

Mas me lembro da palavra que ela costumava me dizer. *Solitária*.

Não mais.

Ela me entrega um dos copos brilhantes combinando que comprei para nós. Ainda não consigo olhar para o sangue, embora tenha que superar para sobreviver.

— Você sabe que esses filmes não vão te ensinar nada — ela me diz, e pula no sofá.

— Eu sei, mas literalmente os únicos filmes de vampiros que eu já vi são *Cre*...

— Não se atreva.

— Cale a boca, é perfeito, ok. Per. Fei. To. — Eu me jogo ao lado dela e tomo um gole. Estou começando a sentir o gosto de minerais. Essa pessoa realmente gostava de sódio.

Tenho saudades da pipoca. Eu sinto falta da manteiga. Sinto falta da luz do sol. Sinto falta de tantas coisas e apenas comecei. Minha vida acabou. Minha nova vida começou.

Pelo menos não terei que fazer isso sozinha. Tenho minha melhor amiga para sempre, e essa é uma promessa feita com sangue.

THRALL Ou “Estes não são os vampiros que você está procurando ...”

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Parece haver dois tipos de vampiros lá fora: aqueles que atraem suas presas e aqueles que as perseguem. Há algo absolutamente aterrorizante sobre... bem, todos eles, mas a ideia de que alguém pode convencê-lo a oferecer voluntariamente seu pescoço para uma mordida rápida é bastante perturbadora. Os vampiros estão no topo da cadeia alimentar e, como todos os predadores, eles precisam aprender a caçar sem esgotar seu suprimento de comida, que são... hum... nós? ri muito. Poderes psíquicos parecem ser a forma como eles administram isso, e um tipo gentil de controle da mente frequentemente aparece no folclore dos vampiros, do Drácula ao Conde von Count da *Vila Sésamo* (embora, para ser justo, ele só possa hipnotizar você). Mas tudo se resume a algum tipo de influência. Nesta história, Zoraida e Natalie (opa, somos nós, seus editrixes benevolentes, oi!) Usam esse mito do vampiro para deixar Theo e Brittany pensar sobre que tipo de influência eles têm nos mundos humano e vampiro.

Que tipo de influência você deseja ter no mundo?

BESTIÁRIO

Laura Ruby

Era o dia 212 do racionamento de água, e Lolo estava agindo como um urso. Ou melhor, não estava agindo nem um pouco como um urso.

— Venha, Lo — Jude disse. — Você tem que comer alguma coisa. — Ela estava dentro do recinto de Lolo na exibição da Tundra Ártica da Família Bezos, segurando um pedaço de carne rosa choque na mão enluvada, e um balde com a mesma coisa estava aos seus pés calçados com botas. Lolo, deitada como um tapete molhado em cima de uma pedra, no meio de uma piscina esverdeada e oleosa, deu um longo suspiro sôfrego. Eles prometeram a ela caminhões-pipa com água doce para banhar os animais, mas até agora, os caminhões não haviam chegado.

O suspiro de Jude foi tão sofrido quanto o de Lolo, sua pele quase tão cinza e suja quanto o pêlo de Lolo. Ela caminhou até a borda da piscina e acenou o pedaço de carne sobre as florações de algas.

— É salmão. Você ama salmão. Não era salmão. Mas, o homem que o vendeu para Jude nas docas afirmou que era salmão – Selvagem e fresco! – mas a carne era muito rosada e borrachuda. Possivelmente, era carne de tubarão tingida. Ou os restos de algum bagre anormal que o homem havia pescado nos confins do Lago Michigan, longe dos olhos curiosos das patrulhas. Independentemente do que fosse, deveria ter sido o suficiente para

melhorar o mau humor de Lolo. Se é que alguma coisa a faria melhorar disso.

— Ouça, Lo, ninguém quer ver um urso polar magrelo — disse Jude. — Você vai fazer as crianças chorarem.

Lolo bocejou.

— Sim, sim, eu sei, quais crianças? — Todos os frequentadores do zoológico – pais empurrando carrinhos de bebê, adolescentes provocando os animais e uns aos outros, casais apaixonados ou com desejo demais para notar que estavam tendo seu primeiro beijo ao lado de um depósito de esterco de hipopótamo – estavam ocupados demais fervendo água da calha ou esperando na fila do supermercado pela próxima remessa de água engarrafada.

Os animais estavam com sede. As pessoas estavam com sede. E isso significava…

— Jude, o que diabos você está fazendo?

Ela não precisou se virar para reconhecer aquela voz áspera e rabugenta. Diwata era a coisa mais próxima que Jude tinha de um chefe. Pelo menos, ela era a única que ousava questionar Jude. O resto dos funcionários e voluntários sentiam muito medo. Eles tinham razão para sentirem isso, embora não pelo motivo que imaginavam.

— O que parece que estou fazendo? — ela disse.

— Parece que você está tentando ser comida por um urso polar.

— Lolo nem quer comer o salmão.

— Provavelmente porque isso não é salmão — disse Diwata.

Jude desistiu do “salmão” e jogou o pedaço de carne excessivamente rosa no balde. — Lolo está deprimida porque a piscina dela está suja. Precisamos de água doce.

— Não precisamos todos? — disse Diwata. Ela estava parada na porta nos fundos da exibição, seu rosto bronzeado e castigado pelo tempo, com linhas que pareciam um mapa para qualquer e nenhum lugar ao mesmo tempo.

— Talvez chova — Jude disse. Diwata grunhiu. Acima, o sol fraco de Novembro havia acabado de surgir no horizonte, pintando o céu de um roxo intenso.

— Talvez chova tanto que não precisaremos de um idiota para ligar a água, nós teremos muito da nossa própria água. De graça.

Com o cotovelo, Diwata abriu ainda mais a porta pesada. — E talvez arco-íris disparem da minha bunda enquanto construímos uma arca. Venha para cá antes que Lolo decida arrancar seus braços.

Lolo bufou, as orelhas minúsculas se movendo com diversão. Lolo achava que Diwata era hilária.

— Eu trouxe café para você — disse Diwata.

Jude tocou o balde com o pé. — Isso aqui não é salmão e isso aí não é café.

— Bem, é tudo o que eu tenho — disse Diwata. — Você quer ou não?

Ela não queria, mas essa era Diwata. Jude deixou o balde para Lolo por precaução, e atravessou o habitat. Diwata deu um passo para trás para deixá-la passar pela porta e, em seguida, fechou-a com um chute.

— O que eu te falei sobre entrar nas exibições com os predadores? — disse Diwata, entregando-lhe um copo de papel úmido.

— Eu não sei. Algo sobre garras, algo sobre dentes, blá, blá, blá. — Para manter as aparências, Jude tomou um gole do café e fez uma careta. Ela costumava adorar café, até mesmo os que não eram autênticos. Ela costumava amar muitas coisas.

O copo de café tinha o nome MOJO JOE impresso nele. Ao lado, alguém havia rabiscado *Jood*.

Jesus.

— Quanto custou isso, Diwata? E do que é feito? Água-viva batida? Lodo tóxico?

Diwata digitou o código para trancar a porta da exibição de Lolo, batendo no teclado com mais força do que o necessário. — Não tente mudar de assunto. Um dia desses você vai se machucar.

Há. — Eu vou ficar bem.

— Não entendo como você tem tanta certeza.

Jude raramente falava a verdade, mas, nesse momento, ela falou. — Eu falo com os animais, é por isso.

Diwata apontou para o celular aparecendo no bolso da frente de Jude. — Isso é o que acontece quando as crianças são criadas por videogames e filmes da Disney. Por que você carrega essa coisa velha quando as outras crianças têm buracos em seus cérebros por causa dos novos?

Jude deu de ombros. Ela não tinha nenhum interesse nos últimos aprimoramentos tecnológicos. E ela não precisava do telefone. Mas sua mãe, de alguma forma, ainda estava pagando por ele, por razões que permaneciam um mistério para Jude. Às vezes, Jude gostava de apertar o botão HOME gostava de ouvir o telefone dizer – Me pergunte qualquer coisa – e fazer sugestões aleatórias:

Que dia é hoje?
Pesquise a Guerra de 1812.
Você pode reservar uma mesa para três esta noite?
Quais são os sintomas da gripe aviária?
Você encontrará Brett?
Dê-me as direções para casa.

Jude disse: — Como você sabe que não tenho buracos no meu cérebro? E quem você está chamando de criança?

Diwata bebeu de seu próprio copo e estalou os lábios. — Você não deve ter mais de dezesseis anos, então sim, estou te chamando de criança, criança. Jude abriu a boca para mentir ou talvez deixar escapar outra verdade, mas Diwata já estava marchando pelos túneis atrás dos habitats, onde muitos dos habitantes do zoológico ainda estavam esperando que alguém os soltasse em seus espaços ao ar livre. Silenciosamente, Jude os cumprimentou, pressionando os dedos frios no vidro. *Olá, Jonas; Olá, Victor; olá, olá, olá.* Ela conhecia seus chamados, seus cheiros e seu tédio, e a batida de seus corações. E por conta de muitos dos animais serem mais velhos, ela conhecia suas aflições e dores também, sentia-as vibrando em seu próprio corpo. Um quadril ruim. Um casco rachado. Dores nas gengivas por conta de uma infecção. Memórias de um rebanho se movendo lentamente no deserto, o disparo da arma que mudou tudo.

Por sobre o ombro, Diwata disse: — Hoje é um dia letivo. Por quê você está aqui?

Diwata também era mais velha, mas furtivamente rápida, seguindo em frente como se estivesse sobre rodas. Jude correu para acompanhar.

— Estou tirando um ano sabático.

— Você faz isso depois de se formar, não antes. — Se eu fosse para a escola, quem te ajudaria com todos os animais?

Diwata grunhiu e continuou marchando. Elas vinham tendo essa discussão desde que Diwata contratou Jude para fazer parte da equipe de limpeza – apenas mais um par de mãos para varrer o caminho por onde as mães com carrinhos passam, apenas mais uma adolescente drogada que não saberia o que é um trabalho honesto, nem que este lhe desse um tapa na cabeça. E então veio a manhã seguinte... bem, a manhã em que Diwata a encontrou deitada com as leoas Olive e Nell, as três dormindo empilhadas como gatinhos. Em vez de chamar a polícia, Diwata a promoveu. E ela protegeu Jude quando a administração quis saber por que diabos uma “bruxa gótica viciada” estava alimentando os rinocerontes e os crocodilos com as mãos. A garota queria morrer? Diwata queria que eles fossem processados?

Jude queria e Diwata não, mas então o racionamento começou e nada disso importava mais.

— Então — Jude disse, — quem é o próximo? Os pinguins? As focas?

— Todos eles são os próximos. Eles e seus habitats. Temos que limpar esse lugar inteiro.

— Com o quê? Mojo Joe?

— Com o que pudermos encontrar. A festa é neste sábado.

— Festa — Jude repetiu.

— Não me diga que você esqueceu.

— Como eu poderia esquecer? — Jude disse. Ela olhou de soslaio para o pequeno grupo de pessoas vestindo ternos, tirando fotos dos vários habitats, fazendo planos em seus tablets. Organizadores de festas contratados para colocar luminárias, mesas e decorações. Um deles, um jovem de cabelos escuros e pele

negra, encarou-a com tanta ousadia e por tanto tempo, que Jude mostrou-lhe o dedo do meio. Ele riu e tirou uma foto dela, e então fez beicinho quando conseguiu nada além de um borrão.

Diwata disse: — Você deveria vir para a festa.

— Claro.

— É sério.

Jude parou de andar, quase tropeçando em si mesma.

De jeito nenhum eu vou a uma 'festa' para o idiota que desligou a água. Diwata parou de andar também, se virou para olhar para Jude, uma sobrancelha cinza e volumosa arqueada. — Essa é a posição do conselho, o idiota tecnicamente não desligou a água; ele simplesmente aumentou o preço dela.

— Isso quer dizer a mesma coisa quando ninguém pode pagar.

— De qualquer modo, eles não vão dizer não *ao* CEO que poderia ligar a água, entendeu?

Embora ela não estivesse nem um pouco com frio, Jude esfregou os braços nus. — Ele vai ligar ela agora para que possamos limpar o lugar? Onde estão os caminhões-pipa que nos prometeram?

— E eles não vão dizer não a todo o dinheiro que ele está dando — Diwata continuou. — Ele está alugando o parque inteirinho por um dia. Haverá bandas chiques, comida chique e centenas de pessoas chiques. Quando foi a última vez que tivemos tantas pessoas aqui ao mesmo tempo?

— Esse é um parque público. Para o público.

— Que fofo. Esse lugar é tão público quanto a água.

Diwata estava certa, Diwata sempre estava certa. Há muito tempo atrás, o zoológico era gratuito, mas agora custava vinte e cinco dólares para entrar, e mais para estacionar. No Safari Café, as batatas fritas custam oito dólares, uma garrafa de água, dez. Agora, pouco depois do amanhecer, o zoológico estava frio e deserto, um guardanapo perdido se mexendo sob as mesas do café, dançando no vento frio do lago. Mas o lugar não estaria muito mais lotado na abertura, ou no almoço, ou no jantar. Não haveria multidões de crianças rindo, se amontoando na Floresta dos Macacos, nenhuma família saindo do Trem de Aventura Lionel, e o Carrossel das Espécies Ameaçadas de Extinção giraria sozinho, imaginando as

espécies que poderiam se juntar a ele um dia, se sobrasse alguém para esculpir um urso polar ou um tigre.

A raiva antiga e infrutífera cresceu dentro dela, amargando suas entranhas. Embora ela fosse sofrer as consequências disso, Jude bebeu o resto do café em um longo gole, e amassou o copo em seu punho. Não ajudou. Só uma coisa ajudaria, mas ela não faria isso nunca mais.

Ela jogou o copo amassado na lata de lixo mais próxima. — Cesta — disse ela. As moscas, as formigas e os outros insetos escavando o lixo protestaram com o equivalente a "*Mas que diabos, estamos tentando comer aqui*!", mas Jude tinha prática demais para estremecer com uma linguagem que só ela entendia.

A expressão no rosto de Diwata se abrandou, de qualquer maneira, as linhas se suavizando. — Escute, criança. Talvez essa festa não seja tão ruim.

Jude odiava quando Diwata sentia pena dela. Ela passou os dedos no telefone em seu bolso como se, de repente, tivesse que atender uma ligação, realizar uma reunião, fazer uma reserva. — Pare.

Diwata suspirou, soando como Lolo. Velha, dolorida e desapontada. — Eu só quis dizer que talvez haja algumas pessoas para você. Jovens. Não idiotas. — Seus olhos se dirigiram para o jovem negro, e então voltaram a fitar o rosto de Jude. — Eu sei que você não pensa assim, eu sei o quanto você ama Lolo, Olive, Nell e os demais, mas você tem que encontrar seu próprio bando.

— Lolo é meu bando. Olive e Nell também.

— Estou falando sobre humanos.

— Os humanos também são animais — disse Jude.

— Pare com isso. — Diwata agitou a mão venosa e enrugada. — Todo mundo precisa de alguém.

— Eu tenho você.

— Não é isso que eu quero dizer e você sabe disso. Encontre algumas namoradas. Alguns namorados. Alguns *amigos*. Se divirta. Você deve ter se divertido alguma vez, certo? Você se lembra dessa sensação.

Ela tinha.

Havia um animal que vomitava seu próprio estômago para distrair os predadores, mas Jude não conseguia se lembrar qual era. Diwata era a coisa mais distante de um predador, e a mais próxima de um bando que Jude tinha, mas Jude vomitou o Mojo Joe em suas botas mesmo assim, mais uma bagunça que elas tinham que limpar.

★ ★ ★

Encontre filmes da Disney.
Quantos dias desde que comi?
Quando foi que todo o gelo derreteu?
Toque um pouco de blues.
Já chegamos lá?
Envie uma mensagem para Brett dizendo "eu chegarei atrasada"

Depois de um longo dia alimentando os animais, limpando as baias, e esfregando o que podiam com a pouca água que havia sobrado no sistema de captação de água da chuva do zoológico, Diwata e Jude colocaram os animais de volta, e trancaram os portões. Do outro lado da rua, os seguranças recebiam os proprietários ricos em grandes edifícios com painéis solares do lado de fora e salas de mármore do lado de dentro, enquanto Jude e Diwata caminhavam cinco quarteirões até o ponto de ônibus mais próximo. Por conta do baixo número de passageiros e das frotas concorrentes de táxis autônomos, a cidade havia cortado a maioria das rotas de ônibus. Isso significava que os ônibus estavam sempre lotados. Elas esperaram enquanto o primeiro ônibus coberto de grafite e depois outro passavam direto pela parada. Diwata abriu o zíper de seu casaco militar, lembrando-se de como os outonos e invernos de Chicago costumavam ser – tão frio que sua respiração congelava com o vento! Neve até ali! Todos com casacos tão fofos que eles pareciam ursos! – Agora, o céu estava com o mesmo tom intenso de roxo que estava ao amanhecer, o ar seco o suficiente para eletrificar o cabelo de Jude. Quando tentou baixá-lo, ela se eletrocutou, e deu um pulo.

Diwata riu. — Somos uma dupla e tanto.

Elas eram. Diwata, chegando aos setenta, corcunda e pequena, vestida com a jaqueta verde-oliva que sua esposa tinha conseguido enquanto lutava em uma guerra ou outra, e Jude, chegando ao infinito, desajeitada e alta, em nada além de uma camiseta esfarrapada e jeans, longos fios pretos de cabelo grudados em suas bochechas pálidas como a lua. Outra mulher, ainda vestindo uma máscara cirúrgica devido ao último surto de gripe aviária, juntou-se a elas na parada, apenas ousando olhá-las uma vez. Quando Jude sorriu para ela, os olhos da mulher se arregalaram. Ela saiu apressada, sem esperar o próximo ônibus, os saltos das botas martelando a calçada.

— Isso foi cruel — disse Diwata.

— Tudo o que fiz foi sorrir.

— Uhum.

Elas esperaram mais dez minutos em silêncio. Mas não importa quanto tempo o ônibus levasse para chegar, Jude não deixaria Diwata esperar sozinha, e Diwata parou de se opor a isso no dia em que tirou Jude da Casa do Leão – um pacto silencioso. Na maioria das vezes, a coragem de Jude por si só era suficiente para afastar possíveis assaltantes. Na maioria das vezes.

Um terceiro ônibus passou sem parar. Do lado de fora de uma bodega, um velho corcunda estendia uma xícara vazia para os clientes que passavam. — Quer beber alguma coisa, senhora? Senhor? — Mesmo quando as pessoas balançaram a cabeça negativamente, o homem dizia: — Deus te abençoe.

Diwata disse: — E se você pudesse fazer algo a respeito de tudo isso?

— Tudo o *quê*? — disse Jude. — O que você acha que eu poderia fazer?

— Eu não sei.

Havia muita coisa que Diwata não sabia. Ela não sabia que, há pouco tempo atrás, Jude se deitou na floresta, esperando alimentar coiotes famintos com sua própria carne. Ela não sabia que Jude havia entrado no lago e dado o seu melhor para se afogar. Diwata não sabia o que as leoas haviam feito para salvá-la.

Finalmente, o ônibus parou. Antes de entrar, Diwata disse: — Quer vir comigo? Vivian fará frango filipino essa noite. Não o de mentira, o legítimo.

— Fica para a próxima — Jude disse.

Depois dessa mentira, Diwata assentiu, e então ela subiu a bordo. Jude observou o ônibus se afastar e começou a longa caminhada para casa. De cabeça baixa e as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans, ela se esquivou dos viajantes habituais e mensageiros, estudantes e criminosos. O cão ocasional latiu freneticamente para ela – *não somos comida, não somos comida, NÃO SOMOS COMIDA* — até ela murmurar que estavam seguros, que ela não machucaria eles ou seus humanos.

— Garota — disse um garoto latino com um bigode pubescente, arrastando seu vira-lata para longe dos sapatos dela, — você é realmente assustadora.

— E eu não sei? — ela disse.

A noite caiu sobre a cidade, e ela continuava a caminhar. Essa era a única coisa que vinha com ela de antes, essa caminhada noturna. Ela costumava caminhar para não precisar voltar para a casinha em Jefferson Park, o bangalô de tijolos que era adorável por fora e horrível por dentro. A mãe dela precisava do pai, mas seu pai precisava de oxi; suas brigas podiam ser ouvidas a quilômetros. Jude começou a beber no ensino médio para abafar os socos e o barulho. Mais tarde, ela usou garotos para passar o tempo. Quando o país foi tomado pelo terror da gripe aviária e os pais dos garotos os mantiveram em casa, Jude se viu em clubes noturnos com outras almas perdidas, desafiando a Mãe Natureza a dar o melhor de si com eles. Para ela, isso veio na forma de outro garoto, mais bonito do que Jude jamais foi, tão belo quanto ouro reluzente. Ele disse que a amava. E o fez, à sua maneira, embora seu amor tivesse arruinado os dois.

Também uma ruína: a Fonte de Buckingham. A cidade não tinha água de sobra para mantê-la operacional, então ela estava vazia, os dragões esculpidos com tanta sede quanto todas as pessoas. O belo garoto de ouro gostava muito de feras mágicas: unicórnios, basiliscos, grifos, quimeras e outras feras de todos os tipos.

— *Você* é a fera mágica — ela disse a ele.

— Sim — disse ele, empurrando-a em um colchão sujo. — Sim, eu sou.

Agora, as luzes dos prédios do centro da cidade a encaravam como diversos olhos amarelos: *E se você pudesse fazer algo a respeito de tudo isso? E se pudesse?*

Algumas perguntas você não pode fazer. A familiar sede nauseante apertou seu estômago, pulsando em sua língua. Se ela não continuasse se movendo, a sede iria permear o ar como um perfume e chamar as pessoas ao seu redor. Eles viriam até ela, independente da sua vontade, se ofereceriam, mesmo que os olhos deles revirassem em confusão e terror enquanto o faziam.

Então ela continuou se movendo, um tubarão proverbial na água, nadando para não morrer. Como se ela pudesse. Mas ela não fez contato visual com ninguém, não se demorou em lugar algum tempo o suficiente para revelar seu desespero. Uma hora se passou. Depois duas. As multidões diminuíram até virarem nada. Jude ficou apenas com a lua opaca, uma mancha turva no céu.

Ela ouviu o homem muito antes de vê-lo, muito mais desesperado do que ela. Embora ela pudesse ter evitado ele facilmente, ela não se preocupou em fazer isso. Ele mostrou a ela sua faca, uma coisinha triste, e pediu seu dinheiro.

— Eu não tenho nada — disse ela.

Seus olhos ficaram com uma expressão faminta que ela já tinha visto. — Você tem... alguma coisa. — Ele tentou arrastá-la para fora do caminho para pegar o que pudesse. Ele não gostou de sua gargalhada, do movimento de seu pulso que fez a faca voar.

— Eu vou te machucar por isso — ele rosnou. E atacou.

Ela o agarrou pelo moletom e girou-o até que ele gritasse em um protesto enjoado. Então ela o puxou para perto, deixou-o ver as adagas brilhantes que eram seus dentes, e deixou-o cheirar a secura em seu hálito.

— Se você quiser — ela disse. — Eu posso te dar um motivo para gritar.

Ele não quis.

Ela o empurrou e o deixou ofegante na calçada. Ele não era um tipo especial de fera. E nem ela. Ela acabou no mesmo lugar em que havia começado: o zoológico. Ela escalou a cerca externa e, em seguida, colocou o código para acessar o recinto interno de Lolo. Lolo estava dormindo na caverna feita pelo homem no canto. Jude engatinhou para dentro da caverna e se aconchegou contra o peito de Lolo, seu coração enorme de urso batendo como os minutos até o amanhecer.

★ ★ ★

Quando as Florida Keys desapareceram?
Como funcionam os aprimoramentos?
Quanto tempo o corpo humano pode sobreviver sem água?
Quanta perda de sangue é perda de sangue demais?
Toque canções de baleia.

A manhã chegou, e com ela dois caminhões-pipa.

— Nos prometeram *cinco* caminhões — disse Jude.

— A cavalo dado não se olha os dentes — disse Diwata.

— Afinal, o que isso quer dizer?

— Quer dizer que você deve ir para a Casa das Aves de Rapina. Raul precisa de ajuda com Peaches. Algo sobre a asa dela.

Peaches, a coruja-das-neves, tinha uma personalidade um pouco forte. E estava sendo gentil ao dizer isso. Peaches arrancaria seus olhos se você não tomasse cuidado. Raul não era cuidadoso. Raul – o Raul magro, com a pele negra acinzentada pelo medo ou apenas pela negligência – estava correndo ao redor do recinto da aves de rapina, xingando, enquanto Peaches voava com dificuldade atrás dele.

— Saia daí, Raul — Jude disse. — Eu farei isso.

— Obrigado — disse Raul, saindo do habitat. — Ela quase arrancou um pedaço do meu rosto.

Dentro da gaiola da ave, Jude respondeu aos gritos do pássaro de *DOR, DOR, DOR* com: — Shhh, shhhhh. Acalme-se, seu monstro bobo. — Peaches deixou Jude pegá-la no colo e examinar

a asa dobrada. Ela não tinha ideia de como o pássaro podia tê-la machucado. Jude se lembrou do garoto de ouro contando a ela sobre o *caladrius*, um pássaro branco que se alimentava da doença de uma pessoa e depois voava para longe, curando aquela pessoa e também a si mesmo.

Peaches enfiou a cabeça debaixo do braço de Jude. Jude disse: — Pobre garota. De qual tipo de doença você se alimentou?

— O mundo inteiro está doente — disse Raul, olhando através da tela. — O que isso tem a ver com uma asa quebrada?

— O mundo também está quebrado — disse Jude.

— Mesma coisa.

Atrás de Raul, apareceram dois organizadores de festa. — Ei! Segure o pássaro para que possamos tirar algumas fotos!

— Ela não é um peru e hoje não é dia de Ação de Graças — disse Jude, embalando Peaches mais perto de si.

— Ah. Ela está machucada. — Era o cara de cabelo escuro e pele negra, que parecia muito mais jovem do que Jude havia pensado.

— E daí? — disse o cara branco ao lado dele. Ele tinha o dedo na lateral do pescoço, onde o implante de computador se conectava com a peça em sua orelha e a lente em seu olho. Aperfeiçoado, então. E outro idiota. — Merda. Essas fotos não estão saindo boas. — Ele pressionou o lado do pescoço novamente. — Merda.

— Vamos lá, cara. Deixe-a em paz — disse o garoto. Seus olhos eram grandes, escuros e úmidos. — Desculpe incomodá-la, senhorita.

— Senhorita? — disse seu amigo, incrédulo. — Jesus, Sanjay. Ela está afundada até os joelhos em cocô de pássaro.

— Olá, Sanjay — disse Jude, e sorriu..

Ele deveria ter ficado com medo, todo mundo ficava. Mas Sanjay não parecia assustado. Ele disse: — Talvez a gente te encontre mais tarde?

— Talvez — Jude disse. Sua voz soou estranha, até mesmo para ela.

★ ★ ★

Fotos de lançamento.
Devo levar meu guarda-chuva?
Conte-me a história de Judith.
Toque minha playlist de dança.
Enviar mensagem para Brett dizendo " eu estou indo".

Mais tarde, Jude se viu de volta à Fonte de Buckingham, empoleirada nas costas de um dragão de pedra, como se isso pudesse levá-la a um lugar onde ela fizesse sentido para si mesma, onde ela pudesse assustar as pessoas quando quisesse, onde não havia sede transformando em uma casca.

E por ela ter ficado sentada ali por muito tempo, elas vieram. As meninas. Cinco delas, tropeçando pelo Grant Park, uma confusão de cabelos despenteados e saias curtas, coturnos de couro falso e tatuagens ruins. O coração de Jude se apertou junto com seu estômago. Há pouco tempo atrás, ela poderia ter sido uma delas, perdida e solitária, declarando-se uma semente ruim antes que alguém pudesse fazê-lo primeiro.

— O que você está olhando, vadia? — disse a líder, uma garota grande e forte, com pele branca e cabelos listrados.

— As estrelas — disse Jude. — E vocês?

— Ouçam essa aqui — disse a garota forte. — O que você está fumando? Você tem maconha para nós? Tem bala? — A garota se aproximou, atraída pela sede de Jude.

Jude lambeu seus lábios secos. — Você deveria ir para casa, se tiver uma.

A menina abriu os braços: — Essa cidade inteira é nossa casa. Talvez *você* devesse ir.

Jude havia pensado em partir tantas vezes. Mas para onde ela iria? E quem cuidaria de Lolo, Olive, Nell e dos outros? Quem cuidaria de Diwata? O mundo podia estar morrendo, mas ela não deveria ficar por aqui, mesmo que a única coisa que pudesse fazer fosse aliviar um pouco da dor?

— Ei! Estou falando com você — disse a garota. As outras quatro se aglomeraram atrás dela com um coro de "Sim, vadia" e "Estamos falando com você, vadia".

— Não estou fumando nada e não tenho bala para você — disse Jude.

A garota deu uma risada estrondosa e se aproximou. — E esse telefone no seu bolso? Alguém pagará alguns dólares por ele. — Ela estava tão perto agora que Jude podia ter traçado as linhas de suas coxas musculosas, grossas e firmes sob as meias arrastão. A pulsação acelerou no pescoço branco da menina, o sangue chamando-a por baixo da pele.

— Sério. — disse Jude. — Você deveria ir enquanto pode.

— Ir? — a garota disse. — Eu não... — Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas, traindo-a.

— Hannah? — disse a garota que estava mais distante. — O que você quer que façamos?

— Que façam? — disse Hannah. Os pés de Hannah a empurraram para frente. Ela não era nada além de um coelho, nada além de uma presa, linda em seu sacrifício.

Uma das outras garotas puxou o braço de Hannah. — Você está bem?

Hannah afastou a outra garota, o peito arfando, olhos selvagens fitando os de Jude. — Eu sinto você — ela respirou. — Os seus dentes.

— Do que diabos você está falando, Hannah? — disse outra garota, e então ela assistiu aterrorizada seus próprios sapatos, enquanto ela dava um passo em direção a Jude.

Para Jude, Hannah disse: — Eu estou… eu estou pronta. Por favor.

Jude estendeu a mão e colocou-a na bochecha de Hannah. Hannah virou a cabeça. Jude se inclinou para frente, com sede, com muita sede, mas Hannah estava com sede também. Todas essas meninas estavam.

O espaço entre as omoplatas de Jude coçava, e depois começou a queimar, uma dor tão profunda que Jude não conseguia alcançá-la, mesmo que tentasse. Ela podia acabar com Hannah, ela podia acabar com todas elas, mas o que isso mudaria?

— Eu pensei que estava pronta também — Jude disse, afastando sua mão da pele quente de Hannah. — Mas eu não estava.

Ninguém está.

Hannah balançou a cabeça e piscou. Ela deu um passo para trás, depois outro, os joelhos com covinhas tremendo. — Me toque de novo e eu te darei uma surra.

— Sim — Jude disse. — É claro que você vai.

★ ★ ★

Estará calor hoje?
Estará frio?
Quem está perto de mim??
Você está vindo?
Você está aqui?

Os organizadores da festa intensificaram sua organização. Dezenas de pessoas apareceram no parque, pendurando luzes e faixas. Mais caminhões vieram – alguns com água, outros com cadeiras, mesas e toalhas. Jude se esforçou para ignorá-los, discutindo apenas uma vez, quando um deles, uma mulher branca de meia-idade com cabelo macio e grandes, sugeriu que Lolo fosse transferida para seu habitat interno durante a festa. — Essa coisa já parece meio morta — disse ela.

Jude disse docemente: — Melhor do que estar totalmente morto, não acha? — e jogou um pedaço de “salmão” em seu cabelo macio.

— O que deu em você? — disse Diwata.

— Nada — disse Jude, o que era verdade.

— Você precisa de um descanso — Diwata disse a ela. — Vá para casa. Volte quando estiver agindo como você mesma.

Agindo como ela mesma? E quem, exatamente, era essa? Sua caminhada noturna a levou para noroeste, até Jefferson Park. A casa era exatamente como ela se lembrava, um pequeno bangalô aninhado entre dezenas de outros pequenos bangalôs. Ela deu a volta até a parte de trás da casa, pulando para o telhado da varanda. Pela janela, ela observou seus pais dormirem. Sua mãe tinha um braço sobre o rosto, cobrindo os olhos, seu pai estava de queixo caído e roncando. Ela abriu a janela e entrou. Frascos de

comprimido cobriam a superfície da mesa de cabeceira, e o quarto cheirava a fumaça.

Mas provavelmente ela não devia ter ficado tão quieta quanto esperava, porque os olhos de seu pai se abriram. — Judy? — ele disse, em uma voz grave por conta da cerveja, das drogas e do sono. — É você?

— Não — ela disse.

Ele se levantou com dificuldades. — O que você está fazendo? Que horas são?

— Tarde. Cedo. Depende do ponto de vista.

— Hm?

— Deixa pra lá.

Ele esfregou os olhos. — Você está horrível. Está doente?

O mundo inteiro está doente. — Você está? — ela perguntou.

— Minhas costas — disse ele. — Você sabe como é. Ei, você tem algum dinheiro?

Já fazia um ano desde a última vez que ela esteve aqui; você pensaria que ele ficaria mais surpreso em vê-la. Feliz, talvez. Mas esse não era o lugar para felicidade. Por um breve momento, Jude quis virar a cama, jogar os dois no chão. Ela queria contar a eles sobre o amor e a sede, e o que ambos fizeram com ela quando seus pais não estavam olhando. Ela queria contar a eles sobre o garoto de ouro, aquele que adorava feras de contos de fadas, aquele que também era uma fera. As coisas que ele tirou dela: determinação, sangue e humanidade.

Mas ela não estava aqui para isso. — Peça o dinheiro à mamãe — disse ela. — Ela ainda está pagando pelo meu telefone.

— O quê? Como? — Ele empurrou a mãe de Jude. — Acorde, sua vadia. Você tem escondido coisas de mim.

Sua mãe rolou na cama. — Vai se foder, Mike.

— Judy acabou de me contar.

— Foda-se a Judy também.

Jude os deixou com sua inevitável briga e se esgueirou até seu antigo quarto, surpresa ao ver que ele continuava o mesmo – roupas espalhadas por toda a cama e no tapete, batons velhos juntando poeira na cômoda. Ela encontrou uma mochila e colocou

um monte de roupas dentro. Então ela colocou a bolsa no ombro e saiu pela porta da cozinha. Ela caminhou até o zoológico, chegando com o sol. Jude colocou a bolsa de couro em seu armário e começou sua rotina matinal. Diwata veio e a ajudou a preparar a comida para Lolo. Lolo não demonstrou interesse algum pela comida, mas adorou o balde em que ela vinha e colocou-o na cabeça como um chapéu. Quando Diwata disse que ela estava ridícula, Lolo choramingou e rosnou até Jude colocar o balde em sua própria cabeça.

Enquanto Jude, Diwata e o resto da equipe do zoológico soltavam os animais em seus habitats externos, um exército vestindo camisetas pretas idênticas apareceu. As camisetas diziam A GRANDE FESTA DE ANIVERSÁRIO DO B, as pessoas que as usavam se locomoviam pela propriedade em carrinhos de golfe, entregando comida e bebidas para os cafés e barracas de comida. Caminhões-pipa vinham de todas as direções, e os tratadores do zoológico foram instruídos a dar água aos animais e “animar esses bebês!”, uma van de mudança chegou e estacionou entre a Loja de Presentes Coisas Selvagens e a Casa do Leão. O pessoal com as camisetas montou um palco e, em seguida, retirou a mobília do caminhão e colocou cadeiras e sofás ao redor de fogueiras portáteis. Centenas de milhares de pequenas luzes adornavam árvores e gaiolas, meticulosamente colocadas por homens usando luvas e pernas de pau. Dezenas de seguranças vigiavam pessoas e animais, com os dedos pressionados contra os dispositivos cirurgicamente instalados atrás das orelhas de couve-flor, os olhos cheios de suspeita e sociopatia. Um deles agarrou Jude pelo braço enquanto ela ia dar água para Olive e Nell.

— Ei! Onde está sua carteira de identidade?

Jude olhou para a mão do homem, resistiu ao desejo de arrancá-la de seu corpo, arrancar os dedos um por um. Em vez disso, ela pegou o crachá desgastado do bolso da frente.

— Aqui — ela disse, e sorriu.

O homem balançou nos calcanhares, murmurou: — Me desculpe — e a soltou. — Eu... eu sinto muito.

— Eu sei — disse ela.

Dentro do habitat dos leões, Olive, a menor e mais esguia das duas leoas, esfregou-se nos joelhos de Jude. Menina monstro, Olive ronronou. Nell se levantou nas pernas traseiras, colocou as patas nos ombros de Jude e lambeu o rosto dela. *Garota favorita*, resmungou Nell. *O que você nos trouxe hoje*?

Jude tentou ignorar as camisetas e os seguranças enquanto lavava o habitat dos leões e fazia carinho nelas. Olive e Nell beberam a água em grandes e ambiciosos goles.

— Boas gatinhas — Jude disse a elas.

Uma pessoa de camiseta dizia: — Ei! Garota gótica! Eu preciso tirar algumas boas fotos para colocar em nossas redes. Talvez você possa encontrar um brinquedo para suas amigas peludas ou algo assim?

— Vou tentar — disse Jude.

Pouco antes da chegada dos convidados de honra, Jude encontrou Diwata no vestiário dos funcionários. Diwata olhou para ela, espantada.

— Quase não te reconheci. Você penteou o cabelo? E o que você está vestindo?

As roupas que ela havia pego em seu antigo quarto, sua antiga vida: saia curta, meia arrastão, coturnos de couro falso. — Eu lembrei do que você me disse. Que eu poderia fazer algo a respeito de tudo isso. Pensei que talvez pudesse conhecer algumas pessoas.

Diwata ficou quieta por um longo instante. Então ela disse: — Desde quando você me ouve?

— Desde agora, eu acho.

— Okay. Você parece... — Diwata inclinou a cabeça, considerando.

— O que?

— Jovem e desesperada. Você vai fazer muitos... amigos. Se é isso o que você quer.

Jude não respondeu, tomou um gole da garrafa de água que Diwata lhe entregou. Ela se perguntou por que Diwata não se sentia atraída por ela como os outros, mas talvez ela se sentisse, de uma maneira diferente. Diwata a salvou. Jude havia pensado que ela

estava retribuindo a gentileza levando Diwata até o ponto de ônibus todas as noites, mas agora isso parecia bobo. Não foi isso que Diwata pediu que ela fizesse.

— Venha comigo? — Jude disse. — Estou um pouco nervosa.

— Não acredito em você — disse Diwata. — Você não tem medo de nada. — Mas Diwata andou na frente de Jude como ela sempre fazia, abrindo caminho por entre a multidão de convidados, a maioria já bêbados e barulhentos.

Diwata resmungou: — Se qualquer um desses idiotas sequer *olha*r para os meus animais de um jeito estranho, as consequências serão terríveis.

Eles chegaram à grande tenda no meio da área principal, onde o aniversariante estava presidindo a corte como uma espécie de rei. Ele era medianamente alto, cabelos grisalhos e com gel, e um rosto corado, uma boca pequena e egoísta como a de uma lampreia. Ele tinha uma garrafa de cerveja em uma das mãos, e gesticulava amplamente com ela. Por toda parte, outros homens de rostos avermelhados riam junto com ele, ou brindavam com ele, ou batiam em suas costas. — Feliz aniversário, BK! Você é o cara!

Diwata e Jude encontraram alguns lugares no bar e esperaram. Do outro lado da sala, Sanjay estava com um grupo de outros organizadores de festa. Ele acenou para ela, seus grandes olhos úmidos fazendo-o parecer ainda mais jovem, como um cervo em uma floresta emaranhada. Ela esperava que ele não fosse sentir medo dela, depois.

— Você nunca me disse de quem era o sangue — disse Diwata.

— O que?

— Quando eu encontrei você com Olive e Nell. Havia sangue por toda a parte. Lembra quanto tempo demorou para limpar?

— Ah. Isso. — Jude havia se oferecido ao garoto de ouro que ela amava, e ele, por sua vez, a ofereceu a algumas feras mágicas que ele amava mais. Era para ela ser o brinquedo, mas Jude se tornou outra coisa. Algo com garras, algo com dentes, blá, blá, blá. Um tipo diferente de besta. Ela deu as primeiras mordidas, mas deixou Olive e Nell fazerem o resto.

Diwata bateu no balcão do bar. — Só quero saber se ele merecia.

— Mais do que eu.

Havia outras pessoas que mereciam, tantas outras..

Não demorou muito para que os olhos do aniversariante a encontrassem, jovem, desesperada e tão, tão sedenta em suas meias arrastão e saia. Ele se aproximou.

— Olá, senhoras — disse ele. — Vocês estão se divertindo?

Diwata grunhiu, mas Jude disse: — Estou tendo o melhor dia de toda a minha vida.

Os lábios cerrados do homem se esticaram em um sorriso. — Posso pagar alguma coisa para você? Cerveja? Água?

Pela primeira vez, Jude deleitou-se em sua sede, no poder dela. Ela sentiu a coceira entre as omoplatas, onde as asas surgiriam de suas costas na primeira mordida.

Jude alisou a saia sobre suas coxas. — Uma água seria ótimo, obrigada.

MORCEGOS Ou Os Roedores Voadores Mais Fofos e Incompreendido

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

É difícil imaginar falar sobre vampiros sem mencionar o pequeno roedor mais gótico da natureza, o morcego. Mas os morcegos nem sempre fizeram parte do mito dos vampiros. Sim, o Conde Drácula se transforma em um morcego no *Drácula* de Bram Stoker. Mas ele também pode viajar em partículas de poeira lunar e se transformar em um lobo, cachorro e névoa. Então, por que o Drácula não se transforma em um coelho ou em uma borboleta? Não é apenas pelo fato de que essas criaturas são super adoráveis e no departamento de – possuir presas – eles deixam a desejar. Uma teoria é que os conquistadores espanhóis trouxeram histórias de morcegos bebedores de sangue das Américas quando retornaram à Europa, introduzindo todo um mundo de terror em seu continente natal. Morcegos bebedores de sangue estão claramente a apenas um passo de humanos ou monstros bebedores de sangue, certo??? Infelizmente, no mundo real, morcegos vampiros não te concederão a imortalidade – apenas raiva. Da mesma forma que as bruxas têm familiares felinos, a conexão entre criaturas sobrenaturais e animais é tão forte que ocasionalmente elas se tornam eles. Na história de Laura, Jude foi transformada contra sua vontade e isso a deixou com raiva e isolada, mas ela encontra seu equilíbrio entre as feras.

Se o seu eu vampiro pudesse se transformar em uma criatura, qual você escolheria?

ESPELHOS, JANELAS & SELFIES

Mark Oshiro

invisibleb0y
5 de junho de 2018

~~Você sabe como é ser invisível?~~
~~Você sabe como é não se ver?~~
Fiz este blog porque não tenho com quem conversar. E eu não estou sendo melodramático. Tenho lido as palavras de outras pessoas por muito tempo, mas é hora de falar.

Meu nome é Cisco.

(Respiração profunda)

Eu sou um vampiro.

(Clichê, eu sei.)

E eu estou sozinho.

Bem, existem meus pais, mas não me sinto próximo deles na maioria dos dias. E não daquela maneira cafona que provavelmente se presume, eles pensam em mim mais como uma anomalia do que qualquer outra coisa. Eu não devo existir e, ainda assim, cá estou eu! Jogado no mundo, uma impossibilidade, e eu nem mesmo tenho escolha.

Fiz este blog porque, talvez, ajude a tornar minha vida um pouco mais suportável. Não sei. Eu realmente não tenho grandes planos para ela. Só preciso falar sobre como eu não me vejo.

Literalmente.
Eu não sei como eu sou.
Muito triste, não é?

0 comentários
6 notas

invisibleb0y
6 de junho de 2018

Existem regras. Eu não posso quebrá-las. Minha vida é uma benção, me disseram. Vampiros não se reproduzem, de acordo com meus pais - que normalmente são minha única fonte de informações sobre minha espécie.

Portanto, essas regras existem para me proteger. Para me manter vivo e seguro. Para me manter longe dos outros clãs, longe de vampiros que farão coisas terríveis comigo se souberem que eu existo. Sou único demais e muito especial. Vampiros são territoriais, claro, mas Mami e Papi presumiram que o pior estava por vir, porque... bem, eu não deveria ser real.

Então eles nos esconderam, bem no meio do nada, e eu conheço as regras durante toda a minha vida.

As regras

1) Devo ser supervisionado em todos os momentos. Sério. Sem tempo longe de Mami y Papi. Eu já quebrei essa regra por breves períodos, talvez alguns minutos aqui e ali, mas eles estão, de fato, sempre por perto. Eu nem consigo caçar sozinho. É muito arriscado, mesmo que estejamos tão isolados dos outros, porque alguém pode me encontrar. Podem descobrir que eu existo. Esse é o pior resultado possível para meus pais: que eu seja descoberto, levado, dissecado, estudado, que o próprio conhecimento da minha existência trará desgosto e morte para todos nós. Então, vivemos em uma fazenda abandonada longe de... bem, vamos apenas dizer em algum lugar como Blythe. Ou

Sheridan. Ou Freeburg. Estamos sempre no meio do nada. Às vezes têm algumas casas espalhadas, mas geralmente? Nada por quilômetros e quilômetros.

E *ainda* não sou autorizado a sair de suas vistas.

2) Sem fotos de qualquer tipo. Nenhuma evidência no mundo de que eu existo. O que significa...
3) Nenhum uso de Internet sem supervisão. Papi roubou um desktop antigo a muitos anos atrás, e às vezes temos a sorte de desviar um sinal próximo. A uns quatrocentos metros de nós ou mais longe na estrada de terra, há outra casa. Não tenho ideia de quem mora lá. Mas eles aumentaram o sinal por algum motivo, e sua conexão deve estar, provavelmente, uma merda, porque eu a uso toda vez que chega até nós, principalmente em dias claros.

Mas encontro momentos em que meus pais não estão prestando atenção. Quando eles estão ocupados. Que eu posso entrar em todos os sites que eles não deixam. Eles não querem que eu leia nenhuma das coisas desagradáveis que as pessoas dizem sobre os vampiros. Muita desinformação e propaganda, aparentemente.

Eu sei como apagar meu histórico de navegação, no entanto. Mami y Papi não são tão espertos, então eles não têm ideia de como me impedir. Então eu tenho lido muito sobre "nós". O que o mundo pensa sobre vampiros. Todos vocês têm ideias estranhas de como somos. Mas não me sinto nenhum pouco diferente ao conhecer todos os mitos e rumores. É realmente tão ruim apenas *saber*?

4) Depois, há as pequenas coisas. As coisas que eles me dizem que são verdadeiras e eu acredito nelas porque não encontrei nada online para refutar. Portanto: sem prata.
5) Sem estacas de madeira. (Como se eu fosse enfiar uma estaca em mim mesmo? Okay.)

6) Sem espelhos. Aparentemente, eles costumavam ser protegidos com prata e, mesmo que não sejam mais, velhos hábitos dificilmente morrem para vampiros. Sem riscos assumidos, sem regras quebradas.
7) Nenhuma interação com quaisquer humanos que não sejam refeição, seja imediata ou planejada. Vocês percebem o que isso significa? Nunca conversei com nenhum de vocês. Nem um só. Ah, eu falei com humanos, mas geralmente é quando eles estão desvanecendo e eu os estou agradecendo. De outra forma? Nada.
8) *Nadica de nada*.

Ok, talvez essa última não seja uma regra real. Mas parece verdade. Minha vida é planejada e segura. Acho que não fiz nada perigoso desde que nasci.

É exatamente tão chato quanto parece.

ThrowawayOne: primeiro
8 Notes

invisibleb0y
8 de junho de 2018

Eu não deveria existir. Não é um pensamento fodido? Mas não é um pensamento. É quem eu sou. Eu não estava brincando sobre toda a coisa da criação. Pelo que eu sei, nunca houve uma criança nascida de vampiros... *nunca*. Papi sentou comigo quando eu era bem jovem e me contou toda a história. Os vampiros existem há muito tempo - talvez mais do que o que você considera “humanidade” - mas a única maneira de novos vampiros existirem é a partir de um humano, ao transformá-los em um de nós. Mas então, apesar da impossibilidade de tudo isso, Mami ficou grávida e eu saí nove meses depois. Assim como um humano.

Mas eu não sou humano.

Sou outra coisa.

É legal, eu acho. Posso correr muito rápido sem me cansar e posso ver muito longe. Eu não posso me transformar em um

morcego, Mami disse que não sabe de onde veio esse mito sobre vampiros. Embora eu descanse durante o dia, não fico com sono como você - apenas cansado. É mais como meditação do que qualquer outra coisa.

Eu gostaria que isso parecesse mais como um superpoder.

Porque está se transformando em uma maldição.

Eles deixaram o clã quando descobriram que Mami estava grávida. Desaparecemos no Norte em Appalachia, depois rumamos para o oeste. Não nos movemos mais com tanta frequência, pelo menos não desde que descobrimos como é isolado no deserto. E então estou preso aqui. Nenhuma forma de, realmente, fazer algo além de aprender sobre o mundo em vez de viver nele.

Eu sou um segredo.

Sou uma impossibilidade.

Estou tão exausto de tudo isso.

0 comentários
7 Notes

invisibleb0y
10 de junho de 2018

Você sabe o que eu fiz esta manhã?

Eu esperei.

Há um momento do amanhecer em que a luz pode iluminar uma sala sem me machucar. Só senti a luz do dia uma vez, quando era criança. Eu estava curioso. Você pode me culpar? Você provavelmente já testou os limites de seus pais antes.

Ok, talvez não assim. Não esquecerei a maneira como o sol tocou minha pele pela primeira vez, penetrando profundamente em meus ossos, envenenando-me por dias. Mami me trouxe um homem velho, alguém perto da morte que morava sozinho, e eu bebi todo o seu sangue para acelerar minha cura. Mesmo assim, fiquei com náuseas e suando por uma semana inteira.

Nunca mais.

Mas eu encontrei um meio-termo. Estou tão perto de fazer funcionar. Há um breve momento quando o sol nasce no Leste, e é

bloqueado pelos galhos do salgueiro do lado de fora de uma das janelas que não está fechada com tábuas. É apenas a essência da luz, e se eu virar meu rosto em direção à janela, lá estará. Na tela do computador. A cor do meu rosto. Um breve reflexo sobre ela. Nela não mostra nenhuma forma real, tudo fica embaçado e arredondado, e eu ainda não consegui descobrir nenhum detalhe. Não sei se é porque não temos reflexo em *lugar nenhum* ou porque essa é apenas uma superfície terrível. Mas estou determinado a me ver.

É isso que me ocupa em algumas manhãs, antes do sol brilhar demais, antes de todos descermos para o porão que trancamos por dentro.

NoOneKissesLikeGaston: Ooooh, assustador. Amei. Que história legal!
4 notas

invisibleb0y
12 de junho de 2018

Hoje eu fiz algo imprudente.

E me sinto vivo.

Disse ao Papi que queria deitar no telhado e observar as estrelas. Eu li sobre uma chuva de meteoros aparecendo no deserto naquela noite, o que não era uma mentira. Ele disse que eu mostrei "iniciativa" por querer explorar mais o mundo e sorriu para mim, fazendo seu bigode preto e espesso balançar em seu rosto largo. Tive uma sensação estranha no estômago, uma sensação de cócegas, e gostei disso.

Alguns dias, meus pais não são tão ruins.

Papi não se juntou a mim no início, ele disse que sairia mais tarde. Subi até o telhado em alguns saltos. Do topo, eu podia ver quilômetros em todas as direções. Era uma noite clara, fria e silenciosa, e eu poderia ouvir os coiotes à distância se focasse nisso, bloqueando tudo em minha mente. Minha audição sempre foi melhor do que minha visão.

Mas esta noite, havia um lampejo. Um flash uns quatrocentos metros ao leste.

— Estão perto demais — Mami me disse uma vez. — Nós os deixamos sozinhos. Não caçamos nas proximidades. — Eu não tinha ideia de quem morava lá, mas sabia o que era aquele flash.

Faróis.

Eu agi sem pensar duas vezes. Saltei do telhado e comecei a correr. Eu nunca corri tão rápido, nunca tinha usado o poder vindo da última alimentação tão intensamente, nunca senti o ar do deserto correr pelo meu rosto daquele jeito. Concentrei-me na localização do flash e, segundos depois, eu estava do lado de fora da propriedade.

Eu tinha que ser rápido.

Correndo pelas construções, olhei para dentro da janela mais próxima, deixando meus olhos se ajustarem à falta de luz.

Não. Não era ali.

Corri para a porta dos fundos, ciente dos sons do homem lá dentro se mexendo. Havia algum dispositivo de metal no telhado, e me perguntei se tinha sido com aquilo que ele aumentou seu sinal de wifi para tão longe de sua casa.

Novamente, eu olhei para dentro.

Sua casa era uma bagunça, cheia de restos de metal, fios, placas-mãe e outros tipos de parafernália eletrônica. Mas não o que eu estava procurando.

Eu me virei e vi minha casa à distância. O terror cresceu em minhas entranhas e imaginei meu pai subindo no telhado para se juntar a mim, descobrindo que eu não estava lá, percebendo o que tinha feito. *Mais rápido, Cisco*! Eu disse a mim mesmo.

Uma luz se acendeu em outra sala. Eu ouvi água correndo. *Tinha* que estar lá.

Eu me esgueirei pelo lado leste da casa, em direção à janela minúscula de onde uma luz amarelada irrompeu. Pulei e coloquei meus dedos no parapeito da janela. Fiquei parado, quieto. Então me levantei o mais devagar que pude, esperando que o homem lá dentro não me notasse. Apertei os olhos, tentando bloquear a luz e...

Nenhum espelho.

Ele não tinha espelho em seu próprio banheiro.

Eu me deixei cair e pousei no chão sem fazer barulho. Eu estava fugindo da casa do homem quando ouvi o barulho, o som de uma dobradiça enferrujada.

Eu me virei.

Ninguém estava lá.

Mas se moveu pelo vento. *A porta da caixa de correio*. Eu a abri.

Um envelope.

Eu puxei. *Jairo Mendoza*. E um endereço. Um endereço! Ah, como eu nunca tinha pensado nisso?

Eu disse isso de novo e de novo e de novo e de novo e de novo e de novo, e enquanto corria de volta para casa, esperando desesperadamente que meus pais ainda não tivessem vindo me ver, eu repeti...

Eu estava no telhado segundos depois e quando Papi veio se juntar a mim não disse nada por um tempo.

— Isso é legal — me disse.

— Sim — eu disse.

Eu tenho uma ideia. Não sei se vai funcionar.

NoOneKissesLikeGaston: Ok, agora estou viciado. Quando sai o próximo capítulo? Você devia publicá-los no AO3.
CanIScream: Não é uma fanfic. Lá só tem fanfics.
NoOneKissesLikeGaston: Acho que é uma boa história de qualquer maneira. Quase parece real lol
15 notas

invisibleb0y
14 de junho de 2018

Eu fiz isso.

Eu fiz isso.

Foi muito pior dessa vez. Não tinha chuva de meteoros para usar como álibi. Tínhamos acabado de terminar minha aula sobre uma parte chata da América. Odeio quando meus pais tentam me ensinar história porque...bem, geralmente eles estiveram lá. Pelo menos nos últimos duzentos anos, quero dizer. Eles trocam sorrisos e risadinhas conhecedoras, e fazem referências secretas a coisas, e isso me frustra. Eles nunca me contam nenhuma dessas merdas

legais! Apenas se limitam aos livros escolares que roubaram, ocasionalmente fazendo comentários sobre o quão “impreciso” é o texto.

Esta é outra maneira de viver uma vida separada da deles. E eles planejaram dessa forma. Minha vida inteira está planejada.

Então, quando Papi disse que iria para a escola novamente para ver se eles tinham um livro de Álgebra II, eu disse a ele que não precisava de álgebra porque era um vampiro. Ele achou muito engraçado.

Mesmo assim ele foi.

Por quê? Por que eles querem que eu aprenda sobre coisas que não posso experienciar? Por que devo me preocupar com história, matemática e ciências se eles não me deixam conhecer o mundo?

Depois que papai saiu, Mami vagou até onde eu estava sentado, minhas costas pressionadas contra a parede, irritação correndo em mim. Ela disse que iria descer para o porão por alguns minutos. — Já volto, mijo — disse, passando os dedos pelos meus cachos pretos e beijando-me na testa.

Eu sabia que era minha única janela de oportunidade.

Eu corri. Ainda mais rápido do que na outra noite. Fui direto para a casa de Jairo e, quando cheguei à porta dos fundos, congelei.

Eu nunca tinha feito nada assim.

Eu levantei minha mão para a maçaneta e lentamente a girei. Não fez nenhum som. Eu puxei a porta e olhei ao redor. Sem humanos. Ninguém. Eu me movi silenciosamente, impedindo a porta de bater, e fui da cozinha para o quarto dele.

Ele estava dormindo.

E foi tão difícil. Eu não me alimentava há dois meses e, embora eu tivesse um bom controle, podia ouvi-lo.

Thump, thump.

Thump, thump.

THUMP, THUMP.

Tão alto.

Tão...gostoso.

Mas eu tinha um motivo para estar ali. Fui até a mesinha de cabeceira e peguei sua carteira, pegando dois cartões de crédito.

Eu fui embora segundos depois.

Chegando em casa não muito depois.

Lendo um site de notícias quando Mami voltou lá em cima.

— Alguma coisa interessante acontecendo no mundo?

Eu balancei minha cabeça. — Tudo a mesma coisa.

Ela suspirou. — Estamos com pouco sangue. Você quer vir caçar amanhã?

Eu concordei. — Sí, Mami. — Comecei a dizer outra coisa, mas ela me interrompeu.

— Juntos — ela disse. A frustração cresceu em mim com o lembrete: nunca sozinho.

Mami me encarou, e em seus olhos havia a mesma infantilização em sua voz. Ela estava no controle. Eu não poderia escolher por mim mesmo.

— Ok — eu murmurei. Meu rosto queimando. — Juntos.

Ela bagunçou meu cabelo e seu toque enviou raiva pela minha espinha. — Quando você crescer, conversaremos sobre isso.

Então ela saiu.

Ela estava parada do lado de fora da sala, a poucos metros de mim, quando usei o cartão de crédito de Jairo para comprar uma câmera digital, uma com excelente capacidade para pouca luz.

Eu vou fazer isso. Assim que chegar na casa dele, vou fazer.

NoOneKissesLikeGaston: como estou tão empenhado em um estranho
ToEachTheirOwn: porque vc escreve todas essas frases em uma linha cada
6 notas

invisibleb0y
14 de junho de 2018

Como eu pareço?

eu nariz é pontudo? Largo? Já o toquei antes. Acho que se alarga nas laterais. E minhas sobrancelhas? Minhas orelhas? Eu realmente não tenho nada com que comparar. Meus olhos são escuros? Claros? Como são meus cachos? Eu sei a *sensaçã*o deles, mas não é a mesma coisa. Papi é quem corta meu cabelo, apenas algumas vezes por ano, e sempre que enrolo meus cachos em volta dos

dedos, um lado parece mais curto que o outro. Mas não consigo ver por mim mesmo. Ele diz que parece bom e, mais uma vez, devo obedecer ao que meus pais me dizem. Não tenho escolha própria.

Mas isso vai acontecer.

Eu vou me ver.

IAmJustLikeYou: Vou ajudá-lo. Prometo.
4 notas

invisibleb0y
15 de junho de 2018

Minha ambição me deu energia para nossa caça esta noite.

Estávamos a quilômetros e quilômetros de casa, bem ao sul. Papi disse que conhecia um pequeno povoado que circundava as montanhas por aquelas redondezas, e tinha certeza de que poderíamos encontrar alguém. Alguém que ninguém procuraria.

Estávamos correndo por cerca de dez minutos quando passamos por ele. Aninhado ao lado de um bosque de algaroba, brilhava com a pouca luz da lua que havia. Eu diminuí, e Mami foi a primeira a notar. — Cisco, vámonos — ela ordenou. — Temos um longo caminho a percorrer.

Andei até a beira do pequeno oásis, até o lago que ondulava com a leve brisa. Inclinei-me sobre a beira da água. Vi meu contorno, uma sombra e formas vagas, meu rosto se contorcendo nas ondas suaves. Não era lua cheia, mas eu seria capaz de ver mais de mim se fosse? Tinha algumas semanas para descobrir.

Eu voltaria, disse a mim mesmo. Um plano B, apenas se for necessário.

Corri com meus pais. Eu não conseguia parar de pensar sobre aquela água e meu reflexo tremeluzente e borrado.

NoOneKissesLikeGaston: Então, você não caçou de *verdade*, né?
MiseryBusiness: Acabei de encontrar este blog. Uau, este é um projeto tão legal. Gostaria de ter pensado nisso!
7 notas

invisibleb0y
16 de junho de 2018

Eu tenho lido sobre outras vidas por tanto tempo. Devorei histórias aqui de pessoas de todo o mundo, que estão lidando com coisas que são indiscutivelmente piores do que as que estou passando. Mas ainda me sinto vazio na maioria dos dias, como se tudo o que pudesse fazer fosse me entregar à vida de estranhos. Eu também quero me sentir completo algum dia. Estou cansado de olhar pelas janelas de suas casas e de suas famílias.

Eu quero que alguém *me* veja.

Papi me disse que passo muito tempo no computador. Que preciso ouvir mais a ele e a Mami, que eles conhecem o mundo melhor do que ninguém. Eu apenas sorri para ele. O que devo dizer sobre isso? Eles não “vivem” no mundo há dezessete anos. Somos exilados por nós mesmos desde que nasci. Como eles poderiam saber mais do que qualquer outra pessoa?

Eu tenho que fazer isso. Papi acabou de me deixar ainda mais certo disso.

NoOneKissesLikeGaston: Nós apoiamos você! Lmao olha para mim, pareço obcecado.
MiseryBusiness: As pessoas sempre me dizem que passo muito tempo online. Talvez se o mundo exterior fosse melhor, eu passaria mais tempo nele.
CallOfDuty92301: Por que vocês gostam desse lixo melodramático? 👎
12 notas

invisibleb0y
17 de junho de 2018

Corri para a casa do Jairo hoje. Tive uma breve oportunidade para isso. Estou ficando bom em encontrar esses lampejos de tempo, e nossa caçada da outra noite me deu a energia necessária. Pegamos um homem espiando na casa de outro, e me alimentei do responsável por quase uma hora. Não senti culpa enquanto o drenava. Aquilo era bom. Alguns dias, sinto-me culpado quando temos de encurtar uma vida. Mas agradecemos a eles pelo que nos dão. Seus sacrifícios nos permitem viver.

Mami riu quando me sentei e arrotei. Ela olhou para o meu rosto por um longo tempo, e não como no outro dia. — Estás creciendo — disse ela, seus olhos calorosos. — Talvez você *vá* começar a caçar por si mesmo.

Me animei com isso. — ¿De veras?

Ela balançou a cabeça. — Não tão cedo. Assim que soubermos que você pode ser confiável. Assim que soubermos que você seguirá as regras.

— Eu não estou seguindo?

— Sim — ela disse. — Mas precisamos de mais alguns anos, apenas para ter certeza.

Então... nunca.

Isso é o que ela quis dizer, certo?

Levamos o outro homem conosco. Acontece que ele morava sozinho e não fez muito barulho.

Não havia correspondência na casa de Jairo hoje.

Talvez tenha sido uma ideia terrível.

0 comentários
6 notas

invisibleb0y
18 de junho de 2018

Você sabe o que é ficar preso?

Emparedado. Incapaz de escapar.

Não vejo como vou sair dessa.

Desculpe. Não houve entrega novamente. O dia de hoje me sugou.

Ha ha. Eu queria que isso fosse tão engraçado quanto eu esperava que fosse.

NoOneKissesLikeGaston: Sinto muito. :(
3 notas

invisibleb0y
19 de junho de 2018

Eles me encontraram.

Eu sou um tolo. Eu deveria saber que foi fácil demais. Eu deveria saber que era bom demais para ser verdade.

Eles pensaram que eu estava caçando sozinho. Eles estavam *orgulhosos* de mim. É por isso que eles me seguiram, à distância,

me observando enquanto eu corria para longe de casa, para o deserto solitário.

Eles pensaram que eu estava pronto para ser outra coisa.

Em vez disso, eles me observaram enquanto me aproximava da casa.

Enquanto eu seguia direto para a caixa de correio, sem prestar atenção em mais nada.

Quando eu a abri.

Puxei o pacote.

Rasguei a borda.

E Jairo Mendoza ergueu sua espingarda.

Mirando em mim.

Eu ouvi o destravar da arma, então vi um borrão, um clarão e então um pow, e Mami tinha Jairo ao chão. Ela gritou algo feroz ao rasgar sua garganta, um movimento fluido, um jato de sangue encharcando a areia sedenta.

Quando ela se levantou, sua mão havia sumido. Apenas um toco onde esta costumava estar.

Ela tinha levado um tiro por mim. E lá estava eu, envergonhado, com a caixa da câmera digital na mão e Papi gritando comigo, a mesma coisa sem parar.

— ¿Qué hiciste, Cisco?!

O que *eu* fiz?

Mami se alimentou voraz e completamente do homem. Jairo Mendoza não existia mais, esvaziado em minutos, e ela ofegava ao começar o processo de regeneração. Isso levaria dias. Seria doloroso.

— Fizemos isso para proteger você, mijo — disse ela, o líquido descendo por sua própria garganta, sobre sua camisa agora manchada. — Você deveria seguir as regras. Por quê? Por que você fez isso?

Eu não tinha nada a dizer a eles. Não consegui explicar na época e, mesmo agora, sentado no escuro, não tenho nada.

Eles enterraram seu corpo longe. Disseram que deveríamos ficar bem, mas provavelmente precisaríamos nos mudar logo.

O sol está nascendo.

Eu tenho que ir.

NoOneKissesLikeGaston: Volte! Estamos ouvindo você!
ThrowawayOne: Isso ainda está acontecendo?
MiseryBusiness: Droga, isso é real? Eu me sinto estranho com tudo isso. Talvez seja algum garoto de vdd passando por alguma coisa? Ñ sei.
19 notas

invisibleb0y
24 de junho de 2018

Ainda não tenho nada a dizer.

Ele está morto. E é tudo culpa minha.

NoOneKissesLikeGaston: Você fez o que tinha que fazer. Por favor volte!
TrueAnneRiceFan: cara, esse blog é gay
ToEachTheirOwn: @TrueAnneRiceFan quem mais diz isso em dois mil e gayzoito?
18 notas

invisibleb0y
29 de junho de 20188

Voltei para o lago hoje.

A lua estava cheia e eu não tinha saído de casa desde que me pegaram. Desta vez, contei a verdade a Papi y Mami: que precisava sair, mesmo que fosse por uma hora, ou ia explodir. Acho que eles poderiam dizer o quão triste eu me senti, o quanto me arrependi do que tinha feito. — Una hora — disse Mami. — Então volte direto para aqui. ¿Entiendes?

Eu concordei. — Lo siento.

Eu tenho falado muito isso ultimamente.

Eu sabia que um deles me seguiria. Eu sabia que eles não me deixariam em paz. Eles não confiavam em mim.

Então, eu estava na borda daquela beleza cintilante e fiquei desapontado ao descobrir que parecia exatamente o mesmo.

Embaçado nas bordas. Indefinido. Sem forma.

Isso era inútil.

E foi por isso que eu pensei, antes de tudo, que estava imaginando. Eu olhei para cima, para a figura do outro lado do

oásis, e pensando que talvez fosse outro cacto saguaro, longo e quieto.

Mas então ele avançou.

Foi até a beira do lago.

Eu podia ver cabelos negros, brilhando à luz da lua.

Ele ergueu a mão para mim.

Eu correspondi.

Olhei para o norte, onde esperava encontrar o Papi me observando, mas ele não estava lá. Talvez ele estivesse se escondendo novamente. E se sim, ele tinha visto essa pessoa gesticular para mim?

Então: uma agitação. Uma vibração. Algo passou pelo meu corpo, levemente e formigando.

Eu me virei, focado no jovem

Ele *sorriu*.

A vibração passou novamente e eu dei um passo à frente, a ponta do meu sapato agora na água, e qualquer que fosse essa sensação, ela me puxou para frente, mais perto do garoto.

E então... ele simplesmente sumiu.

Uma nuvem de poeira subiu no local onde ele estava. Ele tinha se movido tão rápido e... isso é possível? Ele era outro como... *eu*?

Outro vampiro. Parecia tão bizarro. Eu fui mantido longe dos outros durante toda a minha vida e, às vezes, eles eram apenas um mito. Um conto. Um exagero.

Talvez seja assim que eu me sinta sobre todos vocês. Apenas uma história.

Eu voltei para casa. Mami estava parada na porta, acariciando seus cabelos. Ela estava nervosa. Ela sempre ficava nervosa perto de mim agora, como se eu fizesse um movimento repentino iria desaparecer em frente dela. Qualquer confiança não existia mais, mas pior ainda? Parecia que qualquer *esperança que* ela tinha sobre mim, pelo meu crescimento, também havia desaparecido.

— Você parece cansado — disse ela.

— Eu? — Eu disse. E, para satisfazer meus desejos. — Como eu pareço, então, Mami?

Ela me examinou, seus olhos traçando meu rosto, e eu queria saber o que ela via. Ela viu que eu estava em frangalhos? Que eu estava me afogando em culpa?

— Você é lindo — ela disse. — Mas você me assustou. Me deixou com medo de perder você.

— Sinto muito — eu disse.

Percebi que ela não respondeu à minha pergunta.

— As regras existem por um motivo — ela me lembrou. Então entrou rapidamente em nossa casa.

Foda-se suas regras.

CanIScream: maldito seja, estou tão envolvido nesta história. Você pode atualizar mais de uma vez por dia lol por favoooooor.
53 notas

invisibleb0y
9 de julho de 2018

Eu encontro qualquer desculpa que posso para voltar àquele lago esses dias.

Eu quero ver o garoto novamente. Eu quero saber o que foi aquela sensação. Eu quero tantas coisas.

Então, tenho ido todas as noites desde aquela primeira noite, e ele nunca está lá.

Talvez eu tenha imaginado. Dizem que a culpa pode fazer coisas confusas em sua mente. E não consigo tirar a imagem do jato de sangue da minha cabeça, embora tenha visto sangue mais vezes do que jamais poderia me lembrar. Mas Mami nunca matou alguém assim. Nunca *mesmo*.

Tudo dói demais. Como se a maior pilha das mais pesadas pedras estivesse no meu peito e eu não conseguisse me livrar.

Provavelmente você não terá notícias minhas por um tempo...

NoOneKissesLikeGaston: Por favor volte. :(
68 notas

invisibleb0y
16 de julho de 2018

Ele é real.

Ele é real.

Eu não estava imaginando.

ELE É REAL.

BrujaBorn: Espera, o que você quer dizer? Vamos, cara, nos dê outro post!
127 Notes

invisibleb0y
17 de julho de 2018

Sinto muito, eu não tive a intenção de deixar todos vocês com um final em aberto. Mami entrou na sala, então eu tive que fechar a aba, e fingir que estava fazendo uma pesquisa para a aula boba de história de Papi naquela noite.

A propósito, de onde vocês *vieram?* Estou surpreso que alguém esteja interessado nestes desabafos sem sentido, mas...bem-vindos.

Ainda não consigo acreditar. Eu não estou sozinho.

Existem outros.

Ele estava lá dessa vez, e quando ele apareceu na beira do oásis, quase não acreditei. Depois de tentar tantas vezes, por que agora? Por que *dessa* vez?

Eu o senti antes de vê-lo. Eu nunca tinha experimentado aquela agitação, aquela vibração suave, como eu fiz quando este garoto estranho parou do outro lado do lago. Isso é coisa de vampiro? Isso é algo que podemos fazer? Meus pais nunca me falaram sobre nada assim, mas, novamente, eles meio que deixaram de fora muitas coisas sobre mim. Ah bem.

Ele sussurrou e eu ouvi cada palavra.

— Nós precisávamos ter certeza de que você estava sozinho — disse ele.

— “Nós”?

— Há outros — ele disse, e essas palavras... elas bateram em meu peito, pressionaram meu coração. — Nós estivemos observando você. Tentando encontrar o momento certo.

O deserto estava silencioso ao nosso redor. Sua voz era profunda, tão suave, suas palavras um ritmo vibrante em meus ouvidos.

— A hora certa para quê?

— Para fazer contato.

E então ele estava bem ao meu lado. — Sou Kwan — disse ele. — E você não é o único.

Eu vacilei e dei um passo para trás. A vibração bateu contra meu corpo, como se mãos invisíveis pressionassem meu peito. Eu ouvi tudo: os besouros trabalhando na terra. A cobra deslizando por baixo de um arbusto a oeste. O suave bater da água na beira do lago. Isso era um coiote uivando? Virei a cabeça em sua direção, mas não consegui ver. Quão longe ficava? Oitenta quilômetros? Cento e cinquenta? Como eu poderia ouvir a essa distância? Concentrei-me no rosto de Kwan, bloqueando a invasão repentina de sons.

— É novo, não é?

Sua voz estava confiante. Quando foi a última vez que falei com alguém que não fosse meus pais? As palavras que saíram de sua boca me apavoraram. Me emocionaram. Ele era tão lindo, com a pele lisa, maçãs do rosto marcadas, olhos escuros, o cabelo sedoso e preto como azeviche.

Eu o queria. Era tão simples quanto isso.

— O que há de novo? — Eu perguntei, resistindo à vontade de pressionar meus lábios contra os dele. Por quê? Por que isso estava acontecendo?

— A sensação que você tem — disse ele, e sorriu, mostrando os dentes para mim. Eles eram afiados como os meus.

— O que é isso? — Digo as palavras, como se fossem o ar que tenho prendido por toda a minha vida e só agora eu posso soltar.

— É o que acontece quando estamos juntos. Pessoas como nós.

Eu engoli meu desejo. — Quem você acha que sou? Como *o quê?*

— Todos nós nascemos como você — disse Kwan, e se aproximou. Me mantive onde já estava. — Não deveríamos existir, mas existimos.

— Como você me achou?

Ele sorriu, seu lábio curvando-se de um lado. — Cara, você tem um *blog*.

Eu estremeci. — Espera, sério? Assim como?

Ele assentiu. Aproximou-se mais.

— É estranho ver você de novo — disse Kwan. — Mesmo depois daquela primeira vez, não queria acreditar que você era real.

Ele levantou a mão.

Quando seus dedos roçaram minha bochecha, eu tremi. Uma eletricidade passou dele para mim, e eu podia ver de muito distante, podia ouvir demais, podia sentir a energia da minha última alimentação crescendo dentro de mim.

— Estamos tentando encontrar você há semanas.

Seu dedo indicador passou ao longo do meu queixo.

— Temos algo que você quer.

Então estava no meu lábio inferior.

;

E ele estava tão perto.

Sua mão se moveu para os cachos do lado direito da minha cabeça.

— Eles são mais curtos deste lado — disse Kwan. — Você sabia disso?

Eu ri. Eu *sabia* que estava certo!

Seus olhos se arregalaram

Um *whoosh*.

Ele sumiu.

Prendi a respiração e então ouvi um estalo atrás de mim.

Papi.

Mami logo atrás.

— Cisco? — ela gritou, e eu tentei fingir que minha vida inteira não tinha mudado.

— Aquí, Mami — disse.

Ela se esquivou graciosamente dos cactos e arbustos de ocotillo. — O que você está fazendo aqui? — Ela estava preocupada de novo e seu olhar era penetrante.

Então eu disse a ela a verdade.

(Bem... *uma* verdade.)

— Este lugar — eu disse. — Ele me faz sentir melhor. E um pouco menos sozinho.

Papi juntou-se a ela e fez uma careta. Talvez eu não devesse ter dito isso. Talvez eu devesse ter guardado para mim. Mas eu pude ver pela dor em seus rostos que eles acreditaram.

E se eles acreditassem em mim, eles não questionariam por que eu estava no lago em primeiro lugar.

Mami brincou com seus longos cabelos por alguns momentos. — Você realmente se sente sozinho? — ela perguntou finalmente.

Lágrimas pinicaram em meus olhos e tive que me virar. Não era óbvio? Não era claro que eu estava completamente isolado, que estava desesperado por *qualquer coisa* fora da vida que eles fizeram para mim?

— Às vezes — eu disse, oferecendo a eles uma espécie de concessão.

— Lamento que você tenha que ver...você sabe...o que você viu, mijo. — Mami entrelaçou os dedos com os de Papi e continuou: — Sei que não conversamos *muito* sobre isso. Só não queremos que nada de mau aconteça a você.

— Eu sei — disse. Queria dizer mais alguma coisa. Eu deixei as palavras morrerem. Não havia necessidade de justificar isso para eles. Eles não entenderiam. — Eu só preciso de um tempo para mim todos os dias. Não muito. Tudo bem?

— Te amamos, Cisco — disse Papi.

Essa é a pior parte. Tenho certeza de que eles amam. Mas como você diz a alguém que o amor dele te sufoca?

NoOneKissesLikeGaston: Ufff, meu rosto está queimando.
MiseryBusiness: Bem-vindo de volta!
BrujaBorn: Isso tem que ser real. Só *tem* que ser.
298 notas

invisibleb0y
18 de julho de 2018

Pouco depois da meia-noite, voltei para o lago. Eu sabia que tinha alguns minutos antes que meus pais voltassem. Eles me deixaram sozinho para ir caçar, então quebrei essa regra sem hesitar. Eles caçaram sem mim, então, tecnicamente... eles quebraram sua própria regra?

Eu fui para aquela água cintilante.

Chamando seu nome.

O som ecoou na água e ele veio até mim, uma rajada de vento, e então parou ao meu lado. Eu encarei aqueles olhos novamente.

— Você é real, não é?

Ele assentiu.

— Como existem outros?

— Não sabemos. — Ele passou a mão por todo o comprimento do meu braço esquerdo. Eu estremeci, não de frio.

— Meus pais... — Fiz uma pausa, deixando meus olhos passarem por seu corpo, a forma como sua camiseta se ajustava em seu peito, sua barriga redonda. — Eles disseram que eu era o único.

Ele sorriu. — Definitivamente, não é verdade.

— Mas por quê? — Minha voz não era mais um sussurro. — Por que mentiriam para mim?

Seu rosto retorceu com uma careta. — Essa é uma questão para eles, não para nós.

— O que mais é verdade?

Kwan inclinou a cabeça para o lado. — Sobre nós? Sobre o que somos?

Eu assenti.

— Não sei o que mais eles disseram a você — disse ele. — O que devo dizer sobre o que somos.

— Quero saber tudo — eu disse.

Sobre mim. Sobre nós. Sobre *ele*.

— Eu sei que você quer, mas... — Ele virou o rosto, franzindo-o. — Não sei se devo dizer a você.

Eu coloquei minha mão em seu peito. Fiz sem nem pensar. Eu só queria sentir aquela sensação novamente, e seu poder - se é assim

que você pode chamá-lo - correu para frente, espalhando-se por mim.

Mas não foi o suficiente. Parecia tão injusto experimentar isso apenas de vez em quando, sempre não planejado, sem nunca ter certeza de quando seria a próxima vibração. Eu precisava de *mais*.

— Não sei se posso voltar — eu disse. — Se eu continuar vindo meus pais vão me pegar.

Ele se virou para sair, mas parou. — Você poderia vir conosco.

— Não posso — respondi, mais por instinto do que por objeção. — Como eu poderia fazer algo assim?

— Todos nós fizemos isso — disse ele sem hesitação. Nisso, ele revelou muito.

Havia outros.

Os pais provavelmente também mentiram para eles.

E eles partiram.

— Você apenas... saiu por conta própria? Mas *como*?

— Apenas... pense nisso.

Então Kwan desapareceu tão rápido quanto chegou.

E suas palavras eram tudo o que eu pensava enquanto me espreguiçava no telhado dez minutos depois, olhando para o céu noturno. Papi juntou-se a mim e perguntou o que eu estava fazendo.

— Sonhando — eu disse.

Ele ficou lá por alguns momentos, e não poderia saber que meu corpo estava zumbindo com energia, o efeito residual de estar perto de Kwan.

— Eu sou realmente o único? — Eu perguntei. Em voz alta. Para ele. Para o céu.

Ele usou a ponta da bota para arranhar o teto. Foi uma reação inconsciente por estar nervoso, e me sentei, segurando-me com os cotovelos.

— O único — disse ele, sorrindo para mim. — Eres especial.

Ele voltou para casa sem dizer mais nada.

Eles sabiam? Papi tinha certeza dessa afirmação, ou era apenas mais uma mentira que eles contaram para me manter a salvo?

Comecei a considerar o que Kwan havia dito, e isso fez meu estômago embrulhar, deixando meu coração em chamas de pânico.

Ele me disse para pensar sobre isso.

Então eu fiz.

NoOneKissesLikeGaston: É estranho que eu queira que você vá? Porque eu quero....
NoOneKissesLikeGaston: (Uau, estou falando com você como se você fosse real. Você é real?)
924 notas

invisibleb0y
19 de julho de 2018

O sol tinha acabado de se pôr quando Mami saiu do porão, seu rosto carrancudo. — Cisco, você tem lido aqueles blogs de conspiração de novo?

Eu tinha um livro no meu colo, minhas costas pressionadas contra a parede. Meu estômago embrulhou quando olhei para ela. Ela estava falando *sério*. — Do que você está falando?

— Seu Papi disse que você perguntou a ele algo estranho ontem — ela continuou usando uma toalha para limpar o sangue das mãos. — Sobre ser o único.

Fechei o livro. — Só estava curioso, só isso.

Mas ela não acreditou. Eu podia ver isso escrito em sua expressão de dor.

— Você não pode acreditar em tudo que lê online, mijo — disse ela. — Estamos apenas tentando proteger você.

— Me proteger de *quê*? Alguém está vindo me buscar?

— Bem, *não* — disse ela, com os ombros caídos. — Mas isso é porque nós o mantivemos seguro.

Balancei minha cabeça e me levantei. — Você está sempre dizendo isso, Mami. Mas você nunca explica *do que* está tentando me proteger.

— Não podemos deixar os outros clãs encontrarem você — ela deixou escapar. — Nunca. É muito arriscado.

— O que eles *poderiam* fazer comigo?! — Gritei. — Eu sou um vampiro! Eu posso simplesmente fugir ou você pode lutar contra eles ou *algo assim*. Em vez disso, apenas nos *escondemos*? Somos apenas covardes?

— Não fale assim com ela. — A voz de Papi cortou a tensão no ar.

Isso é o que acontece conosco, vampiros, podemos andar sorrateiramente bem demais, e ele veio direto até mim. Eu nunca o tinha visto assim. Papi usava sua fúria como uma máscara, como um adorno de guerra. Seu bigode se contraiu enquanto ele falava, e ele apontou um dedo direto para mim. — Você sabe o que renunciamos a você? O que foi necessário de nossa parte?

Eu balancei minha cabeça.

— Perdemos nosso *clã* — ele ferveu de raiva. — Perdemos uma comunidade. Um lar em um só lugar. Desistimos porque o amávamos, muito antes de você nascer. Você não pode apreciar nosso sacrifício?

— Teríamos escolhido algo diferente se pudéssemos — acrescentou Mami, e aproximou-se de Papi, acariciando suas costas, para cima e para baixo. — Algo mais. Mas foi isso que nos foi pedido.

Demorou um pouco. Eles apresentavam uma força tão unificada, mas Papi nem percebeu o que havia dito. — O que você quer dizer? — Eu perguntei a ele. — O que lhes foi “pedido”?

As máscaras quebraram.

As fachadas racharam.

E por um segundo - mesmo que longo - suas expressões os traíram. Dizendo-me tudo que eu queria saber.

Tão rapidamente quanto mudaram, seus rostos ficaram pétreos novamente. Mas era tarde demais. Eu já tinha visto o que precisava ver: eles mentiram para mim. Em toda minha vida.

— Vocês disseram que saíram por conta própria — disse, puxando aquele fio solto. — Vocês disseram que assim que souberam que Mami estava grávida, vocês escaparam no meio da noite.

Mami hesitou. Um momento. Apenas o suficiente, para eu saber que as próximas palavras que saíram de sua boca, não eram verdadeiras.

— Nós tivemos que ir — ela disse, e a incerteza cruzou seu rosto novamente. — Tínhamos que mantê-lo seguro.

— Então por que não podem simplesmente me dizer a *verdade*? — Eu gritei de volta. — O que eu sou? Por que tivemos que sair?

— Algum dia — disse o Papi, os olhos suplicantes tanto quanto a voz. — Nós vamos te contar *tudo*. Mas acredite em nós quando dizemos que você não estava seguro, então fizemos o que pudemos, para ter certeza de que você estava protegido.

Eles sorriram para mim. Um sorriso falso, vazio, uma tentativa de me aplacar, de me manter complacente.

Eu sorri de volta. Minha oferta. Minha paz.

Mas estou lhe dizendo agora, Kwan. Eu espero que você esteja lendo isso. Eu não posso mais fazer isso. Eu tenho que saber o que sou.

Amanhã. Encontre-me na beira do lago. 3h15

Por favor. Por favor, me diga quem eu sou.

FireOfTheSea: lol o que está acontecendo. porque isso é tão INTENSO.
FireFromTheGods: primeiro
FireFromTheGods: ah, droga
NoOneKissesLikeGaston: Ah, Cisco, espero que você encontre o que está procurando. Eu acredito em você. Demais! Eu já shippo você e Kwan <3
941 notas

invisibleb0y
19 de julho de 2018

Eu matei meu primeiro humano quando tinha oito anos.

Nós armazenamos sangue embaixo da casa. Você nunca sabe quando a população irá definhar, ou quando as pessoas irão para longe demais para que possamos caçar. Meus pais tentam se preparar para todos os cenários possíveis. Quando caçamos, nós bebemos e pegamos outro para manter embaixo do solo, apenas para garantir. Posso ficar três meses no máximo sem me alimentar, mas de vez em quando é muito difícil encontrar uma nova refeição. Portanto, nós fazemos a mesma coisa em todas as casas: nós nos mudamos. Mami y Papi começam a cavar e logo temos um depósito embaixo da terra, em um lugar que seja fresco, em que podemos proteger o que precisamos para sobreviver.

Você ficaria surpreso com o tempo que todos vocês, humanos, podem durar com apenas um pouco de comida e água: meses. Certa vez, mantivemos alguém por um ano e meio, e a única razão pela qual ele não durou mais é porque uma forte seca tornou impossível caçarmos. Ela mandou pessoas para fora do deserto naquele ano, não para dentro dele.

Eu tinha oito anos quando meus pais me levaram escada abaixo para me alimentar. Não me lembro em qual estado estávamos. Não importa. Era um lugar indefinido, no meio do nada, no coração do nada.

Nunca soube quem ele era. Mas eu me lembro dele. Eu o ouvi choramingando. Seu cabelo parecia palha, emaranhado contra sua testa, seus olhos arregalados enquanto descíamos, a maneira como ele puxava suas algemas de novo e de novo, rasgando seus pulsos com novos ferimentos, e então eu o cheirei. Senti o cheiro da vida fresca derramando de onde ele havia se cortado.

E de repente, eu soube que sempre havia alguém em nosso porão. Meus pais costumavam trazer sangue fresco para mim em uma tigela de cerâmica, e sempre estava quente. Eu juntei todas as peças pela primeira vez: o sangue estava quente porque tinha sido drenado do corpo na hora.

Mas naquela noite, Papi me empurrou em direção ao homem. — Estás listo — disse-me ele. — Tómalo.

Mami apertou minha mão com força. Então ela me soltou.

O instinto assumiu. Eu ataquei, e era como se eu soubesse exatamente onde morder, onde no corpo deste homem forneceria mais sangue em menos tempo. Minha boca apertou sua perna, bem na sua artéria femoral, e seu calor, sua vida, me encheu.

Ele lutou.

Foi inútil.

Ele finalmente ficou sem vida embaixo de mim. Quando olhei para Mami y Papi, com o sangue do homem escorrendo pelo meu queixo, eles estavam orgulhosos. Felizes. Alegres.

— Lo hiciste — disse Mami. — Este é só o começo, Cisco.

— Em breve você virá conosco — acrescentou Papi. — Lá para fora. Para caçar.

Eu queria fugir daquele porão naquele momento, apesar de estar cheio, apesar de não precisar me alimentar. O desejo quase me dominou.

Já se passaram nove anos. Esse desejo ainda não foi embora.

Isso não é uma piada. Ou algum grito estranho por atenção

Eu vou embora.

Eu vou encontrar uma saída.

NoOneKissesLikeGaston: Você realmente não mata pessoas. Você provavelmente está dizendo isso apenas para parecer durão.
TrueAnneRiceFan: Ei, ele é um vampiro. O que você esperava?
NoOneKissesLikeGaston: Você realmente não o conhece como eu. Tenho acompanhado isso desde o início.
1.285 notas

invisibleb0y
20 de julho de 2018

É isso.

Esta é a última vez que vocês terão notícias minhas.

Saí de casa pouco depois das três. Eu disse a Papi y Mami que voltaria ao lago por alguns minutos antes de o sol nascer. Papi fez uma piada terrível sobre como eu passava muito tempo lá. Eu ri, mas não disse nada. Eu vi Mami trocar um olhar com ele.

Isso me encheu de pavor.

Eles sabiam?

Eu não estava longe de casa quando comecei a correr, quando ouvi meu nome ser chamado atrás de mim, quando soube que eles suspeitavam que eu estivesse mentindo. Corri mais rápido do que pensei ser possível, a exaustão passando pelos meus ossos, me implorando para parar, implorando para me alimentar. Comecei a sentir outras criaturas, a sentir seus pulsos enquanto passava correndo, mas as ignorei.

— Cisco!

Eu não conseguia parar.

— Cisco, ¡espera!

Eu não podia esperar mais.

— Cisco, *por favor!*

Eu estava cansado de ser protegido.

Eu derrapei até parar na beira da água.

— Kwan, estou aqui!

Segundos depois, meus pais tropeçaram e caíram em posições defensivas.

Ali.

Do outro lado do lago: Kwan.

— Cisco... — ele rosnou. Meu nome em sua boca era cru em possibilidade. Ele estava me avisando? Acenando para mim?

— Estou aqui — eu disse. — Me leve com você.

— Não! — Mami gritou. — Você não vai a lugar algum!

Ela estendeu a mão para agarrar meu braço, mas eu recuei e vi a decepção e o choque se espalharem por seu rosto.

— Por favor, Cisco — disse Papi. — No puedes salir. Não podemos protegê-lo se sair.

— Nós podemos.

Kwan estava ao meu lado. Ele colocou seus dedos entre os meus e enviou um arrepio pelo meu braço, por todo o meu corpo. Seu poder me acariciou, percorreu meu corpo, me deu força. *Como*? Eu pensei. Como *isso é possível*?

— Você não está sozinho — disse Kwan, depois olhou para meus pais. — Há mais de nós, assim como eu, nascidos como Cisco e *sobrevivemos*.

Eles saíram de trás das árvores e arbustos que cercavam o oásis. Cinco. Dez. Vinte. Tantas crianças, todas se movendo com o cuidado de quem sabe que pode ser caçado com a mesma facilidade com que caçam outros. Eram altos. Baixos. Eu fiz contato visual com uma garota cuja pele era mais escura do que a minha, com o cabelo trançado firmemente contra a cabeça e ela balançou a cabeça tão ligeiramente que foi quase imperceptível.

E essa vibração foi imensa. Quase opressora. A energia que senti de Kwan nessas primeiras interações era agora multiplicada por vinte.

Isto. Isto era o nosso poder.

E era amplificado quando estávamos *junto*s.

— Como você pode confiar neles? — Mami perguntou, suas mãos estendidas em minha direção como uma oferenda. — Eles são apenas estranhos!

— Por causa de pessoas como *você* — a garota cuspiu. — Você nos manteve separados. Você disse a Cisco que ele estava *sozinho*.

Eu me virei para meus pais, minha boca aberta de horror. — Você *sabia*? Você sabia esse tempo todo?

Papi estava chorando. — Nós teríamos te contado — ele disse, seu bigode torcendo em seu rosto. — Algum dia, teríamos contado tudo a você.

Meu corpo se enfureceu, mas Kwan colocou a mão em meu peito.

A vibração.

O poder.

Nosso poder.

— Quando? — Eu fui até o Papi e fiquei cara a cara com ele. — Quando "algum dia" chegaria? Quando você ia me dizer que havia outros como eu?

— Quando o clã nos disse — ele respondeu, seu rosto tremendo. — Quando eles descobriram o que todos vocês podiam fazer quando estavam juntos, eles ficaram com medo! Eles estavam com medo de todos vocês!

Todos *nós*.

Eu não era o único da minha espécie. Eu não estava *sozinho*.

Kwan apertou minha mão. — Cisco, eu trouxe algo para provar que falamos sério. Que sabemos o que você passou. Que prova que nos *importamos*.

Ele me soltou. Enfiou a mão no bolso de trás.

Eu vi um flash na pouca luz do luar.

Papi gritou e fez menção de se mover em minha direção, mas foi cercado momentos depois. Eu os contei: sete vampiros, todos jovens, todos como eu.

Estranhos.

Estranhos como *eu*.

— Não faça isso — Mami implorou. — As regras são…

Mas ela não terminou a frase. Por que as regras importavam agora? Meus pais as haviam desenvolvido para me manter preso e agora... Lágrimas escorreram dos olhos de Mami. Eu estava livre. E ela sabia disso. Ela não poderia me colocar de volta na caixa em que eu morava.

Eu tinha que acreditar. Em *mim mesmo*.

Peguei o espelho e o segurei contra o rosto enquanto os gritos dos meus pais enchiam o ar do deserto.

Lá estava eu.

Cisco.

Eu..

As lágrimas ameaçaram borrar minha imagem. Minha imagem nítida. Limpei-as e lá estava eu.

Minhas sobrancelhas eram pretas. Grossas. Elas quase se juntavam no centro. Usei minha outra mão para traçar a ponte do meu nariz, por minhas narinas largas, por meus lábios, então sobre minhas bochechas. Havia uma camada de pelos faciais na metade inferior do meu rosto. Eu teria que começar a fazer a barba? Os vampiros se *barbeavam*? Papi tinha que cortar meu cabelo, então…

Havia tanto que eu não sabia. Tantas perguntas que eu não havia pensado em fazer antes.

Mas eu também nunca tinha visto isso.

Isso sou *eu*.

— Vocês me disseram que eu morreria — disse, falando para meus pais sem olhar para eles. — Vocês me disseram que se eu não seguisse suas regras, seria levado embora.

Papi começou a dizer algo. — Cisco…

— O que mais é *mentira*? — Eu gritei. — O que mais não é verdade?

— Você tem que entender — disse Mami. — Nós tínhamos que proteger você.

— O que mais não é verdade? — Eu repeti

— Não importa — disse o papi. — Um pouco de tudo. O suficiente para que você confie em nós.

A ironia. Eles mentiram para me fazer *confiar* neles.

— Há mais — disse Kwan. — Muito mais sobre nós que você não sabe. Muito sobre *você*.

Papi parou de chorar. Enxugando os restos de lágrimas. Ele se endireitou, ergueu o queixo e me examinou.

Usei em meu rosto: uma declaração. Um apelo. *Por favor, eu tenho que fazer isso*.

Ele balançou sua cabeça. — É muito cedo — disse.

Mas então Mami falou.

— É mesmo?

E meu Papi, que sempre foi tão certo, sempre tão satisfeito com a história, sempre de posse de respostas, nada tinha a dizer sobre isso. Eu podia ver as palavras se formando em seus lábios, mas nada saiu.

Seus rostos estavam marcados pela dor.

E então... resignação.

Mami sorriu para mim.

Papi pronunciou uma palavra.

— Hazlo.

Mami chorou mais ainda, mas também assentiu.

Quase imperceptivelmente.

Eu dei minha mão a Kwan.

Dedos enlaçaram os meus.

Um desejo floresceu lá, não apenas nascido de nosso poder coletivo, mas da luxúria também. Quando um menino havia me tocado? Nunca. Eu queria isso também.

Faça isso.

Ele me levou embora e eu olhei para eles, apenas uma vez.

Eles sorriram.

Foi uma bênção? Possivelmente. Mas eles não me perseguiram. Eles não seguiram.

Eles me deixaram ir.

Estamos em um carro agora. Nunca estive dentro de um antes. Kwan disse que isso nos levaria à nossa próxima parada mais rápido. Estávamos indo pegar alguém no caminho.

Outro de *nós*.

A bateria do telefone de Kwan está fraca. Eu tenho que devolver.

Vocês não vão mais ouvir falar de mim.
Eu estou livre.

CanIScream: Uau. Isso realmente acabou?
FireOfTheSea: Que história. Alguém mais acha que os vampiros são realmente reais depois de ler isso?
TrueAnneRiceFan: Divertido, mas... não tem como isso ser real.
NoOneKissesLikeGaston: Volte. Por favor! Não posso ficar sem minhas atualizações. Por favor, volte, Cisco.
5.125 notas

REFLEXÕES Ou mas primeiro, deixe-me tirar uma selfie

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Os espelhos são cercados de superstições e tradições. Narciso amava tanto seu reflexo que se afogou nele. Em muitas tradições culturais ao redor do mundo, todos os espelhos e superfícies reflexivas são cobertos enquanto uma família lamenta a morte. Quebrar um espelho supostamente vem com sete anos de azar. Até a Rainha Má acredita que pode enfeitiçar a verdade de um espelho. E um dos mais antigos mitos sobre os vampiros é que eles não refletem de jeito nenhum. A raiz desse mito é exatamente o que Cisco descobre nesta história: a maioria dos espelhos antigos era revestida de prata, o que, em algumas tradições, pode ferir ou até matar um vampiro. Portanto, sem reflexos! Esta é uma história mitológica tão conhecida que aparece repetidamente em histórias contemporâneas sobre vampiros, mas as razões disso evoluem junto com os contos. Outro tipo de reflexão nas histórias é como nos vemos, e quem *consegue* ver suas vidas e experiências refletidas. Mark combina a tradição dos vampiros com a questão de quem consegue ter um reflexo. Os vampiros *realmente* não refletem, ou é apenas a história que Cisco contou? O título desta peça é inspirado nos escritos do Dr. Rudine Sims Bishop sobre literatura infantil.

De que forma as histórias de vampiros refletem sua vida e experiências?

A CASA DAS SAFIRAS NEGRAS

Dhonielle Clayton

Eles diziam que as mulheres Turner da Casa das Safiras Negras eram um pouco estranhas. Que elas eram simplesmente bonitas *demais*. Que elas estavam tramando algo.

Eles diziam que as mulheres Turner eram vampiras.

E sempre que essa palavra aparecia, era hora de ir. O Pássaro de Fogo dos Turner começaria a canção de luto do poleiro; ele sabia quando muitas pessoas estavam assistindo, sussurrando e avaliando as belas mulheres negras que entravam e saiam do peculiar boticário que virou uma casa. O tipo de caixão que elas tinham, sempre em movimento.

Bea odiava a palavra *vampira*, e sempre que elas chegavam em uma nova cidade – assim como agora – se fortalecia contra a palavra, contra todos os outros imortais que botavam eles na mesma caixinha, quando decididamente não eram iguais.

Sua família inteira e seus treze baús entupiram os bancos de mogno de um bonde de Nova Orleans. Mama disse que eles estavam indo para a Ala Eterna, uma das cinco partes da cidade governadas exclusivamente por aqueles como eles. Que *isso* era nosso lar. Um que Bea nunca tinha visto antes. Um que Mama não tinha certeza se queria ver de novo algum dia.

Mas enquanto Bea olhava ao redor para todos os humanos se arrastando por ali, ela pensou que tudo parecia normal. O perfume da pele suada dos mortais e o som de seus corações batendo fazia

a língua de Bea salivar; ela estava impaciente para se alimentar depois de uma viagem tão longa. Enquanto eles desciam pela Canal Street, uma brisa espessa se agarrou a ela, e não conseguia entender que eles estavam indo para uma versão bonita e esnobe deste lugar.

As cinco irmãs de Bea apontavam animadas para tudo, a irmã mais velha, Cookie, reclamava sobre como todo mundo se vestia de modo desleixado e não refinado. Sora queria perambular por todas as lojas de perfume no Bairro Francês, enquanto Annie Ruth estava em uma caçada pela melhor livraria. May falava sobre como ela poderia colocar seu conjunto de pintura para funcionar com todos os prédios coloridos e os ornamentos de ferro das galerias e varandas, e a mente da pequena Baby Bird não conseguia acompanhar sua língua enquanto ela comentava cada coisinha diferente que ela via. Mas Bea estava triste por ter deixado Charleston, Carolina do Sul, para trás. Ela desenvolveu um carinho pela doce cidade, com suas ruas de paralelepípedos e salgueiros-chorões e cestas feitas de palha de erva-doce, e beijar Reginald Washington não tinha sido tão ruim, porque a boca dele sempre tinha gosto dos pêssegos que vinham da árvore do jardim de sua mãe. O quarto dela tinha sua própria banheira vitoriana, que nunca tinha manchado, mesmo depois de tantos banhos de sangue. Tinha vista para a Antiga Igreja Bethel. Vai saber o que ela veria do lado de fora da sua janela nessa nova casa. Se ela seria tão encantadora quanto a outra. Eles ficaram em Charleston por um bom tempo, quase tinha enganado Bea, fazendo-a pensar que o pássaro, o Honey deles, talvez não fosse cantar de novo e eles ficariam parados.

Talvez dessa vez ela fosse encontrar um amor eterno.

Ela e suas irmãs costumavam fazer apostas sobre qual cidade poderia ser a próxima e por quantos anos ou décadas ou milênios elas ficariam até que a música do pássaro de fogo acordaria elas, as lembrando que elas deveriam partir. Bea tinha parado de contar agora. Sem mais relógios. Sem mais calendários. Mama tinha proibido essas coisas, e foi bom assim. As ampulhetas eram tudo o que tinham, tudo que realmente precisavam.

Ela desejou que tivessem voltado para Paris. Fazia pelo menos cem anos, ou mais. As floreiras estariam cheias de gerânios rosa nesta época do ano, e não estaria tão quente. Talvez ela conseguisse ver Annabelle – a garota que ela costumava morder e beijar quando estava entediada – ver se ela iria curtir a vida eterna, ver se ela poderia ser o grande amor eterno de Bea. Elas partiram muito cedo para Bea determinar.

— A parada deve estar perto — Mama disse. — Fim da linha.

— Não parece que é alguma coisa — a irmã mais nova, Baby Bird, disse, suas longas tranças penduradas para fora da janela do bonde.

Mama estalou os dedos. — Fique quieta, bebê.

Toda vez que elas iam para uma nova cidade, as perguntas de Bea mudavam, um baralho de cartas se embaralhando, a mais nova carta puxada do baralho se tornaria sua obsessão atual. Desta vez ela não conseguia parar de pensar sobre amor. Essa cidade foi onde seus pais se conheceram. Onde sua mãe tinha mordido seu pai há muito, muito tempo atrás e eles se tornaram parceiros eternos.

Esse era o lugar onde Mama tinha se apaixonado.

Ela estava determinada a ter isso também. Ela teria uma grande história de amor aqui. Seu desejo martelou através dela, determinado a se estabelecer em seus ossos.

O bonde parou. O motorista levantou roboticamente e saiu.

— O guardião virá a qualquer momento agora. — Mamãe virou para encarar Bea e todas as irmãs. O coração de Bea apertou em antecipação. — Essa Ala é cheia de água suja e notícias ruins. É um lugar que quebra seu coração. — Seus olhos escuros pararam em Bea, o calor de seu aviso ardendo em seus olhos castanhos. A Turner desesperada por um amor estava sendo avisada. — Vamos esperar o nosso tempo acabar, então seguir em frente.

Essa era uma cidade que Mama temia.

Mas Bea estava determinada a descobrir o porquê.

Um homem branco vestido todo de preto entrou no bonde.

— Quem é esse? — A segunda irmã mais velha de Bea, Sora, perguntou.

— Um guardião — Mama sussurrou. — Agora silêncio. Nem uma palavra de nenhuma de vocês. Não até fazermos a travessia. — Ela se levantou e alisou a frente de seu vestido.

— Papéis ou chave? — ele perguntou.

— Chave — Mama respondeu, estendendo para ele uma curiosa chave-esqueleto branca como osso que Bea nunca tinha visto antes. Mais perguntas cresceram dentro dela, mas ela colocou uma mão sobre a boca para não deixá-las fugirem.

O guardião a inspecionou. — Os Turner. Ala Eterna.

Mama acenou.

— Sejam bem-vindos ao lar. — Ele sorriu e revelou as pontas afiadas de seus dentes.

Ele se sentou no banco do motorista e virou uma série de manivelas e engrenagens. O bonde oscilou para esquerda e para direita, se livrando dos cabos.

Mama respirou fundo.

— Vai ficar tudo bem, Evangeline — Bea ouviu seu pai sussurrar.

O bonde seguiu em frente. Nuvens se estenderam, escurecendo o céu. O dia se tornou noite. Água emergiu sob eles, batendo e respingando nas laterais. Bea agarrou o banco de madeira e seus olhos se arregalaram de admiração. Luzes iluminavam o caminho a frente como uma dispersão de vaga-lumes fazendo um show de boas-vindas ou performando uma dança de advertência. Bea não conseguia se decidir qual. Um arrepio subiu por sua espinha.

Um portão de ferro ergueu-se da água e tremeluziu. Versões diferentes dele apareceram uma após a outra, passando do preto envernizado para um violeta aveludado para verde esmeralda para um ouro acobreado brilhante e finalmente se estabelecendo em um vermelho sangrento. Mama respirou fundo quando os portões vermelhos se abriram e o bonde avançou.

— Tem tantos portões — Annie Ruth sussurrou. — Vocês acham que conseguiremos ir para os outros?

— Mama nunca nos disse nada sobre isso — respondeu Sora.

— Eu quero ir para todos eles — Baby Bird exclamou.

— Quietas, todas vocês — Mama ordenou.

As perguntas rodavam dentro da cabeça de Bea enquanto eles entravam na versão Eterna de Nova Orleans. Como eram as outras Alas? Ela teria uma chance de visitar elas? Por que sua mama iria querer sair de um lugar tão incrivelmente maravilhoso? Por que ela não contou para elas sobre cada detalhezinho disso tudo?

Casas em tons pastel assentavam-se em pilares de ferro, se assemelhando a potes de blushs amontoados nas prateleiras. Longos píeres se estendiam dentro das águas, acolhendo barcos decadentes. Colunas negras sustentavam lampiões a gás e cabos cintilantes que se cruzavam no alto, puxando os bondes por cima da água como se eles fossem barcos, que largavam os passageiros bem vestidos em longos passadiços grandiosos. Um ensopado de sal, peixe e especiarias sufocava o ar, mascarando o cheiro forte de gordura e sangue fresco.

— Fecha a boca, senão entra mosca, Bea — sua irmã mais velha, Cookie, comentou; sua voz era quase idêntica a da Mama – melosa e feita com açúcar mascavo. Isso era esperado já que era a filha mais velha de Mama e estava com ela há mais tempo. Bea nunca perguntou quantos anos qualquer uma delas tinha, pois era rude perguntar sobre a idade de uma mulher, mesmo uma mulher Eterna. Ela e Annie Ruth achavam que Mama tinha que ter próximos aos quatrocentos anos, mesmo que ela nunca parecesse ter mais do que quarenta, e mesmo assim, quem olhasse não poderia ter certeza. Cookie aparentava estar na casa dos trinta, ela presumia, e Bea teria dezoito anos para sempre. Foi quando seu coração parou.

— Cala a boca, Carmella — Sora rebateu. — Você já tinha visto algo assim? Acho que não.

Bea piscou para Sora, e adicionou. — Pois é. Você já viu, Cookie? Já viu?

— Não fala “cala a boca” — Mama ordenou. Mesmo depois de centenas de anos, Evangeline Turner ainda gostava que suas garotas fossem exemplos de etiqueta.

O bonde deles boiava atrás de um outro, e o guardião puxou uma manivela para prender os cabos do telhado às linhas aéreas.

Baby Bird pulou do assento dela para o colo do Papai. — Quando vamos chegar lá? Podemos fazer compras primeiro? Quem são

todas essas pessoas? O que são elas?

Mama estralou os dedos. — Já chega!

Baby Bird deslizou para seu assento.

Papai deu ao guardião o endereço deles:

AVENIDA ESPLANADE, 435E

PÍER #6

Nova Orleans, LA

O guardião navegou pelas ruas do canal.

Bea tentou absorver tudo: como bandas de música transbordavam dos barcos-passarelas, seus instrumentos apontados para o céu e sua música estrondosa espalhando ondas na água; como as pessoas seguiam em seus próprios barcos, dançando e agitando lenços e guarda-sóis coloridos; como o cemitério ficava em plataformas, os mortos elevados no alto; como as árvores imensas se erguiam, como gigantes, nas águas turvas, com morcegos de olhos vermelhos pendurados em seus galhos. Placas avisavam as pessoas para não nadarem por causa dos crocodilos. Comerciantes em barcos gritavam sobre as melhores mulas de sangue e beignets sanguíneos polvilhados com açúcar.

— Todas as Alas são assim? — Bea perguntou para sua mama.

— Não. Cada uma é única, baseada em quem vive lá — Mama respondeu.

— Sempre tem água?

— Não. Somente nesta.

— Por que?

— Um vampiro irritou uma mulher conjuradora e ela inundou aqui.

— Como você chega a todas elas? — Bea pressionou. — Podemos visitar as outras?

— Você me ouviu antes de deixarmos Charleston? Está ouvindo, criança? Ou você só gosta quando eu me repito? — Mama estralou os dedos. — Nós não vamos viajar para outras Alas. Nós vamos ficar parados até ser hora de seguir em frente, e eu espero que Honey seja rápido. Eu nunca tive a intenção de voltar aqui, e não quero problemas.

Mas às vezes Bea queria problemas. Qualquer coisa que tornasse sua existência eterna um pouco mais divertida. Seu estômago revirou com todas as coisas que ela poderia desvendar e descobrir nessa versão peculiar de uma cidade. Mas ela sabia de uma coisa: encontraria amor eterno aqui. Uma eletricidade crepitou por toda a sua pele; a energia da certeza.

Eles viraram na Rua Dauphine, e Bea ofegou. Ela sabia imediatamente qual casa era a deles.

O rosa-prímula era a cor do blush que Mama sempre usava. As floreiras transbordavam com rosas da meia-noite, as favoritas dela, e circundavam uma varanda dupla com ornamentos de ferro. Oito cadeiras de balanço esperavam, uma para cada um deles. As lanternas chiavam, e todas as grandes janelas de vidro iluminavam a casa com feixes calorosos de luz, que pareciam dar boas-vindas. Por uma das janelas, Bea viu tetos cobertos de flores – um jardim inglês de cabeça para baixo – e candelabros brilhantes. Uma placa pendurada acima da porta branca creme dizia: A CASA DAS SAFIRAS NEGRAS: BOTICÁRIO DE BELEZA E FARMÁCIA DE ENCANTOS..

Um píer que parecia uma língua preta aguardava por eles.

— Essa é a mais maravilinda de todas — Baby Bird exclamou.

— Isso não é uma palavra — Cookie corrigiu.

Baby Bird bufou. — É uma palavra *minha*. Eu posso inventar elas.

— Não, não pode.

— Ela pode e é chamada de neologismo — Bea informou.

— Quietas — Mama respondeu. — Todas vocês.

O pássaro de fogo empoleirou-se na grade da varanda, arrulhando e dando as boas-vindas aos Turners em sua nova casa. Seu novo caixão dourado de felicidades. O coração de Bea flutuou ao ver Honey, o murmúrio de malícia crescendo logo abaixo do preto de sua pele, e seus incisivos alongados, prontos para morder, prontos para estragos.

★ ★ ★

— Os vaporizadores de perfumes vão na segunda prateleira — Cookie ordenou enquanto as garotas Turner preparavam sua

farmácia de beleza e boticário para abrir ao público amanhã a noite.

As mulheres Eternas e vampiros desta Ala de Nova Orleans seriam capazes de conseguir tudo o que precisavam: de tônicos para manter suas aparências brilhantes após períodos de fome à frascos com bebidas para atrair parceiros para suas camas, e então à pomadas solares para ajudar a proteger aqueles que não conseguiam tolerar o sol. Os elixires que elas engarrafaram cumpriam suas promessas, pois não havia óleo de cobra nesses lindos recipientes. Apenas as mulheres Turner conheciam os segredos escondidos em cada frasco de vidro. Uma alquimia secreta de sangue e especiarias.

— Isso realmente importa? — Bea reclamou, mas ainda assim colocou um dos cremes na prateleira certa.

— É como tem sido assim nos últimos trezentos anos.

— E isso significa que tem que ser desse jeito para sempre? — Bea respondeu.

— Por que, de repente, você está tentando mudar as coisas? Não fique agindo como se fosse inovar só porque estamos em uma cidade diferente. — Sora varreu atrás dela e reorganizou tudo. — Ninguém quer ter que fazer isso por você.

— Eu faço meu serviço — Bea retrucou.

— Morder as pessoas que Mama ordenou não conta — Cookie desafiou.

— Nenhuma de vocês querem cobrar — Bea respondeu.

— Você está distorcendo a verdade. Eu *posso* cobrar. — Sora virou para encará-la. — Só prefiro cuidar do cofre de sangue. Farei isso só quando for necessário.

— E eu gosto de morder homens bonitos. — Cookie balançou e rodopiou. — Como Jamal Watkins de Detroit. Nunca estive com alguém que beijasse melhor que ele. Deveria ter o transformado. Ele seria meu parceiro eterno agora, e eu teria minha própria casa e meu próprio pássaro de fogo. Talvez até uma bebezinha. Aii.

— Bea, você é a melhor nisso — Annie Ruth adicionou. — Tem os dentes mais afiados dentre nós. — Ela deu um sorriso torto, expondo um conjunto de incisivos perfeitamente pontiagudos. — E essa língua estranha.

— E é a favorita da Mama. — O rosto de May se contorceu enquanto ela olhava por cima do livro dela.

— Ela me ama mais! — Baby Bird protestou batendo o pé.

— Você está muito velha para fazer birra. — Cookie puxou uma de suas longas tranças. — Mas, é claro, você está certa. Ela te ama mais.

— Nada disso é verdade. — Bea falou rispidamente. Rostos pretos acusatórios olharam de volta para ela. — Mama não tem favoritas.

Mas elas estavam certas ao dizer que Mama costumava levar Bea para cobrar. Cada uma de suas irmãs tinha um presente concedido a elas por Mama depois que seus corações pararam. Ela as beijou, deixando para trás um talento único que tinha escolhido a dedo. Cookie poderia encantar qualquer pessoa para roubar a sua sorte, ou um beijo. Com uma mera fungada de seu nariz, Sora identificava todos os talentos escondidos no sangue de alguém. Se Annie Ruth cantarolasse certo tipo de música, poderia fazer uma pessoa dançar até a morte. Ao seu comando, May poderia reduzir uma pessoa a gargalhadas ou a lágrimas com um olhar ou com o toque de sua mão. E a menor de todas, Baby Bird, lembrava-se de todos os detalhes, mesmo aqueles que aconteceram antes dela nascer.

— Eu não vou deixar essa cidade sem um parceiro eterno — Cookie anunciou.

Um pequeno sussurro ecoou dentro de Bea: *Nem eu*.

— Eu tomei uma decisão. Estou pronta para o meu próprio pássaro de fogo e minha própria casa. É hora de ficar por conta própria. — Cookie sorriu triunfantemente.

— Mama sabe disso? Você pediu para ela? — Annie Ruth respondeu. — Ela não vai dizer sim.

— Você não sabe disso — Cookie falou.

— Se você parasse de ser tão exigente. — Sora deu um tapa nela.

— Se você não fosse mimada... Reclama de cada homem que encontra — Annie Ruth disse.

— Eles nunca são tão interessantes. Homens raramente são até terem pelo menos duzentos anos. — Cookie sibilou para ela. — Eu só preciso encontrar alguém como o Papai para transformar.

— Não tem mortais aqui — Sora desafiou. — Eu nem consigo cheirar eles. Esse lugar está cheio de outros imortais.

— Talvez eu consiga um vampiro então. — Cookie empinou-se ao redor, imitando como os vampiros brancos caminhavam como se fossem donos de todos os lugares que seus pés antigos tocavam.

Baby Bird arfou. Bea mordeu seu lábio inferior. Isso nunca seria permitido.

— Mama não quer que a gente fique se misturando com eles. Você conhece a história. — May pulou da cadeira como um gato doméstico se espreguiçando. Ela empurrou Cookie e Bea para o lado para que ela pudesse adicionar as faixas de preço às garrafas.

— Todas nós sabemos que ela não *gosta* disso. Mama não vai nos deixar esquecer nunca. — Bea espanou as prateleiras para deixar feliz a sempre atenta Cookie.

Cada uma se revezava zombando do tom sério que Mama adotava sempre que contava como sua linhagem se tornou Eterna – vampiros brancos escravista mordendo seus escravos por esporte – e como os ancestrais enviaram os pássaros de fogo para salvá-los desse destino que só piorava, transformando-os em um tipo diferente de um ser imortal: um Eterno.

— Se você se casar com um vampiro, não será capaz de ter filhas. Você tem que casar com um mortal como o Papai e transformar ele depois da última criança. É o único jeito — Bea lembrou. — Ou casar com um homem Eterno e não ter filhos.

— Como sabemos que isso é verdade mesmo? Mama apenas odeia...

O pequeno *tinido* da campainha irrompeu pela sala.

— Como já temos visitantes? — Cookie foi em direção a porta de vidro. — Nem chegamos a dizer onde estamos às tias.

Todas correram para a varanda de treliça e olharam para baixo. A água espalhava-se para a esquerda e para a direita, lotada de

barcos, carruagens aquáticas e bondes flutuantes indo em centenas de direções.

Um jovem usando cartola preta segurava um envelope vermelho nas mãos com luvas brancas. Uma camada de suor brilhava em sua pele marrom como mel espalhado sobre nozes. Estava quente demais para vestir o que ele usava, e a coisa toda o fazia parecer deslocado; uma bugiganga de outra época, bem parecido com eles. Eles nunca ficavam muito em público, sempre tentando se misturar o máximo que podiam e manter o refinamento clássico que Mama sempre exigia. Mas ele parecia tão orgulhoso de se destacar, como se tivesse caído através do tempo e desmoronado no batente da porta nova deles. Ele era ainda mais peculiar do que o tipo peculiar desta Ala.

Mama saiu para cumprimentá-lo.

— Ela está nervosa — May sussurrou.

Bea observou atentamente. Sua irmã May tinha o talento de sentir emoções, mas Bea notou como Mama agarrou suas mãos com força para esconder uma tremida. Apenas um olho treinado teria detectado, a menor palpitação ondulando por seus dedos. O que deixou Bea ainda mais curiosa quanto à identidade deste belo jovem.

— Quem é? — Baby Bird perguntou.

— Nunca o vi antes — Sora respondeu. — Mas ele me lembra de Tristan Hill. Lembram dele, de quando estávamos no Harlem? Eu adorava a maneira como ele beijava meu pescoço antes de encontrar o caminho para minha boca. Eu deveria tê-lo escolhido como meu parceiro eterno. Achei que encontraria alguém mais inteligente, mas nunca apareceu ninguém. Ele está morto há cem anos. Eu perdi a chance. — Ela se empoleirou mais sobre a grade. — Mas eu morderia esse aí.

— Não, não morderia — Cookie disse.

— Como você sabe? Você está sempre tentando nos dizer o que faríamos ou não faríamos no meio de todas as coisas que você diz que devemos ou não devemos fazer. Isso só porque você é a mais velha. Sempre agindo como Mama — Sora rompeu.

Cookie deu um tapa na perna dela, e Sora ginchou. — Isso é um Barão das Sombras, idiota.

O jovem ergueu os óculos escuros e olhou para cima. Todas ficaram em silêncio. Ele sorriu, tirou o chapéu, o inclinou na direção delas e caminhou pelo píer de volta ao seu barco.

Os Barões das Sombras eram os inimigos mortais das mulheres Eternas. Eles eram Andantes das estradas dos mortos, prontos para puxar aqueles que enganaram a morte ou viveram um pouco demais com suas bengalas. Eles eram os guardiões das encruzilhadas.

Bea não tirou os olhos dele até que ele se tornou tão minúsculo quanto um grão de pimenta preta pela distância.

Mas ela queria saber cada coisinha sobre ele.

★ ★ ★

— Que tipo de festa é essa, Mama? — Bea perguntou, enquanto suas três irmãs mais velhas, Cookie, Sora e Annie Ruth, estavam paradas, em pé, na beira do píer de sua casa, esperando a carruagem aquática que Mama havia contratado.

— Eu disse exatamente o que você precisa saber — respondeu ela, enquanto inspecionava cada um dos vestidos que havia escolhido a dedo para elas usarem. — Estamos mostrando nossos rostos. Sempre fazemos isso quando chegamos em um lugar novo. Ficaremos lá no máximo uma hora, então não fiquem confortáveis.

— Que tipo de pessoa vai a um *baile* por tão pouco tempo? — Sora reclamou.

— Nós somos esse tipo de pessoa. — Mama ajeitou as pérolas da clavícula de Cookie e alisou o decote de cetim do vestido dela. — Este não é um convite amigável. É uma convocação – e as mulheres Turner vão obedecer, mas apenas isso. Eles operam por regras diferentes aqui. É a temporada de Mardi Gras. Esta fête reúne todas as Alas. É para promover a paz. Ajuda todas as pessoas peculiares do mundo a se misturarem.

— Mas... — Sora começou.

— Não sabemos quanto tempo ficaremos neste lugar miserável, então é melhor entrarmos em contato com algumas pessoas daqui, e sermos cautelosamente amigáveis. Todo mundo é peculiar aqui, e isso requer um tipo particular de conduta.

Desde que o garoto entregou o convite, Bea se perguntava que outros tipos de pessoas imortais viviam em todas as versões desta cidade. Quando eles chegavam em outros lugares, Mama oferecia um pequeno jantar formal, convidando outras Mulheres Negras Eternas – a maioria suas irmãs, se elas estivessem próximas o suficiente – ou hospedando os Amaranthine, se estivessem perto de suas nações, ou quaisquer outras. Mama às vezes até convidava alguns vampiros brancos cuidadosamente curados, compartilhando uma refeição decadente de coquetéis com infusão de sangue, corações batendo intensamente – coletados por Baby Bird – e pudins de sangue congelado. Os encontros favoritos de Bea eram as degustações de sangue, onde Mama fazia Sora infundir temperos e ervas no sangue. Isso desbloqueava seus sabores profundos, latentes talentos exagerados e memórias escondidas na hemoglobina dos mortais, o resultado dando a mais gloriosa euforia.

Mas elas nunca tinham ido a um baile. Seu estômago se contorceu. Bea só tinha lido sobre eles nos livros. A dança e o champanhe e as pessoas bonitas. Amantes se encontrando em cantos escuros. Amantes conversando até o amanhecer. Amantes se beijando e ficando sem fôlego. Este seria o lugar onde ela procuraria.

— Não encarem. Não se afastem. Não façam perguntas intrusivas. Cuidem de suas próprias vidas. Não precisamos de ninguém cuidando das nossas — Mama acrescentou.

A carruagem aquática chegou e elas se acomodaram nela como se estivessem mergulhando em um banho de sangue quente, cuidadosamente para não estragar seus lindos vestidos. As lanternas balançavam para a esquerda e para a direita, espalhando uma constelação de luz sobre sua mãe e irmãs. Bea achava que nunca tinha visto elas parecerem tão bonitas. Cookie estava envolvida em seda branca que a abraçava, então se alargava em uma cauda de sereia com pérolas. Ela poderia facilmente estar a

caminho de seu casamento. Sora usava apenas preto, sempre, e seu vestido ondulava em ondas escuras de tule como se ela fosse uma bailarina que escapou do submundo. Annie Ruth estava com um vestido midi que revelava pedaços de sua pele perfeita através do modelo rendado.

A mãe delas usava um vestido de veludo, uma fita vermelha enrolando-se em cada curva de sua silhueta de ampulheta. Seu lábio vermelho dizia à todos que ela mordia; seus dentes eram os mais afiados. Bea sentiu que nunca ficaria tão deslumbrante quanto Evangeline Turner. Mama costumava se vestir bem, mas nunca assim, como se quisesse ser vista, como se quisesse ser uma tempestade, o estrondo de um trovão e a ruína de um raio em uma sala. Bea olhou para as camadas de seu próprio vestido, o amarelo igual ao de o mel iluminado pelo sol, e não tinha certeza se Mama havia feito a escolha certa.

A carruagem aquática deslizava, a parte da frente cintilante cortando o tráfego de barcos enquanto elas se dirigiam ao Distrito Garden. As casas se transformaram de poucas tarteletes decadentes para um monte delas em travessas de prata; algumas vermelho rosado ou ciano acizentado, poucas eram verdes como a menta ou o índigo de um pôr do sol. Guirlandas e floreiras as cobriam como glacê ornamentado.

Bea sabia para qual casa elas estavam indo antes de entrarem na Avenida Sto. Charles. Uma energia puxava seus ossos como se cordas tivessem sido amarradas a eles, ameaçando movê-la para frente.

Uma casa negra como a meia-noite e de quatro andares se estendia acima, três varandas de treliça estavam transbordando com as pessoas mais bem vestidas que Bea já tinha visto. Luxuosas carruagens aquáticas paradas em um píer duplo, descarregando belos passageiros.

— Sentem isso? — ela perguntou.

— Sentir o que? — Annie Ruth respondeu.

— Eu sinto também — Cookie disse.

— Mesma coisa — Sora adicionou.

— Quando muitas pessoas imortais se juntam, criam essa atração. E os Barões estão aqui — Mama disse. — É um aviso.

Uma excitação fez Bea estremecer.

Cookie arfou. — Mas eles são nossos inimigos.

— Eu não esqueci — Mama respondeu.

Annie Ruth estremeceu de medo apesar do forte calor, mas Bea sentiu a curiosidade crescer dentro dela. Sempre foi dito a elas que a única coisa que poderia matar uma mulher Eterna eram os homens que percorriam as estradas dos mortos e cuidavam de encruzilhadas. Nem alho, nem água benta, nem sol, nem lobisomens, nem prata e muito menos uma estaca.

Apenas os Barões das Sombras.

Mas Bea nunca tinha visto como eles eram até que aquele jovem apareceu na porta delas mais cedo. Em sua cabeça, um Barão era uma criatura nojenta, um bicho-papão esperando para arrastá-las para bem fundo na terra dos mortos. Depois de seu centésimo aniversário, quando ela era confiável o suficiente para se aventurar por conta própria, Mama teve a conversa com ela: “você sentirá perigo real pela primeira vez. Você verá a marca: a chave para a encruzilhada marcada no corpo marrom-escuro deles”.

— Por que os Barões seriam convidados? — Annie Ruth perguntou. — Por que eles iriam trazer o convite em primeiro lugar?

— Eles não me consultaram na lista de convidados, bebês — retrucou Mama. — É a noite em que as cinco Alas se reúnem. Todos os velhos rancores e queixas deixados de lado por enquanto. Tudo em nome da diversão e companheirismo. Eu costumava ir todos os anos com minha própria mama antes dela petrificar.

— Quem mais está lá, Mama? — Bea sussurrou.

— Todas as pessoas peculiares do mundo. As mulheres conjuradoras terão seus caldeirões, as fadas suas frutas encantadas, os soucouyants seu fogo e muito mais. Este lugar é um diapasão.

Bea sabia que outros tipos de pessoas diferentes vagavam pelo mundo, mas raramente os encontrava. Algumas de suas primeiras memórias incluíam libertar um lobisomem da garra de um urso em seu gramado na casa do Colorado, ver de relance o boo hag que

Mama pegou espreitando em seu guarda-roupa em Lowcountry, e observar a mulher conjuradora que veio para pegar um pouco de sangue para misturar às poções dela quando eles viviam em Kingston, Jamaica.

A carruagem aquática esperou sua vez de atracar. Um porteiro de smoking ajudou-as a sair dela e subir no píer de mármore.

— Todas vocês fiquem perto de mim. Estarei cumprimentando alguns conhecidos e apresentando vocês, então seguiremos nosso caminho. Nosso motorista estará esperando — Mama instruiu.

— Me vestir toda para cinco minutos — Sora murmurou.

— O que foi isso? — Os olhos de Mama estreitaram.

— Nada. — Sora desviou o olhar. — Só dizendo o quão lindas você e minhas irmãs estão esta noite.

— Bom mesmo — Mama alisou a frente de seu vestido, se endireitou, com os ombros retos, e girou nos calcanhares. — Fiquem perto. Principalmente você, minha abelhinha. — Seus olhos se viraram para Bea.

★ ★ ★

O salão de baile gigantesco transbordava com as pessoas mais bonitas que Bea já vira. Elas entravam e saíam de luxuosas salas de jogos, decadentes salões de chá e sacadas. À primeira vista, todo mundo parecia excepcionalmente glamoroso, mas em uma inspeção mais profunda, ela percebeu seus detalhes excêntricos: Muitos seguravam cálices de sangue e expunham seus dentes pontiagudos enquanto riam e sorriam; orelhas pontudas apareciam por trás de acessórios altos e festivos na cabeça; muitos rostos tremeluziam enquanto se transforma múltiplas vezes em várias formas, uma penugem leve cobrindo os braços e pescoços de diversos tipo; e alguns passeavam com pratos de comida de festa flutuando ao lado. Bea fez anotações mentais para que pudesse contar a May e a Baby Bird todos os detalhes quando voltassem para casa.

Lanternas preto e branco estavam penduradas acima, polvilhando todos com bolinhas douradas de luz, e uma banda só

com saxofones tocava músicas que faziam Bea querer dançar e encontrar alguém para sussurrar todas as perguntas que tinha.

Mama entrou mais para dentro da sala. A multidão começou a se separar, olhos encontrando Mama e saudando-a com acenos de reconhecimento e respeito e, se Bea não estava enganada, medo.

Como todas essas pessoas conheciam Mama? Bea se perguntou, enquanto andavam por um caminho feito apenas para elas.

Os corpos se moveram até abrirem uma passarela longa e larga, e um indivíduo ficou no final.

O medo se apoderou de Bea com tanta força que ela pensou que suas pernas talvez cedessem debaixo dela. O cabelo em seus braços se eriçou. Seus dentes se alongaram, prontos para morder, e os espigões de sua língua se projetaram. Cada parte dela preparada para lutar ou fugir.

O homem que esperava por elas usava a cartola mais alta que ela já tinha visto, com crânios se contorcendo nas bordas. Era o veludo mais preto e “tenho muito dinheiro” o possível, e combinava com sua bela pele. A cauda de seu paletó arrastava-se atrás dele e um charuto gordo pousava em sua boca muito rosada, envolvendo-o em nuvens de fumaça. Seu Papai diria que ele estava elegante como um caixão, pronto para comparecer ao mais glorioso dos funerais.

Bea sentiu o respirar fundo que Mama deu.

— Boa noite, meu grande amor — o homem disse através de uma baforada de seu charuto. — Você é um colírio para os olhos cansados. Acho que já se passaram cerca de quatrocentos anos.

Grande amor... quem é esse cara? Bea o inspecionou. Mais perguntas crescendo dentro dela.

Mamãe franziu os lábios. — Talvez devesse ter sido quinhentos.

— E deixar você sentir minha falta? Nunca.

— Ainda cheio de lisonjas vazias, eu vejo. Os anos não cortaram sua língua. — Mama mudou seu peso para esquerda e direita, direita e esquerda. — E onde pode estar sua esposa?

— Cuidando dos negócios na encruzilhada enquanto estou fora. — Ele sorriu, o charuto se erguendo com a curva de seus lábios, e

seus olhos encontraram Cookie, Annie Ruth, Sora e Bea. Seus olhos escuros ardentes e intensos. — Nem todos nós podemos nos libertar.

— Enquanto o rato está ausente, o gato sempre vai brincar, ao que parece — respondeu Mama.

— E quem temos aqui? — O homem voltou sua atenção para Bea e suas irmãs.

Mama deu um passo para o lado. — Deixe-me apresentar algumas das minhas filhas. Estas são Annie Ruth, Carmella, Sora e Bea. Meninas, este é Jean Baptiste Marcheur.

— De volta às formalidades, minha Evangeline? — ele perguntou, então se virou para elas. — A maioria das pessoas me chama de Smoke. — Anéis de vapor espessos saíram de sua boca, dançando em círculos ao redor deles. Seu olhar se intensificou, esquadrinhando seus rostos como se procurasse por algo que Bea não conseguia discernir.

— Cuidado com os charmes de um Barão das Sombras, minhas meninas, pois eles são cheios de papo furado — disse Mama.

— Você está tão fria. Seu coração se endureceu tanto assim por ficar sem mim? — Ele se virou e bateu no ombro de outra pessoa de cartola. — Já que estamos fazendo apresentações...

O menino que entregou o convite olhou para elas. Ele usava uma cartola mais curta do que a de Smoke, mas compartilhava o mesmo tom de pele marrom escuro e olhos adoráveis e travessos.

— Meu filho mais novo – Jacques Baptiste Marcheur — Smoke disse com um floreio de sua bengala.

— Me chamem de J.B. — Ele tirou e inclinou o chapéu. Seus olhos se encontraram com os de Bea e ele parecia ter um segredo. Um que Bea estava desesperada para descobrir. — Boa noite.

Smoke pôs a mão grossa em seu ombro e se voltou para Mama. — É uma pena que Anaïs não esteja conosco.

Mama se eriçou toda.

— Quem é? — Bea perguntou.

Smoke sorriu, erguendo a sobrancelha. — Hmmm.... vejo que você ainda é a mesma.

— Não se preocupe com isso — Mama disse à Bea. — Smoke, uma palavra em particular?

— Qualquer coisa para você, chérie. Já faz muito tempo.

Mama cerrou os dentes, a raiva aparecendo em sua mandíbula, então olhou para Annie Ruth, Bea, Sora, e Cookie. — Fiquem aqui. Só vou demorar um pouco, então vamos embora. Cookie, você está no comando até eu voltar. Sem bagunça, ouviram?

Ela esperou pelo coro de *sim, senhora* antes de sair com Smoke.

Bea virou para a esquerda e para a direita, ansiosa para explorar, ansiosa para encontrar os outros Eternos no salão. Pessoas bem vestidas ondulavam no meio da multidão; cordões de pérolas negras entrelaçadas em uma tapeçaria fascinante. Suas irmãs caminharam até uma mesa próxima para pegar taças de champanhe borbulhando de sangue.

J.B. encarou Bea, e Bea encarou de volta. — O que você está olhando? — ela disse.

— Você — ele respondeu com um sorriso presunçoso.

Ela tentou não corar. — Por quê? Há toneladas de pessoas nesta sala. — Seus olhos se estreitaram com irritação fingida, embora ela estivesse curiosa, muito curiosa, sobre ele.

— Mas eu nunca conheci uma mulher Eterna tão bonita. Meu pai diz que as Turners são as mais encantadoras.

Bea tentou manter o contato visual, igualando a intensidade do olhar dele, e obrigou-se a não olhar para os crânios se retorcendo que revestiam seu chapéu. Eles abriam e fechavam a boca como se tivessem uma mensagem para transmitir. — Eu não deveria estar falando com você.

— Você não deveria estar fazendo muitas coisas. Provavelmente nem deveria estar nesta cidade. Tudo o que as pessoas cochicham é sobre aquelas lindas mulheres negras da casa da Avenida Esplanade. As que estiveram fora por tanto tempo. Alguns querem vocês aqui, outros nem tanto.

— Eu não tenho medo de você, ou deles — ela blefou.

Ele sorriu. — Eu também não tenho medo de você. Embora meu pai diga que vocês roubam corações.

— Apenas nossa irmã mais nova, Baby Bird. Mas não se preocupe, eu não vou roubar o seu.

— E se eu quiser que você o tenha?

A sobrancelha de Bea se ergueu. — Por quê?

— Por que não? Dizem que se você amar uma mulher Eterna, e fazer com que ela o ame de volta, terá boa sorte por mil vidas. Isso vai permitir que você evite ferimentos e a morte. Um beijo pode fazer isso.

— Você é um Andante. Um Barão. Você é a morte.

Um sorriso apareceu em seus lábios. — Esse é um estereótipo infeliz. Talvez eu possa te dizer a verdade e você pode me dar essa sorte eterna.

— Não sou um par de sapatos que você pode experimentar para tirar a dúvida.

— E se você me amar de volta? — A petulância em sua voz enviou um arrepio em sua pele. Ele sabia o segredo dela? Ele sabia o que ela estava procurando? O que exatamente um Barão poderia fazer – ler mentes e corações?

— Eu nunca amei ninguém

— Ainda. — Ele tirou o chapéu, curvou-se e desapareceu na multidão.

★ ★ ★

Bea vagou pela festa, observando enquanto casais se beijando entravam em quartos fechados ou passeavam pelos corredores da casa gigantesca. Enquanto suas irmãs se misturavam e provavam toda a comida, ela explorava, espiando em quartos decadentes e subindo escadas sinuosas até que encontrou uma sala que satisfez sua curiosidade.

As paredes ostentavam violetas e turquesas como um céu ansioso se tornando noite. Os tetos floresciam em rosa e tangerina, uma tigela de frutas do paraíso. As portas eram incrustadas com marfim. As mesas tinham toalhas felpudas e estavam espalhadas pela sala, cada uma exibindo caixas de jogos de porcelana cravejadas de ouro, diamantes, pedras preciosas, e a decoração

esmaltada dos jogos de cartas. O teto era arqueado em curvas salientes e declives. Espreguiçadeiras, cadeiras de encosto alto e sofás com pés em forma de garra rodeavam as mesas de jogos. Cortinas finas esvoaçavam ao longo da parede, expondo um conjunto de portas esculpidas em vidro e o terraço para o qual conduziam.

Ela passou pelas mesas de jogos para ver se eles tinham seu favorito, um chamado Carrom, que ela havia jogado com May quando elas moravam em Bombaim. Ela ficou satisfeita em encontrá-lo, escondido em um canto distante. Minúsculos discos vermelhos e pretos ficavam dentro de poços ao longo do perímetro do tabuleiro, e um quadrado lindamente desenhado segurava um círculo no centro.

Seus olhos foram para a porta. Ela sabia que deveria voltar para a festa. Sua mãe estaria procurando por ela e ela receberia uma bronca por se afastar. Mas ela começou a limpar cada disco – eles exibiam pequenos pavões e pombas e ela não se conteve. Alinhou as pequenas peças Carrom em ambos os lados, como se May estivesse em frente a ela. Apesar de ser mais jovem do que ela, May sempre vencia, colocando seus dez discos Carrom nos buracos primeiro.

Um servo empurrou um carrinho de chai para dentro da sala. — Gostaria de chá?

Bea assentiu.

Na mesa de chá de sândalo, a mulher colocou tâmaras pegajosas encharcadas de sangue e um beignet sanguíneo embebido em açúcar. Levantando a chaleira, ela despejou o líquido fumegante em um pequeno copo. Ela tirou um frasco. Sangue. — Metade ou inteiro?

— Inteiro — Bea respondeu.

A criada abriu a caixa de especiarias e colocou colheradas de papoula, erva-doce e noz-moscada no frasco, para deixá-lo doce. Ela misturou o sangue com especiarias no líquido, e ficou preto como tinta.

— Obrigada. — Bea tomou um gole, sua língua queimando enquanto extraia o sangue.

A mulher assentiu e saiu da sala.

Uma das portas do terraço se abriu.

— Ora, ora — uma voz chamou.

Bea olhou para cima para encontrar J.B.

— Eu não sabia que alguém estaria aqui — disse ele.

Bea olhou para ele com desconfiança, o puxão de sua presença mais forte agora que eles estavam sozinhos.

— Você tomou uma decisão sobre a minha proposta? — ele perguntou com um sorriso espertinho, revelando um conjunto de covinhas. Ele se aproximou do tabuleiro de jogo. O chá se agitou na barriga de Bea. — Quer apostar?

— O que você ouviu sobre as mulheres Eternas não é verdade — Bea respondeu. — Seria um desperdício.

— Como você sabe? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu sou uma há duzentos anos. Acho que saberia sobre isso.

— Tem certeza? — Ele sorriu, revelando uma pequena lasca de lacuna entre os dentes da frente. — Como você pode saber tudo?

— Como você pode ter tanta certeza?

— Nunca tenho certeza de nada. — Ele se sentou em frente a ela. — Testemunhar a morte faz isso com você.

Todas as coisas que Mama tinha dito sobre os Barões das Sombras estavam empilhadas umas sobre as outras, como as camadas de um bolo de crepe.

“Eles sempre vão puxar os Eternos para o descanso.”

“Eles deixam sua marca.”

“Eles não são capazes de resistir a sumir com os outros”

— Está com medo — J.B. desafiou.

— Não estou.

— Então vamos jogar. — Ele apontou para o tabuleiro. — Eu ganho, tiramos a prova. Um beijo. Você ganha, e pode me fazer uma pergunta. Eu posso senti-las cantarolando através de você.

Bea saltou como se ele pudesse ouvir as perguntas girando em círculos na sua cabeça. Ela mordiscou o lábio inferior. Seus olhos foram para a porta novamente, sabendo que ela deveria voltar para a festa, sabendo que suas irmãs e Mama provavelmente estavam em pânico procurando por ela. Mas seus olhos encontraram os dele

novamente, brilhantes com o desafio. — Você deve ter dezenas de mulheres querendo beijar você. Até mesmo outras Eternas. Realmente não precisa de um beijo meu.

— Talvez. Mas nunca tive a chance de beijar alguém tão bonita quanto você.

Ela corou. — Sua bajulação falsa não vai te levar a lugar nenhum.

— Nunca tive o prazer de conhecer uma mulher Turner antes. Muito menos receber um beijo de uma. Tenho que arriscar.

— Nós somos inimigos.

— Isso torna as coisas ainda mais interessantes. — J.B. tirou a cartola e seus lindos Dreadlocks caíram sobre seus ombros. — Mas eu nunca acreditei de verdade nisso. Sim, existimos em lados opostos da vida e da morte. Você deveria estar morta. Eu posso te levar para a terra dos mortos a qualquer momento. Você pode sentir isso.

Bea podia, mas não queria admitir. A cada poucos minutos, aquele puxão profundo a chamava. O aviso martelando em seu corpo. Ela pegou seu chá e bebeu um gole gigante, que estava quente demais.

— Mas você também pode me afetar. Uma mordida e estou acabado. Minhas habilidades desapareceriam.

Mama nunca disse isso a ela. Talvez ela mesma não soubesse.

— As apostas estão iguais, então você aceita?

Bea sabia que deveria dizer não. Sua boca se abriu para recusar, mas sua mão se estendeu. — Se você insiste.

Um sorriso completo tomou o rosto dele. J.B. fez sinal para que Bea começasse primeiro.

Ela colocou uma de suas peças Carrom facilmente em um buraco próximo e sorriu triunfante.

— Sorte — ele disse.

— Você sabe que é possível que eu consiga emburacar todos os meus homens antes que você faça um único movimento.

— Sim — disse ele. — Os riscos deste jogo – nem mesmo poder dar uma volta por cima ou ter uma chance de escolher seu próprio destino. Mas é improvável que você ganhe dessa forma. Você pode

se distrair ou ficar sem sorte. Meu pai disse que as mulheres Turner são sortudas, mas não disse que elas são infalíveis.

— Eu tenho um foco de aço quando estou determinada.

— Sou conhecido por impedir uma ou duas damas de fazerem o que elas tinham decidido em primeiro lugar.

— Quanto champanhe foi necessário? — Bea provocou.

J.B. riu, e ela adorou o modo que o som era profundo e quente.

Ela sentiu o puxão de novo. Aquele puxão profundo e uma dor de cabeça que atingiu suas têmporas. O aviso.

— Meu pai era apaixonado pela sua mãe, sabia? — ele disse.

— Não. Não até essa noite.

Ele continuou: — Ele foi o primeiro amor dela. Apesar das regras. Apesar do ódio tanto dos Barões quanto do povo Eterno. Queria se casar com ela, mas ela não voltou para essa Ala... ou qualquer outra... depois de encontrar seu pai.

— Eles nunca poderiam ficar juntos.

— Mas eles ficaram, por muito tempo.

Os segredos de Mama caíram sobre ela. Ela nunca tinha imaginado-a com outro parceiro que não fosse o Papai.

— Por que ela brincaria com isso? Ou chegaria tão perto da morte? — Sua mama não era uma mulher que fazia apostas. — Ele poderia tê-la matado. Todos vocês sempre puxam os imortais em direção às encruzilhadas. Está em sua natureza. — O estômago de Bea caiu quando mais perguntas se somaram ao tornado das outras dentro dela. Mama tinha evitado todas as suas perguntas detalhadas sobre o assunto ao longo dos anos, dando para elas apenas uma única mensagem cortante: *Fiquem longe dos Barões das Sombras!*

— Meu pai é muito poderoso. Ele tem muito controle.

Bea cruzou os braços, confiante de que o jogo não demoraria muito. Ela o envergonharia e o mandaria embora. Ela circulou o tabuleiro e atirou outra peça para dentro do buraco.

— Sua vez de *novo* — ele disse.

Sua unha latejava por jogar os discos. Ela fez uma pausa para chupá-la.

— Precisa desistir devido à dor?

Ela zombou. — Bem que você queria.

— Verdade, eu quero. Eu preciso saber se o que meu pai disse é verdade. Ele tem uma sorte que todos os Andantes sonham em ter. Que eu quero ter. Ele está enfeitiçado – e acho que é tudo por causa de sua mãe.

— Talvez ele esteja mentindo. Talvez seja tudo um blefe.

— Eles podem chamá-lo de Smoke, mas ele não sopra tudo. Há algo mais.

Bea se inclinou sobre o tabuleiro novamente para estudar seu próximo movimento. Ela se perguntou como seria um beijo com ele. Ela teve muitos ao longo dos anos, mas nunca um tão perigoso. Um beijo com um inimigo. Um beijo que poderia matar. Ela bateu em outro disco, mas o puxão de sua presença enviou uma dor aguda por ela. Ela errou o buraco desta vez e se encolheu.

Ela sentiu o grande sorriso dele e fez uma careta.

— Minha vez — disse ele, jogando uma de suas peças Carrom em uma peça dela, e pousando dois de seus discos em buracos opostos. — Parece que já estamos empatados.

Bea fez uma careta. O que aconteceria se ela perdesse? Ela honraria a aposta? Sua cabeça disse que ela deveria voltar imediatamente para a festa. Ela deveria estar se misturando e conhecendo outras pessoas, procurando por alguém que poderia vir a ser seu amor eterno. Mas seus pés idiotas não se moviam. Ela caiu em uma bolha estranha com J.B.; uma corda eletrificada a mantinha plantada na cadeira.

J.B. fez uma segunda jogada e facilmente colocou outra peça no buraco. — Isso é três a dois agora.

— O jogo está longe de acabar, então eu não ficaria arrogante.

Ele não tirou os olhos dos dela enquanto botava no buraco até a última peça com uma pincelada de seu dedo.

Ela se recostou, perplexa. Sua cabeça girando com surpresa.

— Eu venci. — Os olhos de J.B. brilhavam de alegria. — Uma aposta é uma aposta. Você me deve essa.

Só um beijo não fará nada demais, ela disse a si mesma. Sua própria curiosidade diminuindo seus medos.

— Eu não mordo — ele disse.

Ela riu.

Ele se aproximou dela. — E eu não vou te puxar.

Ela nunca tinha beijado um não mortal antes.

— Promete não morder? — ele sussurrou.

— Sim — ela respondeu.

— Posso? — ele perguntou, estendendo a mão para ela.

As palavras pairaram entre eles como uma série de fogos de artifício prestes a explodir.

Ela assentiu. As palmas dele roçaram a nuca dela primeiro. A sensação de sua pele na dela fez seu coração palpitar. Um formigamento ao seu toque, um lembrete de como era antes de seu coração parar. De perto, Bea podia ver os tons ricos de sua pele marrom. Os olhos dele percorreram o rosto dela e ela o sentiu absorvendo cada detalhe. O coração dele batia tão forte que era o único barulho entre eles.

Olhar para ele era como descobrir algo novo sobre o mundo que ela conhecia há tanto tempo.

Ele se inclinou para frente.

Ela apertou os olhos fechados.

Ele pressionou seus lábios nos dela, a mais deliciosa curiosidade guiando sua língua.

CAIXÕES Ou Como Se Consegue Descanso Para a Beleza?

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Você provavelmente está familiarizado com a ideia de que os vampiros dormem em caixões. Pelo menos, *alguns* vampiros — como o pai dos vampiros, o próprio Conde Drácula — dormem em caixões. (Outros preferem mansões velhas assustadoras ou apartamentos de porão de aluguel barato). Em alguns casos, o vampiro deve dormir em seu próprio caixão com a sujeira de sua própria sepultura ou eles ficarão fracos e morrerão. Em outros, é um meio de ficarem longe da luz solar mortal. E nada diz: “Ei, eu sou totalmente imortal” como a visão de um vampiro rastejando para fora de um caixão! Seja qual for a razão, os vampiros que precisam de sua confiável caixa da morte estão literalmente presos a ela. Eles não podem deixá-la para trás, mesmo que queiram! Na história de Dhonielle, ela reimaginou o caixão da maneira mais mágica – transformando-o em um boticário que se muda para um novo local a cada poucos anos. Bea está ligada à sua família e ansiosa para lutar por conta própria, mesmo que tenha que queimar para isso.

O quão longe você iria para ganhar sua independência?

PRIMEIRA MATANÇA

Victoria “V. E.” Schwab

I
[Sexta-feira]

Calliope Burns possui uma nuvem de cachos.

Essa é a primeira coisa que Juliette vê.

Existem muitas outras coisas, é claro. Como a pele de Calliope, que é de um marrom liso e perfeito, e os brincos de prata que traçam suas orelhas, e o estrondo suave de sua risada - uma risada que deveria pertencer a alguém com o dobro do seu tamanho - e a maneira como ela esfrega a ponta do dedo esquerdo em seu antebraço direito sempre que está pensando.

Jules percebe essas coisas também, é claro, mas a primeira coisa que ela vê todos os dias na aula de inglês, quando se senta duas fileiras atrás da outra garota, são aqueles cachos. Ela passou o último mês olhando para eles, tentando pescar um vislumbre ocasional de sua bochecha, queixo, sorriso e além.

Tudo começou com uma curiosidade ociosa.

Stewart High é uma escola enorme, um daqueles lugares onde é fácil de se passar despercebida. Existem quase trezentas pessoas naquela turma do primeiro ano, mas este ano, apenas quatro delas eram novatas, apresentadas no primeiro dia. Três dos novatos eram

chatos e sem graça, dois atletas de queixo quadrado e um menino tímido que nunca erguia os olhos do seu celular.

E então havia Calliope.

Calliope, que se manteve de cabeça erguida em frente à escola inteira, como se enfrentando algum desafio não dito. Calliope, que se move pelos corredores com toda a facilidade constante de alguém confortável em sua pele.

Juliette nunca se sentiu em casa em sua pele, ou em qualquer outra parte de si mesma, aliás.

Duas fileiras à frente, a nuvem escura de cachos se mexe enquanto a garota gira o pescoço.

— Senhorita Fairmont — a voz da professora corta a sala — Olhe para o seu teste.

A classe ri, e Jules baixa o olhar de volta para o papel, o sangue lentamente subindo para suas bochechas pálidas. Mas é difícil se concentrar. O ar na sala cheira a mofo. Sua garganta está seca. Alguém está usando perfume demais, e outro está batendo o lápis, um metrônomo rítmico que a deixa nervosa. Três pessoas estão mascando chiclete e seis estão inquietos nas cadeiras, e ela pode ouvir o arrastar do algodão contra a pele, o *sopro* suave da respiração, os sons de trinta alunos simplesmente *vivendo*.

Seu estômago se revira, embora ela tenha tomado o café da manhã.

Costumava ser o suficiente para ela passar o dia inteiro com aquela refeição. Costumava, mas agora sua cabeça está começando a latejar e sua garganta parece estar cheia de areia.

A campainha finalmente toca, e a sala mergulha em um caos previsível enquanto todos correm para almoçar. Mas Calliope leva seu tempo. E quando ela chega à porta, ela olha para trás, o gesto tão casual, como se estivesse checando por cima do ombro, mas seu olhar pousa diretamente em Juliette, e ela sente seu coração revirar como um motor teimoso. A outra garota não sorri, não exatamente, mas o canto de sua boca quase se curva, e Jules abre um sorriso amplo, e então Calliope sai e Jules deseja que ela pudesse rastejar para baixo do chão e morrer.

Ela conta até dez antes de sair da sala.

O salão é uma maré de corpos.

Mais à frente, o cabelo escuro de Calliope balança, e Juliette a segue, jurando que pode sentir o cheiro sutil de mel no perfume da outra garota, a baunilha de seu hidratante labial. Seus passos são longos e lentos, e os de Juliette são rápidos, a distância entre elas diminuindo um pouco mais a cada passo, e Jules está tentando pensar em algo para dizer, algo espirituoso ou inteligente, algo para ganhar uma daquelas raras risadas baixas, quando o sapato dela pisa em algo no chão.

Uma pulseira perdida, abandonada. Algo extravagante, frágil, e Jules se abaixa sem pensar, os dedos enrolando em torno da faixa. A dor, repentina e quente, corta sua pele. Ela se engasga com a respiração e deixa cair a pulseira, um vergão vermelho já surgindo em sua pele.

Prata.

Ela sibila, sacudindo para afastar o calor de seus dedos enquanto atravessa a maré de alunos no corredor e entra no banheiro mais próximo. Sua mão está latejando quando ela a enfia na torneira.

Isso ajuda. Um pouco..

Ela vasculha sua bolsa, encontra o frasco de aspirina que não é aspirina e despeja duas cápsulas na palma da mão, colocando-as na boca. Elas se rompem, um momento de calor, um instante de alívio.

Ajuda da mesma maneira que uma única inspiração ajuda um homem que está se afogando, o que quer dizer: não muito.

A sede diminui um pouco, a dor diminui e o machucado em sua pele começa a desaparecer.

Ela olha para o espelho, colocando mechas de cabelo loiro atrás das orelhas. Ela é uma versão aguada de sua irmã, Elinor.

Menos impressionante. Menos charmosa. Menos bonita.

Apenas...menos.

Ela se inclina para mais perto, estudando as manchas verdes e marrons em seus olhos azuis, os pontos espalhados em suas bochechas.

Que tipo de vampiro tem sardas?

Mas lá estão elas, salpicadas como tinta contra a pele pálida, embora ela tenha o cuidado de evitar o sol. Quando ela era jovem, ela podia passar um bom tempo fora, jogando futebol ou apenas lendo na sombra do carvalho de sua família. Agora, sua pele começa a formigar em minutos.

Adicione isso à lista crescente de coisas que me sugam (ha ha).

Seus olhos caem para a boca. Não para os dentes, polidos como são, as presas enfiadas atrás dos caninos, mas para os lábios. A coisa mais ousada sobre ela. A única coisa ousada, realmente.

Sua irmã disse a ela que um bom batom é como uma armadura. Um escudo contra o mundo.

Ela vasculha sua bolsa e tira um batom roxo chamado Dusk.

Jules se inclina para o espelho, fingindo que é Elinor enquanto reaplica o batom, traçando-o cuidadosamente ao longo das linhas de sua boca. Quando ela termina, ela se sente um pouco mais ousada, um pouco mais brilhante, um pouco *mais*.

E logo, ela *será* mais.

Em breve…

A porta do banheiro se abre, se enchendo de risadas estridentes enquanto um punhado de veteranos entra.

Uma delas olha em sua direção.

— Bela cor — diz ela, uma nota de apreciação genuína em sua voz. Jules sorri, mostrando o menor indício de dentes.

Lá fora, o corredor está vazio, a pulseira sumiu, resgatada por outra pessoa. A maré de alunos reduziu para um riacho, a corrente indo em uma direção - o refeitório - e Jules está pensando em pular o almoço, ou melhor, o fingimento dele, e se encolher em um canto da biblioteca com um bom livro, quando Ben Wheeler vem e se bate com ela.

Ben, pele bronzeada de um verão de corrida no parque, cabelo castanho descolorido pelo sol com um tom dourado amarelado.

Ela o ouve chegando. Ou talvez ela o sinta chegando. Sente-o um segundo antes de ele bater com o ombro no dela.

— Estou definhando! — ele geme — Como um corpo em fase de crescimento pode sobreviver entre o café da manhã e o almoço? Os hobbits tiveram a ideia certa.

Ela não conta que o viu devorando um saco de biscoitos em formato de animais entre o primeiro e o segundo período, uma barra de granola entre o segundo e o terceiro. Não ressalta que ele está segurando uma barra de chocolate comida pela metade em uma das mãos, enquanto caminham para o almoço. Ele é um corredor de longa distância, cheio de tendões, ossos e fome de lobo.

Ela se inclina contra Ben enquanto eles caminham.

Ele cheira bem. Não é mordível, mas agradável, bom, caseiro.

Eles são amigos há muito tempo.

Na sétima série, eles até tentaram ser mais, mas foi mais ou menos na época em que Ben descobriu que preferia rapazes e ela percebeu que preferia garotas, e agora eles brincam sobre quem transformou o outro.

Gay, na verdade. Não vampiro. Obviamente.

Ninguém a transformou, de qualquer maneira. Ela nasceu assim, a última na linha honrada de Fairmonts. E quanto ao dom no sangue, ou maldição, Ben não sabe. Ela odeia que ele não saiba. Já pensou cem mil vezes em contar a ele. Mas os ‘e se’ são muito grandes, muito assustadores, os riscos muito grandes.

Eles chegam ao refeitório, todos arrastando as cadeiras, vozes gritando e o cheiro nauseante de comida estragada e superaquecida. Jules respira fundo, como se estivesse mergulhando debaixo d'água, e o segue.

— Cal! — chama uma garota, acenando para Calliope do outro lado da sala.

Cal. É assim que os amigos de Calliope a chamam. Mas Cal é uma palavra áspera, uma mão pesada em seu ombro, um som áspero em sua garganta. Juliette prefere Calliope. Quatro sílabas. Uma sequência musical.

— Aqui está um pensamento selvagem — diz Ben — Em vez de sofrer em silêncio, e se você apenas admitisse que tem uma queda por ela?

— Não é uma queda — ela murmura.

Ben revira os olhos: — Como você chamaria então?

— É… — Juliette olha para a outra garota, e de repente ela está de volta à cozinha naquela manhã, presa entre seus pais, desejando que ela pudesse rastejar para fora de sua pele.

— Não estamos tentando pressioná-la — disse o pai dela, uma mão deslizando pelo cabelo.

— É que um dia você vai encontrar alguém — acrescentou a mãe — E quando você encontrar…

— Você está fazendo isso parecer tão importante — ele interrompeu — Não tem que ser.

— Mas *deveria* ser — a mãe disse, lançando-lhe um olhar de advertência — Quer dizer, é melhor se for...

— Oh, não, não essa conversa — disse Elinor.

Sua irmã vagou pela cozinha como uma brisa quente, entrando em vez de saindo. Suas bochechas de porcelana estavam vermelhas, um brilho sonolento em sua pele que sempre parecia acompanhá-la até em casa. — Os primeiros são apenas os primeiros — disse ela, pegando a cafeteira. Ela se serviu de uma xícara, o conteúdo escuro e espesso. Juliette observou enquanto ela adicionava uma xícara de café expresso. Um “ressuscitador de cadáveres”, ela o chamava.

Juliette franziu o nariz: — Como você pode beber isso?

Elinor sorriu, suave e prateado como o luar: — Diz a garota que vive de comprimidos e gatos.

— Eu não bebo gatos! — ela retrucou, chocada. Era uma velha piada, que azedou com o tempo.

Sua irmã estendeu a mão e passou uma unha perfeita em sua bochecha: — Você saberá quando encontrar a pessoa certa. — Sua mão caiu para o espaço sobre seu coração. — Você saberá.

— Apresse-se e morda alguém.

Juliette pisca: — O que?

Ben acena com a cabeça para o buffet de almoço: — Eu disse, se apresse e compre alguma coisa — a fila está ficando inquieta atrás deles. Ela verifica a seleção de sanduíches, pizza, batatas fritas, não sabe por que faz isso. Mas isso não é verdade. Ela faz isso porque é o que uma garota humana faria.

Ela pega um saco de batatas fritas e uma maçã e segue Ben até o final de uma mesa vazia na extremidade da sala.

Ben olha para a montanha de comida em sua bandeja do almoço como se ele não pudesse decidir por onde começar.

Jules rasga o saco de batatas fritas e oferece-lhe uma antes de largá-lo na mesa entre eles.

Sua boca dói. A dor é uma dor leve que percorre suas gengivas. Sua garganta já está seca novamente, e ela está de repente, com uma sede desesperadora de uma maneira que nenhuma fonte de água poderia consertar. Ela tenta engolir, não consegue, joga mais duas cápsulas na palma da mão e as engole no seco.

— Você vai ficar com uma úlcera — diz Ben enquanto as cápsulas explodem em sua boca, florescendo em sua língua. Um momento de calor com gosto acobreado, e depois some.

A sede diminui, apenas o suficiente para ela engolir, pensar.

As pílulas costumavam funcionar de verdade, duravam horas em vez de minutos. Mas nos últimos meses veio piorando e ela sabe que em breve os comprimidos não serão suficientes para matar a sede.

Jules pressiona as palmas das mãos contra os olhos. Mantém-nos lá até as manchas irem e virem, deixando apenas o preto. Uma escuridão misericordiosa e obliterante.

— Você está bem?

— Enxaqueca — ela murmura, arrastando a cabeça para cima. Ela deixa seu olhar vagar por duas mesas ao lado, e fica surpresa ao encontrar Calliope olhando diretamente para trás. Seu pulso dá um pequeno solavanco.

— Você poderia falar com ela — diz Ben.

— Sim — ela diz, e não é mentira.

Houve um momento na aula de inglês na semana passada, quando ela disse a Calliope que ela tinha deixado cair a caneta. E aquela vez no corredor quando Calliope fez uma piada e Juliette riu, embora ela não estivesse falando com ela. E uma vez, na segunda semana de aula, quando estava *chovendo muito forte* lá fora e Jules ofereceu-lhe uma carona para casa e ela estava prestes a aceitar

quando seus irmãos chegaram na caminhonete e ela agradeceu de qualquer maneira.

— Bem, você terá sua chance.

A atenção de Juliette volta rapidamente: — Quê?

— A festa de Alex. Amanhã à noite. Todo mundo vai.

Alex é um jogador de futebol do time do colégio, uma “raposa com mandíbula de aço” e a paixão atual de Ben, o que é lamentável, já que, segundo todos os relatos, Alex é heterossexual.

Ben acena com a mão sempre que ela menciona isso.

— As pessoas não são heterossexuais — diz ele — Elas simplesmente não sabem o que é melhor. Então, festa?

Jules está prestes a dizer que não vai para festas quando vê um reflexo deformado na lata de refrigerante de Ben, uma tela em branco, um par de lábios cor de amora.

— Que horas?

— Pego você às nove — diz Ben — E é melhor você dar o primeiro passo. Calliope Burns não vai esperar para sempre.

II
[Sábado]

Juliette paira do lado de fora do quarto de sua irmã.

Ela está prestes a bater quando a porta se abre sob sua mão e Elinor aparece, obviamente saindo de casa. Ela olha Jules de cima a baixo, observando a meia-calça estrelada, o vestido preto curto, o esmalte em suas unhas já manchado porque parece que ela nunca consegue esperar para secar. — Indo para algum lugar?

— Festa — diz Juliette — Você poderia, não sei... — ela aponta para si mesma como se Elinor tivesse alguma magia transformadora em vez de apenas bom gosto — Me ajudar

Elinor ri, um som suave e ofegante, e não olha o relógio. Reggie vai esperar. Ela aponta para sua penteadeira: — Sente-se

Jules se abaixa no banquinho acolchoado em frente ao espelho bem iluminado, examinando a linha de batons equilibrada ao longo da borda posterior enquanto Elinor paira atrás dela. Ambas

aparecem, é claro; ela nunca entendeu a lógica por trás desse mito. Juliette estuda sua irmã no reflexo - elas possuem três anos de diferença e, lado a lado, as diferenças são gritantes.

O cabelo de Elinor é loiro prateado, seus olhos de um azul profundo das noites de verão, enquanto o cabelo de Juliette tem um tom mais sombrio, mais palha do que o luar, seus olhos são de um azul turvo. Mas é mais do que isso. Elinor tem o tipo de sorriso que faz você querer sorrir de volta e o tipo de voz que faz você se inclinar para ouvir. Ela é tudo o que Jules quer ser, tudo o que ela espera se tornar. Depois.

Ela se lembra de Elinor antes, é claro; foram apenas alguns anos, e a verdade é que ela sempre foi delicada, bela. Mas não há dúvida de que agora ela é *mais*. Como se aquela primeira morte tivesse pegado quem ela era e aumentado o volume, tornando tudo mais nítido, forte e vibrante.

Juliette se pergunta como ela ficará com o volume alto, quais partes dela ficarão altas. Com sorte, não seria a voz em sua cabeça, duvidando de tudo, ou a energia nervosa que parece roubar seus membros. Isso seria a sua cara.

Os dedos de Elinor deslizam pelo cabelo e ela sente os ombros afrouxarem, a tensão derreter. Ela não sabe se este é um poder de vampiro ou apenas de irmã.

— Ei — diz ela, mastigando o interior da bochecha — Como foi?

— Hm? — sua irmã diz daquele jeito suave e arrulhado enquanto toca um modelador de cabelo, testando sua temperatura.

— Sua primeira morte.

O momento não para. O mundo não endurece nem pausa. Elinor não se desvia do que está fazendo. Ela simplesmente diz: — Ah — como se tudo sobre Jules de repente estivesse claro.

— É realmente tão importante?

Elinor considera, um lento encolher de ombros passando por ela: — É tão importante quanto você o faz ser — ela torce o cabelo de Jules, prendendo um pedaço dele para fora do caminho — Alguns acreditam que é apenas a porta, que não importa qual você escolha, desde que você passe por uma — ela faz sua mágica, domando o cabelo de Jules em cachos encaracolados.

— Outros acham que a porta determina o que acontecerá depois. Isso molda você.

— O que *você* acha?

Elinor deixa o modelador de lado e vira Jules em sua direção, um dedo levantando seu queixo.

— Acho que é melhor se isso significar alguma coisa.

Uma escova suave desliza ao longo de sua bochecha.

— Não significou nada para o papai — diz Jules, mas Elinor estala a língua.

— Claro que sim. Ele tomou seu melhor amigo.

Seu estômago se revira. Ela não sabia disso: — Mas ele disse...

— As pessoas dizem todo tipo de coisa. Não as torna verdadeiras — Elinor mergulha um pequeno pincel em um pote de delineador líquido — Feche seus olhos — Jules obedece, sentindo as cócegas na linha ao longo de sua pálpebra — Mamãe seguiu um caminho diferente — continua Elinor — ela tomou um cara que não aceitava não como resposta. Foi a última palavra em seus lábios quando ele morreu — ela ri um som baixo e suave, como se estivesse contando uma piada.

Juliette abre os olhos: — E você?

Elinor sorri, seus lábios vermelhos perfeitos se abrindo um pouco: — Malcolm — ela diz de uma forma sonhadora. — Ele era lindo, e triste — ela olha algum ponto além de Jules no espelho — Ele não lutou contra, nem mesmo no final, e parecia tão em paz quando acabou. Como um príncipe adormecido. Algumas pessoas querem morrer jovens — ela pisca, voltando a si mesma — Outros lutam. O mais importante é nunca os deixar fugir.

Jules olha para a coleção de batons na penteadeira e começa a pegar um coral, mas Elinor empurra seus dedos dois tubos para a direita, para um tom profundo, nem vermelho, nem azul, nem roxo. Ela vira o tubo e lê o rótulo na parte inferior.

HEART-STOPPER.

Elinor pega o batom e aplica com expertise. Quando termina, ela se afasta, a cabeça inclinada como uma escultura de mármore: — Pronto.

Juliette estuda seu reflexo.

A garota no espelho é impressionante.

Cabelo caindo em ondas claras. Olhos azuis rodeados de preto, a ponta afiada da borda externa do olho fazendo-a parecer felina. O lábio escuro, algo mais selvagem.

— Como estou? — ela pergunta.

O sorriso de sua irmã é só dentes.

— Pronta.

★ ★ ★

Há uma placa na porta que diz ENTRE, mas Ben ainda tem que puxá-la para dentro.

Festas têm tudo o que Juliette odeia.

Têm música alta e quartos lotados, comida que ela não pode comer e bebida que ela não pode beber, e todas as armadilhas da vida normal que ela nunca terá. Mas ela bebeu uma xícara cheia da cafeteira antes de sair, e pelo menos o sol se pôs e levou o pior de sua dor de cabeça com ele. O mundo é mais suave no escuro, mais fácil de se movimentar.

Ainda assim, a única coisa que a faz entrar - além do intratável e impossível Ben - é a ideia, o medo, a esperança de que Calliope esteja em algum lugar desta casa.

Mas não há sinal dela.

— Ela vai aparecer — diz Ben, e ela quer acreditar nele, e ela quer ir para casa, e ela quer estar aqui, e ela quer ser mais, e ela quer tomar uma bebida no bar, quer fazer alguma coisa, qualquer coisa para acalmar seu coração nervoso.

Ela franze os lábios, sentindo o gosto do batom vermelho-escuro chamado Heart-Stopper, e concorda em ficar. Talvez ela encontre outra pessoa, talvez não importe, talvez a primeira pessoa seja apenas a primeira.

Dez minutos depois, uma dúzia deles havia migrado para um quarto no andar de cima e Ben está liderando um jogo de Verdade ou Desafio, e ela não sabia se ele estava fazendo isso por ela ou por si mesmo, porque ele pareceu muito triste quando Alex escolheu verdade, e então *ele* escolheu desafio, e agora ele está bebendo

uma cerveja enquanto planta bananeira, um ato que desafia as leis da física, e Jules está rindo e balançando a cabeça quando Calliope entra.

E quando ela vê Jules, ela sorri. Não é o sorriso brilhante de amigos que se encontram no meio da multidão. É algo astuto e silencioso, que logo foi embora, mas deixou seu coração batendo forte.

Ela para a alguns metros de distância, então elas ficam do mesmo lado da sala, lado a lado, e assim é melhor porque Jules não precisa olhar para ela, não precisa suportar a força da outra garota olhando de volta.

Ben termina e levanta as mãos como um ginasta finalizando uma série para uma sala cheia de aplausos.

E então ele olha para Jules e sorri.

— Juliette — diz ele, os olhos dançando com poder, e ela sabe o que ele vai dizer, sabe um pouco, pelo menos, e ela deseja que ele não o faça, mesmo com seu coração batendo forte.

— Eu te desafio a passar sessenta segundos no armário com Calliope.

A sala assobia e grita, e ela está prestes a protestar, a fazer uma piada sobre não estar mais no armário, que se ele quiser que elas se beijem, elas podem se beijar aqui mesmo, na frente de todos, na segurança da luz. Mas não há tempo para dizer nada disso, porque a mão de Calliope já está se fechando em torno da dela, puxando-a para fora da multidão.

— Vamos, Juliette.

E o som de seu nome na boca da outra garota é tão certo, tão perfeito, ela segue, deixa Cal conduzi-la para o armário. A porta se fecha, mergulhando as duas no escuro.

Escuro. É uma coisa relativa.

A luz se espalha pela parte inferior da porta, e os olhos de Juliette capturam o feixe de luz, usando-o para pintar os detalhes do armário lotado. Os casacos ocupando 90 por cento do espaço, uma pilha de caixas em torno de seus pés, os cabides batendo na parte de trás de sua cabeça e Calliope - não a parte de trás de sua cabeça ou algum olhar de soslaio roubado, mas bem aqui, a

inclinação de sua bochecha e a curva de sua boca e aqueles olhos castanhos firmes, de alguma forma quentes e afiados.

— Oi — ela diz, sua voz baixa e segura.

— Oi — sussurra Juliette, tentando soar como sua irmã, com sua confiança arejada, mas sai tudo errado, menos como uma respiração e mais como um assobio, um guincho.

Calliope ri, menos *dela*, do que da situação. O armário lotado. A proximidade de seus corpos. E, pela primeira vez, a outra garota parece nervosa também. Tensa, como se ela estivesse prendendo a respiração.

Mas ela não se afasta.

Jules hesita, acha que elas deveriam estar mais próximas ou mais distantes.

Ben nunca disse o que elas deveriam fazer.

Sessenta segundos não é muito tempo.

Sessenta segundos são para sempre.

Calliope cheira bem, claro que ela cheira, mas não é seu perfume ou seu hidratante labial.

É *ela*.

Os sentidos de Jules aumentam e se estreitam até que tudo que ela consegue sentir é a pele da outra garota, seu suor e seu sangue. Sangue - e algo mais, algo que ela não consegue identificar, algo que faz soar sinos de alerta em sua cabeça.

Mas então Calliope a beija.

Sua boca é tão macia, seus lábios se separam entre os de Jules, e não há fogos de artifício. O mundo não para. Ela não tem gosto de mágica ou luz do sol. Ela tem gosto de refrigerante de laranja que estava bebendo, como ar fresco e açúcar, e algo simples e humano, e as pessoas falam sobre o mundo caindo, mas a mente de Juliette está correndo, está aqui, ciente de cada segundo, da mão de Calliope seu braço, de sua boca em sua boca, do cabide cavando em seu pescoço, e ela não entende como as pessoas simplesmente se beijam, como vivem o momento, mas Jules está tão dolorosamente *aqui*.

Há uma dor sutil em sua boca, o desejo superficial de seus dentes escorregando. E naquele momento, entre as presas e a

mordida, ela pensa em como ela preferiria ir ao cinema, preferia aproveitar o cheiro do cabelo de Calliope, o murmúrio de sua risada, preferia ficar neste armário e continuar beijando-a.

Apenas duas garotas humanas emaranhadas.

Mas ela está com tanta fome e sua boca dói muito, ela não é humana e quer ser mais.

A boca de Juliette desce para o pescoço da outra garota.

Seus dentes encontram pele. Ela rompe tão facilmente, e ela prova as primeiras doces gotas de sangue antes de sentir a ponta de uma estaca de madeira cravada entre suas costelas.

I
[Sexta-feira]

A boca de Juliette é uma obra de arte.

Foi a primeira coisa que Cal notou.

Não a boca, exatamente - a forma como seu lábio inferior se curva, os lábios superiores simétricos - mas a maneira como ela os pinta. Hoje na escola, sua boca era da cor de suco de amora, não totalmente roxa, não totalmente rosa, não totalmente azul. Ontem era coral. Na semana passada, Cal contou vinho, violeta e, uma vez, até jade.

As cores se destacam contra o branco puro de sua pele.

Cal sabe que ela não deveria perder muito tempo olhando para a boca da outra garota, ou pelo menos não para seus lábios, mas...

Um pãozinho a atinge na lateral da cabeça.

— Que diabos! — ela rosna.

— E morreu — anuncia Apollo.

Theo aponta sua faca: — Fique feliz por não ter manteiga.

Cal franze o cenho para seus irmãos mais velhos enquanto eles voltam a engolir a comida. Ela nunca viu ninguém comer do jeito que comem. Mas, novamente, eles são construídos como os deuses que inspiraram os nomes. Construídos como heróis. Construído como papai.

Ele está na estrada, em uma longa caçada - isso é o que eles chamam de caça à distância. Ele também é caminhoneiro. É um bom disfarce, mas ela sente falta dele. Seus braços largos, seus abraços de urso. A maneira como ele ainda pode carregá-la, como fazia quando ela era pequena. Quão segura ela se sente cercada por seus braços. Cal costumava traçar as faixas pretas que envolviam seus antebraços, sentindo a pele levantada sob seus dedos. Um para cada morte. Costumava desenhar linhas em seus próprios braços em Sharpie, imaginando ganhar sua primeira marca. Primeira morte.

Ela não gosta quando ele fica longe por tanto tempo. Ela sabe que sempre há uma chance.

Desta vez, ela vê o bolinho chegando, pega-o no ar e acaba jogando-o de volta, mas mamãe a segura pelo pulso. Calliope olha para o antebraço direito de mamãe, envolto em delicados fios de tinta.

— Não na mesa — diz ela, arrancando o bolinho dos dedos de Cal. E Cal não se incomoda em apontar que um de seus irmãos jogou primeiro, porque ela sabe que isso não importa. *Regra nº 3: Não seja pego*

Theo pisca para ela.

— Onde está sua cabeça? — pergunta a mamãe.

— Escola — diz Cal, e não é mentira.

— Se estabelecendo? — pergunta a mamãe, mas Cal sabe que ela quer dizer “se misturar”, o que é uma coisa totalmente diferente. Ela sabe que se movimentar faz parte do trabalho; ela frequentou uma dúzia de escolas na metade dos anos, e todas as vezes, os avisos são os mesmos. Basta se misturar. Mas no colégio, os dois parecem contraditórios.

Ao se misturar, você se destaca. É conhecer a si mesmo e se manter segura, e Cal o faz, mas graças a Deus eles são velhos demais para brincar de mexer em sua mochila, porque ela tem quase certeza de que o graveto afiado e os fios de prata em sua bolsa não cairiam bem.

— Cal tem uma paixonite — diz Apollo.

— Não — ela murmura. Jules não é uma paixonite, ela é um alvo. E tudo bem, talvez a primeira coisa que chamou sua atenção foram aqueles lábios, da cor de sementes de romã. Talvez tenha havido, por um breve momento, o início de uma paixonite, mas então ela percebeu a maneira como a garota se agarrava à sombra, encolhendo-se ao mais leve vislumbre do sol entre as nuvens. A maneira como ela mexia na comida sem comer. Na semana passada, ela encontrou o frasco de cápsulas na bolsa da garota, abriu uma na pia do banheiro e observou a substância vermelha escura cair no ralo. E hoje, no corredor, ela deixou cair uma pulseira de prata, esperou ao virar da esquina e observou enquanto a garota estendia a mão para agarrá-la, então recuou quando a prata encontrou sua pele.

E agora ela tinha certeza.

Juliette Fairmont é uma vampira.

Theo se levanta para limpar seu prato: — Coma, graveto — ele diz, chutando a cadeira dela.

— Não me chame assim.

— Um fantasma pode derrubar você.

Os dedos de Cal apertam sua faca.

— Theseus Burns — avisa a mãe, mas Apollo também se levantou, e Cal pode sentir a mudança na sala, a energia sendo enrolada como um fio — Onde você vai? — ela pergunta.

— Caçar — responde Theo, a forma como alguém poderia dizer *farmácia* ou *mercado* ou *shopping*. Como se não fosse nada. Nada demais. Apenas outra noite.

— Caçar — responde Theo, a forma como alguém poderia dizer farmácia ou mercado ou shopping. Como se não fosse nada. Nada demais. Apenas outra noite.

— Vou com você — ela diz, já de pé, pegando as botas no corredor. Ela aprendeu a manter um conjunto de equipamento no andar de baixo. A última vez que ela correu até seu quarto para pegar suas coisas, eles já tinham ido embora.

— Você terminou sua lição de casa? — pergunta a mamãe.

— É sexta feira.

— Não foi o que eu perguntei.

Cal não para de amarrar as botas. Seus irmãos estão saindo pela porta: — Matemática e física, sim, inglês, não, mas farei isso logo de manhã — sua mãe acena. A porta da frente se fecha. Cal se balança, indo de um pé para o outro.

Por fim, sua mãe suspira.

— Está bem — e ela diz outra coisa, algo sobre ter cuidado, mas Cal não consegue ouvir mais do que um vislumbre quando ela sai pela porta. A marcha é engatada, e ela meio que espera ver as luzes traseiras da picape, dois olhos vermelhos brilhando enquanto a caminhonete se afasta.

Mas está lá, em ponto morto, na vaga, e Cal sorri, porque eles esperaram.

— Tire esse sorriso do rosto — diz Theo — E entre.

★ ★ ★

No banco da frente, Theo bate com os dedos no volante e, sentada seguramente no banco de trás, Cal encara as tatuagens que envolvem seu antebraço direito, iguais às faixas que circundam o bíceps de Apollo. Cal passa a ponta do dedo pela parte interna de seu cotovelo, contando as semanas até ela completar dezessete anos.

Apollo tinha quinze anos quando matou pela primeira vez, um metamorfo com uma besta a nove metros de distância.

Theo tinha *doze* anos. Ela nunca vai esquecer a visão dele, sorrindo através de uma camada de sangue coagulado enquanto acompanhava papai de volta ao acampamento em uma viagem em família. Eles tinham saído, apenas os dois, para estudar as marcas na trilha e se depararam com um wendigo adulto. Ele e mamãe tiveram uma grande briga sobre isso depois, mas Theo apenas continuou sorrindo enquanto segurava uma garra monstruosa acima da sua cabeça, um prêmio que papai o obrigou a jogar na fogueira. Ele tem uma regra estrita sobre manter coisas assim. Os únicos troféus que ele aprova são as tatuagens pretas, lembretes anônimos de vitórias passadas.

Seus corpos parecem um mapa. Um registro.

E o dela ainda está em branco.

— Acorde, graveto.

Cal pisca enquanto Theo desliga o carro e apaga as luzes. Ela aperta os olhos no escuro e engole um gemido baixo ao ver os portões do cemitério

Eles estão estacionados fora de um cemitério, o que exclui os monstros mais selvagens, que aparecem em bosques ou bares, lugares com abundância de comida. Também não é um ninho de vampiros - eles são mais propensos a se esconderem em mansões do que em mausoléus.

Não, um cemitério significa que eles estão caçando *ghouls*.

Cal odeia ghouls.

Ela realmente não é fã de coisas mortas em geral. Zumbis, fantasmas, espectros - é o vazio, o vazio que a desencoraja. Theo diz que eles são mais fáceis de caçar porque não imploram. Não fazem barganhas. Não fazem você se importar.

Mas eles também não param.

Eles são vazios, insaciáveis, implacáveis. Eles não sentem dor ou medo. Eles não se cansam. Eles vêm e continuam vindo.

Cal deseja que eles estejam indo atrás de lobisomens ou crianças trocadas - inferno, ela prefere enfrentar um demônio a uma coisa morta, mas não é como escolher um curso na faculdade.

Caçadores não se especializam.

Eles caçam o que precisa ser caçado.

O *que*, *não quem*, a voz de seu pai ecoa em sua cabeça. Nunca pense neles como *quem*. Nunca pense neles como *eles*, apenas isso, apenas o alvo, apenas o perigo no escuro.

Eles descem, e Theo joga para ela um colete à prova de balas e um par de cotoveleiras, o equivalente na caça a usar boias infantis em uma piscina. Então é hora de buscar o equipamento.

Pás, madeira, pontas de aço - estes podem ser armazenados na caçamba do caminhão, considerados equipamentos agrícolas comuns.

O resto das ferramentas eles mantêm em um compartimento escondido sob os bancos.

O assento sai como a tampa de um caixão, revelando cruzes de prata e correntes de ferro, um garrote de aço e uma variedade de adagas, coisas que você não pode exatamente fingir que é equipamento de jardinagem. Ela se equilibra no estribo, olhando para o estoque.

Cal vem construindo seu próprio kit, escondido no porta-malas de seu carro de cinco portas surrado, um velho baú de ferramentas escondido sob uma pilha de sacolas de compras reutilizáveis, porque se papai lhe ensinou alguma coisa, foi a sempre estar preparada. Os caçadores trazem consigo um cheiro do trabalho, uma fragrância espectral que alguns monstros podem sentir.

Quanto mais você caça, mais as coisas que você caça começam a te notar.

O que é bom, se você estiver se usando como isca em uma armadilha, mas é menos ideal se você não estiver trabalhando.

Cada um deles pega um walkie-talkie. Theo escolhe uma espada de samurai, enquanto Apollo vai atrás de um machado que parece enorme, mesmo em suas mãos, em seguida, joga uma chave de roda para Cal.

Atinge sua palma com força suficiente para machucar, mas ela não estremece.

— A última vez que verifiquei — diz ela — a única maneira de matar um ghoul é com um tiro na cabeça.

— Certo.

— Sim, bem, uma chave de roda não é exatamente projetada para decapitação.

— Claro que é — diz Apollo — Se você bater forte o suficiente.

— O ferro é apenas uma precaução — diz Theo, entregando-lhe um par de binóculos — Você está de guarda.

Guarda. O equivalente a *ficar no carro*, na linguagem dos caçadores.

— Qual é, Theo.

— Não esta noite, Cal.

Apollo sorri: — Ei, se você for boa, vamos deixar você fazer uma verificação completa.

— Puxa, obrigada — ela diz secamente, porque quem não gosta de polir crânios com uma barra de aço. Ela pega uma adaga do kit, enfia no bolso de trás e segue atrás deles, sentindo-se como um cachorrinho mordendo os calcanhares enquanto se dirigem para a entrada. Apollo abre a fechadura em segundos, e o portão de ferro se abre com um leve gemido.

A mente de Cal faz essa coisa em que se afasta de seu corpo, até que ela possa ver toda a cena à distância, e ela sabe que não parece bom: três adolescentes negros vestidos com armaduras improvisadas, marchando para um cemitério com espinhos e espadas.

Não, policial, está tudo bem. Estamos aqui apenas caçando monstros..

Papai tem um contato no departamento do xerife, um amigo da família que ele salvou em um acampamento quando eram crianças. Mas a memória é um elo fraco diante de problemas, e ninguém quer testar a força atual desse velho fio.

— Cal — diz Theo, impaciente, que sempre sabe quando sua mente está divagando — Fique no alto

Ela se iça sobre uma lápide, um daqueles anjos enormes que as pessoas compram quando querem se destacar da maré rasa de lápides.

É como subir em uma árvore, ela pensa, enganchando a perna sobre a asa. Ela monta na velha escultura de pedra enquanto seus irmãos se espalham e esperam que ela para examine a escuridão. É uma noite sem vento, e o cemitério se estende, cinza e parado, e leva apenas alguns segundos antes que ela perceba um movimento à sua esquerda.

Uma forma horripilante está sentada na beira de uma cova aberta, mordendo uma panturrilha humana, a perna ainda enrolada no tecido do terno.

Cal gostaria que ela não tivesse jantado.

Um segundo ghoul aparece, arrastando-se entre os túmulos. Parece humano, ou pelo menos se parece com algo que costumava ser humano, mas se move cambaleando como uma marionete em cordas irregulares. Os ghouls parecem cadáveres, roupas

esfarrapadas agarradas a formas murchas - mas é claro que eles não estão usando roupas, apenas tiras de pele, carne e músculos destacando ossos velhos.

Call sussurra no walkie-talkie: — Eu os vejo.

A voz de Theo estala: — Quantos?

Ela engole: — Dois.

Ela os guia para frente, cada um até seu alvo. Uma fileira adiante, duas sepulturas abaixo, como um jogo de batalha naval, prendendo a respiração enquanto seus irmãos se aproximam. Eles chegam perto, mas os ghouls são mais espertos do que aparentam. Aquele que está fazendo um banquete se contorce e fica de pé. Aquele que procura algo se vira, o movimento espasmódico, mas impossivelmente rápido, e a luta começa.

Theo balança sua espada, mas o ghoul se desvia do caminho e avança, com as mãos nodosas e dentes quebradiços. Várias fileiras adiante, Apollo ataca com seu machado, mas ele está sem impulso e o golpe é fraco. Ele passa pelo estômago do ghoul e se aloja em algum lugar ao redor de sua espinha. Não - a lápide atrás. Ele puxa a lâmina de volta, caindo para trás com a força do movimento e se agacha.

Ela observa seus irmãos, maravilhada com a graça de Theo, tão diferente de seu tamanho; Apollo, um borrão de velocidade e força. Mas então um flash de movimento chamou sua atenção. Não de seus irmãos ou dos ghouls que eles estão lutando. O movimento vem dos túmulos à sua direita.

Uma forma irregular movendo-se rápido demais no escuro.

E Cal percebe que ela estava errada. Não há dois ghouls no cemitério.

Há três.

O terceiro tem o dobro do tamanho dos outros, uma bagunça apodrecida de membros e dentes.

E está indo na direção de Theo.

Theo, que está muito ocupado tentando retalhar seu próprio monstro para notar.

Cal não pensa.

Ela pula da asa do anjo, atinge o chão com força, a dor subindo por seus tornozelos enquanto corre.

— Ei! — ela grita, e o ghoul se vira no momento em que ela balança a chave de roda em sua cabeça. O golpe o atinge com um estalo, o rosto da criatura estremecendo um pouco quando a barra atinge seu crânio. E por um segundo - apenas um segundo - o sangue de Cal dispara da melhor maneira, e ela se sente como uma caçadora.

Mas então o ghoul sorri, um sorriso horrível de queixo caído.

Cal anda para trás, para longe, fora de suas garras, e se lembra da adaga. Ela a puxa do bolso, a arranca da bainha com os dentes enquanto o ghoul se arrasta em sua direção.

Ela enfia a lâmina no pescoço da criatura, mas a adaga mal é longa o suficiente para cortar sua garganta. Ela fica presa em algum lugar ao redor de sua clavícula, escapando de seu aperto enquanto os dedos do ghoul arranham sua pele.

Ela cambaleou para trás, mas sua bota prendeu em uma cova quebrada e ela caiu e o ghoul estava em cima dela. De perto, cheira a podridão, enjoativamente doce, e o medo é repentino, violento. Bate nela como uma onda e ela tem que lutar contra a vontade de gritar.

Ele range, fazendo um som terrível ao estalar a mandíbula. Ela empurra a barra de ferro entre os dentes, forçando sua cabeça para trás e para longe enquanto seus dedos ossudos a agarram, deixando rastros de sua última refeição. Ela dá um chute, tentando empurrá-lo de volta, mas é forte, impossivelmente forte para algo feito de tendão e osso, e o medo é um assobio alto em sua cabeça, uma febre em seu sangue, e suas mãos escorregam na barra e ela vai morrer, ela vai morrer, ela vai-

A espada de Theo corta o pescoço do monstro, a lâmina tão perto que Cal sente a brisa em seu rosto.

A cabeça do ghoul rola na grama cheia de ervas daninhas.

O resto do ghoul desmorona em um monte de tendões e ossos, e então seus irmãos estão lá, ajoelhados diante dela, duas paredes bloqueando o horror do mundo além. Cal agarra a barra com força para impedir que suas mãos tremam.

— Você está bem, você está bem — Theo está dizendo, baixo e rítmico.

Apollo se levanta, erguendo seu machado, e caminha até a cabeça decepada do ghoul.

Cal engole.

— É claro que estou bem — ela diz, enquanto Apollo enfia o machado no crânio do monstro. Explode como uma abóbora apodrecida sob a lâmina.

Cal não vomita. Parece uma vitória.

Parece um fracasso.

Patética. Absolutamente patética.

Apollo se ajoelha para pegar a adaga de Cal do que sobrou da garganta do ghoul.

— Deveriam ter me dado uma espada — ela murmura enquanto Theo a põe de pé.

★ ★ ★

Seus irmãos zumbem todo o caminho para casa.

Eles estão tensos, agitados após a caçada, e Cal está agitada também, mas pelos motivos errados. Por não ter visto o terceiro ghoul, por enfrentar uma coisa morta com uma faca de doze centímetros e uma barra de ferro, por tropeçar, por lutar, por se torcer de medo.

Apollo não dá a mínima. Theo não dá sermões. Eles não a repreendem. Eles não dizem *nada* sobre isso e talvez estejam tentando fazê-la se sentir melhor, mas não faz. Isso a faz se sentir como uma criança de castigo, e ela passa o caminho todo se perguntando, como uma criança, se eles vão contar para a mamãe.

Ela está esperando por eles na sala de estar: — Como foi?

E Cal espera que eles a dedurem, que digam que estava tudo bem, até que eles tiveram que salvar sua bunda, mas Theo apenas acena com a cabeça, e Apollo sorri e diz: — Foi ghoulstoso — porque ele não consegue resistir a um trocadilho ruim, e então mamãe olha direto para Cal, como se pudesse ler a verdade em seu

rosto, mas Cal aprendeu que a verdade é algo que você não fica mostrando.

— Tudo bem — diz ela, as palavras como uma pedra em seu estômago.

E mamãe sorri e volta a assistir ao programa dela, e Cal se dirige para as escadas, seus irmãos em seus calcanhares. Ela está no topo quando Theo a segura pelo cotovelo: — Você está bem?

É tudo o que ele diz. É tudo o que ele vai dizer.

— É claro — ela diz, tentando parecer entediada enquanto se solta e entra em seu quarto.

Alguns momentos depois, ela pode ouvir o zumbido da pistola de tatuagem no corredor, a risada que seu irmão usa para encobrir a dor.

Ela solta as alças e fechos da armadura improvisada, faz uma careta ao ver o rasgo em seu jeans favorito. É culpa dela, ela deveria ter trocado de roupa, deveria ter usado algo que ela não se importaria em perder. Cal se retira, procurando pele rasgada, sinais de ferimentos, mas não há nada além de alguns arranhões, o início de uma contusão.

Sortuda ela pensa.

Idiota, ela responde, olhando para suas mãos, a sujeira da sepultura alojada profundamente sob suas unhas. Ela entra no banheiro, tenta tirar o cemitério de sua pele. A água corre e, com o ruído branco, ela repete tudo de novo, lutando para trás sobre o solo coberto de ervas daninhas, o coração batendo forte, o medo, o pânico, o choque dos ombros se erguendo contra a pedra e o desejo de erguer as mãos, não para lutar, mas para se esconder, para fugir.

Seu estômago se revira, bile subindo em sua garganta.

Os Burns são caçadores, e os caçadores não fogem.

Eles lutam.

As mãos de Cal estão em carne viva quando ela fecha a torneira.

Sua adaga está descartada sobre o edredom, e ela sabe que sua mãe a condenaria por deixar as armas expostas, então ela a pega, ajoelha-se ao lado da cama e puxa o baú de couro que mantém

embaixo. Ela joga a adaga entre as cruzes de prata, as lâminas finas como agulhas, a coleção de estacas de madeira.

Cal passa a mão sobre elas, parando em uma na extremidade, uma baqueta afiada como o inferno. Ela a levanta, passando o polegar sobre as iniciais que gravou na madeira.

JF.

Juliette Fairmont.

No final do corredor, a pistola de tatuagem para de zumbir. A risada morre com isso, e Calliope gira a estaca de madeira entre os dedos e decide que está pronta para ganhar sua primeira marca.

II
[Sábado]

Existem monstros que você pode matar à distância e outros que você precisa enfrentar de perto.

Cal diz a si mesma que é por isso que elas estão aqui, no armário. Diz a si mesma que é por isso que ela está enroscada nos braços da outra garota. Porque ela está beijando Juliette Fairmont.

Juliette, que não é uma menina, que é um monstro, um alvo, um perigo no escuro.

Jules, que tem gosto de noites de verão e tempestades. A crepitação do ozônio e a promessa de chuva. É uma das coisas favoritas de Cal. Essa é a intenção, ela tem certeza, o truque. Porque não é real; é apenas outra maneira de pegar uma presa.

Que é como Juliette a vê.

Presa.

Lembre-se disso, Theo avisa.

Esta é uma caça, acrescenta Apollo.

E ela realmente não precisa das vozes de seus irmãos em sua cabeça agora, não quando Juliette está pressionada contra ela, tão quente quanto qualquer coisa viva. Seu coração bate forte, e ela diz a si mesma que é apenas a excitação antes de matar e não o calor da boca da outra garota ou o fato de que ela sonhou com as duas coisas.

Matar Juliette..

Beijar Jules.

E mesmo enquanto seus dedos se enrolam ao redor da estaca, ela se pergunta o que aconteceria se elas parassem aqui, se elas deixassem este armário de mãos dadas. Se eles voltassem para a festa. Se, se, se. Ela não tem que fazer isso. Não é uma caça autorizada.

Sua família nunca saberá.

Eles podem apenas - o quê? O que ela deve fazer? Levar Juliette para jantar em casa? Apresentá-la à família dela?

Não. Não há futuro aqui. Não para elas.

Mas existe um para *ela*. Aquele onde ela faz sua primeira tatuagem. Onde ela ganha seu lugar entre seus irmãos. Onde seu pai chega em casa de sua caçada e vê a fina faixa preta abaixo de seu cotovelo e sabe que não precisa mais se preocupar.

E então a boca da outra garota cai para a sua garganta, e lá está, a pressão sutil dos dentes, o flash brilhante de dor, e os ossos de Cal sabem o que fazer. Ela saca a estaca e enfia a ponta entre as costelas da vampira.

Ela ouve o suspiro suave e audível de Juliette prendendo a respiração, e Cal vacila. Só por um segundo, mas é tempo suficiente para a mão do vampiro voar para cima, para seus dedos agarrarem a estaca de madeira.

Juliette se afasta, a boca aberta de surpresa, e mesmo no escuro, Cal pode ver as presas.

— Acabou o tempo! — chama uma voz, e a porta se abre.

Eles se separam, uma barra de espaço esculpida entre eles pela luz repentina, e as presas de Juliette sumiram, e Cal pressiona a estaca de madeira contra seu antebraço, e ela faz a única coisa que pode.

Ela corre.

A sala está cheia de gritos e vivas quando Cal sai do armário, passa pela multidão e vai para o corredor, com o pulso batendo forte nos ouvidos.

;

Merda, merda, merda..

A primeira regra da caça, a que mais importa, é terminar o que começou. E ela não terminou. A única coisa que ela tinha era a vantagem, a vantagem da surpresa.

Mas agora Juliette sabe.

Ela *sabe*.

★ ★ ★

Jules não sabe o que aconteceu.

Ela aperta os olhos na luz repentina, mas no momento em que ela pôde enxergar novamente, Calliope se foi.

Calliope, que acabou de tentar matá-la..

Ela ainda pode sentir a ponta de madeira da estaca entre suas costelas, afiada como uma pedra através do vidro liso de seu beijo. O beijo. E apenas um gosto de sangue.

E agora Cal se foi, e a voz de sua irmã vagueia por sua cabeça.

Nunca os deixe escapar.

Merda.

Jules sai do armário, uma mão pressionada na frente dela para esconder o rasgo em sua camisa, a outra pairando sobre sua boca, embora suas presas já tenham recuado. A sala está cheia de assobios e risos, e sob o som estridente, ela pode ouvir sangue. Sangue pulsando dentro deles. Sangue batendo como um tambor dentro de sua cabeça. O sangue de Cal, correndo sob a superfície de sua pele quente, tão perto que Jules podia sentir o gosto, podia saboreá-la...

E agora ela está fugindo.

E ela sabe o segredo de Juliette

Ela *sabe*.

— Eu tenho que ir — ela diz, empurrando o grupo.

— Mas é a sua vez! — liga para Ben.

Mas Jules não para, não pode parar. Ela sai pela porta para o corredor, olhando para a onda de alunos no primeiro andar, ela está examinando as cabeças agrupadas, procurando por aquela nuvem de cachos, e-

Ali.

Lá está ela, indo para a porta da frente. Ela está com a mão na maçaneta, um pé além da soleira quando ela para e olha para dentro da casa. Juliette agarra o corrimão de madeira enquanto o olhar da garota sobe as escadas e encontra o dela.

E encara.

E por um momento, o som da festa diminui, e tudo o que ela ouve é sangue. O dela, lento e teimoso, e o de Cal, trovejante e rápido. Por um momento, elas estão de volta ao armário, um emaranhado de lábios e membros, antes que a coisa toda mudasse, antes que o beijar se transformasse em matar.

Cal olha para ela através do espaço. Jules a encara de volta, prendendo a respiração, e ela sabe que a outra garota está segurando a dela também, sabe que as duas estão esperando para ver quem vai quebrar, quem vai se mover, quem vai correr, quem vai persegui

A boca de Calliope se abre em um sorriso torto.

E Jules a encara de volta, sorri de volta e pensa…

A caça começou.

BEIJAR / CASAR / MATAR Ou Os Vilões Que Amamos Amar

Zoraida Córdova & Natalie C. Parker

Embora nem todos os vampiros possam alegar ser charmosos (tome, por exemplo, a forma decadente dos Nosferatu), o fascínio romântico dos vampiros é uma história tão antiga quanto o próprio tempo. Eles são poderosos, obscuros, perigosos e, embora sua mordida possa matar, também pode fascinar. Eles podem ser apenas os vilões originais. É meio difícil imaginar construir uma vida romântica com alguém que pode nunca envelhecer ou que pode, totalmente por acidente, beber sua mãe ou algo assim. Ainda assim, romance com vampiros é uma parte popular da mitologia. Mas sempre que vemos um romance se desenrolando entre um vampiro e um humano, ou um vampiro e um caçador, é extremamente raro encontrar um felizes para sempre. Caçadores, como humanos, normalmente chegam ao relacionamento com muito pouco poder, mas aqui, Victoria está complicando a ideia de que o vampiro é o vilão natural ao apresentar um caçador com uma forte tradição familiar, colocando-os em pé de igualdade - e mortalidade.

O que você acha? Quem é o verdadeiro vilão: o caçador ou o vampiro?

Agradecimentos

Essa antologia não seria possível sem os protagonistas da noite: Vampiros, que vivem nas mentes, corações e imaginações de muitos. Mas eles não podem levar todo o crédito. É por isso que também gostaríamos de agradecer:

Lara Perkins por ser uma apoiadora e agente incrível.

Nossa editora, Weslie Turner, por compartilhar da nossa visão sobre o projeto e abordar cada etapa com graça e visão impecáveis.

As equipes fenomenais da Imprint/Macmillan que continuam a apoiar esse trabalho, incluindo: Erin Stein, Hayley Jozwiak, Kayla M. Overbey, Cynthia Lliguichuzhca, e muitos outros.

Adriana Bellet, também conhecida como Jeez Vanilla, pela arte da capa que excedeu todas as nossas expectativas.

Nossos autores: Tessa, Dhonielle, Mark, Laura, Julie, Victoria, Samira, Heidi, Rebecca, e Kayla. Suas histórias foram *tudo* o que queríamos quando nos propusemos a montar essa coleção.

E principalmente a você, caro leitor, por compartilhar nosso amor pelos mortos-vivos.

Um brinde,

Zoraida & Natalie